



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Maria João Leite Amaro do Espírito Santo

**A HISTÓRIA DE UMA VIDA MATIZADA POR
MUITAS MEMÓRIAS E OUTRAS TANTAS
HISTÓRIAS**

**Dissertação no âmbito do Mestrado em Educação e Formação de Adultos e
Intervenção Comunitária, orientada pela Professora Doutora Cristina
Maria Coimbra Vieira e apresentada à Faculdade de Psicologia e de
Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.**

julho de 2022

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação
da Universidade de Coimbra

A HISTÓRIA DE UMA VIDA MATIZADA POR MUITAS MEMÓRIAS E OUTRAS TANTAS HISTÓRIAS

Maria João Leite Amaro do Espírito Santo

Dissertação no âmbito do Mestrado em Educação e Formação de Adultos e Intervenção Comunitária, orientada pela Professora Doutora Cristina Maria Coimbra Vieira e apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

julho de 2022

1 2  9 0

UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Agradecimentos

Agradeço a *Deus*, onnipotente e onnipresente, que guia e ilumina a minha vida desde sempre; agradeço *Lhe* por me presentear, colocando no meu caminho *seres maravilhosos a quem presto*, deste modo, a *minha gratidão*:

- À *minha orientadora*, Professora Doutora Cristina Maria Coimbra Vieira, pelos seus doutos ensinamentos, pela sua disponibilidade, pelo seu carinho e por ter sido muito mais do que uma orientadora, em todos os momentos desta aventura desafiante;
- Ao *senhor Carlos Garcia*, meu querido amigo, por existir, por ser quem é, pelo exemplo de vida, pois, sem ele, este trabalho não teria acontecido;
- Às *Doutoras Catarina Doutor e Liliana Paulos*, que, desde o primeiro momento, apresentaram a sua disponibilidade para reverem o Guião de Entrevista deste trabalho, revisão feita com dedicação e profissionalismo;
- Aos/Às *alunos/as do 2.º ano da Licenciatura em Ciências da Educação*, em particular ao *Marco Mendes* por toda a sua colaboração e simpatia;
- Ao *senhor Emanuel Casas de Melo*, que, desde o meu primeiro contacto, foi incansável com os seus contributos;
- A *Todos/as os/as que deram o seu testemunho*, que em muito engrandeceu este trabalho;
- Aos *Meus Pais*, Rosa e Ivo, exemplos, pilares e porto de abrigo, pelo apoio incondicional, alento necessário e lema de vida para ultrapassar as não poucas dificuldades sentidas (“o que não nos mata, fortalece-nos”);
- Às *Minhas Filhas*, Iara e Íris, meus bens mais preciosos, pelo apoio neste meu propósito e pela paciência nos meus momentos de “mázice” maternal (☺);
- Ao *José Ferreira*, pelo acompanhamento e imprescindível ajuda, até ao último minuto;
- Ao *Filipe Gomes*, pelo seu auxílio de última hora e pela amizade;
- À *minha família*, irmão, sogra, cunhadas e cunhados, sobrinhos e sobrinhas, tios e tias, primos e primas, por todos/as, cada um/a à sua maneira, estarem comigo;
- À *Teresa Paixão*, pelo incentivo, pela partilha de experiências e pela troca de opiniões;
- À *Anabela Santos*, pela sua presença e pela sua solicitude (a minha dívida é imensa!);
- Aos/às *meus/minhas amigos/as*, a todos/as, não esquecendo o apoio incondicional;
- Aos *meus/minhas colegas da Biblioteca Municipal*, que, cada um/a do seu modo, prestaram o seu apoio, sobretudo por terem de ajustar o seu trabalho, a fim de se colmatarem as minhas ausências ao abrigo do Estatuto de trabalhador-estudante;
- Ao *Nuno*, “last but not the least”, meu melhor amigo, meu marido, meu companheiro de viagem, nem sempre sem turbulência, pelo encorajamento e pelo incentivo para me aventurar no “mundo da escrita”.

☺ Não deixo, também, de agradecer ao *Baloo*, pela companhia fiel e por me fazer sair à rua; à *Estrelinha*, por me despertar do torpor matinal e à *Olívia*, pelos miados, lembrando-me que existe vida para além do trabalho e do bulício do dia a dia.

Resumo

A presente dissertação tem como objeto de estudo a História de Vida de uma pessoa benquista, na cidade de Cantanhede, pela sua dimensão humana; exemplar, pela autodidaxia, pelas capacidades intelectual, criativa e criadora; e modelo a seguir, pela partilha do saber e pela obra feita em prol da perpetuação da cultura e do património culturais da sua região.

Revisitar a sua História de Vida permitiu-lhe destacar seres, situações relacionais, vivências em variados contextos e uma infinidade de experiências, autónomas ou com acompanhamento, e de aprendizagens, formais, não formais e informais, que convergiram para a construção da sua identidade, da sua formação e do seu desenvolvimento, nas diferentes etapas no decurso de toda a sua vida.

A promoção do desenvolvimento individual e do progresso social, ao longo da vida da pessoa humana, com o intuito de promover o seu bem-estar, bem como o do seu meio natural e social, constitui um dos propósitos da Educação Permanente. Deste modo, na pesquisa realizada, apresentou-se a sua pertinência na atualidade, numa sociedade moderna, em rápido e complexo processo de mutação que exige da pessoa humana constantes atualizações, atitude de abertura a novas experiências e receptividade a formação de natureza polivalente.

O trabalho apresentado consiste numa sistematização de material empírico riquíssimo e muito variado, recolhido de fontes diversas, sempre com as devidas autorizações. As opções, em termos de escrita e de organização da dissertação, derivaram, por isso, de uma triangulação complexa de dados tangíveis e intangíveis, que envolveram obras de arte, testemunhos orais e escritos, registos fotográficos, caderno de bordo da mestrandia, notas escritas à mão cedidas pela pessoa que se escolheu estudar, entre outros exemplos.

Assim, ao esquadrinhar a História de Vida da pessoa em estudo, evidenciou-se a importância da aprendizagem informal no seu desenvolvimento pessoal e social, descobriu-se o modo como viveu certas experiências e adquiriu os conhecimentos, que formaram a sua identidade e a sua personalidade, e confirmou-se que o *querer saber* e o *desejo de aprender (libido sciendi)* não têm idade, facto legitimado por este testemunho vivo. Acredita-se que este exemplo de vida influenciará gerações e será um contributo muito valioso para o reforço da memória e da identidade da própria comunidade.

Palavras-chave: Educação Permanente; História de Vida; aprendizagem informal; autodireção na aprendizagem; *libido sciendi*

Abstract

The object of the present dissertation is the Life History of a person who is highly regarded, in the city of Cantanhede, for his human dimension; an example, for his self-learning, for intellectual, creative and inventive abilities; and a role model, for sharing knowledge and for the work carried out in favor of perpetuating the culture and cultural heritage of his region.

Revisiting his life history allowed him to highlight people, relational situations, experiences in various contexts and an infinite number of experiences, autonomous or with accompaniment, and learning - formal, non-formal and informal - which converged in the construction of his identity, his training and his development, in the different stages throughout his life.

The promotion of individual development and social progress, throughout the human person's life, with the intent of promoting his/her well-being, as well as that of his/her natural and social environment, is one of the purposes of Lifelong Education. Thus, the research carried out presented its current relevance in a modern society, in a rapid and complex process of mutation, which requires constant updating from the human being, as well as an attitude of openness to new experiences and receptiveness to training of a polyvalent nature.

The work submitted consists of a systematization of very rich and varied empirical material, collected from various sources, always with the proper authorizations. The options, in terms of writing and the organization of the dissertation, therefore derived from a complex triangulation of tangible and intangible data, which involved works of art, oral and written testimonies, photographic records, the master's student's logbook, handwritten notes provided by the person chosen to be studied, among other examples.

Thus, by scrutinizing the Life History of the person under study, the importance of informal learning in his personal and social development became evident, the way in which he has lived certain experiences and acquired the knowledge that formed his identity and personality was discovered, and it was confirmed that the will to know and the desire to learn (*sciendi libido*) have no age, a fact legitimized by this living testimony. It is believed that this example of life will influence generations and will be a highly valuable contribution to the strengthening of the memory and identity of the community itself.

Keywords: Lifelong education; life history; informal learning; self-directed learning; *sciendi libido*

Índice

Introdução Geral: o início de uma longa jornada	1
I. Enquadramento teórico-conceitual.....	5
Capítulo 1 - Educação Permanente: da génese à atualidade e diferentes tipos de aprendizagem	7
1. Génese da Educação Permanente.....	8
2. História da Educação Permanente.....	13
3. Pertinência da Educação Permanente na atualidade e os diferentes tipos de aprendizagem ..	27
3.1. O que é aprender e como se processa a aprendizagem?	28
3.2. Aprendizagem Informal	31
3.2.1. Autodireção na aprendizagem / Autodidaxia	33
Capítulo 2 - Estudos (auto)biográficos: as Histórias de Vida.....	39
1. Estudos (auto)biográficos	39
1.1. Primeiros estudos científicos e sua disseminação	40
1.2. Métodos biográficos: modalidades e modelos distintos	42
2. As Histórias de Vida	43
2.1. Ferramenta valiosa nas abordagens qualitativas	43
2.2. Aspectos metodológicos	45
2.3. Vantagens e limitações metodológicas	47
3. Importância das abordagens (auto)biográficas em educação e formação.....	49
II. Estudo Empírico	53
Introdução	55
Capítulo 1 – Metodologia: o trilhar de um percurso de investigação.....	57
1. Objetivos da Investigação	57
2. Desenho da Investigação	57
3. Retrato biográfico e sociográfico do participante	58
4. Procedimentos de recolha de dados.....	61
4.1. Procedimentos éticos	61
4.2. Instrumento de recolha de elementos (materiais biográficos primários)	62
4.3. Recolha de elementos (materiais biográficos secundários)	65
4.4. Recolha de elementos (diferentes fontes – testemunhos).....	65

Capítulo 2 – Uma vida matizada por muitas memórias e outras tantas histórias.....	67
1. História de Vida de Carlos de Jesus Garcia, revisitada na primeira pessoa.....	68
1.1. Peça em bruto pronta a ser esculpida.....	68
1.2. Lições, primeiras goivadas que talharam a sua vida	69
1.3. Emancipação cedo arraigada no seu ser, para facetar o seu futuro	79
1.4. Afirmção cinzelada pela fé, pelo ímpeto de entrega ao outro e pela motivação em empreender, a nível pessoal, profissional e social.....	87
1.5. Concretização aparada pelo encontro com o Eu, com os Outros e no Bem-fazer em prol da Comunidade	97
1.6. Testemunho firmado pelo exemplo e pela sua obra, laboriosamente lavrados, ao longo da vida para memória futura.....	100
Considerações finais: fim da jornada com bilhete para a de amanhã	131
Bibliografia.....	135
Anexos e Apêndices	141

Índice de Figuras

Figura 1 – O <i>Iceberg</i> da aprendizagem (Fonte: Rogers, 2014a, p. 22).....	31
Figura 2 – Tábua biográfica de Carlos de Jesus Garcia.....	59
Figura 3 - Epítetos que distinguem o participante.....	60

Introdução Geral: o início de uma longa jornada

“O curso da minha vida não é mais do que um longo processo de educação”.

(*Helvétius, 1773, citado por Melo, Lima, et al., 2021, p. 14*)

Ao fazer a sua caminhada, por estas passagens terrenas, a pessoa humana transporta a sua bagagem, grandes e pesadas malas de viagem ou simples e leves mochilas a tiracolo. Cada bagagem encerra características, experiências relacionais, vivências, valores, crenças, inerentes a cada um. Desse modo, o que fazer com ela e para onde a transportar é, igualmente, da responsabilidade de cada um.

Candidatar-se, quase por impulso, ao Mestrado de Educação e Formação de Adultos e de Intervenção Comunitária, em setembro de 2021, na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, para “desentorpecer os neurónios”, não fazia prever a aventura, repleta de encontros e de aprendizagens, que a mestranda passou a vivenciar de há, sensivelmente, um ano a esta parte, quando a sua professora, doutora Cristina Maria Coimbra Vieira, lhe lançou o desafio de trabalhar sobre a História de Vida de uma das pessoas que mais admira, por ser, simplesmente, brilhante.

Curiosamente, há quem viaje, muitas vezes uma vida inteira, para um mesmo local, frequentado, habitualmente, pelas mesmas pessoas e não dá a devida importância à bagagem que elas transportam. Outras vezes, há quem conheça muito bem o valor dessa bagagem, e até fica fiel guardador de uma parte, mas paralisa sem saber muito bem o que fazer para não defraudar o “proprietário”. A mestranda faz parte do segundo grupo, pois trabalha na Biblioteca Municipal de Cantanhede desde 2007, ano em que conheceu um dos leitores mais simples, no trato, mas majestoso no saber e no talento, o senhor Carlos de Jesus Garcia, leitor n.º 4720. Os contactos com ele passaram a ser frequentes, a nível profissional, uma vez que a sua cooperação, com as iniciativas levadas a cabo pela instituição, era uma constante. Cedo percebeu tratar-se de uma pessoa muito prestável, correta, metódica nos rituais estruturantes da sua vida, extremamente preciso nos horários e honrado com os compromissos que assume, admirando quem retribui de igual modo, sem, no entanto, fazer alarde se tal não acontecer, por se tratar de uma pessoa muito discreta.

Profissionalmente, a mestranda foi conhecendo a grandiosa obra deste Senhor e, pessoalmente, em 2017, ele pediu-lhe ajuda para formatar um documento, um *Guia* do qual constam todas as peças do Museu Rural e Etnográfico “Os Esticadinhos”, de Cantanhede. Ao realizar a formatação e a correção de alguns aspetos, tranquilamente em casa, teve a noção plena do valor e do significado daquele trabalho, o labor de alguém que, com 85

anos, escrevia no computador em *caps lock*, não se incomodando com o facto, pois o importante era ter a informação, para não se perder; depois, “alguém reveria o texto e corrigiria os erros”.

E o que ele já escreveu e publicou, até aos dias de hoje! E o que já tem escrito, revisto, e ainda não publicou... E o que anda, neste momento, a escrever...

E a sua obra? As maquetas feitas, aliando a sua “arte” ao serviço da cultura; os mosaicos, fruto da sua curiosidade e do seu autodidatismo; e o Museu, recuperando cada peça, elencando-a, para não se perder a sua identidade e deixar como legado para as gerações vindouras.

E o trabalho feito em prol da sua comunidade?

Perante todos os seus feitos e a sua grandiosa obra, sendo a mestrandia fiel depositária de muita informação de natureza biográfica, o que deveria fazer?

O impulso foi dado pela professora doutora Cristina Maria Coimbra Vieira, ao sugerir que esquadrinhasse a História de Vida do senhor Carlos Garcia e versasse sobre ela na sua dissertação, e a mestrandia lançou-se, de alma e coração neste projeto, aceitando o desafio.

Deste modo, a presente dissertação foi dividida em duas partes. A primeira dedicada ao *Enquadramento teórico-conceitual*, desenvolvido em dois capítulos. O primeiro capítulo versa sobre o conceito de Educação Permanente, desde a sua origem à importância que assume na atualidade, abordando-se, também, os diferentes tipos de aprendizagem, centrando a atenção no tipo de Aprendizagem Informal, com particular enfoque na autodireção da aprendizagem. O segundo capítulo apresenta as Histórias de Vida, enquanto modalidade dos estudos (auto)biográficos, e ferramenta preciosa nas abordagens qualitativas, que assume grande relevância na educação e formação, de adultos principalmente. A segunda parte corresponde ao *Estudo empírico*, igualmente dividido em dois capítulos. O primeiro capítulo diz respeito aos aspetos metodológicos utilizados ao longo da investigação (*e.g.* definição dos objetivos, desenho da investigação, retratos biográfico e sociológico do participante e procedimentos de recolha de dados). O segundo capítulo apresenta a História de Vida do participante, delimitada por seis marcos considerados fundamentais, com base na revisitação que foi feita pelo sujeito biográfico: (1) Peça em bruto; (2) Lições; (3) Emancipação; (4) Afirmção; (5) Concretização; e (6) Testemunho. Com base nos elementos recolhidos, dedicou-se particular atenção aos tipos de relações estabelecidas entre o participante, destacando as pessoas que foram essenciais

na sua aprendizagem e no seu desenvolvimento enquanto pessoa humana, ao longo da sua vida.

Como já foi referido anteriormente, o presente estudo baseia-se numa História de Vida. Através desta modalidade dos métodos (auto)biográficos, o indivíduo assume o papel de ator da sua própria vida. Assim, ao “trabalhar a sua personagem”, ele tem de refletir criticamente sobre si próprio e sobre o seu vivido. Este exercício promoverá o autoconhecimento, a autodireção e a autonomia que o poderão conduzir à sua transformação e emancipação. Neste sentido, sabendo-se que, na Educação de Adultos, é fundamental conhecer os processos individuais de aprendizagem dos indivíduos (*e.g.* a sua experiência, o seu vivido, as interações que estabelece com os outros, no espaço que o circunda), de modo que se adequem os processos educativos, julga-se que este estudo poderá contribuir para o campo da Educação e de formação das pessoas adultas, na medida em que apresentará a pertinência das abordagens (auto)biográficas para melhorar as práticas andragógicas, permitindo trazer “à cena” pessoas que vivem fora das “luzes da ribalta”.

Assim, a presente dissertação corresponde à primeira parte desta aventura, uma vez que, feita a sua apresentação, a mestranda começará a redigir um livro com a História de Vida do senhor Carlos Garcia. Por esse motivo, houve todo o interesse em obter o máximo de informação sobre a história de toda a sua vida, facto que dificultou um pouco o trabalho em termos procedimentais.

Não obstante algumas dificuldades sentidas, devido ao carácter exploratório do estudo, a mestranda está convicta de que esta dissertação sobre a História de Vida de Carlos de Jesus Garcia, testemunho vivo (de conhecimento, experiências e vivências) com 89 anos, bem como o seu registo posterior em livro, terão imenso valor para memória futura das gerações vindouras do concelho de Cantanhede, dando, assim, o seu contributo a nível comunitário, social e político, fazendo notar a imprescindibilidade de práticas de Educação e de formação de adultos para uma verdadeira cidadania inclusiva, equitativa e participativa.

I. Enquadramento teórico-conceptual

Capítulo 1 - Educação Permanente: da gênese à atualidade e diferentes tipos de aprendizagem

“Todo aquele que não se atualizar fica condenado a ser ultrapassado”

(Lengrand, 1981, p. 16)

Introdução ao capítulo

Neste capítulo pretende-se fazer uma abordagem sobre o conceito Educação Permanente, desde a sua gênese à sua pertinência na atualidade, na medida em que esta se traduziu no movimento educativo que mais expressão obteve, e inquietação difundiu, na área da educação (particularmente na educação de adultos), desde meados do séc. XX, época de crescimento económico (pós segunda guerra mundial), até aos nossos dias, era de avanços científicos e de difusão das novas tecnologias da informação e da comunicação.

O capítulo encontra-se estruturado em três partes: (1) Gênese da Educação Permanente (sua gênese histórica, da Antiguidade Clássica até meados do Séc. XX); (2) História da Educação Permanente (sua história, apresentada em dois momentos temporais: de 1950 a 1970 e de 1970 até aos nossos dias, assim como em termos conceptuais e de paradigmas, difundidos pelas diversas correntes, dando particular enfoque à dos Organismos Internacionais, com maior incidência nas emanações da UNESCO); e (3) Pertinência da Educação Permanente e os diferentes tipos de aprendizagem (à luz da sua vertente humanista e da importância da educação popular). Atendendo à pertinência do conceito e das suas implicações a nível da aprendizagem e da educação de adultos, bem como para o estudo que se pretende desenvolver, entendeu-se subdividir a terceira parte em dois pontos: (3.1) O que é aprender e como se processa a aprendizagem? (abordagem das definições, processos e tipologias, inerentes à aprendizagem, pelo autor Alan Rogers, com base nas que foram emanadas pela UNESCO); e (3.2) Aprendizagem Informal (a maior extensão de *O Iceberg da aprendizagem*, que ocorre fora de programas ou de instituições de ensino formal, ao longo de toda a vida dos indivíduos). Pela importância dos tipos de aprendizagens (abordadas neste ponto 3.2), considerou-se, ainda, crucial proceder a uma pequena subdivisão (3.2.1) dedicada à Autodireção na aprendizagem/Autodidaxia, (cujas conclusões de alguns estudos, essencialmente os que utilizaram metodologias qualitativas, se apresentaram imprescindíveis para uma melhor contextualização do trabalho em desenvolvimento).

I. Gênese da Educação Permanente

Após o término da segunda guerra mundial e nos, sensivelmente, trinta anos que se sucederam, período compreendido entre 1945 e 1975, assiste-se a um crescimento económico, resultante dos desenvolvimentos industrial e tecnológico a nível global. Este crescimento era imperativo, para eliminar os efeitos devastadores da guerra, esperando-se que, com as transformações e as alterações produzidas por este processo, desenvolvimentos industrial e tecnológico e crescimento económico, se pudessem melhorar as condições de vida, a nível Mundial, mas, sobretudo, no continente europeu, devastado pela guerra. Segundo Canário (2021) “(...) a conjugação de diferentes fatores tornou possível uma era de crescimento económico ímpar que alimentou o sonho de uma sociedade de abundância (...)”, pelo que os “Trinta Anos Gloriosos” acabaram por se revelar um momento marcante para a história da Humanidade (p. 61).

O mesmo autor defende que, neste contexto de crescimento económico, bem como de avanços científicos e tecnológicos, surge o “mais importante movimento educativo do século XX” (p. 61), a Educação Permanente. Curiosamente, Simões (1979), a respeito do movimento da Educação Permanente, já tinha defendido que este se havia manifestado em meados do século XX, refletindo-se e explicando-se pelo “(...) contexto cultural em que apareceu: o avanço científico e tecnológico, as vicissitudes da reflexão pedagógica e filosófica (...)”(p. 15).

Apesar de Simões (1979) considerar recente o movimento da Educação Permanente, esse facto não invalidou a sua tentativa de conceber a sua própria génese histórica, facto que se considera bastante relevante para a temática deste trabalho e que, por isso, se irá apresentar de forma breve. Assim, recuaremos a Platão, na Antiguidade Clássica, onde na sua obra *Republica* apresenta a organização da “Cidade ideal”, assente nas Leis, cuja vertente educativa se assume como elemento fundamental. Na “Cidade” de Platão, para a educação, importava “a totalidade do ser humano”, considerando-se o seu corpo e a sua alma (Simões, 1979, p. 18); nela “tudo seria orientado de maneira que todo o cidadão pudesse educar-se, em todos os aspetos, ao longo da vida” (Simões, 1979, p. 20), desde o ventre materno. Pode inferir-se aqui o conceito de educação como processo contínuo e integral do indivíduo. Este filósofo influenciou o pensamento pedagógico da Antiguidade Clássica, cujo ideal pode ser definido como um Humanismo, em que “o homem helenístico toma consciência de que é uma pessoa com possibilidades, exigências e direitos próprios” (Simões, 1979, p. 20). Nesse sentido, na Antiguidade Clássica,

defendia-se o caráter integral da educação e o seu ideal humanístico, considerando, primordialmente, a pessoa humana por inteiro, no seu desenvolvimento intelectual e na sua individualidade, sensibilidade, caráter e espírito; assim, a técnica, a formação profissional e a especialização estariam subjacentes ao ser humano e à sua formação geral, respetivamente (Simões, 1979).

A ideologia de Platão, no que respeita à educação, influenciou, também, a chamada literatura utópica, cujos ideais se apresentam como essenciais para a história da Educação Permanente. Thomas More (1516, citado por Simões, 1979, p. 23), na sua obra *Utopia*, defende que a educação deveria ser prolongada além da infância, i.e., que seria fundamental o ser humano consagrar “os seus tempos livres, ao longo da vida”, continuando a investir na sua formação e no seu tempo de lazer - após o trabalho físico - - de modo a “cultivar o espírito” (Simões, 1979, p. 23). Em suma, na sua obra, encontram-se plasmadas duas ideias bastante “relevantes para a história da Educação Permanente”, designadamente, a da “continuidade da formação” e a da “associação do trabalho manual ao trabalho intelectual, da teoria à prática” (Simões, 1979, p. 24).

Considera-se importante, prosseguindo a história da Educação Permanente, referir a obra *Cidade do Sol*, de Campanella (1623, citado por Simões, 1979, p. 25), inspirada, também, na *República* de Platão e na *Utopia* de Thomas More. Nela, atribui-se extrema importância à educação, vislumbrando-se a defesa da “cidade educativa”, em que a par com o trabalho (quatro horas diárias) cada indivíduo devia consagrar o restante tempo ao estudo e a toda uma série de atividades e práticas agradáveis e úteis, tanto para o corpo como para a mente, privilegiando-se o *saber-fazer*, ao invés do *saber* (Simões, 1979, p. 26). Para o autor (citado por Simões, 1979) devia exigir-se que as artes fossem ensinadas a todos/as, sendo que alcançaria um maior reconhecimento quem as conhecesse e as soubesse exercer em maior número, atribuindo-se maior valor às mais fatigantes (p. 26). Curiosamente, na *Cidade do Sol*, o autor defendia, ainda, que se deviam aproveitar as capacidades da pessoa com deficiência, pois, apesar das suas dificuldades em alguns aspetos e contextos poderão ser úteis noutros (e.g. “o coxo serve de vigia empregando os olhosãos”), sendo igualmente válidos e fundamentais; preconizava, também, que as pessoas em idade avançada continuavam a ser úteis, dando os seus conselhos (Campanella, 1623, citado por Simões, 1979, p. 27).

Para encerrar este período embrionário da Educação Permanente, é imperativo referir a importância das ideologias do pedagogo checo João Amós Comênio¹, contemporâneo de Campanella, finais do século XVI/ século XVII, que preconizou “um tipo de educação, cujas características mais importantes: são universalidade, continuidade e integralidade” (Simões, 1979, p. 27). A defesa da universalidade na educação encontra-se plasmada em *Pampaedia*², consistindo na educação de todo o ser humano (*omnes*), com o intuito de que este adquira educação em todas as coisas (*omnia*) e de forma totalitária (*omnino*) (Gomes, 1971, p. 48). Para Comênio, “todos” significava todo o gênero humano, independentemente da idade, da categoria social, do gênero e da nacionalidade; ninguém devia ser excluído da educação humana em circunstância alguma (Gomes, 1971, p. 49).

Volvidos quase três séculos e meio, a Recomendação sobre Aprendizagem e Educação de Adultos [RALE³, Paris, 2015 (dando seguimento às áreas definidas no Marco de Ação de Belém, Brasil, 2009⁴), exorta os Estados-Membros a tomarem medidas nas áreas determinadas. Curiosamente, na área “inclusão e equidade”, nas alíneas b e c do ponto 23, os Estados-Membros são aconselhados a priorizar a inclusão - não tolerando a discriminação por idade, gênero ou deficiência - e a valorizar e possibilitar “o acesso à aprendizagem de qualidade para grupos desfavorecidos ou vulneráveis” (UNESCO Institute for Lifelong Learning, 2017, p.11).

É interessante verificar que algumas das teorias, manifestadas nas obras de Campanella e de Comênio, no século XVII, apresentam determinadas medidas em áreas que, nos dias de hoje, estão bastante atuais, são alvo de reflexão e se pretendem implementar (*e.g.* RALE 2015).

A segunda característica da educação, defendida por Comênio, consistia na sua continuidade, ou seja, na ideia de que todos os indivíduos (de qualquer idade) podem aprender – ao longo da escola, que é a vida – sendo aplicáveis os mesmos limites para

¹ Autor da obra, *De Rerum Humanarum Emendatione Consultatio Catholica*. Esta obra foi editada, apenas, em 1966, pela Academia Checoslovaca das Ciências. Constituída por 2 Tomos, neles encontramos as suas sete partes constituintes. Do primeiro Tomo, fazem parte a: (1) *Panegersia* (Despertar Universal), (2) *Panaugia* (Iluminação Universal) e (3) *Pansophia* (Sabedoria Universal; do segundo a: (4) *Pampaedia* (Educação Universal), (5) *Panglottia* (Língua Universal), (6) *Panorthosia* (Reforma Universal) e (7) *Pannuthesia* (Exortação Universal) (Gomes, 1971).

² Palavra derivada do grego: *Pan* (universal) *Paideia* (a instrução, a educação em que os homens são formados) (Gomes, 1971, p. 48).

³ Recommendation on Adult Learning and Education (UNESCO Institute for Lifelong Learning, 2017).

⁴ Adotado pela Sexta Conferência Internacional de Educação de Adultos (CONFITEA VI) e que descreve cinco áreas transversais de ação: política pública, governança, financiamento, participação, inclusão e equidade e qualidade. (UNESCO Institute for Lifelong Learning, 2017)

viver e para estudar (Comênio, citado por Simões, 1979, p. 28). Deste modo, estabelecia uma escola para cada idade⁵, desde o nascimento à morte da pessoa humana, preservando, incessantemente, a “ordem”, o “método” e a “coerência na progressão”, para “atingir o fim último do homem: a vida eterna” (Simões, 1979). Desse modo, preconizar-se-ia, através do plasmado na *Pampaedia*, uma Educação Permanente, pois *tota vita schola est*⁶ (Gomes, 1971; Simões, 1979). g

Por fim, Comênio apresenta uma terceira característica da educação, a sua integralidade, ou seja, desejando que se ensinem todas as coisas (*omnia*) necessárias para que o ser humano possa viver de forma plena, plenamente (*omnino*), humana e cristãmente. Deste modo, Comênio foi “o profeta e o projetista de um mundo melhor” (Belerate, citado por Gomes, 1971, p. 48), acreditando na reforma da educação como meio para a reforma de toda a sociedade humana (Gomes, 1971, p. 52). Esta ideologia foi partilhada pelos defensores do Iluminismo - no século XVIII, o *Século as Luzes* - que põe termo ao obscurantismo, vivenciado na Idade Média (séculos V ao XV), impondo a Razão e as Ciências, tidas como fontes de progresso e de felicidade para a Humanidade, resgatando-a das trevas. O seu legado, defesa de um “estado de natureza (de fraternidade universal, de igualdade efetiva, de liberdade plena)” (Simões, 1979, p. 29), foi invocado pela primeira vez, em 1789, durante a Revolução Francesa, sob o lema *Liberdade, Igualdade, Fraternidade*, um dos grandes acontecimentos que marcou o mundo contemporâneo (o final do século XVIII, da revolução francesa em diante, marca o início da denominada Idade Contemporânea).

Neste período, veiculada pelos ideais do Iluminismo, assistimos a uma valorização da educação, e à defesa da Educação Permanente, plasmada no Relatório de Condorcet⁷ (Melo, Lima, et al., 2021, p. 14; Simões, 1979, p. 30). Neste documento, apresentado há quase três séculos e meio, o autor defende uma educação universal, i.e., uma “instrução” que alcance todos os indivíduos, de todas as idades, permitindo-lhes a consolidação dos seus conhecimentos ou a aquisição de novos, defendendo que em todas as idades se pode aprender (Simões, 1979, p. 30). Condorcet defende, ainda, uma educação contínua (Simões, 1979), declarando, segundo Melo, Lima, et al. (2021), que a “instrução” não

⁵ As escolas da: formação pré-natal, infância, puerícia, adolescência, juventude, idade adulta, velhice e morte (Simões, 1979).

⁶ A vida inteira é uma escola (tradução da mestrandia).

⁷ Documento sobre *A Organização Geral da Instrução Pública*, apresentado na Assembleia Legislativa, nos dias 20 e 21 de abril de 1792 (Simões, 1979).

termina, no momento em que os indivíduos deixam as escolas, e que, por isso, deve abranger todas as idades, no sentido de alcançar o objetivo de formar indivíduos instruídos e não indivíduos hábeis” (p. 14). Nesse documento, o autor apresenta e defende, também, as finalidades da educação, que se prendem com o ressarcir das deficiências da educação infantil, para: evitar o esquecimento dos conhecimentos apreendidos na escola; assegurar a igualdade de direitos perante a lei; e privilegiar o aproveitamento dos tempos livres, de modo a se adquirirem novos conhecimentos, “ideias novas” (Simões, 1979, p. 30). Condorcet, no seu documento, não descurou os meios, através dos quais a educação seria levada a cabo [como refere Simões (1979), “cursos dominicais, edição de livros para o efeito, criação de pequenas bibliotecas e de museus escolares” (pp. 30-31)]. Segundo o mesmo autor, Condorcet preconizou que se aproveitem “outros meios para ministrar uma educação mais informal, como as festas nacionais, em que se celebra a memória de [pessoas] ilustres, notáveis pelo seu saber e pelas suas virtudes” (p. 31).

Para terminar a génese da Educação Permanente, será importante referir quatro personalidades que, no século XIX, foram determinantes na área da educação: (1) N. F. S. Grundtvig⁸, que seguiu a linha de pensamento (e ação) de Helvétius⁹ “propugnando que as pessoas se formam (ou deformam) ao longo das suas vidas e que a sua formação se confunde precisamente com a sua vida (Allchin, citado por Melo, Lima, et al., 2021, p. 14). (2) Marx; (3) Engels; e (4) Lenine¹⁰, a quem se atribui a conceção de educação politécnica (ou, de ensino tecnológico, na aceção de Marx¹¹), para fazer face às constantes mutações, em termos de trabalho, que passava a exigir do ser humano a sua adaptabilidade absoluta. As exigências do desenvolvimento industrial implicariam a sua mobilidade universal e, conseqüentemente, a sua pluriprofissionalidade e omnilateralidade. Conceitos como, a adaptação à mudança e a formação completa a nível profissional, são igualmente objetivos importantes da Educação Permanente.” (Simões, 1979, p. 33)

⁸ Nikolaj Frederik Severin Grundtvig (1783 – 1872), “apontado por alguns investigadores como o Pai da Educação de Adultos ocidental, pelo papel inspirador que os seus textos tiveram na criação das Escolas Populares Dinamarquesas dedicadas a adultos” (Gato, 2011).

⁹ Autor da obra *Do Homem, das suas faculdades intelectuais e da sua educação*, publicada, postumamente, em 1773, onde se pode ler: “Eu continuo a aprender: a minha instrução não está concluída. Quando estará ela concluída? Quando eu não for mais susceptível: com a morte. O curso da minha vida não é mais do que um longo processo de educação” (Helvétius, citado por Melo, Lima, et al., 2021, p. 14).

¹⁰ Pseudónimo de Vladimir Ilich Ulyanov, que juntamente com Karl Marx e Friedrich Engels foram “os fundadores do socialismo científico” (Simões, 1979, p. 31).

¹¹ Para Marx, ensino compreendia: “o ensino intelectual, a educação física (...) e o adestramento tecnológico (...), que introduzirá a criança e o adolescente no uso prático e na capacidade de manejar instrumentos elementares de todos os ofícios” (Simões, 1979, p. 32)

2. História da Educação Permanente

Na Europa, a década de 50 do século XX inicia a história da Educação Permanente, conceito oriundo da necessidade de reconstruir países, no pós-guerra, bem como “elaborar um instrumento para superar as limitações dos modelos da Educação Formal” (Arouca, 1996, p. 70). Na história da Educação Permanente, podem distinguir-se dois períodos: (1) um compreendido entre 1950 e 1970; e (2) outro de 1970 em diante.

No primeiro período, décadas de 50 a 70 do século XX, podem distinguir-se três correntes: (a) a andragógica americana¹²; (b) a europeia¹³; e (c) a dos organismos internacionais¹⁴. Atendendo à proveniência geográfica dos mentores e promotores dessas correntes [e.g. americana (Houle, Kidd, Liveright); europeia (Schwartz, Dumazedier, Andersen) e internacional (UNESCO¹⁵, OCDE¹⁶, OIT¹⁷)] torna-se difícil a sua caracterização, no entanto, une-as o facto do conceito, Educação Permanente, constituir “um instrumento de luta contra uma ideologia escolar repressiva” (Simões, 1979, p. 33), pretendendo “elaborar, mediante um conjunto de ideias e propostas, uma teoria que explique e oriente a ação educativa no contexto da sociedade contemporânea” (Arouca, 1996). Segundo Melo, Lima, et al. (2021), a Educação Permanente apresenta-se, assim, neste primeiro período, como “vetor da reforma da educação escolar” - procurando responder a alterações a nível social, económico e tecnológico - e, por vezes, como “educação autodirigida, não-formal e informal, de adultos” (p.15). O autor indica, ainda, que, frequentemente, ela está “associada à educação popular, a movimentos culturais”, tendo fortes ligações com a educação comunitária (p. 15). Na Europa, ativistas comunitários, a par com humanistas socialistas, de diferentes países (e.g. Bélgica, Itália,

¹² A corrente americana traduz-se por um amálgama da corrente andragógica (educação de adultos) e a expressão *Educação Permanente*. Esta proposta educativa “constitui-se no campo privilegiado da criatividade pedagógica, onde a fronteira, (...) entre as ações propriamente escolares e todo um conjunto de outros meios que podem contribuir para a formação de todo o ser humano”, é ínfima” (Arouca, 1996, p. 68).

¹³ Na corrente europeia, a *Educação Permanente*, historicamente, “nasce da Educação Popular, a partir de 1945, nos campos de refugiados e de prisioneiros de resistência. (...) Após debates e reflexões, julgou-se mais válido um ensino ligado à vida, adaptado às características de cada pessoa” na sociedade (Arouca, 1996, p. 69).

¹⁴ Em 1954, em Genebra, foi criada uma associação particular, a Fundação Europeia da Cultura, cuja finalidade consistia em promover “projetos europeus multinacionais nos domínios científicos, educativos e artísticos (...) e que difundiu, igualmente a noção de Educação Permanente”, em cooperação com organismos, tais como a UNESCO, a OCDE e a OIT (Arouca, 1996, p. 67).

¹⁵ Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

¹⁶ *Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico*.

¹⁷ Organização Internacional do Trabalho.

Reino Unido, Checoslováquia, Polónia) propagam «noções estratégicas de “Educação Permanente como força cultural” com um enfoque na democracia, cidadania e desenvolvimento pessoal como projetos afins» (Hake, 2021, pp. 29-30). Deste modo, exigiam-se, assim, «políticas culturais igualitárias centradas nas aprendizagens fora da escola capazes de gerar “capacidades sociais” colectivas e não “competências instrumentais” individuais» (Hake, 2021, p. 30). Neste período, assumiram particular importância, segundo Hassenforder e Woodin (citados por Hake, 2021) as «estratégias culturais ativistas que mobilizassem os meios de comunicação social, incluindo as bibliotecas públicas, (...) e cada vez mais a televisão, para promover a democracia participativa, movimentos culturais críticos de base e “trabalho de literacia popular”» (p. 30).g

O início da década de 60 é marcada pela Segunda Conferência Internacional de Educação de Adultos [CONFINTEA II], realizada em Montreal, no Canadá, em 1960, considerada como “a vanguarda internacional da educação de adultos na década de 1970” (Ireland & Spezia, 2014, p. 18). O nome escolhido para esta conferência, *A Educação de Adultos num Mundo Mutável*, refletia o espírito da época, sugerindo que, através da Educação (de adultos) se poderiam resolver e mediar crises advindas do “novo mundo” em constante mutação (e.g. devido aos avanços tecnológicos e à difusão dos meios de comunicação¹⁸), tal como é referido por Ireland e Spezia (2014). Nesse sentido, e conforme defendia o relatório final francês da referida conferência, caberia ao ser humano uma “adaptação ativa ao mundo que o rodeia numa perspetiva de Educação Permanente (...) através de um processo continuado de educação” (UNESCO, citado por Hake, 2021, p. 32). Nesse mesmo relatório, indicava-se, como necessário ao indivíduo, o investimento numa autoEducação Permanente, i.e., uma consolidação e atualização constantes dos seus conhecimentos, pelo estudo e pelas trocas de experiência, denotando-se a apologia de uma educação de âmbito não, estritamente, escolar.

Parkyn (1976) dá nota de que, “em dezembro de 1965, o Comité Internacional da UNESCO para o Avanço da Educação de Adultos examinou um relatório de Paul Lengrand sobre o conceito de Educação Permanente, recomendando à UNESCO a adoção do seu princípio” (pp. 7-8). Segundo este Comité, este princípio estimulava todo o processo educativo, entendido como “contínuo ao longo de toda a vida do indivíduo, desde a mais

¹⁸ A CONFINTEA I, decorrida em Elsinore, na Dinamarca, em 1949, realizou-se na “era pré-televisão”, enquanto a última, CONFINTEA VI, ocorrida em Belém do Pará, no Brasil, em 2009, “em tempos de Internet e redes internacionais de comunicação” (Ireland & Spezia, 2014, p.12).

tenra infância até ao seu último dia”, desde o berço ao túmulo (Gomes, 1971; Melo, Lima, et al., 2021; Parkyn, 1976), reclamando uma organização globalizada e reiterando “a concepção francesa de *éducation permanente*, na sua exigência de respostas políticas, sociais e culturais à evolução tecnológica acelerada”, de modo a tornar acessível para todos a aprendizagem organizada (Hake, 2021, p. 34).

Após alguns debates, sobre os projetos realizados pelos Estados Membros da UNESCO, ao longo de 1970, constatou-se que “a Educação Permanente era o princípio unificador que permitia reunir num todo coerente os vários aspetos da educação” (Parkyn, 1976, p. 8). Perante este facto, cabia aos Estados-Membros adquirir processos de abordagem alternativos para os “problemas da educação” e “redefinir a educação e considerá-la como sendo uma dimensão da vida, tomada na sua totalidade” (Parkyn, 1976, p. 8).

No entanto, não obstante o interesse de institucionalizar a Educação Permanente, este conceito “estava longe de ser perfeitamente compreendido” (Parkyn, 1976). Por outro lado, segundo Parkyn (1976), a UNESCO alcançou uma fase considerada histórica, uma vez que se passou a considerar o processo da educação como “contínuo e integrado” e não “dividido em entidades distintas – ensino primário, técnico, educação de adultos” (pp. 9-10), implicando que o “programa de educação da UNESCO” passasse a ser encarado na perspetiva da Educação Permanente.

Deste modo, o Ano Internacional da Educação, 1970, representou para a UNESCO uma mudança no que respeita à abordagem dos problemas educativos feita pelos seus Estados Membros. Este ano marcou, também, a mudança de perspetiva, atribuída até à data ao conceito de desenvolvimento, na medida em que a UNESCO passou a compreendê-lo, não apenas como crescimento económico, mas como um processo que passou a englobar toda a vida dos seres humanos, ou seja, era necessário ter consciência da importância de “encarar o processo de desenvolvimento e o processo de educação numa perspetiva ainda mais global e integrada” (Parkyn, 1976). A noção apresentada pelo Conselho da Europa, para o conceito de Educação Permanente, detinha como componente principal a “continuidade da educação”, demarcando-se, assim, da sua conceção tradicional (Simões, 1979, p 46). Desse modo, defendia-se que “a formação deixaria de ser um tempo de vida” e que o processo educativo se coestendia “à duração total da vida”, tornando a formação “uma dimensão da vida” (Simões, 1979, p 46). Assim, estabelecia-se o limite com a década anterior, de 60, representativa de uma profunda crise na área da educação, a nível mundial,

facto ilustrado pelo número de crianças que não frequentavam a escola, bem como o número de analfabetos em idade adulta.

No segundo período da história da Educação Permanente, dos anos 70 em diante, assiste-se à institucionalização do conceito - através do Relatório da Comissão Faure¹⁹, publicado em 1972 - que, na opinião de Simões (1979), com mérito, torna a Educação Permanente um “horizonte das reformas educativas”, i.e., uma “ideologia dominante” e de “referência... ou de crítica” (p. 33), consagrando-se internacionalmente.

No que respeita ao conceito de Educação Permanente, numa época em que se começavam a sentir rápidas transformações, devido às constantes mutações, deveria existir um ensino organizado que possibilitasse conciliar uma educação que preparasse o ser humano para a vida a ser vivida e aquela que o acompanhasse durante toda a sua vida. Deste modo, aparecia a conceção de Educação Permanente, enquanto “processo de vida no presente e de formação para o futuro” (Parkyn, 1976, p. 12), conceção encarada como problemática do ponto de vista da sua aplicação prática.

Para Dewey (1916, citado por Parkyn, 1976) viver seria “desenvolver-se”, mas, para tal, era necessário “aprender ou assimilar uma experiência” (p. 14). Para facilitar a criação das condições necessárias para essa assimilação, o autor defendia que deveria recorrer-se à educação. Assim, considerava a vida “um processo evolutivo” e a evolução “a vida” e que, em todos os estádios desse processo, ocorria uma interação entre o ser humano - ser essencialmente social - e o seu meio ambiente, permitindo ao ser humano a transformação ou a reconstrução de tudo o que no seu meio afetasse a sua vida (p.14). Cabe ao ser humano a transformação, enquanto aprende, concebe e alarga o alcance do sentido da sua experiência, de modo a melhorar a sua qualidade de vida. Segundo esta perspetiva, a aquisição de conhecimentos é o elemento fulcral para o seu desenvolvimento contínuo; não devendo, porém, ser considerada como noção sinónima da de educação, na medida em que esta tem “implicações mais vastas”, pressupondo que existem condições que “facilitarão a aquisição de conhecimentos” (Parkyn, 1976, p. 15); nem de um processo educativo delimitado num período temporal, em que a educação terminava no fim desse período (*e.g.* escolaridade, estudos académicos) (Simões, 1979). Este aspeto vai ao encontro do preconizado por Parkyn (1976) e que tem a ver com a primazia dada ao ensino

¹⁹ Relatório da Comissão Internacional sobre o desenvolvimento da educação, denominado “Apprendre à Être”, coordenado por Edgar Faure e publicado em 1972. Este Relatório representa o culminar do estudo, realizado, no Canadá, durante, sensivelmente, vinte anos (1957-1972) e que envolveu 302 textos, envidando esforços para aprofundar o significado da expressão *Educação Permanente* (Arouca, 1996, p. 66).

escolar, formal, no processo da educação. Nas sociedades modernas, segundo o autor, o ensino formal apresenta como agentes principais, se não os únicos, da educação: (a) os professores, considerados como os “depositários do saber” a ser, idealmente, “transmitido aos alunos” (p. 27), colocando para segundo plano a componente heurística e de descoberta da aquisição de conhecimentos, bem como a autoeducação, realizada de forma autônoma e individual; e (b) as escolas, equipamentos educativos e culturais por excelência, obscurecendo outros recursos culturais com potencial educativo (*e.g.* as bibliotecas, os museus, os locais de trabalho), pouco reconhecidos e desenvolvidos nas esferas políticas.

Perante a realidade acima descrita, que vislumbrava a tentativa de separar a aquisição de conhecimentos (a teoria) do contexto de observação, participação e ação, (a prática), verificou-se que esse traria as suas consequências, nas sociedades em rápida e constante evolução, tornando obsoletos os modelos pedagógicos menos produtivos (tradicionais). Era necessário, e era possível, elaborar um modelo de educação, reconstruindo as diferentes partes de todo o sistema educativo, cuja finalidade visaria a aquisição do saber, enquanto processo permanente, que - sem nunca antes ser interrompido - “culminaria na idade madura” (Parkyn, 1976, p. 32).

Aqui assentava a questão fulcral, que consistia em perceber de que modo se institucionalizaria a Educação Permanente, criando um modelo (de educação), por um lado, adaptado a todos os níveis de desenvolvimento pessoal e, por outro, que pudesse responder às necessidades das sociedades em mutação. A questão é premente, na medida em que as sociedades do mundo moderno se encontravam, e encontram, perante complexas e rápidas transformações políticas, económicas e socioculturais (*e.g.* avanço da ciência e da tecnologia, desenvolvimento da rede de comunicações, rápida expansão demográfica, participação ativa das pessoas nas decisões políticas e económicas, aumento da esperança de vida, procura contínua de educação e enriquecimento da vida e do bem-estar graças ao envolvimento em atividades culturais, recreativas e desportivas) (Parkyn, 1976; Lengrand, 1981). Perante estas rápidas mutações, as estruturas e os processos educativos vigentes tornavam-se desajustados (Parkyn, 1976), levantando questões e imposições à educação e aos educadores, que - pela complexidade e diversidade - faziam abalar “o edifício tradicional das ideias e dos métodos pedagógicos” (Lengrand, 1981, p. 13). No que respeita à população adulta, as mudanças sociais tiveram sérias implicações na natureza dos empregos; era necessária uma educação que conferisse aos indivíduos uma certa polivalência e não uma formação que perspetivava a estabilidade do emprego, por exemplo; uma educação para a vida num mundo em rápida e constante mutação. Conforme

Faure (1981), ao se estimular a motivação, que se inspira na procura de emprego e/ou na sede de aprender, a *libido sciendi*, e ao se organizar a polivalência, pode-se “reconciliar a democratização do ensino com a racionalidade económica” (p.31). No entanto, para que isso seja possível, é necessária uma reflexão, por parte dos beneficiados pela educação, sobre a oportunidade de se instruírem e formarem, nunca esquecendo que não são tão “investidos na vida”, pelo simples facto de deterem “um título, ao absoluto reconhecimento do Estado” (p. 31). Seguindo esta perspectiva, dever-se-ia dar primazia à *libido sciendi* e não à procura de emprego, no entanto, assistimos, precisamente, ao processo inverso, considerando-se, com frequência, a sede de aprender como algo desprezível, contudo, “a curiosidade, o desejo de compreender, de conhecer ou de descobrir cabem nos impulsos mais profundos da alma” (Faure, 1981, p. 28).

No seguimento da problemática acima enunciada, Lengrand (1981) defendia que o facto de se estar perante um mundo em transformação constante não representava objeto de descoberta nem algo novo para o ser humano, uma vez que a novidade residia na aceleração do ritmo dessa(s) transformação(ões). Como este autor enfatizava, “as inovações, que outrora exigiam o trabalho de várias épocas, ocorrem hoje numa única geração” (p. 12). Portanto, segundo o autor, “pensar o universo, tal como é, tal como vai evoluindo, no plano político como no plano físico, é uma exigência constante do equilíbrio entre as realidades da vida e a percepção que delas tem de adquirir cada indivíduo” (p. 13). O ser humano deverá apresentar uma atitude de abertura às novas experiências, no sentido de se atualizar e de reconstruir as suas. Torna-se fundamental que este tome de consciência da realidade que o circunda e da influência que esta exerce sobre ele, a fim de ser capaz de se adaptar à(s) mudança(s) e de “controlar a evolução das suas condições de vida” (Parkyn, 1976, p. 25). É necessário “ensinar os alunos a aprender, pois vão ter de aprender durante toda a vida” (Lengrand, 1981, p. 16). É premente que eles aprendam “a adaptar-se a situações sempre novas, a descobrir o que é que convém a novas situações, em suma, aprender a aprender” (Parkyn, 1976, p. 69). Na opinião de Lengrand (1981), a necessidade de atualização, por parte do ser humano, não se aplica, apenas, “aos cientistas e aos técnicos superiores”, mas também aos profissionais de setores como o da indústria ou da agricultura, já que a necessidade de atualização de conceitos e técnicas abrange os diversos níveis de produção (p. 16). Esta linha de ideias coloca em evidência o que foi sugerido, pela Comissão Faure (1981), denotando que, por razões culturais, políticas e económicas - “nas políticas e estratégias educativas” - o desenvolvimento da educação deveria ser valorizado

e priorizado, já que a finalidade da educação é «permitir ao [indivíduo] ser ele próprio “vir a ser”» (p. 31).

Um aspeto a considerar, no quadro de mudanças que vão ocorrendo, prende-se com alterações nas estruturas políticas dos países (alguns dos quais Estados-Membros da UNESCO). Lengrand (1981) dá nota de que “de um ano para o outro, às vezes de um dia para o outro, os homens das nossas gerações encontram-se projetados num novo tipo de Estado que comporta (...) novos tipos de estatuto político, jurídico ou social” (p. 17) (e.g. a Revolução de 25 de abril de 1974, em Portugal, que marca o término da ditadura do regime do Estado Novo e o início do processo de transição para a democracia²⁰). A título ilustrativo, importa atentar nas palavras de Simões (1979) quando refere que a referida Revolução havia revelado as “carências educativas da nação” portuguesa, e, ainda, a capacidade do Povo “para resolver os seus problemas” (p. 37), ou seja, estas modificações a nível político implicam, muitas vezes, alterações decisivas “no papel e nas funções que os indivíduos são chamados a assumir, para além da simples posição de espectador consciente e compreensivo” (Lengrand, 1981, p. 18).

A este respeito, abre-se, aqui, um pequeno parêntesis para fazer notar que, no momento em que se escreve este texto, fevereiro de 2022, o Mundo “assiste” a uma guerra, Rússia *versus* Ucrânia, ou melhor, à referida “invasão militar da Ucrânia” aclamada e perpetrada pela Rússia, no dia 24. Quando se iniciou este estudo jamais se imaginara que, no século XXI, este cenário fosse possível na Europa. No entanto, não só foi possível, como estamos já a sentir os seus efeitos nefastos e as suas inevitáveis consequências. Assim, como se pode vivenciar, de um momento para o outro, o Mundo muda e somos todos incitados a agir, a assumir diferentes atitudes e deveres, a nível familiar, social e cívico.

Dando continuidade ao assunto que está a ser desenvolvido, é importante referir que, ao longo dos tempos, se continuou a dar prioridade à educação das crianças e dos adolescentes, apesar do reconhecimento da imprescindibilidade de aquisição contínua de conhecimentos, e a consequente necessidade de desentruar a educação de adultos, verificada através das sucessivas CONFINTEA (Parkyn, 1976).

²⁰ O período compreendido entre abril de 1974 e setembro de 1974 é marcado, a nível social, “pela conquista das liberdades democráticas – asseguradas (...) poucos dias [depois] do golpe – e pela permanência de uma mobilização social onde a greve é a forma de luta determinante, bem como o início da luta contra os despedimentos” (Varela & Alcântara, 2016, p. 1123) e o fim da exploração das classes trabalhadoras, veiculadas pelos movimentos sociais das classes operárias.

Nos anos 80 do século XX, à luz das intenções da UNESCO, “A educação de adultos foi vista como uma forma de fechar as brechas humanitárias, políticas e sociais” (Ireland & Spezia, 2014, p. 13). Por um lado, nos países industrializados, surgia ligada à necessidade de reciclagem e de atualização profissional; dando origem ao conceito *formação contínua de adultos* e, também, ao de *formação inicial* (para designar a, até então, *educação tradicional*). No que respeita aos países em desenvolvimento, esta centrava-se “na alfabetização e na educação básica como resposta a crises sociais e económicas”, pelo que se associava a educação de adultos à alfabetização (Ireland & Spezia, 2014, p. 13).

Para o presente trabalho importa referir que, geralmente, as CONFINTEA desenvolvem-se e refletem “o espírito e as circunstâncias da época, fornecendo ao mesmo tempo um repositório de visões utópicas e práticas de como se deveria e como se poderia arrumar o mundo” (Ireland & Spezia, 2014, p. 15). No entanto, não se deve olvidar, tal como dá nota Ireland e Spezia (2014), que as CONFINTEA “são conferências dos governos dos Estados-Membros e que a política educativa nacional pretende alimentar a política educativa internacional e vice-versa” (p. 15). Deste modo, sem se pretender explanar em demasia sobre esta matéria, considera-se pertinente referir duas Conferências que tiveram grande impacto a nível internacional, através das Recomendações²¹ delas emanadas: (1) a CONFINTEA III, realizada em Tóquio, Japão, em 1972; e (2) a Conferência Geral da UNESCO, na sua 38.^a sessão, realizada em Paris, França, em 2015.

Abordando, em primeiro lugar, a (1) A CONFINTEA III, realizada em Tóquio, de 25 de julho a 7 de agosto de 1972, esta debruçou-se sobre o tema: A educação de adultos no contexto da educação ao longo da vida, tendo sido considerada diferente das anteriores, pois, pela primeira vez, “participaram ministros da educação, funcionários públicos e administradores, em vez de académicos” (Hake, 2021, p. 42). Esta realidade mereceu, também, por parte de Roby Kidd (1974, citado por Ireland & Spezia, 2014), observações relevando o facto de que a UNESCO se havia começado a insurgir, desde 1960, como uma “organização de governos”, e não tanto como “campo de eruditos individuais ou da sociedade académica”, tendo sido mais profissional e fundada em “regras e procedimentos estabelecidos” (p. 21). Desse modo, não só foi possível abordar o tema proposto, assim como se assistiu a um certo otimismo quanto à possibilidade da criação de uma estratégia

²¹ Segundo as terminologias da Organização das Nações Unidas [ONU], existem para os Estados-Membros “dois tipos de obrigação – legal e moral - (...) a convenção que tem como base um trato internacional que obriga os signatários a cumprir e a recomendação que não implica em obrigatoriedade legal, mas possui uma força moral” (Ireland & Spezia, 2014, p. 40).

futura para a Educação de Adultos. A CONFINTEA III “concluiu com um conjunto 33 Recomendações muitas das quais ainda (...) bastantes atuais” (Ireland & Spezia, 2014, p. 40). A sétima Recomendação mereceu particular atenção por parte da UNESCO, na medida em que a “convida a explorar a possibilidade de preparar uma recomendação aos Estados-Membros relativa ao desenvolvimento da educação de adultos com respeito à libertação total do ser humano” (Ireland & Spezia, 2014, pp. 40-41). A *Recomendação sobre o desenvolvimento da educação de adultos*²², a Recomendação de Nairóbi de 1976²³, resulta daqui (Ireland & Spezia, 2014). Nela, destacavam-se três objetivos: (1) «“tornar evidente as características específicas da educação de adultos (...) na perspectiva da aprendizagem ao longo da vida”, (2) “mobilizar o apoio político” para o seu desenvolvimento, e (3) “pavimentar o caminho para a ação em nível nacional”» (Ireland & Spezia, 2014, p. 41). Através da referida Recomendação sobre o desenvolvimento da educação de adultos, alcança-se, pela primeira vez, um certo consenso quanto à definição do conceito da educação de adultos, que, não podendo ser apenas considerada em si própria, deveria sim passar a ser considerada “como um subconjunto que integra o projeto global da Educação Permanente” (Ireland & Spezia, 2014, p. 168). Nesta mesma linha de pensamento, Simões (1979) - apesar de referir que a definição de educação de adultos é percebida de diferentes maneiras, conforme os diferentes autores - defende que esta engloba duas modalidades ao longo da vida da pessoa humana, designadamente a “auto-educação” e a “hetero-educação intencional” (que acontece na idade adulta), pelo que a educação de adultos está para a Educação Permanente “como a parte para o todo” (pp. 49-50). A Educação Permanente, consiste, assim, no referido projeto global, cujo objetivo se traduz, por um lado, na reestruturação do sistema educativo existente, e, por outro, no desenvolvimento de todas as possibilidades de formação fora do sistema educativo (Ireland & Spezia, 2014, p. 168). Conforme afirma Dave (1979):

a Educação Permanente é um processo que procura alcançar o desenvolvimento pessoal, social e profissional no transcurso de vida dos indivíduos com o objetivo de melhorar a sua qualidade de vida e da coletividade. É uma ideia de natureza global e unificadora constituída pela aprendizagem formal, não formal e informal

²² O destaque em itálico é da mestranda.

²³ Assim designada e reconhecida, internacionalmente, uma vez que o documento foi “aprovado e adotado na 19.ª Sessão da Conferência Geral da UNESCO, realizada em Nairóbi (Quênia), em 1976” (Ireland & Spezia, 2014, p 41)

que pretende a aquisição e o fomento da instrução para alcançar o máximo de desenvolvimento possível nas diferentes etapas e setores da vida. Tem pois relação com o desenvolvimento individual e o progresso social (p. 42).

Neste projeto global, os indivíduos serão os agentes da sua própria educação, interagindo, em permanência, entre as suas ações e a sua reflexão, e não indivíduos que podem ser melhorados, à luz da ideologia neoliberal, “como um bem, para a participação no mercado governado pelo capital”, conforme referem, criticamente Lee e Frieddrick (2007, citados por Ireland & Spezia, 2014, p. 63). Sob este ponto de vista, a educação dos indivíduos de todas as idades - da infância à idade avançada - deve englobar e abarcar: “todas as dimensões da vida”, “(...) todas as competências e domínios do saber”, adquiridos através de diversos meios, para “favorecer todas as formas de desenvolvimento da personalidade”; e, ainda, “(...) os processos educativos” que sejam “considerados como um todo” (Ireland & Spezia, 2014, p. 43). O conceito amplo da educação, estabelecido pela Recomendação de Nairóbi de 1976, fundamentou os debates das CONFINTEA²⁴ que se lhe sucederam, apesar de, nessas Conferências, terem sido feitas repetidas observações sobre a necessidade de rever o documento, mesmo que este fosse muito atual (Ireland & Spezia, 2014), pois, aquando da última, em 2009, a sua publicação e adoção já contavam trinta e três (33) anos. Outro aspeto que era alvo de preocupação consistia na falta de estratégias de acompanhamento entre as CONFINTEA, pois como referem Ireland e Spezia (2014) “o exame das medidas de acompanhamento realizado pelos especialistas nos Estados-Membros da UNESCO não demonstrou ser particularmente impressionante!” (p. 26). Sabendo que as CONFINTEA ocorrem, sensivelmente, com uma periodicidade de dez (10) anos, percebe-se que se torna num período temporal escasso para que sejam observáveis mudanças significativas²⁵. Deste modo os mesmos autores dão nota de que, por um lado, para a preparação das Conferências, não deveria haver embaraço em retomar o estudo «da “Agenda” para dar prioridade a certos temas» tão importantes e recorrentes (p. 27). No que se refere à forma como as Conferências decorrem, Ireland e Spezia (2014) observam que é necessário definir, mais claramente, “a atenção dada ao conhecimento dos especialistas” e

²⁴ CONFINTEA IV, em 1985, em Paris (França); CONFINTEA V, em 1997, em Hamburgo (Alemanha); e CONFINTEA VI, em 2009, em Belém do Pará (Brasil).

²⁵ A CONFINTEA VI, em 2009, terminou com a aprovação do Marco de Ação de Belém, que “frisou, [mais uma vez] a urgência de elaborar indicadores capazes de monitorizar as recomendações aprovadas pela Conferência”(Ireland & Spezia, 2014, p. 31). O primeiro Relatório Global de Aprendizagem e Educação de Adultos (GRALE 1) data de 2010, após a referida CONFINTEA. O GRALE 2 é de 2013, o GRALE 3, de 2016, o GRALE 4, de 2019 e o GRALE 5, de 2022.

limitar, com antecedência, “a quantidade de resoluções a serem enviadas por escrito” (p. 27). Por fim, notam, igualmente, algumas lacunas no planeamento das Conferências, no que respeita às disposições procedimentais para os atos decisórios, bem como na falta de exigência junto dos “representantes dos governos dos Estados-Membros”, que, não se evadindo das suas responsabilidades políticas, assegurarão a implementação das resoluções acertadas (p. 27). Na realidade, muitas vezes, existe legislação, ou melhor, conforme afirma Alcoforado (2018), no que respeita à Educação de Adultos, em Portugal, “por mais uma vez (...) se pensou e se legislou bastante melhor do que aquilo que se executou e mesmo levando em consideração que estivemos em presença de atividades desenvolvidas numa lógica de contrato-programa” (pp. 119-120).

No que concerne à (2) 38.^a Sessão da Conferência Geral da UNESCO, realizada em Paris, de 3 a 18 de novembro de 2015, esta fez cumprir o que tinha sido decidido, relativamente à revisão da Recomendação de Nairóbi de 1976, para: “refletir os desafios educacionais, culturais, políticos, sociais e económicos contemporâneos”, conforme instituído na Declaração de Hamburgo de 1997 e no Marco de Ação de Belém de 2009; e, ainda, “para dar impulso renovado à educação de adultos”(UNESCO Institute for Lifelong Learning, 2017, p. 6). Nesse sentido, nessa 38.^a sessão, foi adotada uma nova Recomendação, a *Recomendação sobre Educação e Aprendizagem de Adultos de 2015* (RALE²⁶ 2015). Deste modo, passados trinta e nove anos, a Recomendação de Nairóbi de 1976 foi substituída pela RALE 2015, tornando-se esta, assim, no instrumento normativo mais atualizado nesta área política de extrema importância, a do desenvolvimento da Educação e da Aprendizagem de Adultos. A RALE 2015 aconselha os Estados-Membros a tomarem decisões em diferentes áreas, à luz do plasmado no Marco de Ação de Belém²⁷ (e.g. política pública, governança, financiamento, participação, inclusão e equidade, e qualidade, apoiando-se nos potenciais das tecnologias de informação e comunicação, as TIC). Baseada no conceito de aprendizagem ao longo da vida, que pode ocorrer em contextos formais, não formais e informais, incide sobre o objetivo global da educação de adultos, assegurando que todos os adultos participem na sociedade e no mundo do trabalho.

²⁶ Em inglês: GRALE – Recommendation on Adult Learning and Education. Nota da mestranda.

²⁷ Documento, apresentado na CONFINTEA VI, em 2009, que referiu o alcance do conceito de aprendizagem e de educação de adultos como elemento constituinte de extrema significância no “processo de aprendizagem ao longo da vida, envolvendo um continuum que passa da aprendizagem formal para a não formal e para a informal”, que é fundamental para se alcançar a equidade, a justiça e a inclusão social, a erradicação da pobreza, no sentido de se construírem sociedades solidárias e sustentáveis baseadas no conhecimento (UNESCO, 2010, citado por Ireland & Spezia, 2014, p.52).

Esta Recomendação abarca, de modo abrangente e sistemático, a aprendizagem e a educação de adultos, definindo “três domínios-chave de aprendizagens e habilidades: (1) alfabetização e habilidades básicas, (2) educação contínua e habilidades profissionais, assim como (3) educação liberal, popular e comunitária e habilidades cidadãs”, para uma cidadania ativa (UNESCO Institute for Lifelong Learning, 2017, p.3). Como já foi referido, anteriormente, apesar das recomendações não serem juridicamente vinculativas, exortam e guiam os Estados-Membros. A RALE 2015, concretamente, emana orientações, com o intuito de se promoverem melhorias a nível da aprendizagem e da educação de adultos, cujo objetivo final (já referido anteriormente, mas que importa relevar) consiste em assegurar que os adultos possam participar plenamente nas sociedades e no mundo do trabalho, evidenciando que a aprendizagem é um esforço para toda a vida que pode ocorrer em contextos formais, não formais e informais. Neste sentido, os Estados-Membros têm o dever de seguir as recomendações e de implementar as diretrizes emanadas na RALE 2015, a fim de ser possível uma verdadeira cooperação internacional, em prol da Aprendizagem e Educação de Adultos (AEA²⁸) (UNESCO Institute for Lifelong Learning, 2017).

Após a CONFINTEA VI, 2009, verifica-se que o Instituto UNESCO para a Aprendizagem ao Longo da Vida (IUL²⁹), emana um Relatório Global sobre Educação e Aprendizagem de Adultos (GRALE³⁰) de três em três anos. Como já foram atrás elencados, a primeira edição decorreu em 2010 e a quinta, em 2022. Estes relatórios globais são instrumentos de monitorização que controlam, por um lado, os Estados-Membros no que respeita ao cumprimento dos compromissos assumidos, a nível da AEA e, por outro, fornecem aos “decisores políticos e aos profissionais recomendações sólidas para o futuro da aprendizagem de adultos” (UNESCO Institute for Lifelong Learning, 2022). Importa destacar o GRALE 4, publicado em 2019, que incide sobre os complexos desafios educacionais, “o aumento das desigualdades, as mudanças demográficas e climáticas” e, ainda, sobre as preocupações face à drástica mudança do mundo. Urge adaptar e aprimorar, com base no GRALE 4, “as habilidades dos adultos”, para que não fiquem para trás (UNESCO Institute for Lifelong Learning, 2020, p. 3).

Com a decisão de se substituir a RALE de 1976 pela RALE de 2015, assiste-se à afirmação de uma “nova era”, no que respeita à AEA, focada numa “nova visão da AEA e da sua importância”, de modo a encarar os “desafios educacionais, culturais, políticos,

²⁸ Em inglês: ALE - Adult Learning and Education. Nota da mestranda.

²⁹ Em inglês: UNESCO-Institute for Lifelong Learning. Nota da mestranda.

³⁰ Em inglês: GRALE – Global Report on Adult Learning and Education. Nota da mestranda.

sociais e económicos contemporâneos” (UNESCO Institute for Lifelong Learning, 2020, p. 101). Outro dos desafios lançados pela RALE de 2015 prende-se com a aceitação da sua tipologia e o compromisso, por parte dos Estados-Membros, de implementar o quarto Objetivo de Desenvolvimento Sustentável [ODS 4], plasmado no GRALE 4. O ODS 4 visa “assegurar a educação inclusiva e equitativa de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos”, incitando os Estados-Membros a garantir que ninguém seja deixado para trás (UNESCO Institute for Lifelong Learning, 2017, p. 115).

Para terminar este ponto, considera-se relevante referir que, apesar de, na última década do século XXI, ter havido grandes melhorias na procura de informação sobre a atuação dos Estados-Membros, em prol da AEA, os desafios são cada vez maiores, na medida em que as informações acabam por ser enviesadas, em virtude das questões económicas e de segurança dos países (questões consideradas prioritárias para os decisores políticos). Esta problemática implica consequências, respeitantes à monitorização dos progressos da aplicação do ODS 4, objetivo inerente à temática do presente trabalho (não estando a considerar as implicações dos restantes dezasseis ODS). Se se atentar nas metas e nos indicadores do ODS 4, verifica-se que a forma como estão delineados apresentam uma visão limitada da AEA. Como se pode inferir, pela leitura do GRALE 4, “as abordagens e os métodos de aprendizagem que são recomendados para o alcance desses objetivos parecem, em geral, ser quase exclusivamente relacionados a situações de educação formal para crianças e jovens”, denotando-se a primazia dada à educação inicial (UNESCO Institute for Lifelong Learning, 2020, p. 117). Neste sentido, seria expectável que, para que os ODS fossem alcançados, se implementasse um sistema onde a terceira categoria da RALE de 2015 ocupasse um papel determinante. No entanto, se se atentar no quadro dos ODS 4³¹, dos domínios-chave de aprendizagens e habilidades da RALE de 2015, referidos anteriormente, apenas se menciona, diretamente, o que respeita às habilidades profissionais (4.3, 4.4 e 4.5); indiretamente o das habilidades básicas, podendo ser incluído na educação formal; havendo muito pouca referência ao das habilidades para a cidadania ativa (talvez considerado na formação não formal). Verifica-se que, apesar da “população adulta estar mencionada nas metas, há uma forte inclinação em favor dos jovens” (UNESCO Institute for Lifelong Learning, 2020, pp. 117-118). O desequilíbrio existente, entre as recomendações da UNESCO e a realidade, é notório.

³¹ Presente no GRALE 4 (UNESCO Institute for Lifelong Learning, 2020, p. 115).

Não obstante este facto, é incontornável não se observar que a RALE de 2015 incita para a importância da AEA e que tem de ser vista e entendida à luz de uma educação liberal, popular e comunitária, no sentido de se abrangerem “programas de aprendizagem para o crescimento pessoal e/ou social, bem como AEA cívica, democrática e transformadora”, conforme refere Manninen (2017, citado por UNESCO Institute for Lifelong Learning, 2020, p. 101). Tal como Freire (2013) preconizava “todo o bom método pedagógico, não pretende ser método de ensino, mas sim de aprendizagem” (p.17) e com esse método os seres humanos aprendem a exercer a sua liberdade através do diálogo com as outras pessoas que as rodeiam. Seguindo as ideias Freirianas, deverá fomentar-se, assim, um sistema que promova uma educação que desenvolva as capacidades humanas, a sua consciência crítica e o diálogo. É urgente e necessário buscar “diretrizes e métodos” que correspondam aos desafios de cada país (Scocuglia, 2019, p. 36).

A título exemplificativo, considera-se pertinente referir alguns dos contributos que vão sendo dados e executados, em Portugal, no que respeita à formação de profissionais (e.g. mestrados em Educação e Formação de Adultos e Intervenção Comunitária e em Ciências da Educação), que poderão intervir de forma “autónoma, responsável e inovadora, em qualquer tempo e espaço de educação e formação, capaz de envolver diferentes pessoas, grupos e comunidades, em processos de mudança consciente” (Alcoforado, 2018, p. 121). À luz do plasmado na RALE de 2015, espera-se que os Estados-Membros deem a devida importância às suas diretrizes, bem como ao preconizado no GRALE 5, publicado em 2022, a fim de ser apresentado na CONFINTEA VII, com um título prometedora *Aprendizagem e educação de adultos para o desenvolvimento sustentável – uma agenda transformadora*³², que teve lugar em Marraquexe, Marrocos, de 15 a 17 de junho de 2022. Este quinto relatório global terá como finalidade desempenhar um papel preponderante nas deliberações dessa conferência. Resta-nos aguardar as decisões que dela advêm, no entanto, atendendo ao panorama internacional, com certeza os representantes dos Estados-Membros irão sentir algumas dificuldades. Com base naquilo que a história da Educação Permanente nos tem demonstrado, a sua importância e, conseqüentemente, a da educação de adultos são evidentes e inquestionáveis, no entanto a discussão em seu torno é, de imediato, colocada de parte perante acontecimentos e crises, que influem, diretamente, na ordem económica e de segurança³³. Apesar deste panorama pouco animador, encerra-se este ponto dois, com

³² O destaque em itálico é da mestranda.

³³ Citam-se alguns dos acontecimentos mais marcantes, que decorreram durante o período que estamos a abordar, da década de 1970 em diante, que afetaram/ afetam, em larga escala, as economias mundiais e

palavras de Melo, Lima, et al. (2021) focadas na importância e na pertinência do espaço ocupado, e a ocupar, pela educação popular, no que respeita à “Educação Permanente do futuro, e eventualmente, com futuro, numa linha democrática e de emancipação humana”, que será guiada por premissas básicas como “a vida, a interconectividade e a diversidade, preocupada com aprendizagens ecossustentáveis”, para apresentar “alternativas ao crescimento económico desenfreado” (p. 18). Tal como referiu Freire (2013), apesar das suas palavras estarem inseridas em contextos históricos e geográficos diferentes, mas que encerram, ainda hoje, grande veracidade e pertinência, “a ação conquistadora, ao reificar [a pessoa humana] é necrófila” (p. 147).

Deste modo, passa-se para o ponto seguinte, com enfoque no conceito de Educação Permanente, na sua vertente humanista.

3. Pertinência da Educação Permanente na atualidade e os diferentes tipos de aprendizagem

Nos dois pontos anteriores, tentou fazer-se a sinopse, por um lado, da génese da *Educação Permanente* (considerando-se importante referir a sua longevidade, recuando à Antiguidade Clássica, a Platão) e, por outro lado, a sua breve história (dos anos 50 do século XX em diante, há sensivelmente, três quartos de século).

Não obstante a sua curta história, este conceito foi alvo de diversas apropriações, mediante a contextualização e os acontecimentos históricos, ocorridos ao longo desse período de tempo. Consoante as diferentes aceções de um mesmo conceito, este recobre “significados tão díspares, valores humanos e educativos tão diversos, lógicas de ação política tão acentuadamente divergentes, que originam “conceitos distintos”. Foram atribuídos vários sentidos ao conceito de Educação Permanente (Melo, Lima, et al., 2021, pp. 17-18). Importa, porém, para o presente estudo, realçar a pertinência da Educação Permanente, na atualidade, consolidando a sua vertente humanista (que a inspira, bem como às suas práticas, ao longo dos séculos); e destacar a importância da educação popular (ignorada nos anos 80 do século XX, fruto das políticas economicistas e de desenvolvimento de natureza neoliberal), enquanto promotora de uma cidadania ativa, transformadora, no sentido de articular a vida humana, animal e do ecossistema como um

envidaram/envidam esforços no reforço da segurança interna de cada país, e que são do conhecimento geral, tais como: a Guerra Fria, 1947-1991; a Crise do petróleo, 1973-1983; Atentados Terroristas, Nova York, 2001, e Madrid, 2004; a Crise Financeira Global (imobiliária), 2008-2018; A Pandemia (COVID-19), 2020-2022?; a atual Guerra Rússia vs Ucrânia, 2022-2022?).

todo (Melo, Lima, et al., 2021; UNESCO Institute for Lifelong Learning, 2017). Assim, tal como refere Melo, Lima, et al. (2021):

Mesmo que marcado pela ambiguidade, o conceito [Educação Permanente] enfatiza o hibridismo das modalidades educativas (formal, não formal e informal) e a riqueza das mesmas nas aprendizagens desenvolvidas por cada sujeito e por cada coletivo social, numa relevante herança de cariz humanista que valoriza a igualdade de oportunidades e a justiça social (pp. 15-16).

Como já foi referido, no ponto dois, com as alterações preconizadas pela UNESCO, através da adoção da RALE de 2015, substituindo a Recomendação de 1976, assistiram-se a várias mudanças e estudos, no âmbito da educação de adultos, no sentido de se obter um “entendimento muito mais amplo do campo no qual a aprendizagem se tornou tão essencial para a discussão quanto à educação”, o que nos leva para um novo paradigma, que sustenta que as aprendizagens ocorrem, também, em contextos não institucionais (UNESCO Institute for Lifelong Learning, 2020, p. 102). A educação (enquanto instrução orientada por outrem) implica uma aprendizagem planeada, enquanto a aprendizagem não envolve, necessariamente, educação (Rogers, 2014b, p. 7) Facto que nos encaminha para os diferentes processos de aprendizagem, aos quais todos nós, enquanto sujeitos aprendentes, consciente ou inconscientemente, estamos expostos e envolvidos no nosso dia a dia. Deste modo, de seguida, passar-se-á a apresentar cada um dos diferentes tipos de aprendizagem, dando particular enfoque à aprendizagem informal, sobre a qual recai a pesquisa e o estudo que se está a desenvolver.

3.1. O que é aprender e como se processa a aprendizagem?

Cientes, agora, de que os conceitos *educação* e *aprendizagem* não são sinónimos, na medida em que a educação é uma aprendizagem “planeada”, mas que “nem toda a aprendizagem é educação” (Rogers, 2014b, p. 7); ir-se-á, agora, focar a atenção sobre o conceito *aprendizagem*. Esta pode assumir vários significados, apesar de se ter a perceção de que “existe um conjunto comum de processos subjacentes a estes significados” (Rogers, 2014a, p. 26). Segundo este autor, este facto pode ser verificado se se prestar atenção às definições emanadas pela UNESCO, citadas por (Rogers, 2014a), que apresenta três tipos diferentes de aprendizagem: (a) Formal; (b) Não-formal; e (c) Informal; deste modo:

- a) A *aprendizagem formal* ocorre como resultado de experiências numa instituição de educação ou formação, com objetivos de aprendizagem

estruturados, tempo de aprendizagem e apoio que conduzem à certificação. A aprendizagem formal *é intencional* do ponto de vista do aprendente;

b) *A aprendizagem não formal* não é proporcionada por uma instituição de educação ou formação e normalmente não conduz à certificação. *É*, contudo, *estruturada* (em termos de objetivos de aprendizagem, tempo de aprendizagem ou apoio à aprendizagem). A aprendizagem não formal *é intencional* na *perspetiva do aprendente*.

c) *A aprendizagem informal* resulta de atividades da vida diária relacionadas com o trabalho, família ou lazer. *Não está estruturada* (em termos de objetivos de aprendizagem, tempo de aprendizagem ou apoio à aprendizagem) e normalmente não conduz à certificação. A aprendizagem informal *pode ser intencional*, mas na maioria dos casos não o é.³⁴

Para Rogers (2014a), as definições atrás citadas apresentam o conjunto de processos que sustentam as diferentes tipologias. No entanto, denotam uma maior incidência sobre os contextos em que a aprendizagem ocorre (*e.g.* a formal, em instituições educacionais; a não formal, em instituições não formais, que não implicam necessariamente certificação, como o local de trabalho; e a informal, em contextos familiares e sociais, não estruturados); e não, especificamente, sobre o seu significado (p. 29).

Deste modo, este autor define aprendizagem como “um conjunto de processos que trazem mudanças nas práticas de vida dos indivíduos. Alguns desses processos e algumas dessas práticas mudadas são inconscientes; outros são conscientes e deliberados” (p. 26). Ao longo das diferentes épocas, estes processos têm sido alvo de estudo e apresentados de diferentes formas, mediante as ideologias de algumas das escolas de pensamento e dos especialistas que sobre eles se debruçam. Considera-se importante, para o estudo em desenvolvimento, abordar, sucintamente, as quatro escolas que, nesse âmbito, se destacaram: (1) a behaviorista, onde se defende que a aprendizagem surge, apenas, mediante um estímulo externo (*e.g.* estudos de Skinner); (2) a cognitivista, que sustenta a ideia de que o aprendente processa o novo material de aprendizagem (*e.g.* trabalhos apresentados por Piaget e, mais recentemente, por Bransford, Bereiter, entre outros); (3) a humanista em que a pessoa aprendente cria, ativamente, conhecimento, mudando perspetivas, com o intuito de dar sentido à experiência, não esperando, alcançá-la, apenas,

³⁴ A tradução do original (dos três tipos de aprendizagem) foi realizada pela mestranda, assim como o destaque em itálico.

do exterior, mas sim através das suas próprias decisões (*e.g.* trabalhos emanados pelos humanistas, tais como Maslow, Mezirow e Carl Rogers); e (4) a da aprendizagem social, na medida em que os processos, conducentes a mudanças, decorrem na interação com os outros e com os contextos socioculturais (*e.g.* estudos apresentados por Bandura e Wenger) (Oliveira, 1996; Rogers, 2014a).

Apesar das diferentes perspetivas ideológicas, para Rogers (2014a), poder-se-ão encontrar elementos das quatro abordagens, atrás referidas, em qualquer momento do processo contínuo de aprendizagem, implicando mudanças nas práticas de vida dos indivíduos (p. 27). Este autor defende, ainda, que as aprendizagens (formal, não formal e informal) implicam mudanças no que respeita ao conhecimento, à compreensão, às habilidades e às atitudes dos indivíduos (p. 28). Rogers (2014b) alerta para o facto de se estremarem estes tipos de aprendizagem, já que as fronteiras entre eles se vão diluindo; por essa razão, considera mais correto entender “formalidade” e “informalidade” como atributos dos vários momentos de aprendizagem que envolvem os intervenientes em determinados contextos (p. 10). Assim, para este autor, a aprendizagem processa-se num *continuum*, que decorre da aprendizagem informal (acidental ou incidental), passando pela não formal, até à formal. Neste *continuum*, as fronteiras esbatem-se, na medida em que na aprendizagem não formal e informal, existem elementos de formalidade (*e.g.* participação voluntária em *workshops*, conferências); assim como a aprendizagem formal possui elementos de informalidade (*e.g.* a aprendizagem de uma língua estrangeira, que não ocorre, apenas, tecnicamente e de forma descontextualizada, implica aquisição de valores, a socialização da cultura específica desse país).

Segundo Williams (1993, citado por Rogers, 2014a; 2014b), uma grande parte da aprendizagem feita pelas pessoas é informal, *i.e.*, sem recurso a instituições de ensino. Nesse mesmo sentido, Canário (2021) defende que, em grande parte, as aprendizagens decorrem de situações do quotidiano, sem recurso a relações pedagógicas (mestre – aluno). Contudo, apesar desta valorização da aprendizagem não formal, não se deve ignorar/abandonar o “modelo escolar” (p. 72).

No ponto seguinte, far-se-á uma pequena incursão sobre a aprendizagem informal, na medida em que perceber o processo que envolve este tipo de aprendizagem, é basilar para um melhor enquadramento da História de Vida da pessoa sobre a qual versa o estudo desta dissertação, o senhor Carlos de Jesus Garcia.

3.2. Aprendizagem Informal

No sentido de melhor se entender a abrangência deste tipo de aprendizagem, ignorada por muitos por ser invisível, utilizar-se-á a figura 1, abaixo representada. Através da visualização e da explicitação dos seus elementos constituintes, poder-se-á, também, ter uma melhor percepção da importância da aprendizagem informal, como se referiu anteriormente, no que se refere à temática e ao desenvolvimento do trabalho em curso, baseado num caso real, a História de Vida do senhor Carlos Garcia, que poderá ser ilustrativo da existência e do valor deste tipo de aprendizagem.

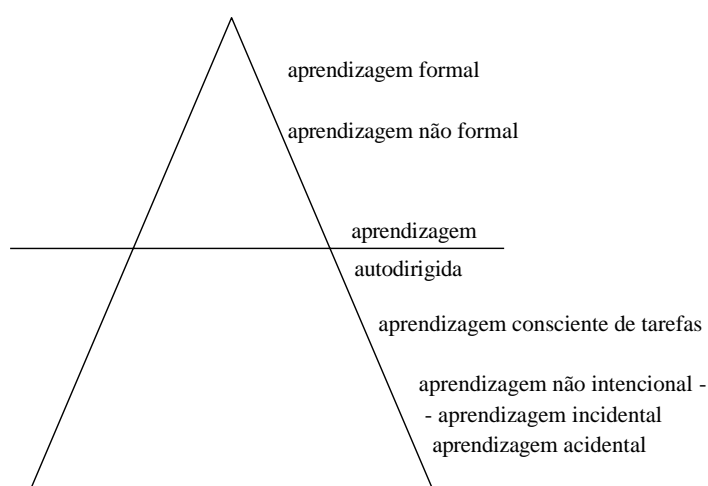


Figura 1 – O *Iceberg* da aprendizagem (Fonte: Rogers, 2014a, p. 22)

Como se pode verificar, recorreu-se, metaforicamente, à “figura” de um *iceberg* para se apresentarem os três tipos de aprendizagem, já referidos anteriormente (no ponto 3.1). Com facilidade, se percebe que a maior extensão do *iceberg*, a que está submersa (abaixo da linha “de água”), portanto invisível, é a que corresponde à aprendizagem informal - “essa imensidade de aprendizagens, que ocorrem, além dos contextos educativos formais” (Oliveira, 1996, p. 55); nela, podem distinguir-se: (a) a aprendizagem autodirigida; (b) a aprendizagem incidental (aprendente consciente da tarefa); e (c) a aprendizagem não intencional (acidental pelo aprendente e incidental pelo educador).

No que respeita à (a) aprendizagem autodirigida, como se observa na figura 1, para Rogers (2014a), esta esbate a fronteira entre a aprendizagem não-formal e a informal, contrariando, assim, aqueles que defendem que a aprendizagem autodirigida é não formal. Sendo esta questão bastante pertinente, para o estudo em curso, dedicar-se-á um subponto (3.2.1), apenas, à autodireção na aprendizagem, à autodidaxia, cujas aprendizagens e

atividades são, maioritariamente, deliberadas e conscientes e realizadas fora de programas ou de instituições de ensino, como já foi referido no ponto anterior (3.1).

No que se refere à (b) aprendizagem incidental, Rogers (2014b) designou-a como “aprendizagem consciente da tarefa” (p. 8), na medida em que o indivíduo, ao envolver-se, intencionalmente, numa tarefa, tem o seu foco nessa mesma tarefa, independentemente de ter ou não consciência de que esse ato (realização da tarefa) lhe imprime imensa aprendizagem. Como defende o autor (2014b), durante o processo, aprende-se muito.

Relativamente à (c) aprendizagem não intencional, para Rogers (2014b), esta não é planeada e é, quase sempre, inconsciente por parte do aprendente, a que chama aprendizagem acidental). No entanto, o autor chama a atenção para o facto de a aprendizagem involuntária não ser sempre acidental, mas também intencional (por parte do educador). Ele apresenta como exemplo as campanhas contra o tabagismo, que entram no campo da aprendizagem pretendida pelo educador, i.e., aprendizagem incidental. Aqui, considera-se relevante fazer menção à distinção, obtida através de estudos de caso realizados por Eraut e Livingstone (2000; 2010, citados por Rogers, 2014a), que consideraram que a aprendizagem “reativa” se desenvolve através da reação a um estímulo externo e que a “deliberativa” é uma “aprendizagem pretendida e procurada desde o início”, sendo que uma poderá surgir, com base na outra (p. 19).

Retomando a imagem de *O iceberg de aprendizagem*, constata-se que o invisível, que está abaixo da linha (aprendizagem informal, não intencional), é maior e suporta o que está acima da linha (aprendizagem formal, não formal); no entanto, no ponto de união entre a parte submersa e a parte emergente (a “linha de água”) está localizada a aprendizagem autodirigida, ou seja, mediando as aprendizagens informal e não formal (Rogers, 2014a, p. 17), mas, igualmente, importante para a aprendizagem formal.

A questão urge: de que modo tudo isto se processa?

Julga-se obter a resposta, se se estiver ciente de que, ao longo de toda a sua vida, o ser humano se defronta, e confronta, com “situações educativas que não são necessariamente intencionais nem conscientes” (Canário, 2021, p. 72), visto que em todo o lado existe aprendizagem. A aprendizagem informal e a vida são, assim, igualmente vastas, já que as atividades diárias e as relações interpessoais estabelecidas pelos indivíduos dependem dessa mesma aprendizagem (Rogers, 2014b). Segundo este mesmo autor, ao longo das suas vidas - e “à medida que a sua comunidade muda ou (...) que os interesses mudam com a idade” - os indivíduos aprendem, ao desempenharem “novos papéis” (e.g. pai/mãe, proprietário/a, reformado/a) ou “velhos papéis” de uma forma distinta” (p. 20).

Melhor entendimento se terá, se, a crescer aos factos anteriores, se valorizar tudo aquilo que cada indivíduo, no seu dia a dia, transporta na sua bagagem, ou seja, os atributos pré-existentes, que são inerentes a cada um, tais como: (a) toda a sua carga conceptual, cognitiva e intelectual; (b) os fundos de conhecimento e os bancos de competências, tácitos, que controlam o que cada um faz; e (c) os padrões de pensamento e de práticas socioculturais (*e.g.* valores, crenças, acidentes e/ou incidentes, inculcados pela família, grupos comunitários ou sociais), que o influenciam inconscientemente (Rogers, 2014a, pp. 16-17). Nas palavras de Canário (2021), a “vida humana deixa de ser encarada como o cumprimento de um destino” e passa a ser considerada “uma *criação* e a afirmação do poder de cada um” (p. 71).

Atualmente, segundo esse mesmo autor, no que respeita aos processos de socialização dos indivíduos (sujeitos/elementos centrais do processo) e de construção da sua experiência, a autonomia e a liberdade que os indivíduos detêm, relativamente à “produção de si”, no futuro, guiam-nos, no processo de autossuperação e de autodidaxia, permitindo-lhes serem mestres de si próprios.

Estas afirmações dão o mote para o ponto seguinte, em que se abordará a questão da autodireção na aprendizagem, que também se designará por autodidaxia, (na literatura, que respeita à aprendizagem autodirigida, muitas outras designações podem ser encontradas).

3.2.1. Autodireção na aprendizagem / Autodidaxia

Como foi abordado no ponto 1 deste capítulo, na Antiguidade Clássica, já se defendia o carácter integral da educação e o seu ideal humanístico. Nessa época, atribuía-se, igualmente, grande importância à autoeducação. Pode referir-se Platão, a título exemplificativo, na medida em que “acreditava que a educação tinha por objetivo primeiro o desenvolvimento da capacidade da auto-educação, para que o cidadão viesse a participar, plenamente, nas actividades da polis” (Oliveira, 1997, p. 37). Avançando no tempo, Comênio, finais do séc. XVI – meados do séc. XVII, fez, também, referência à autodidaxia, defendendo que os livros escolares deveriam ser escritos com métodos claros, de modo que os que não tiveram oportunidade de estudar, nas escolas públicas, pudessem igualmente atingir o objetivo (aprender) (Simões, 1979, p. 28). No séc. XVIII, encontra-se, como personalidade marcante e destacada como autodidata, Benjamin Franklin. Do mesmo modo, ao longo do séc. XX, referem-se, figuras (*e.g.* Charlie Chaplin, Walt Disney, Henri

Ford, entre outros) que se evidenciaram pelos seus notáveis “conhecimentos, adquiridos pelos seus próprios meios” (Brockett & Hiemstra, citados por Oliveira, 1997, p. 37).

Atualmente, como já tem vindo a ser mencionado neste trabalho, a Educação Permanente centra-se e valoriza, essencialmente, o trabalho que o ser humano desenvolve para aprender, i.e., salienta a importância do autodidata, defendendo que cada pessoa consegue “aprender a aprender” (Canário, 2021, p.79), na medida em que a aprendizagem humana decorre num processo contínuo, de aquisição e de atualização de conhecimentos, ao longo de toda a sua vida.

No que respeita ao conceito - aprendizagem autodirigida - dos estudos realizados e apresentados, bem como da discussão dos resultados obtidos (os quais nem sempre unânimes), “tornou-se cada vez mais saliente uma distinção básica: a aprendizagem autodirigida concebida como possuindo uma dupla faceta, a saber, de processo de aprendizagem e de característica da personalidade” (Oliveira, 1997, p. 40). Os estudos seguiram-se, no sentido de identificar os principais fatores, inerentes à personalidade dos indivíduos, que os predispunham, em maior ou menor grau, a ter iniciativa e responsabilidade pela sua própria aprendizagem.

Numa primeira fase, os diferentes estudos foram consensuais, quanto à presença de aprendizagem autodirigida, designando-a como traço ou característica pessoal (autodiretividade) existente em qualquer indivíduo (nuns mais do que noutros). Esta poderia ocorrer em atividades grupais ou individuais e era “um modo preferencial de aprendizagens para certos educandos e certas situações” (Oliveira, 1996, pp. 47-48), “apresentando-se como uma dimensão contínua e não dicotómica” (Danis; Long, citados por Oliveira, 1997, p. 40). Os estudos foram-se sucedendo, surgindo a “segunda etapa do desenvolvimento conceptual”, caracterizada, essencialmente, pela “construção e validação de instrumentos para medir a autodiretividade dos educandos” (Oliveira, 1997, p. 40). Segundo Oliveira (1996), dois dos instrumentos que adquiriram elevada relevância - na avaliação da autodireção – devido à sua utilização em inúmeros estudos realizados, a nível internacional³⁵, foram: a Self-Directed Learning Readiness Scale (SDLRS), de Guglielmino (1977); e o Oddi Continuing Learning Inventory (OCLI), de Oddi (1986).

³⁵ Com base na informação, disponibilizada na página GUGLIELMINO & ASSOCIATES (2022), o SDLRS/LPA [o SDLRS é também conhecido como Learning Preference Assessment (LPA), Avaliação de Preferências de Aprendizagem, para evitar o viés de resposta] tem sido utilizado por mais de 500 grandes organizações em todo o mundo. O referido instrumento, destinado para adultos, foi traduzido, até à presente data, para espanhol, japonês, chinês, coreano, alemão, finlandês, grego, português, italiano, malaio, indonésio, holandês, polaco, russo, turco, lituano, letão, farsi, árabe, tailandês, nepalês e africâner (22 idiomas).

Nestas duas etapas iniciais, os estudos e as investigações foram, principalmente, realizados com base em metodologias de natureza quantitativa. Os instrumentos acima referidos têm sido fundamentais para as investigações, por se terem revelado imprescindíveis na análise da relação existente “entre a autodiretividade do educando e uma diversidade de variáveis psicossociais” (Oliveira, citada por Oliveira, 1997, pp. 40 e 41). Com base nessas investigações, foi possível verificar que os educandos mais predispostos para a direção da própria aprendizagem possuíam: autoconceito elevado, criatividade, satisfação com a vida e maior envolvimento em projetos de aprendizagem autodirigida (Oliveira, citada por Oliveira, 1997).

A terceira etapa demarca-se das duas anteriores, na medida em que as investigações utilizaram metodologias qualitativas, que, segundo Amado (2020) têm como base uma “visão holística da realidade (ou problema) a investigar”, considerando-a no contexto em que se desenvolve (*e.g.* histórico, socioeconômico e cultural), e ambicionando alcançar “a sua ‘compreensão’, através de processos inferenciais e indutivos” (p. 43). Esta ideologia vai ao encontro do proferido por Vieira (1995, citada por Oliveira, 1996) sobre as metodologias desta natureza, caracterizando-as, fundamentalmente, enquanto “estudo dos fenômenos no seu contexto natural”, através da “descrição verbal dos dados” e da procura de significados que as experiências representam para as pessoas (p. 74). Deste modo, atendendo às características enunciadas, estas metodologias revelaram-se bastante profícuas para o estudo da aprendizagem autodirigida, por terem possibilitado um maior aprofundamento dos conhecimentos até aí adquiridos (através dos anteriores paradigmas metodológicos). Os estudos mais aprofundados sobre a autodireção na aprendizagem incidiram, essencialmente, sobre as dimensões: (a) processo/método de aprendizagem e (b) característica/traço de personalidade (Oliveira, 1996, p. 74).

Para o trabalho em desenvolvimento, cujo objetivo principal consiste em compreender a importância da aprendizagem informal (autodirigida), com base no estudo da História de Vida de um senhor de 89 anos, com a escolaridade correspondente ao 4.º ano do Ensino Básico, interessa atentarmos nas principais conclusões obtidas, através de alguns estudos realizados com base em metodologias de natureza qualitativa, visando a autodiretividade (sobre o seu processo de aprendizagem e enquanto construto da personalidade).

Deste modo, baseado no que foi referido, anteriormente, por Oliveira (1996 e 1997), no que concerne ao (a) processo/método de aprendizagem, a autora cita os autores Spear e Mocker (1984), salientando o estudo por eles realizado, que revelou que os processos de aprendizagem (dos adultos estudados) “não eram nem lineares, nem pré-planeados, mas que decorriam das alternativas disponíveis no ambiente”, designando este fenómeno de “circunstância organizadora” (Oliveira, 1996, p. 77). Essa perspectiva veio contrariar a anterior, que os designava, a nível estrutural, de forma idêntica aos que decorriam em contextos formais (Oliveira, 1996). O fenómeno, por eles designado, através do estudo realizado, enfatiza que os fatores acidentais são determinantes na definição de diversos processos de aprendizagem, tal como outros que evidenciam “a influência de variáveis contextuais”, ao contrário das conceitualizações preconizadas, até aí, por vários autores (Oliveira, 1997, p. 41). No que respeita à dimensão (b) característica/traço de personalidade, para Oliveira (1996 e 1997), estudos de diversos autores, atribuíram como principais características dos indivíduos autodirigidos: uma grande autodisciplina e perseverança, a curiosidade, a assertividade, a criatividade, o engenho, a autoconfiança, a pesquisa independente, a integridade e o inconformismo. Com base nesses estudos, concluiu-se, também, que, em comparação com o estudo formal, a aprendizagem autodirigida requer uma maior diversidade de “aptidões e habilidades” - habilidades que se desenvolvem, sobretudo, na realização de atividades extracurriculares - e que os indivíduos “autodirigidos” resistem, mais facilmente, “às contrariedades, aos insucessos e à desaprovação social” (Oliveira, 1996, p. 75).

Importa realçar que o estudo de Spear e Mocker (1984, citados por Oliveira 1996) veio, indubitavelmente, contrapor as perspetivas existentes, no que respeita ao processo da aprendizagem autodirigida, com particular incidência nas preconizadas por Tough e Knowles (1971 e 1975, citados por Oliveira, 1996). Não obstante essa realidade, não se deve olvidar “o facto dos sujeitos da amostra terem um nível de educação formal baixo”, o que impede a generalização desta perspetiva a grupos com características distintas (Oliveira, 1996, p. 78).

No entanto, assume extrema importância para a pesquisa que se está a desenvolver, na medida em que o indivíduo sobre o qual recai o estudo, o senhor Carlos Garcia, detém, apenas, a “quarta classe”, correspondente ao primeiro ciclo do ensino básico (1.º CEB) de educação formal, ou seja, enquadra-se, perfeitamente, nas características dos indivíduos que constituíram a amostra do estudo referido anteriormente.

Conclusão do Capítulo

Este primeiro capítulo conclui-se, assim, na expectativa de se ter conseguido (1) mostrar a premência da Educação Permanente, enquanto ideologia e instrumento necessários para enfrentar as mudanças económicas, tecnológicas e sociais, que foram ocorrendo, em grande escala, sobretudo no período pós segunda guerra mundial, às quais a educação formal (tradicional) não estava a conseguir responder, apresentando-se com limitações, considerando a educação, apenas, em âmbito estritamente escolar. De igual modo, espera-se (2) ter-se deixado claro que, pelo facto de, hoje, se valorizarem as aprendizagens não formais e informais (que estão na base e ocupam a maior parte do *iceberg da aprendizagem*) não se nega de todo a importância da aprendizagem formal. Assim como (3) fazer-se compreender a pertinência da Educação Permanente, na atualidade, cuja ideia central, e que se pretende sobrelevar, corresponde à importância atribuída ao trabalho que cada um realiza para aprender, o “labor autodidático” (Canário, 2021, p. 79), sem, no entanto, descurar, no seu dia a dia, a importância das suas experiências, do relacionamento com os outros e com meio ambiente circundante.

Os temas abordados, ao longo deste capítulo, consideram-se essenciais, como já tem vindo a ser referido, para melhor se compreender e integrar o estudo sobre a História de Vida do senhor Carlos Garcia e que será desenvolvido na segunda parte desta dissertação.

Capítulo 2 - Estudos (auto)biográficos: as Histórias de Vida

“[As] escritas da vida (auto.bio.grafias) (...) evidenciam o destino do humano como ser dotado de linguagem sem a qual fenecem sua capacidade de memória, seu poder para retrazar sua história e seu querer projetar-se em devir”(Passeggi et al., 2012, p. 51).

Introdução ao capítulo³⁶

A pertinência deste capítulo, no enquadramento teórico desta dissertação, resulta do tipo de estudo que se apresenta na segunda parte do trabalho, que consiste na História de Vida de uma pessoa que deixará um legado imenso para as gerações futuras e que constitui uma referência de cidadania e de humanismo na comunidade onde vive.

Primeiramente, fez-se uma pequena sinopse da evolução dos estudos (auto)biográficos³⁷, ao longo de um século (início do Séc. XX - início do Séc. XXI), seguida de uma breve referência às distintas modalidades e, conseqüentemente, distintos modelos dos métodos biográficos. Um segundo momento apresentará uma dessas modalidades, considerada como uma das ferramentas privilegiadas na investigação qualitativa, as *Histórias de Vida*, mencionando, alguns dos seus aspetos metodológicos, bem como as vantagens e os limites da estratégia de investigação na qual se enquadram. Num terceiro momento, dar-se-á nota da relevância das abordagens (auto)biográficas na Educação e Formação de Adultos, no sentido de se compreender de que modo, através das suas *Histórias de Vida*, o ser humano é capaz de ver e de criticar a sua vida no seu sentido global (enquanto ser individual, social, inserido num determinado contexto, espaço e tempo), refletindo criticamente sobre ela, promovendo o autoconhecimento, que permitirá a sua transformação e favorecerá a sua emancipação.

I. Estudos (auto)biográficos

Aquando da revisão bibliográfica para este trabalho, a mestranda viu-se confrontada com diferentes terminologias, tais como, pesquisa (auto)biográfica, método (auto)biográfico, metodologia biográfica, para designar o tipo de estudos que são

³⁶ Este capítulo resultou do trabalho elaborado, pela mestranda, para a unidade curricular Metodologia do Projeto Científico II, ministrada no segundo semestre do 1.º ano do MEFAIC. A escolha do tema *Estudos (auto)biográficos: a importância das Histórias de Vida na investigação qualitativa em educação* e formação assumiu extrema importância, ao nível da pesquisa e da revisão bibliográfica, para o desenvolvimento do projeto de investigação em curso.

³⁷ Segundo Gonçalves (Amado & Ferreira, 2020b, p. 173) há “uma pluralidade de perspetivas teóricas, de objetos de estudo, de técnicas de recolha de dados, o que justifica a designação do método no plural”. No decurso deste trabalho pretende-se clarificar cada período desta definição.

realizados, na investigação qualitativa em Educação, com o intuito de compreender e de descrever o modo como os seres humanos se relacionam com os outros, com os contextos e os sistemas em que estiveram/ estão inseridos ao longo da sua vida. Estes estudos representam, assim, “uma verdadeira fonte de conhecimento sociocultural dos indivíduos e dos grupos, comunidades e sociedades em que eles se inserem, de relevo para a (re)construção da memória e da identidade coletiva” (Durão e Cardoso, 1996; Gonçalves, 1997; Vieira, 1999, citados por Amado & Ferreira, 2020b, p. 171). Deste modo, traduzem-se numa estratégia fundamental na investigação qualitativa, alvo de interesse e de estudo nas mais diversas áreas do saber, nomeadamente nas das Ciências Sociais (e.g. medicina, psicologia, antropologia e sociologia).

1.1. Primeiros estudos científicos e sua disseminação

O interesse pelas narrativas de personagens e de heróis lendários, individuais ou coletivas (e.g. *Ilíada*, de Homero³⁸, *Os Lusíadas*, de Luís de Camões³⁹) ou pela escrita biográfica de pessoas marcantes, a nível nacional e/ou internacional, (e.g. *15 Portugueses Ilustres*⁴⁰, de Paulo Marques), representa uma prática, bastante antiga, própria do ser humano, e que foi sendo replicada ao longo da História, desde a antiguidade, atingindo um incremento de popularidade nos nossos dias. O mesmo se processou, e processa, no que respeita às narrativas autobiográficas. Os tipos de narrativas, (auto)biográficas, são tidos como técnicas fundamentais nas ciências sociais e humanas, na medida em que desempenharam, e desempenham, um papel importante na vida social, por ser uma das formas de transmitir os conhecimentos e experiências de uma geração para a outra, permitindo o conhecimento social de um determinado momento histórico (Cordero, 2012). Assim, torna-se compreensível o interesse despertado pelas narrativas das (auto)biografias nas mais diversas áreas do conhecimento, ao longo dos séculos⁴¹, obtendo, atualmente, uma crescente popularidade.

³⁸ Poema épico que decorre durante o décimo ano da guerra de Tróia, tratando da ira, do heroísmo e das aventuras e desventuras de Aquiles, herói e semideus da mitologia grega (Lourenço, 2019).

³⁹ Poema épico que exalta a glória e toda a história do povo português, dos seus feitos e das suas grandes conquistas (Leitão, 2006).

⁴⁰ “Uma viagem ao longo de todo o século XX que aborda a vida de quinze grandes personalidades portuguesas e as suas importantes contribuições em áreas como a Literatura, a Educação, a Cultura, a Arte e a Política” (Marques, 2012, sinopse - contracapa).

⁴¹ A título exemplificativo, referem-se os trabalhos realizados, no Séc. XIX, na área do jornalismo, com as crónicas realizadas e publicadas pelo jornalista londrino Mayhew, baseadas em Histórias de Vida de indivíduos pertencentes a classes pobres, minoritárias e marginalizadas socialmente; na área da psicologia, com Allport, a recorrer a documentos pessoais para compreender a personalidade dos sujeitos; ou, na área

Sem se pretender ser exaustivo, julga-se pertinente, no âmbito do presente trabalho, apresentar uma breve sinopse da evolução dos estudos (auto)biográficos, ao longo de um século (ou seja, do primeiro quartel do Séc. XX até ao presente, anos 20 do Séc. XXI), época em que se perspectivavam as primeiras investigações na área da sociologia com a denominada Escola de Chicago. Estas investigações conjugavam a aplicação de técnicas antropológicas com as do embrionário método biográfico (*e.g.* a observação participante e outros métodos) para estudar comunidades imigrantes, excluídas socialmente, na cidade de Chicago, no início do Séc. XX. Em 1918, a obra, *The Polish peasant in Europe and America*, publicada por William Isaac Thomas e Florian Znaniecki, apresenta-se como um marco para estes estudos, por ser “pioneira pelo seu carácter plurimetodológico e, sobretudo, (...) pela utilização de material biográfico” (Tinoco, 2004, p. 3), através do qual (*e.g.* diários, cartas) puderam firmar o seu estudo, que pretendia analisar as vivências da comunidade de imigrantes polacos, de origem rural, na cidade de Chicago (Tinoco, 2004; Cordero, 2012). Apesar do recurso ao método biográfico ser relevante, nas investigações qualitativas, ainda não tinha adquirido a sua autonomização. Deste modo, dos anos 40 aos anos 60, no âmbito das ciências sociais e humanas, assistiu-se ao predomínio dos métodos quantitativos, suplantando as abordagens qualitativas, bem como os estudos com recurso às narrativas das Histórias de Vida. Em 1963, graças ao trabalho de Óscar Lewis, *The children of Sanchez*, “os projetos biográficos acabaram por se multiplicar” (Tinoco, 2004, p. 4), revertendo um pouco a situação, passando a verificar-se o interesse de diversas ciências (*e.g.* psicologia, criminologia, sociologia) por esta “possibilidade metodológica” (Tinoco, 2004, p. 4). No entanto, foi nos anos 80 que se assistiu à eclosão das Histórias de Vida, na área das ciências humanas e da formação, difundidas pelos numerosos estudos de natureza (auto)biográfica que surgiram em massa, expandindo-se e trazendo, novamente, a pessoa humana (sua identidade e subjetividade) para o centro da investigação; contrariamente ao que era defendido, nos “feudos científicos” pelas doutrinas dos “doutores em ciências humanas e sociais daquela época, que pretendiam construir um saber objetivo sem sujeito [taxando-as] de ilusão biográfica” (Pineau, 2006, p. 333).

Ao longo dos anos 90, assistiu-se à diversificação da expressão do movimento, através da criação de associações e de fundações, favorecidas pelas sinergias criadas entre

da antropologia, com os estudos feitos através da recolha biográfica de indivíduos pertencentes a comunidades em vias de extinção (*e.g.* comunidade de índios) cujas culturas, práticas e costumes diferentes e, até, exóticos suscitaram grande interesse para estudo das variações culturais entre os povos (Tinoco, 2004; Cordero, 2012)

os elementos das redes, criadas ao longo dos anos 80, sobretudo no espaço franco-quebequense, que, entretanto, se foi disseminando através das redes internacionais. No início dos anos 2000, assistiu-se a um desenvolvimento diferenciado das Histórias de Vida. Assim, não obstante a sua entrada “ilícita” à luz dos “paradigmas dominantes da época (*e.g.* behaviorismo, marxismo, estruturalismo) que tendiam a apagar o sujeito nas Ciências Sociais e Humanas”(Passeggi et al., 2012, p. 31), nos nossos dias, as Histórias de Vida continuam a utilizar-se como estratégias metodológicas em muitas investigações (Cordero, 2012). Atualmente, segundo Amado e Ferreira (2020b), graças a autores como Bertaux, Ferrarotti, Thompson, entre outros, “o método [biográfico] tornou-se verdadeiramente autónomo e com identidade própria” (pp. 172-173).

1.2. Métodos biográficos: modalidades e modelos distintos

Após pesquisas feitas, no que respeita às terminologias utilizadas, pelas diversas correntes, para se tentar construir sentido com base em experiências vividas pelo ser humano, recensearam-se mais de vinte termos⁴², segundo Pineau (2002, citado por Pineau, 2006). Para este autor, mediante o que o título sugerir, estas poderão ser agrupadas num de três conjuntos, se se tratar de: (1) uma “entrada pessoal”, íntima (*e.g.* diários, cartas, confissões...); (2) uma “entrada temporal” (*e.g.* genealogias, memórias, efemérides); (3) uma “entrada pela própria vida” (*e.g.* biografias, auto e hagiografias, Histórias de Vida) (Pineau, 2006, p. 338). Para o presente trabalho, interessa focar a atenção sobre as que têm “entrada pela própria vida” e compreender que os métodos biográficos correspondem a uma estratégia de investigação que se realiza em modalidades diferentes, das quais se destacam: (a) as biografias (escrita da vida de outrem) e as autobiografias (escrita da sua própria vida), cujos documentos pessoais assumem um valor intrínseco por si mesmos; e (b) “as Histórias de Vida, em que se procura mais estabelecer a relação do indivíduo com os contextos sociais e culturais do seu projeto pessoal” (Amado & Ferreira, 2020b, p. 176). Neste âmbito, interessa, também, entender que as diferentes terminologias “apontam, etimologicamente, objetivos e meios diferentes” (Pineau, 2006, p. 341) e que o pesquisador (ou profissional) terá de ter sempre presente o lugar que deve ocupar, conforme o tipo de modelo como qual estiver a trabalhar/ analisar.

⁴² Alguns exemplos de terminologias (com entrada por *Vida/ Bio*), segundo os tipos de vida privilegiados, segundo Pineau (2006, p. 339): (a) Biografia: *Perspectiva Biográfica* (Legrand, 1993); *Biografia Educativa* (Josso, 1991); (b) Autobiografia: *Signos de Vida: o pacto autobiográfico* (Lejeune, 2005); (c) Histórias de Vida: *Histórias de Vida de crianças* (Abels, 1998); *Histórias de Vida em formação* (Lainé, 1998).

Segundo Pineau e Le Grand (2002, citados por Pineau, 2006), poder-se-á estar perante três modelos: (1) o biográfico, em que os intervenientes (sujeito e pesquisador) assumem funções com o necessário distanciamento, o sujeito enquanto fornecedor de informação e, por outro, o pesquisador que trata, objetivamente, a informação facultada pelo sujeito, sem manter proximidade com este (a fim de construir um saber objetivo); (2) o autobiográfico, em que o sujeito assume a exclusiva responsabilidade pela expressão e pela construção de sentido da obra, relegando o pesquisador para a função de auditor ou de leitor, sendo-lhe retirada a função de interlocutor; e, por fim, (3) o interativo ou dialógico, no qual se trabalha uma nova relação de lugar entre o sujeito e o pesquisador com vista à co-construção de significado. Neste modelo, “o sentido não é redutível à consciência dos autores nem à análise dos pesquisadores” (Pineau, 2006, p. 341).

Após este breve enquadramento, no que respeita às distintas modalidades e consequente diversidade de modelos dos métodos biográficos, o capítulo seguinte será reservado a uma dessas modalidades, considerada como uma das ferramentas privilegiadas na investigação qualitativa.

2. As Histórias de Vida

“Cada um de nós traz dentro de si uma história fascinante” (Paulilo, 1999, p. 145).

Os indivíduos, enquanto atores humanos e participantes na vida social, vão reconstruindo os eventos por si vivenciados e transmitindo a sua experiência de vida, apresentando na sua narração os seus vividos (análise da realidade por eles vivida e a reflexão sobre as suas vidas), que são captados e mediados pelo investigador (reflexividade assistida), que os transcreve. Deste modo, a História de Vida traduz-se na “forma como uma pessoa narra de forma profunda as experiências de vida de acordo com a interpretação que deu à sua vida e o significado que tem de uma interação social” (Cordero, 2012, p. 53).

Assim, a História de Vida (entendida como a narração da experiência de vida de uma pessoa, repleta de preciosos significados, sentidos e valores, quer a nível individual e/ou social), ocupa um lugar de destaque como técnica de recolha de dados numa abordagem qualitativa (Paulilo, 1999; Aires, 2015).

2.1. Ferramenta valiosa nas abordagens qualitativas

Nas abordagens qualitativas, a diversificação de técnicas, num mesmo estudo, apresenta-se como algo ideal, na medida em que a sua combinação (triangulação de

técnicas) poderá contribuir para a credibilidade e robustez científica do estudo. Pese embora o referido anteriormente, importa ressaltar que a “seleção das técnicas a utilizar durante o processo de pesquisa constitui uma etapa que o investigador não pode minimizar, pois destas depende a concretização dos objetivos do trabalho de campo” (Aires, 2015, p. 24) e que a escolha das técnicas depende dos objetivos das metodologias. Segundo Amado e Ferreira (2020b), os estudos (auto)biográficos são um tipo de investigação que tem como objetivo “captar, através de um relato ou narrativa, a interpretação que determinada pessoa faz do seu percurso de vida” (p. 171), contribuindo para esse facto a diversidade de experiências e de sentimentos, vivenciados por ela em determinadas circunstâncias ou contextos, em conexão com os outros e os vários sistemas.

Destarte, facilmente se compreende a importância assumida pelas Histórias de Vida nas abordagens qualitativas, uma vez que estas permitem entender o que acontece na intersecção da vida individual com o contexto social, bem como perceber de que modo elementos do presente detêm a sua essência em experiências passadas, quando evocadas pela memória (Paulilo, 1999, pp. 140 -141).

Ainda, neste sentido, Haguette (1987, citado por Paulilo, 1999) considera que “a História de Vida, mais do que qualquer outra técnica, exceto talvez a observação participante, é aquela capaz de dar sentido à noção de processo em movimento” (p. 141), implicando a compreensão e o estudo dos acontecimentos narrados, sob o ponto de vista de quem os vivencia, tendo em conta a sua origem, as suas realidades, os seus avanços e seus constrangimentos. Complementando esta ideia, pode afirmar-se que a técnica em apreço se apresenta como um instrumento valioso, na medida em que “se coloca justamente no ponto de intersecção das relações entre o que é exterior ao indivíduo e aquilo que ele traz dentro de si” (Camargo, 1984, citado por Paulilo, 1999, p. 142).

Como se pode verificar pelo exposto, as Histórias de Vida, enquanto técnicas de recolha de informação, diretas ou interativas, apresentam um carácter global, e a “informação recolhida deve ser enquadrada numa perspetiva sociocultural” (Aires, 2015, p. 41) e numa dimensão temporal. Para Denzin (1984, citado por Paulilo, 1999), a temporalidade é elementar nos estudos biográficos, pois “as pessoas contam mais do que uma vida, elas contam a vida de uma época, de um grupo, de um povo” (p. 142). Tal como Ferrarotti (1991) tinha preconizado que “o [coletivo] social e o singular universal [se iluminavam] reciprocamente” (p. 173), havendo uma reapropriação singular do universal social e histórico. Cada pessoa vive na, e avalia a, sociedade, através do contexto social

onde está inserido em pequenos grupos. Por seu turno, cada indivíduo, nesses grupos, é um agente social ativo, totalizando o seu contexto (Ferrarotti, 1991).

2.2. Aspectos metodológicos

Neste momento do trabalho, considera-se relevante definir os objetivos que fundamentam a utilização das Histórias de Vida com a finalidade de construir conhecimento científico. Assim, de acordo com Ruíz Olabuenágana (2003, citado por Cordero, 2012), consideram-se os seguintes objetivos, como método de investigação: (1) apreender a totalidade da experiência biográfica (no tempo, no espaço, nos contextos e nas situações envolventes, nas relações, nas definições e situações de vida); (2) descobrir as ambiguidades e as mudanças que ocorrem ao longo da vida (imprecisões, dúvidas, contradições); (3) obter uma visão subjetiva (de se ver a si e ao mundo, como interpretar o seu comportamento e o dos outros); e (4) compreender o modo como se devem interpretar os fenómenos sociais (a nível geral e histórico).

Estabelecidos os objetivos, importa referir a forma como as Histórias de Vida podem ser aplicadas. Com base no estabelecido por Cornejo et al. (2008, citados por Cordero, 2012), pode definir-se um modelo de trabalho para a investigação com Histórias de Vida, obedecendo a quatro fases:

- (1) a fase preliminar, período em que o investigador, antes de encetar as recolhas, por um lado, deve escolher o tema e a perspetiva de abordagem (o porquê de investigar um determinado tema, em detrimento de outros, e as motivações para o fazer); por outro lado, deve fazer uma revisão de literatura científica (crítica e relevante, de modo a aprofundar o conhecimento sobre o objeto de estudo, com recurso a fontes recentes);
- (2) a fase em que se estabelecem os contactos, as negociações e os contratos; este é o espaço em que as questões científicas se intercetam com as questões éticas, preponderantes nesta fase [definição e aplicação dos critérios de inclusão/exclusão de participantes, fornecimento de informações sobre os objetivos e os conteúdos da investigação, explicação sobre o consentimento informado, apresentação do(s) investigador(es)];

(3) a fase de recolha das Histórias de Vida, através da entrevista⁴³. As Histórias de Vida correspondem a versões da história que um sujeito/ narrador conta ao investigador, ou narrador individual, através de uma entrevista. Deste modo, o investigador tem de ter em conta alguns aspetos relevantes (a quantidade, o tempo, a cadência e a orientação das entrevistas, a fidelidade na transcrição das histórias, mantendo o seu carácter original, desde os lapsos às expressões idiomáticas, e o recurso a um caderno de bordo);

(4) e a fase da análise das narrativas, que poderá orientar-se para dimensões que evidenciem os conteúdos ou a forma, ou que considerem o seu carácter holístico (análise holística), ou as categorias temáticas (a análise de conteúdo). Importa perceber que “a análise de conteúdo permite o confronto e a comparação de várias narrativas, ao passo que a análise holística é mais pertinente quando nos debruçamos sobre um relato apenas e intencionalmente tomado em profundidade” (Amado & Ferreira, 2020b, p. 179). Os métodos de análise devem ser adaptados ao objeto de estudo e ao tipo de resultados que se pretende obter e nunca o contrário (Cornejo et al., citados por Cordero, 2012, p. 56).

A este respeito, considera-se importante referir que, para a recolha de elementos, que irão ser objeto de análise, na parte empírica desta dissertação, irão ser utilizados, na terminologia usada por Ferrarotti (1988, citado por Bueno, 2002), “materiais biográficos primários (*e.g.* História de Vida, recolhida) através da entrevista; e os materiais biográficos secundários (*e.g.* fotografias, escritos pessoais, documentos oficiais, livros escritos pelo autor) cuja produção e existência não tiveram por objetivo servir a fins de pesquisa” (p. 18).

No que respeita à análise interpretativa das entrevistas, no âmbito da preparação do texto (construção da história), o investigador deve ter em consideração alguns requisitos para a sua elaboração: enquadramento dos dados, sem impedir a sua flexibilidade; a dinâmica e a codificação da linguagem, atendendo ao significado das palavras, bem como à forma como são ditas (contradições, clarificações, silêncios); a interpretação e a compreensão do significado; a comunicação entre os intervenientes (empatia, interação);

⁴³ Do ponto de vista metodológico, as Histórias de Vida não diferem das outras entrevistas, no entanto resultam de uma forma particular de entrevista (biográfica), que em certos aspetos detém algumas particularidades que devem ser tidas em conta (a definição do número de participantes, intrinsecamente ligada à questão da representatividade; a determinação dos limites cronológicos da investigação; a representatividade que se quer conceder aos dados, quanto ao número de histórias a trabalhar ou a quantidade de dados; a planificação e a preparação da entrevista; a criação de um ambiente propício ao estabelecimento de empatia e de confiança entre investigador e investigado. (Fontana & Frey, 2003, citados por Amado e Ferreira, 2020b).

e, por fim, “a construção, que é o resultado do complexo processo de recolha/interpretação, extração/codificação e ação/interação” (Ruíz Olabuenágana, 2012, citado por Cordero, 2012, p. 57).

Para concluir, julga-se relevante referir que o investigador, que aplica a metodologia qualitativa, assume um papel fundamental e que ele, para além de ter de estar atento a todos os requisitos essenciais, e eticamente necessários, para a boa prossecução da pesquisa⁴⁴, deve ter, também, determinadas aptidões⁴⁵ e características⁴⁶ pessoais. Dele espera-se, também, que detenha bons conhecimentos sobre o participante, que está a estudar (*e.g.* a sua realidade, contexto e cultura), de modo a conseguir realizar um bom trabalho, pois essa poderá ser uma das dificuldades das que irão ser abordadas de seguida (na subdivisão 2.3). Por fim, deve-se salientar que o investigador, em investigação qualitativa, deve deter uma visão holística, “uma grande amplitude de conhecimentos e a capacidade de apreender conhecimentos tácitos (...). Em suma, para obter e produzir informação, deve utilizar a reflexão, o seu sentido crítico e a empatia” (Cordero, 2012, p. 59).

2.3. Vantagens e limitações metodológicas

As Histórias de Vida fazem parte do campo da investigação qualitativa e, segundo Vallés (1997, citado por Cordero, 2012), podem ser consideradas como “a técnica emblemática dentro da metodologia biográfica” (p. 52). O interesse despertado sobre elas, entabulou alguns debates e/ ou reflexões no que respeita às vantagens e às limitações dos métodos (auto)biográficos. Deste modo, considera-se importante apresentar alguns dos aspetos que têm sido considerados.

No que respeita às vantagens, os métodos (auto)biográficos:

⁴⁴ O investigador deve realizar reuniões com os participantes, garantir o seu anonimato, ir ao encontro das suas conveniência e disponibilidade, criar um ambiente seguro e de confiança, transcrever integralmente a entrevista e partilhar o transcrito, dar a assinar o Consentimento Informado (Taylor e Bodgan, 1984; Viruet, 1997; Atkinson, 1998, citados por Cordero, 2012).

⁴⁵ Tais como, ter curiosidade (vontade, gosto de conhecer aspetos de interesse para a investigação); saber ouvir (ser paciente, atento); ser eloquente (deter um bom conhecimento e domínio do tema em estudo, para fazer boas perguntas e ter capacidade de análise); deter imparcialidade (conseguir manter o distanciamento sem deixar de ser empático); ser flexível e pragmático (ser capaz de lidar com situações imprevistas e de resolver constrangimentos); ser polivalente (para abarcar as múltiplas tarefas que lhe são exigidas); ser claro e objetivo (deter confiança e transmitir segurança) (Tójar, 2006, citado por Cordero, 2012).

⁴⁶ O entrevistador deve ser: ativo; atento (para não se deixar ludibriar pelo sujeito que narra a história); ser coerente e rigoroso (transmitir uma imagem aceitável de si) (Pérez Serrano, 2000, citado por Cordero, 2012).

(a) permitem captar os processos e as formas como os indivíduos apreendem o significado da sua vida social, podendo, assim, depreender-se o significado que a vida tem para eles (Pérez, 2000, citado por Cordero, 2012, p. 52); (b) “oferecem a possibilidade de ter em conta as perspetivas subjetivas e as interpretações individuais dos sujeitos no contexto dos processos sociais” (Roberts, 2002: 19; Green e Thorogoog, 2009, citados por Amado e Ferreira, 2020b, p. 186); (c) “facultam o acesso, em profundidade, ao universo das relações sociais primárias” (Gonçalves, 1997 citado por Amado & Ferreira, 2020b, p. 186); (d) “servem de controlo das perspetivas globais e macro ao contrapor-lhes a sua visão específica e micro” (Roberts, 2002: 19; citado por Amado & Ferreira, 2020b, p. 186); (e) “permitem uma abordagem exploratória ou complementar, em desenhos mais amplos de investigação” (Creswell, 1998; Roberts, 2002; Green e Thorogoog, 2009, citados por Amado & Ferreira, 2020b, p. 186)

Os conhecimentos produzidos pelos métodos biográficos, veiculados pela técnica em apreço, assumem grande valor e riqueza no âmbito da educação e da formação, uma vez que facultam informação sobre os ciclos de vida das pessoas (Aires, 2015, p. 42) e ajudam a explicitar intuições a elas intrínsecas, nomeadamente “a ignorância de si próprio e da própria experiência ligada à possibilidade de construir esses conhecimentos de si próprio através da mediação do outro e da expressão oral ou escrita” (Berton, 2014, p. 101).

Relativamente às limitações dos métodos (auto)biográficos, estas encontram-se intimamente ligadas às do próprio processo, que se prendem com preocupações com o rigor científico e a ética em pesquisa. Passeggi et al. (2016) reforçam esta ideia ao afirmarem que a “inquietação com o rigor científico na construção dos conhecimentos com base em narrativas autobiográficas [se] desdobra em cuidado com a ética no uso dessas fontes e na elaboração do método de pesquisa” (p. 113). Nas reflexões que apresentam no seu estudo, destacam, ainda, a importância de se resguardar o respeito pela singularidade de quem está a narrar (crentes de que no seu trabalho foi devidamente acautelado).

Julgou-se pertinente referir este facto, uma vez que uma das críticas, frequentemente, apresentadas aos estudos (auto)biográficos (em particular a uma das técnicas, as Histórias de Vida) prende-se com a questão da subjetividade, como se pode verificar, pelas palavras de Bourdieu (1986), no artigo *L'illusion biographique*.

Apesar das opiniões adversas, pode referir-se que é através do amálgama de experiências subjetivas a contextos sociais que as Histórias de Vida fornecem “base consistente para o entendimento do componente histórico dos fenómenos individuais, assim como para a compreensão do componente individual dos fenómenos históricos”

(Paulilo, 1999, pp. 142-143). No artigo referido anteriormente, Bourdieu (1986) levanta, ainda, a problemática da “cumplicidade natural do biógrafo” (p. 69) (a questão da proximidade entre o sujeito entrevistador/pesquisador e o sujeito entrevistado/investigado). A acrescer a este facto, poderão enunciar-se, também, algumas fragilidades que, no âmbito das entrevistas biográficas, poderão surgir e que se prendem, por um lado, com a resistência que se pode fazer notar, em alguns casos, por parte dos sujeitos investigados, ou, por outro lado, a componente afetiva que se encontra presente, durante os discursos (Amado & Ferreira, 2020b, p. 186), decorrente da relação dialógica estabelecida entre a pessoa que investiga/ entrevista e a pessoa investigada/ entrevistada.

De acordo com Aires (2015), devem ter-se, também, em conta os aspetos inerentes à existência de diferenças entre o investigador e o investigado (*e.g.* linguagem, valores, culturas). Por fim, mas não menos importantes, mencionam-se os aspetos relativos à fidelidade da memória em relação aos factos e às análises que vão fazendo, por parte dos sujeitos investigados (Roberts, 2002, citado por Amado & Ferreira, 2020b, p. 186), pois como adverte Farias (1994, citado por Paulilo, 1999, p. 141) “as entrevistas das Histórias de Vida trabalham com a memória e, portanto, com seletividade, o que faz com que o entrevistado aprofunde determinados assuntos e afaste outros da discussão”.

Assim, pelo exposto, tornam-se perceptíveis as palavras de Amado e Ferreira (2020b, p. 186) ao referir que uma tão grande aproximação “aos sujeitos da investigação implica, forçosamente, um conjunto de atitudes e predisposições do investigador (...) sem as quais seria impossível seguir a linha desta estratégia (...) que assenta numa imprescindível base de confiança entre as partes envolvidas” (p. 187).

As metodologias biográficas têm sido usadas amplamente também com objetivos diversos, para além daqueles que implicam o trabalho científico. No último ponto deste capítulo abordar-se-á brevemente essas outras finalidades, atendendo ao cerne das práticas de educação e formação que estão cobertas pela nossa área de especialização do mestrado.

3. Importância das abordagens (auto)biográficas em educação e formação

Neste último capítulo pretende-se mostrar, de forma breve, mas incisiva, a importância que assumem as abordagens (auto)biográficas na Educação e Formação de Adultos, por se considerar de relevante interesse no mestrado em que este trabalho está a ser desenvolvido.

Deste modo, julga-se pertinente, voltar ao início dos anos 80 do Séc. XX, época que assistiu à entrada, na clandestinidade, do sujeito autobiográfico (e das Histórias de Vida) no campo das ciências humanas e da formação (Pineau, 2006; Passeggi, 2018). Nesta década, emergiram as narrativas autobiográficas em educação, instituindo-se as Histórias de Vida em formação, em que o sujeito assumiu o papel de “ator-autor-em-devir (...) em oposição aos paradigmas dominantes [na] época (e.g. behaviorismo, marxismo, estruturalismo), que tendiam a apagar o sujeito nas Ciências Sociais e Humanas” (Passeggi et al., 2012, p. 31), conforme já tinha sido referido no primeiro capítulo. Neste sentido, Amado (2020, citando Correia, 1996, p. 25) confere aos estudos (auto)biográficos o reconhecimento de grandes “potencialidades heurísticas e formativas que, por sua vez, assentam num outro pressuposto que é o de que narrar não é descrever: é reescrever”. Assim, pressupõe-se que interpretar a narrativa experiencial implica subjetivar o passado e o presente para os projetar no futuro (Correia, citado por Amado & Ferreira, 2020b).

A querela estabelecida, na primeira década do Séc. XXI, entre Pierre Bourdieu (2002, citado por Passeggi et al., 2012), que considerou, através dos seus escritos, as Histórias de Vida, em Sociologia, como um perigo, denominando-as de “ilusão biográfica” e Gaston Pineau e Le Grand (2012, citado por Passeggi et al., 2012), que as tornaram legítimas em educação como expressão do ser humano, poderá ser um dos marcos importantes para a afirmação das Histórias de Vida, uma vez que «o reconhecimento da “validade objetiva” de falas autorreferenciais tornou-se um desafio primordial para a pesquisa, a formação e a produção de conhecimento» (Passeggi et al., 2012, pp. 31-32).

Em Portugal, a entrada no novo século foi sinónimo de novidades para a Educação e Formação de Adultos. Se, por um lado, o nosso país se debatia com taxas muito elevadas de analfabetismo, de baixa escolaridade e de qualificação de pessoas adultas, por outro, despontava renovada “esperança gerada por políticas públicas que deixavam antever o aparecimento de uma solução integrada” (Alcoforado, 2018, p. 118). Tal aconteceu, e mantém-se até à data, com a criação de Centros, com vista a “acolher” as pessoas adultas em atividades de educação e de formação. De acordo com Alcoforado (2018), todo o processo é desenvolvido por fases: a primeira inicia-se com um reconhecimento pessoal (caraterísticas, saberes e competências) e a segunda, graças à elaboração de um projeto pessoal, que visa a “promoção do reconhecimento social dos adquiridos experienciais (processo de validação e de certificação), no âmbito de um quadro de um projeto profissional e de vida que ajude as pessoas a empreender mudanças significativas” (p. 120). O desenvolvimento da primeira fase do processo, deveria observar-se, com base nas

funções de informação, aconselhamento e acompanhamento, enquadradas nos “princípios metodológicos das Histórias de Vida e do balanço de novas competências” (Alcoforado, 2018, p. 120). Tal metodologia, pelo seu caráter inovador a nível das práticas educativas para as pessoas adultas, veio provocar a necessidade de se criarem novas profissões (e.g. os TORVC - Técnicos de Orientação, Reconhecimento e Validação de Competências). Deste modo, novos desafios foram, também, colocados a docentes e discentes do ensino superior, da área da educação, como potenciais profissionais de acompanhamento destes procedimentos, o que passou a implicar também o domínio destas metodologias biográficas (Alcoforado, 2018).

Chegados a este momento, e enquanto discente do mestrado do Mestrado em Educação e Formação de Adultos e Intervenção Comunitária, potencial profissional no acompanhamento destes procedimentos, compreende-se que trazer as abordagens autobiográficas para o campo da Educação de adultos, tal como afirma Alcoforado (2018) “obriga a refletir sobre os quadros teóricos avocados por um domínio epistemológico de contornos bem perceptíveis e (re)pensar-se nos contributos e caminhos que esse mesmo domínio foi clarificando e percorrendo” (p. 125). Deste modo, entende-se que “para o movimento socioeducativo das Histórias de Vida em formação e da pesquisa (auto)biográfica em Educação, escrever sobre as experiências existenciais, e refletir sobre elas, justifica-se pela mirada de uma formação-emancipação” (Passeggi et al., 2012, p. 32). A título ilustrativo, atualmente, para apresentação de uma candidatura (e.g. emprego, académica) apresentar, apenas, o *Curriculum Vitae* é insuficiente, uma vez que, para a apreciação de um determinado candidato, são requisitados e considerados outros elementos ou meios (e.g. carta de apresentação, entrevista). Pode inferir-se, então, que “a capacidade de falar de si torna-se então uma condição de inserção socioprofissional e de interação social na sociedade biográfica” (Passeggi et al., 2012, p. 33). Para concluir este capítulo, julga-se importante atentar na pergunta de Passeggi et al. (2012), quando questionam de que modo a linguagem favorece a emancipação do ser e não a sua alienação no processo de biografização. A resposta formulada pelas autoras é bastante esclarecedora, tendo em conta a temática que se esteve a apresentar.

Segundo as mesmas (2012) “é na dialética entre o ser e a representação do ser mediada pela interpretação, nas narrativas de si, que nos permite falar de reflexividade autobiográfica” (p. 43). Por sua vez, a reflexividade autobiográfica “confere um modo próprio de existência ao humano: a capacidade de se voltar sobre si mesmo *como um outro*” (Ricoeur, 1990, citado por Passeggi et al., 2012, p. 43). Assim, através da linguagem e da

narrativa é possível ao sujeito reabrir-se no passado e projetar-se no futuro (Passeggi et al., 2012, p. 43).

Em Educação e Formação de Adultos, o profissional e o sujeito, através da interação e do diálogo, elaboram a co-construção de sentido da obra a empreender (História de Vida), favorecendo assim a formação do sujeito que surge, através da reflexão que faz sobre o seu vivido (*e.g.* características pessoais, adquiridos, características dos contextos), ligando-se, assim, a aprendizagem ao desenvolvimento da pessoa numa perspetiva holística (Pineau, 2006; Alcoforado, 2018).

Conclusão do capítulo

Pelo exposto ao longo deste capítulo, pode concluir-se que os estudos (auto)biográficos refletem a complexidade inerente ao ser humano e à realidade social que o circunda, não obstante “nenhuma outra estratégia revela melhor a natureza dialógica dessas realidades [traduzidas] na estreita ligação entre o passado e o presente, entre o indivíduo e a comunidade, entre o particular e o universal” (Amado & Ferreira, 2020b, p. 187).

Atendendo às características particulares da investigação qualitativa, que trabalha com representações, crenças, valores, atitudes, e que imerge na esfera da subjetividade, da intersubjetividade e do simbolismo, pôde perceber-se de que modo as Histórias de Vida, uma das técnicas da pesquisa (auto)biográfica, se apresentam como uma ferramenta preciosa para ajudar a descrever a dinâmica do comportamento dos seres humanos nesse tipo de abordagens (Paulilo, 1999), na tentativa de perceber de que forma os indivíduos atribuem sentido ao que fazem (dimensão hermenêutica). Como se verificou, as Histórias de Vida são essenciais no desenvolvimento do sujeito, “para o conhecimento da construção de identidades na interação que estabelece com mundo social” (Amado & Ferreira, 2020b, p. 183), de modo a permitir que o sujeito se (re)veja, se (re)encontre e se (re)invente.

Assim, através da reflexão crítica sobre si e as suas vivências, que lhe permitirá resgatar a um tempo passado o fio com que traçará o seu percurso de vida, narrando-a, o sujeito vai criando significados e teorias sobre a sua própria realidade, facto que promoverá o autoconhecimento, a sua transformação e favorecerá a sua emancipação num futuro próximo.

II. Estudio Empírico

Introdução

“Algo só é impossível, até que alguém duvide e acabe por provar o contrário.”

(Albert Einstein, 1879-1955)⁴⁷

Após uma prévia revisão literária, respeitante à temática desta dissertação, apresentada e desenvolvida na primeira parte: *Enquadramento teórico-conceitual*, a segunda parte incidirá sobre o estudo empírico desenvolvido. Primeiramente, serão descritos os principais objetivos do trabalho; num segundo momento, dar-se-ão a conhecer os aspetos referentes à metodologia adotada, à descrição do participante, aos procedimentos éticos que nortearam o estudo e aos instrumentos utilizados na recolha dos dados; o terceiro ponto apresentará os momentos-chave da História de Vida do senhor Carlos Garcia, sobre os quais se explanará, com vista a tentar explicitar as questões inerentes aos objetivos delineados para esta investigação.

Atendendo à escassez de investigação na área dos estudos (auto)biográficos, em Portugal, no âmbito da educação de adultos, este estudo apresenta-se com caráter exploratório e pretende deixar pistas para outros trabalhos que possam seguir-se, que recorram a metodologias biográficas. Assim, as decisões metodológicas tomadas, no que respeita à organização da vasta informação recolhida e à redação da dissertação, foram co-construídos pela mestranda, em plena sintonia com a sua orientadora de mestrado, e no exercício de diálogo permanente com as fontes e com os dados.

⁴⁷ Citado por Oliveira (2021, p. 28)

Capítulo 1 – Metodologia: o trilhar de um percurso de investigação

1. Objetivos da Investigação

No decurso do capítulo um da primeira parte deste trabalho, refletiu-se sobre o conceito de Educação Permanente, aludindo à sua pertinência na atualidade, assim como às suas implicações a nível da aprendizagem e da educação de adultos, de modo a conseguir abordar a questão central desta dissertação, que visa compreender a importância da aprendizagem (autodirigida), com base no estudo da História de Vida de Carlos de Jesus Garcia, demonstrando o valor do autodidatismo em idade adulta.

Com base neste objetivo geral, pretende-se, mais especificamente: (1) identificar momentos marcantes, facilitadores da interação/ relação, entre o participante em estudo, as pessoas e o meio envolventes, responsáveis pelo desenvolvimento da sua aprendizagem ao longo da vida; (2) reconhecer o modo de aquisição dos conhecimentos e o tipo de aprendizagens; (3) indicar as principais características que o conduziram à autodidaxia; e (4) demonstrar a relevância da *libido sciendi* (desejo de aprender) e da sua transversalidade, existente em todas as pessoas em todas as idades.

2. Desenho da Investigação

Atendendo ao que foi referido, ao longo do capítulo dois da primeira parte, optou-se pela metodologia qualitativa para o desenvolvimento deste trabalho, uma vez que é a que melhor permite responder aos objetivos traçados, na medida em que a investigação qualitativa visa analisar o objeto em estudo, de modo global, sem o isolar do contexto ‘natural’ em que se desenvolve (Amado, 2020, p. 43), detendo, na História de Vida, uma das técnicas de recolha de informação de maior relevância (Paulilo, 1999; Aires, 2015). Em educação, os estudos (auto)biográficos têm sido realizados na abordagem de vários tópicos, entre os quais, se podem destacar a experiência escolar dos sujeitos e a aprendizagem de adultos (Amado & Ferreira, 2020, p. 173). Assim, com base na História de Vida do participante, bem como através da triangulação de outras fontes e de outros dados, pretende-se adquirir informação que melhor clarifique a temática em estudo.

3. Retrato biográfico e sociográfico do participante

Carlos de Jesus Garcia tem 89 anos de idade, nasceu no dia 20 de agosto de 1932, na vila, atual cidade, de Cantanhede, onde sempre residiu. Filho de Encarnação de Jesus Garcia e de Pai Incógnito⁴⁸, foi carpinteiro / marceneiro de profissão, desde os seus 12 anos de idade até ao momento em que se reformou, em 2000, com 68 anos.

Para melhor apresentar e sintetizar a *história* dos quase noventa anos *de vida* deste ilustre participante, a mestranda elaborou, esquematicamente, uma *Tábua*⁴⁹ *biográfica* (Figura 2), cujos dados nele constantes foram o resultado da triangulação da informação obtida, essencialmente, através da entrevista de vida, da leitura dos seus livros, dos registos escritos e iconográficos que facultou.

⁴⁸ Expressão que ficava registada no bilhete de identidade, ao abrigo da lei. Em 1977, o Código Civil foi alterado, acabando com as diferenças entre filhos legítimos e ilegítimos, com o registo da expressão nos documentos de identificação e passou a ser obrigatório abrir uma investigação de paternidade para identificar o pai. Atualmente, os filhos de mães sem companheiro, projeto de parentalidade individual, ficam apenas com o nome da mãe; os filhos dos casais de lésbicas, projeto familiar das duas mulheres, ficam com o nome de ambas (Reis & Albuquerque, 2019, p. 22).

⁴⁹ A imagem de fundo é a de uma base, constituída por pequenos retângulos em madeira de cores diferentes, feita pelo senhor Garcia a pedido da mestranda. A base é composta por dez cores; cada cor representa uma década da sua vida (com exceção da primeira, a mais clara, que representa o dia em que nasceu).

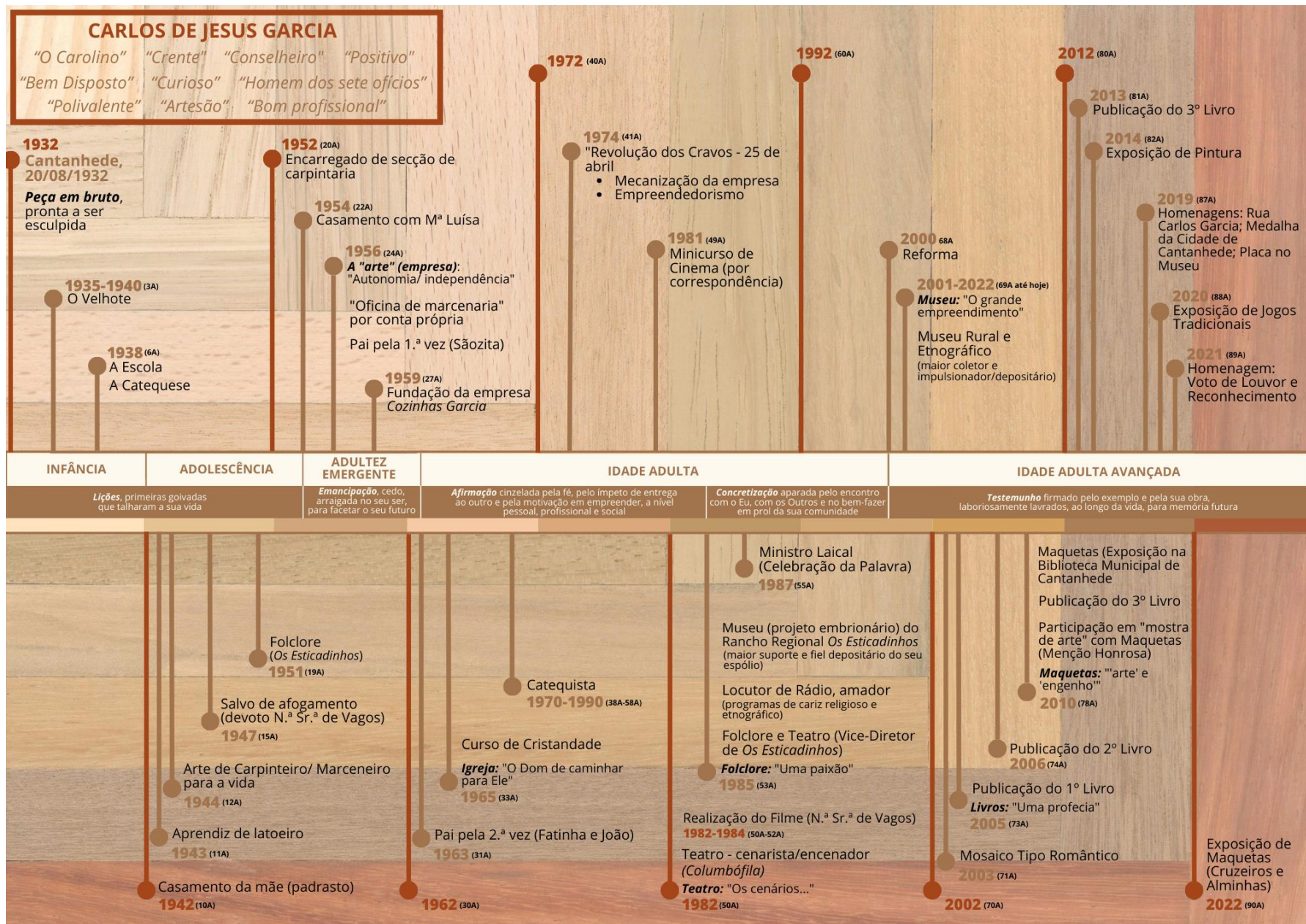


Figura 2 – Tábua biográfica de Carlos de Jesus Garcia

A figura 3, abaixo apresentada, é reveladora dos inúmeros epítetos, pelos quais o senhor Carlos Garcia poderá ser identificado, na sua comunidade e na sua cidade, uma vez que foi elaborada com base nos muitos atributos e descrições, constantes nos vinte testemunhos escritos, apresentados por pessoas que privaram/ privam com ele, na sua maioria, ao longo de muitas décadas. Julga-se importante salientar que as mais jovens, identificadas como *ex-Esticadinhas* no Apêndice 05, o conhecem e relacionam-se com ele desde tenra idade (dos 5, 6 anos de idade até à presente data).



Figura 3 - Epítetos que distinguem o participante

Para além dos atributos, reunidos nesta figura, a mestrandia elaborou, também, uma tabela (*vide* Apêndice 01), na qual apresenta as características que, mais frequentemente, foram descritas pelos participantes. Assim, para a maioria dos participantes, o senhor Carlos Garcia é uma pessoa: humilde, simples, dinâmica, inovadora, prestável, solícita, solidária, brincalhona, afável, simpática, disponível (para ajudar), talentosa, dotada, generosa, íntegra, crente, rigorosa⁵⁰, entre muitas outras que se encontram enumeradas no apêndice acima referido.

⁵⁰ A mestrandia permite-se acrescentar rigorosa, quanto ao método de trabalho e nos rituais, pois desde que conhece o senhor Garcia, o cumprimento de horários e da “palavra dada” são imprescindíveis. A título de exemplo, almoça às 12h30 (se se atrasar por algum motivo, tem o cuidado de avisar), das 14h às 14h15, vai à igreja “visitar um amigo”, às 17h30-18h, vai para casa lanchar (exceção feita, aquando das sessões de entrevista, ou de outros compromissos), depois do lanche vai para o quarto, até ser chamado para jantar, por volta das 20h. Segundo ele, janta rápido e deita-se cedo.

4. Procedimentos de recolha de dados

4.1. Procedimentos éticos

A mestranda pautou a sua atuação, desde o início da sua investigação, em consonância com as orientações emanadas nos diversos documentos que regulam os princípios ético-deontológicos, a nível internacional e nacional, em particular no plasmado na Carta Ética (Centro de Investigação em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária [CEAD], 2021).

Deste modo, depois de ter conversado com a sua orientadora, e de se ter pensado na possível temática, bem como na escolha da História de Vida do senhor Carlos Garcia, enquanto objeto de estudo, a sua principal preocupação foi estabelecer contacto pessoal com ele, a fim de lhe explicar a intenção do estudo e as suas implicações ao colaborar. Nesse preciso momento, obteve a sua autorização, verbal, sentindo que o participante ficou bastante entusiasmado, dispondo-se, imediata e inteiramente, para colaborar (realidade que se mantém até à data da escrita deste texto). Após esta conversa, posteriormente, marcou uma reunião, para formalizar o seu Consentimento Informado, escrito, (*vide* Apêndice 02). Esta reunião decorreu na presença do seu filho, João Garcia, não por se considerar que o senhor Carlos não reunia as plenas capacidades (muito pelo contrário e este aspeto ficou bem esclarecido), mas para, também, explicar a um representante da família o estudo em causa (atendendo à natureza da investigação, toda a família estaria implicada). O Consentimento Informado foi lido, em voz alta, onde foram explicados e esclarecidos os objetivos da pesquisa, bem como as questões que surgiram por parte do participante. Nessa reunião, a mestranda comprometeu-se a cumprir, integralmente, os compromissos assumidos (*e.g.* usar, apenas, a informação necessária para o estudo em curso, respeitando a integridade do participante, e/ou utilizá-la dando-lhe conhecimento e respeitando a sua vontade).

Aquando das várias sessões da entrevista biográfica, teve o cuidado de combinar o horário e o local, que melhor conveio ao participante (e de acordo, também, com a disponibilidade da mestranda, por ser trabalhadora-estudante), tentando respeitar, ao máximo, o seu conforto e bem-estar. Depois de feitas as transcrições, o participante leu e validou a informação nelas constante, autorizando a sua utilização, pela mestranda, que a aplicou, de modo cuidado, no estrito respeito pela confiança nela depositada.

Para este estudo, a mestranda recorreu a testemunhos escritos, pedidos a pessoas, conhecidas do senhor Carlos Garcia. O primeiro contacto foi estabelecido, telefonicamente, a fim de explicar o seu propósito, e os posteriores, via email, onde foram enviados um texto, para clarificar os objetivos do trabalho (*vide* Apêndice 03), e o Consentimento Informado (*vide* Apêndice 04), para a utilização da informação. Atendendo ao fim a que se destinam os seus testemunhos, que convergem para o mesmo objetivo, independentemente da idade, do estatuto social e da categoria profissional que exercem, a mestranda tratou-os, equitativamente, seriando-os por ordem alfabética (*vide* Apêndice 05).

Uma vez que o estudo está a ser realizado, no âmbito do Mestrado em Educação e Formação de Adultos e Intervenção Comunitária, a mestranda está ciente da importância da conduta, intelectual, moral e ética, que deve assumir, perante os participantes, em particular com o senhor Carlos Garcia, e o estudo que está a realizar, atitude esta que se deve ter na realização de qualquer trabalho científico.

4.2. Instrumento de recolha de elementos (materiais biográficos primários)

A História de Vida (do senhor Carlos Garcia) foi uma das técnicas utilizadas para a recolha de dados, obtida através da entrevista semiestruturada, enquanto estratégia implementada, para a qual foi elaborado um Guião, (*vide* Apêndice 06). Este instrumento apresenta-se como um elemento essencial para a correta condução da mesma (Amado & Ferreira, 2020a, p. 218). Após a sua elaboração, o Guião de Entrevista foi validado por duas especialistas com ampla experiência na área da educação de adultos, a Doutora Catarina Doutor⁵¹ e a Doutora Liliana Paulos⁵². Graças aos seus prestimosos contributos e sugestões, este instrumento ficou mais coeso e robusto.

Na sua versão inicial, o Guião foi dividido em oito blocos, pretendendo, com os blocos de 2 a 6, encerrar os aspetos mais marcantes do entrevistado, nas diferentes faixas etárias. Assim, podem observar-se os blocos: 1 - Legitimação da entrevista; 2 – Infância -

⁵¹ Doutoramento em Educação, especialidade em Formação de Adultos (2021) pela Universidade de Lisboa; Mestrado em Educação Social (2013) e Licenciatura em Sociologia (2006), ambos pela Universidade do Algarve. Atualmente, é investigadora no Centro de Investigação em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária (CEAD) da Universidade do Algarve. Trabalha na área das Ciências Sociais, com ênfase nas Ciências da Educação. A sua investigação centra-se no ensino superior, estudantes não tradicionais, aprendizagem biográfica e identidade.

⁵² Doutoramento em Ciências da Educação (2022), pela Universidade do Minho; Mestrado em Ciências da Educação e Formação (2014), pela Universidade do Algarve; e a Licenciatura em Política Social (2006), pelo ISCSP - Universidade de Lisboa. Atualmente, é investigadora no Centro de Investigação em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária (CEAD) e Assistente Convidada (Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve).

o entrevistado, a sua família (ascendentes) e o percurso educativo; 3 - Adolescência/ Adulter Emergente -- Relacionamentos interpessoais e percurso profissional, antes do casamento; 4 - Idade Adulta - após o casamento (aspectos a nível pessoal, profissional, religioso e sociocultural); 5 - Idade Adulta Avançada (reforma); 6 - Idade Adulta Avançada (autorreflexão - encontro com o “Eu”, com os “outros” e com contexto sociocultural na comunidade onde esteve/ está inserido); 7 - Conselhos/ Indicações para os jovens (as gerações vindouras); e o 8 - Término da entrevista. Atendendo à extensão do Guião de Entrevista, uma vez que o espólio do entrevistado é muito vasto, e a sua idade avançada, entendeu-se realizar sete sessões (em sete dias diferentes), distribuídas do seguinte modo, abordando na: 1.ª sessão, os blocos 1 e 2; 2.ª sessão, o bloco 3 e os itens 4.1 a 4.3 do bloco 4; 3.ª sessão, o bloco 4 (itens de 4.4 a 4.9); 4.ª Sessão, a conclusão do bloco 4 (4.10 a 4.13); 5.ª Sessão, o bloco 5; 6.ª Sessão, o bloco 6 (itens de 6.1 a 6.7); 7.ª Sessão, a conclusão do bloco 6 (item 6.8) e os blocos 7 e 8.

Os dados foram recolhidos com recurso a um gravador de telemóvel (áudio), sendo sujeitos, numa fase posterior, à transcrição, por parte da mestranda. Durante todo o processo de pesquisa, esta socorreu-se do seu “caderno de bordo”, onde anotou toda a informação considerada como relevante, obtida da forma mais discreta possível, conjugando-a e complementando-a com aquela que será obtida através do método acima descrito, bem como com todas as fontes informativas que detém (*e.g.* livros do participante, já publicados, e documentos biográficos).

Tal como tinha sido abordado, aquando da validação do Guião de Entrevista, pelas duas especialistas acima referidas, o facto de serem realizadas várias sessões (pela extensão da entrevista, pela sua finalidade, pela documentação de uma História de Vida e não ignorando, também, a idade do entrevistado) poderia permitir uma planificação em sequência, sendo que o modo como decorria uma sessão era organizador da planificação das sessões seguintes. Tendo em conta o que ia sendo partilhado pelo entrevistado, isso mesmo veio a verificar-se da segunda sessão em diante.

Antes de se avançar para a explicação da prossecução do modo como decorreram as sessões de entrevista, julga-se importante referir que os encontros foram marcados em consonância com a disponibilidade do entrevistado, e da mestranda, em local escolhido por ele (uma sala do escritório da sua, outrora, empresa e que ele, ainda, utiliza como sua), permitindo-lhes estarem a sós, em ambiente tranquilo, e com plena disponibilidade para a sua realização, por parte de ambos, tal como é sugerido por Bertaux (2010).

A primeira sessão teve lugar no dia 02 de abril de 2022.

Dois dias depois, a mestranda realizou a segunda sessão, iniciando a mesma com o esclarecimento de três questões que considerou pertinentes: (1) sendo filho de pai incógnito, se teve conhecimento, pela mãe, da identidade do pai biológico, (2) tendo a mãe casado, pois referiu que teve padrasto, o que aconteceu ao velho Carolino (com quem viveu até aos 8 anos de idade) e (3) se a razão foi a morte, o que deixou à sua mãe e ao sr. Carlos. De seguida, deu continuidade à entrevista, tal como previsto no Guião.

Na terceira sessão, realizada no dia 06 de abril de 2022, a entrevista fluiu naturalmente, proporcionando o término do Bloco 4. Deste modo, o Guião sofreu um pequeno ajuste. Uma semana depois, no dia 13 de abril de 2022, ocorreu a 4.^a Sessão. No início desta sessão, a mestranda considerou importante retomar dois itens do Bloco 4 (alíneas A e B), antes de passar para o Bloco 5: (1) Autonomia a nível pessoal e profissional (*e.g.* idade com que tirou a carta de condução, primeiro veículo que conduziu (sem ser na Escola de Condução, quando teve e o que significou ter carro próprio; e (2) Autonomia financeira (*e.g.* se fez investimentos, a nível profissional e a nível pessoal, conforme os ensinamentos do velho Carolino).

Após as Festas Pascais, foram realizados os dois últimos encontros; o de dia 18 de abril de 2022 foi iniciado com um pedido de clarificação sobre questões de cariz religioso (aspeto de extrema importância para o entrevistado): (1) saber se o velho Carolino era religioso; (2) se não o foi, uma vez que referiu que a mãe e o padrasto não eram muito devotos, tentar perceber o porquê de ser tão dedicado e devoto à Igreja.

Por fim, dois dias depois, deu-se início à sexta e última sessão, que foi iniciada com um pedido de esclarecimento sobre a intervenção do entrevistado na coletividade “do seu coração”, o Rancho Regional “Os Esticadinhos” de Cantanhede: (1) a primeira vez que esteve ligado à coletividade; e (2) o seu reingresso na coletividade, de 1985 até aos dias de hoje.

À medida que as sessões foram decorrendo, através da experiência vivenciada e da observação participante, no local e perante o entrevistado, a mestranda foi fazendo alguns ajustes, no sentido de melhorar a sua postura, enquanto entrevistadora (função completamente nova para ela). Não obstante este cuidado, na quarta sessão de entrevista, durante a recolha de dados, no bloco 5, após as questões inerentes à sua obra, nomeadamente aos painéis em Mosaico tipo românico (5.2 e 5.3), embrenhada e atenta ao que estava a ser narrado sobre essa belíssima expressão de arte, interagindo com o participante, avançou para as outras não menos belas e interessantes, as Maquetas (5.4 e 5.5) e a Pintura. A dinâmica da entrevista fez com que a mestranda saltasse do quinto

capítulo para os sétimo e oitavo, os últimos indicados no *Círculo duma Vida* (vide Apêndice 07) abordando o sexto capítulo, os livros depois. No final da sessão de entrevista, mesmo verificando se faltavam abordar alguns pontos, não deu conta da alteração da ordem, por si perpetrada assim como quando procedeu à transcrição.

No entanto, crê-se que esta entrevista se traduziu numa experiência muito gratificante para ambos, entrevistado e entrevistadora, uma vez que se conseguiram reunir condições propícias a uma boa recolha de informação, num ambiente tranquilo, descontraído, denotando-se confiança e à vontade de ambas as partes.

4.3. Recolha de elementos (materiais biográficos secundários)

Ao longo do seu trabalho de campo, e na interação estabelecida com o participante, senhor extremamente interessado e colaborante, a mestranda teve acesso a um conjunto de materiais biográficos secundários, de grande interesse, pela objetividade da informação que encerram, permitindo, assim, triangular elementos, de modo a apresentá-los, fiel e credivelmente. Assim, serão objeto de análise: (1) livros (escritos pelo próprio e já publicados⁵³); (2) testemunho escrito (pelo próprio, em julho de 2021); (3) registos escritos (certificados, homenagens, menções, galardões recebidos e obra realizada); (4) registos fotográficos (homenagens, menções, galardões recebidos e obra realizada).

4.4. Recolha de elementos (diferentes fontes – testemunhos)

No sentido de melhor conhecer as diferentes vertentes, a nível pessoal, cívico, social, cultural e religioso, a mestranda estabeleceu contacto com pessoas, amigas e/ou que privaram com Carlos de Jesus Garcia, a fim de, através das suas declarações, em testemunhos escritos, notar o seu contributo e mostrar a importância do seu legado para memória futura (como já tinha sido referido anteriormente). Deste modo, obteve vinte testemunhos (vide Apêndice 05). Com base nestes testemunhos, pretendeu-se, ainda, obter informação complementar e/ ou convergente à que se obteve, através dos materiais biográficos primários e secundários, no sentido de validar a informação discursiva.

⁵³ O senhor Carlos Garcia já publicou quatro livros: (1) *Manta de Retalhos*, livro de cariz autobiográfico; (2) *Cantanhede: Memórias para o futuro*, em 2006; (3) *75 Anos ao Serviço da Cultura: Rancho Regional “Os Esticadinhos de Cantanhede”*, em 2010; e (4) *Caminhos da Vida: Histórias da Vida Real*, em 2013.

Capítulo 2 – Uma vida matizada por muitas memórias e outras tantas histórias

“Cada um e cada uma de nós somos habitados, conscientemente ou não, por representações biograficamente construídas e que estão presentes em todas as situações relacionais e, portanto, de acompanhamento” (Josso & Pozzer, 2012, p. 114).

Introdução ao capítulo

No introito da parte empírica, foi referido que este estudo se reveste, em nosso entender, de um valor heurístico por tentar abrir caminho a mais investigações em Portugal que traduzam a riqueza de Histórias de Vida de pessoas anónimas, para a construção do conhecimento na área da educação de adultos. Atendendo à idade do participante, à sua experiência, bem como à sua vida laboriosa, a nível pessoal, profissional e social, a mestranda teve acesso a um volume considerável de informação e de material biográfico, por ele facultado, de forma escrita e através da entrevista, e, também, proveniente de outras fontes. Perante este facto, colocou-se a questão da organização de todo esse material, com vista a estruturar e a unificar todas as peças que completam esta longa História de Vida.

Assim, sabendo-se que a pessoa humana, sujeito de uma História de Vida, ao refletir sobre o que está a narrar, assume uma determinada identidade, enquanto ser individual e social, facilmente se torna perceptível que essa identidade, assumida pelo participante, foi/é construída por representações, fruto de situações relacionais e de acompanhamento, que o foram/ vão moldando ao longo do tempo, tal como se apresenta sugerido, em epígrafe, por Josso e Pozzer (2012). Ao ter-se contacto, por um lado, com a narração do senhor Carlos Garcia, escutada atentamente aquando da entrevista e da sua transcrição; por outro, com a informação e com os materiais que se reuniram e analisaram; e, ainda, pela constante observação participante, ressaltam deles figuras, pessoas que, através da forma de relação estabelecida, marcaram e contribuíram para a formação da identidade da pessoa, sujeito da História de Vida em análise, em interação com elas, no seu contexto familiar, profissional e social, até aos dias de hoje.

Partindo desta constatação, e da informação recolhida (pela entrevista, orientada pelo Guião, estruturado em oito blocos e por outros instrumentos e técnicas) delimitaram-se seis momentos-chave: (1) Peça em bruto⁵⁴; (2) Lições; (3) Emancipação; (4) Afirmção; (5) Concretização; e (6) Testemunho. Em cada momento, foram identificadas pessoas e as

⁵⁴ Utilizou-se a metáfora com intuito de se fazer alusão à profissão, “arte” como refere o participante, de carpinteiro/ marceneiro, que teve ao longo da sua vida ativa, desde os 12 anos de idade.

relações estabelecidas, em determinados contextos, cronologicamente, ao longo das diferentes fases do seu desenvolvimento (Infância, Adolescência, Adulter Emergente, Idade Adulta e Idade Adulta Avançada). É importante salientar que, também, foram integrados oito elementos, que correspondem a capítulos (Arte, Igreja, Teatro, Folclore, Museu, Livros, Maquetas e Pintura) constantes no *Círculo de uma vida*, elaborado/ pintado pelo participante, em julho de 2013, e que consta do Apêndice 07. Através da triangulação de toda esta informação, obtida pelas diversas fontes enunciadas, como se referiu anteriormente (ponto 2.2.), foi possível estruturar-se a *Tábua biográfica*, apresentada na Figura 2.

Tendo como base este documento, que encerra, crê-se, da melhor forma possível, os momentos marcantes desta História de Vida, vamos, de seguida, dar nota desta revisitação biográfica. Ao longo da apresentação dos resultados, a mestranda irá colocar citações do sujeito biográfico, o senhor Carlos Garcia (retiradas da transcrição da entrevista, dos livros publicados e obtidas através da observação participante) e das pessoas que, gentilmente, apresentaram os seus testemunhos, que se julga serem pertinentes para a validação e a credibilidade dos resultados deste estudo. As citações da entrevista serão apresentadas com o tipo de letra *Calibri*, tamanho 11, as intervenções da entrevistadora em tamanho 10; as citadas dos testemunhos terão o mesmo tipo de letra e tamanho, mas estarão dentro de uma caixa de texto; para destacar algumas passagens, a mestranda utilizará o sublinhado.

I. História de Vida de Carlos de Jesus Garcia, revisitada na primeira pessoa

I.1. Peça em bruto pronta a ser esculpida

“Vi a luz do dia em 1932, ano de graça. Filho de mãe solteira, filho de família pobre. O meu pai só o conheci na adolescência” (Garcia, 2005, p. 9).

Deste modo, inicia o primeiro capítulo, intitulado *A minha infância*, do seu livro autobiográfico, *Manta de Retalhos*. Na primeira sessão da entrevista (Bloco 2 do Guião), o participante foi mais pormenorizado:

“nasci em 1932, no dia 20 de agosto, em Cantanhede. Nasci em casa. (...) Ora bem, eu sou filho de pai incógnito e a minha mãe era Encarnação de Jesus Garcia e era de Verride, depois é que veio para cá viver, com a minha avó e as minhas tias. Umas levaram a linha de ir como peixeiras, como mais tarde a minha mãe também foi, e a minha mãe esteve a morar, pelo menos em dois ou três lados. Foi daí que eu nasci num lado e nascido do patrão, claro.”

Como se verifica no excerto, o participante acrescenta elementos pertinentes, começando a denunciar as relações de parentesco (mãe, avó, tias). Seguindo o defendido por Josso & Pozzer (2012), no que respeita a esta forma de relações biográficas, existem algumas que “estruturam a trama da narração (...) elas foram marcadas por acompanhamento e por uma reciprocidade ora simétricos ora assimétricos, benevolentes, inspiradores, acolhidos ou rejeitados”(p. 116). Na vida de qualquer um de nós, independentemente da forma como vivemos essas relações, “essas alteridades são marcadores profundos de nossa identidade e podemos ver ressurgir seus traços a qualquer momento de nossa vida, às vezes, inesperadamente” (Josso & Pozzer, 2012, p. 116). Este facto é bem patente na vida do participante e que vai poder ser explanado no momento seguinte.

1.2. Lições, primeiras goivadas que talharam a sua vida

Este segundo momento é transversal à fase da infância e da adolescência, pois o participante recorda as grandes “lições de vida” adquiridas nestas duas fases da sua vida.

Retomando as relações de parentesco, e as pessoas que delas fazem parte, para além da mãe, da avó e das tias, o participante revela que:

“Eu tive uma irmã, mas de outro pai, que era Ema de Jesus Garcia, que foi criada num lar de infância desvalida, em Cantanhede, até aos 18 anos. Eu fui para a companhia do velho.”

No excerto, acima citado, para além de revelar a existência da irmã, também filha de *Pai Incógnito* (diferente) e mais velha dois anos do que ele (informações obtidas *a posteriori*, em conversa informal com o participante e anotadas no caderno de bordo), apresenta aquela que, ainda hoje, volvidas oito décadas após a sua morte, o marcou, “o velho”. Quando questionado se tinha alguma alcunha, ele respondeu:

“Chamavam-me O Carolino, por causa do que o velho com que vivia chamavam-lhe O Carolino, a minha mãe ficou, também, com alcunha *A Carolina*, o meu filho ficou também em parte *O Carolino*, porque isto já vinha por parte da mãe do velhote que se chamava Carolina. Como referi, o velhote era *O Carolino* por alcunha.”

Aqui refere, de novo, “o velho” com quem viveu.

Para se saber a sua identidade e o tipo de relação estabelecida - pois, ao longo da entrevista, percebeu-se a importância que tem para ele - ele escreveu no seu livro:

“A minha mãe tinha na altura 20 anos, era peixeira porta a porta, criou-me sozinha na sua casa até aos dois anos de idade. Devido às circunstâncias, ela juntou-se a um velhote, passando a ser empregada a todo o tempo.” (Garcia, 2005, p. 9).

Na entrevista, quando questionado se acompanhou a mãe, ele explicou:

«Eu não fui logo viver com eles, porque o velho, quando a minha mãe foi para a companhia dele, disse: *“olha, tu vens viver comigo, mas eu não quero o rapaz, não quero cá empecilhos”*, no sentido figurado. E depois, eu fui para casa de uma tia, que se chamava Maria. Eu tinha duas tias, uma era Maria e a outra era Olívia. Fui para casa dela e pagava dez escudos por mês. Passado três meses, se tanto, eu ia brincar lá para o quintal e o velho também ia para o quintal, um quintalito que tinha da parte de trás e como eu era sempre muito humilde, e que assim e assado, ele disse: *“olha, traz o menino cá para casa”* e fui o “menino nas mãos das bruxas”, a companhia dele. Ele não via outra coisa senão o seu menino.»

O “velhote”, “o velho” chamava-se “Joaquim Marques Dias, por alcunha O Carolino”, e acolheu-o, quando tinha cerca de três anos de idade; entre eles estabeleceu-se uma relação bastante profunda, que se pode considerar como relação de parentesco, marcada “por acompanhamento e por uma reciprocidade inspiradores” (Josso & Pozzer, 2012, p. 116) que, como já foi atrás referido, marcou até aos dias de hoje o participante. A mestrandia julga que reúne condições para afirmar que, depois da mãe, “o velhote” foi a pessoa que mais impacto teve na construção da sua identidade. Vejamos, através das suas palavras:

«ele era um psicólogo, ele era formidável, porque ele ensinava como é que eu havia de viver. Ele dizia assim *“olha que tu, apanha asas para voar. Se queres voar, apanha asas, e olha que tens que, enfim, aprender a economizar para ser alguém”*. E depois fazia até a explicação do seguinte: *“olha, eu vou-te ensinar”*. Depois mandou a minha mãe ir buscar uma pada de pão, uma pada é aqueles dois pãezitos agarrados um ao outro, e foi buscar umas poucas de azeitonas e vai assim: *“vá, agora vais comer, começa a comer”*; eu dava uma dentada; *“agora, come uma azeitona, mas come só metade”*; e eu comi metade da azeitona. E repetiu-se, até que no fim, tinha uma macheia e disse-me: *“estás a ver esta macheia, esta macheia é para a próxima e só assim é que tu consegues ser alguém, é economizando. Tens que pensar no dia de amanhã, tens que apanhar bases, se não pensares no dia de amanhã, não és ninguém. Olha que tu és fino, faz-te fino!”* Repetiu isto milhares de vezes! *“Faz-te fino!”*»

Julga-se que se está perante o que Josso & Pozzer (2012) apresentam, também, como relações simbólicas, pois entre elas “é frequente serem evocadas pessoas de referência que, por seus compromissos de vida ou sua atitude diante das dificuldades da vida, são exemplos que guiam o narrador durante ou parte da sua existência” (p. 119). O “velhote”, ainda hoje, é evocado como uma referência:

“Ele foi mais do que meu pai, ele foi mais do que meu pai [repetido muito pausadamente], porque era uma pessoa que não se exaltava, se eu errasse, ele aconselhava, aconselhava, e, depois, se eu novamente fizesse a coisa, que era muito raro, porque eu era assim muito direitinho, ele dizia: “eu bem te avisei”, portanto, ele não ralhava, nem batia, nem coisa, ele avisava, chamava a pessoa com dedicação. Eu hoje trato as pessoas do mesmo gênero que ele me ensinou, é preciso a gente saber lidar, não é saber viver, é saber lidar com as pessoas, porque se nós lidarmos com as pessoas à bruta não há coisa, a gente tem que dar, pode dar um cheganço, mas com delicadeza. Uma pessoa pode conversar com delicadeza e a pessoa mostrar que errou ou coisa assim parecida, não é.

É bastante curioso atentar naquilo que ele referiu, e que a mestranda sublinhou, que constitui o exemplo claro dos laços que entre eles se criaram, particularmente, quando assume que trata as pessoas do mesmo modo como o ensinou, ou seja, a vivência com o “velhote” modelou, claramente, a sua identidade.

No decurso desta primeira sessão, no que respeita à pergunta sobre o seu batismo, é bastante curioso verificar que o participante aproxima a idade do seguinte modo:

“[Lembra-se do seu batismo?] Lembro, eu já era crescidinho. Devia ter uns três anitos, já estava na companhia do velho. Recordo-me de levar uns calçõezinhos verde cor de salsa, uns sapatitos de pano, claro, e uma blusinha branca.”

O tempo em que viveu com o “velho” aparece como um marco cronológico para, com base nesse período de tempo, dos três aos oito anos, situar os momentos temporais de outros acontecimentos. À frente apresentar-se-ão outros exemplos.

(Na mesma citação, a utilização dos diminutivos, “sapatitos”, “blusinha” e a referência, com precisão, à cor dos “calçõezinhos”, para a mestranda, denotaram um momento bastante enternecedor).

O dia do seu batismo apresenta as figuras da madrinha e do padrinho:

“A minha madrinha foi a minha tia Olívia, que morreu muito nova, muito jovem, e o meu padrinho, como a gente era pobre, não tinha coisa, a minha mãe optou pelo São José. Não estou arrependido, porque graças a Deus, ele me tem ajudado e coisa assim parecida, principalmente no caso da saúde e na capacidade intelectual, mesmo hoje com 89 anos. Mas foi o sacristão, o Pedro, que só muito mais tarde, quando eu já era casado e tornava a ser casado, é que ele me disse que era o meu padrinho, porque pôs a mão na minha cabeça [riu-se]”.

Relativamente à madrinha, manteve-se a relação de parentesco (tia Olívia, irmã da mãe); quanto ao padrinho (São José), julga-se estar perante a chamada relação espiritual, quando refere que fica grato a Deus pela proteção que sempre teve do seu padrinho.

À medida que a entrevista avança, chega-se à idade escolar. Josso e Pozzer (2012) referem que “as relações de aprendizagem e de formação estão no centro das relações de parentesco, mas elas se revelam igualmente nas relações de escolaridade em qualquer nível, entre professores e alunos” p.117. Com base no estudo destes mesmos autores, o contexto escolar, também, é propício ao estabelecimento de relações intrageracionais, as relações de apego, como a amizade (Josso & Pozzer, 2012, p. 118).

Revisitando o tempo da idade escolar, o participante indica o nome das figuras que dele fizeram parte, relatando alguns episódios que o marcaram, pelas experiências vivenciadas, e que, ainda, hoje, guarda na sua memória:

“Entrei com a idade normal, 6, 7 anos, aqui em Cantanhede, na Escola Conde Ferreira, tive vários professores, o Dr. Pires, da Pena, o professor Coelho de Cantanhede, a D.ª Leonor e, em parte, o professor Oliveira, mas, também, só tive até à 4.ª classe, mas mesmo assim tive dois anos repetidos [*repetiu o 4.º ano*]. [*Que recordações tem da escola?*] Recordações, tenho, automaticamente, boas e más. Mas, por exemplo, o caso não sei se posso explicar, o caso... eu é que levava as flores, a minha mãe é que apanhava as flores, e eu levava para pôr em cima do quadro, que havia uma imagem de Cristo na escola. (...) O que aconteceu foi o seguinte: o professor disse para eu levar as flores, mas a minha mãe tinha ido lavar roupa para o rio e eu como não tinha flores, mas também para não ir sem nada, cheguei ao pé do jardineiro, o senhor Duarte, para apanhar umas flores e ele muito delicadamente foi apanhar. O professor apita o apito para entrar e eu não fui, porque estava à espera das flores. Quando passado um bocado aparecem dois colegas meus, para me virem buscar à força e a dizerem ao professor que eu queria fugir à escola. O que eu sei é que apanhei uma série de reguadas de um e apanhei uma série de reguadas do outro. Passado um bocado, o senhor Duarte, o jardineiro, leva as flores, entra dentro da sala “*que vinha entregar as flores pelo motivo da criança ter pedido*” (...). Isso são coisas da escola, já lhes perdoei.”

Esta passagem do seu tempo de escola encontra-se, também, descrita no quinto capítulo do seu primeiro livro, intitulado *Flores para o Senhor* (Garcia, 2005, p. 19). Note-se a importância assumida pelo senhor Duarte, o jardineiro, ao esclarecer a verdade, perante o professor, após a humilhação e sentimento de injustiça sentidas, depois da atitude dos dois colegas de escola e, até, por parte do professor.

No seguimento da narração, descrita na citação, o participante avança, apresentando algumas pessoas, com as quais se relacionou, atendendo à sua situação escolar, e que foram relevantes para a sua formação:

Na escola, eu não era assim muito de..., muito..., muito esperto das letras. [*A rir*] Recordame que era aldrabão, não era que não soubesse, mas era aldrabão. Fazia uma letra muito mal feita, (...), e um dia o Carlos Negrão, (...), ele ia-me dar umas pequenas lições à tarde (...) disse-me “agora vais fazer isso a tinta permanente, não saias das linhas e tal”. Eu fiz

uma cópia, que o professor disse que era impossível eu ter feito uma coisa dessas e, depois no fim ele confirmou que eu fiz a coisa. Outra coisa, ele mandava-me fazer as cópias, mas eu não olhava para o livro para fazer as cópias, eu dava muitos erros. Porquê? (...) Eu fazia a cópia sem olhar para o livro, e o professor ficou admirado. Essas pequeninas coisas da... *[Então como fazia a cópia?]* Tinha a cópia na cabeça! *[respondeu muito prontamente]* Já tinha o texto na cabeça e decorava-o, ó filha, atão não decorava, podia faltar uma letra ou duas, e os erros, os erros, pronto. (...) Mais tarde, a minha mãe, como era peixeira, e havia uma senhora, a Dona Efigénia (...) que ela era professora, mas professora particular, e a troco de uns carapaus e tal, ela ensinava-me também a ler, e opois a minha mãe um dia foi ter com ela “ó senhora professora, o meu menino não dá nada para a coisa e com as letras e que assim e assado” *[imitando uma voz sofrida de mulher]* e ela disse *[voz normal, séria]* “isso é o que lhe parece, o seu filho é muito mais inteligente do que a senhora julga e digo-lhe mais *[parou e referiu: fez uma profecia]* um dia será um grande homem e há de escrever muito”. Estas coisas, a minha vida, enfim... *[Riu-se].*”

É interessante verificar que, perante o seu desempenho menos positivo, a nível das “letras”, a mãe se esforçou para que ele tivesse algum sucesso; neste caso, que completasse a “quarta classe”. Carlos Negrão e professora Efigénia são nomes de pessoas que o ajudaram, por vezes, sob a própria descrença do professor titular. Igualmente interessante é o facto do participante se referir a uma “profecia”. Mais uma vez, se crê estar na presença de uma certa relação espiritual. Verificar-se-á, em momento posterior, especificamente a importância e o valor atribuído a este tipo de relação.

Após esta sua declaração de algum insucesso escolar, contada com alguma graça, a mestrandia ousou perguntar:

“[Diga-me, era aldrabão a fazer as coisas, porque queria ir para a brincadeira, não era?] Brincadeira, minha menina, brincadeira não, porque eu, naquela altura, já tinha que encher os tanques da água para o meu padrasto. A minha mãe já tinha casado com um rapaz; a minha mãe era mais velha que ele 10 anos, e eu tinha que encher os tanques da água para ele depois vir regar. Ou, então, partir pedra para as casas que, opois, mais tarde, se fizeram, e britar pedra. Eu não brincava, não fui muito... não quero dizer que ao domingo, não viesse um bocado de fugida para a coisa, mas mais de resto nunca saía, teoricamente, debaixo das saias da mãe.”

Na resposta que foi dada, surge uma figura nova, o padrasto. Como o participante refere, a mãe casou com uma pessoa mais jovem. No final da citação, é importante atentar no que foi referido, “nunca saía, teoricamente, debaixo das saias da mãe”, denotando-se uma relação de apego e de respeito pela mãe. (Na segunda sessão da entrevista, o tipo de relação estabelecida com o padrasto será, devidamente, explicado.)

No final da primeira sessão, foi abordado o fim da escolaridade obrigatória e o que fez depois de sair da escola:

“Eu tinha completado, eu fiquei um ano repetente e completei a quarta classe, outros continuaram. Porque naquela altura, não, não, não tínhamos condições, nem nunca me passou pela cabeça ir estudar e nesse caso, então, fui trabalhar de latoeiro, aprender a trabalhar de latoeiro. Mas, como eu era muito novo, era uma criança, um dia foi lá a fiscalização e disseram “o miúdo não pode trabalhar aqui, enquanto não tiver doze anos”, ou coisa assim parecida.

Depois fui trabalhar de carpinteiro. (...) na altura, como era tudo lixado à mão, com a lixa [fez o gesto em cima da mesa] faziam sangue e eu disse à minha mãe que não queria ir trabalhar de carpinteiro, porque a minha mãe gostava muito que eu tivesse a arte de carpinteiro como foi o meu padrinho [São José] pronto. E então eu disse à minha mãe e ela disse: “pronto, se não queres ir”, ela também não ralhou nem nada, “vais cavar para a vinha de tal parte”, e assim foi... Só que eu no fim de cavar a vinha, como aquilo era barro, barro para baixo e para cima, e “raios que não quero mais a enxada, prefiro a arte de carpinteiro”. E opois gostei da arte e continuei na arte até hoje.

[Nunca se arrependeu?] Não, nunca me arrependi da minha arte e continuo ainda, mesmo no fim dos 89 anos, ainda continuo a trabalhar, eu brinco a fazer um certo número de coisas.”

Através deste excerto, verifica-se a realidade de uma época, o trabalho desde tenra idade, para quem não tinha possibilidade de estudar. Uma outra situação que é importante relevar, no que respeita às relações de aprendizagem e de formação, é a experiência e sabedoria da sua mãe, que não o obrigou a seguir a “arte” de carpinteiro, mas arranhou uma forma inteligente de o encaminhar, voluntariamente, para essa escolha.

O fim desta sessão encerra a fase da Infância. Antes de passar para a fase da adolescência, citar-se-á o último parágrafo do capítulo dois, denominado *Testamento*, do seu primeiro livro, pois, através das suas palavras, verifica-se a pertinência de tudo o que foi dito até este momento e a declaração clara, na primeira pessoa, das duas pessoas mais importantes na sua infância:

“Nesta hora em que escrevo as minhas memórias de infância, não quero de forma alguma esquecer aquela santa mulher a quem devo tudo. Desde a educação à formação, como ser humano cumpridor dos meus deveres para com a sociedade onde estou inserido, tudo isto devo à minha mãe. Tanto a ela como ao velho Carolino, que Deus os tenha na Sua santa paz” (Garcia, 2005, p. 12).

Na segunda sessão da entrevista, antes de se abordarem as questões do Bloco 3, a mestrande julgou pertinente esclarecer algumas questões relativas a pessoas que estão relacionadas com a sua identidade biográfica, o pai biológico e o padrasto.

No que concerne ao pai biológico, perguntou ao participante se a mãe lhe tinha contado quem tinha sido, ao que ele respondeu:

“Contou, ela contou, até era uma pessoa de uma certa craveira social, de elevado nível, que teve vários cargos na função pública, claro. E dali eu fiquei sempre a saber quem era. Ele nunca me conheceu, mas eu conheci-o bem.

[A sua mãe esteve com o velho Carolino, como referiu] Exato, no fim de ter dois filhos teve com o velho Carolino. *[Disse que, depois, teve um padrasto. A sua mãe casou depois?]* No fim de estar, ela estar talvez 7 anos com o velhote e, nesse caso então, passado algum tempo, automaticamente casou. “

Neste pequeno excerto, o participante revela a ausência de relação com o seu pai biológico. O casamento da sua mãe acontece, após a morte do “velhote”. Na citação abaixo apresentada, o participante sentiu necessidade de revelar uma passagem, clarificando, desse modo, uma série de aspetos, entre os quais o carácter do seu padrasto, denunciando, assim, o tipo de relação estabelecida com ele:

Eu não sei se posso contar uma história, antes do velhote falecer. *[Pode pois, pode contar tudo o que quiser]* O velhote e eu fomos a Vila Franca de Arazede a um notário que lá havia. Fomos a pé e viemos a pé, na altura era assim, já lá vão 80 e tal anos. Quando chegou a casa, ele entregou um papel à minha mãe, e disse à minha mãe: (...) “Olha, um dia quando eu morrer, tu serás a minha herdeira de tudo. Em contrapartida, o teu filho é herdeiro de uma casa...” *[Explicou em jeito de aparte: que mais tarde foi a casa de habitação e a casa onde eu tive a primeira oficina e, até mais tarde, o museu].* E dali o velho disse logo “porque tu és nova e um dia, quando eu falecer, tu arranjas outro homem e eu não quero que o teu filho fique de pau e manta, queria dizer não queria que eu fosse marginalizado. (Nota curiosa, que foi como ele disse). O que ele disse, em parte... *[faltou-lhe o termo]* foi uma profecia o que ele disse, que, “amanhã, o teu padrasto pode ficar ...” e foi o que ele tentou fazer, ele queria ficar com as coisas *[com as suas coisas; ele temia que, um dia, quando a sua mãe casasse...]* exato, ela herdava aquilo que ele tinha (...) *[Ele temia que, um dia, a sua mãe casasse e um padrasto pudesse maltratá-lo...]* Ele, padrasto, nunca me bateu, mas fez de mim um escravo, mas tentou tudo por tudo para me tirar as coisas, ainda a casita. *[Tal e qual como o velho Carolino temia. Que idade tinha, quando o velho Carolino morreu?]* Oito anos, portanto, há 81 anos, mas recordo-me, recordo-me da imagem dele, os conselhos que ele dava... *[Pode dizer-se que, depois da sua mãe, o velho Carolino foi a pessoa mais importante para si?]* Para mim foi! *[resposta pronta e assertiva e repetiu enfaticamente].*”

É surpreendente verificar que existem relações tão fortes, que marcam completamente o ser humano, pela dimensão assumida de apego, acompanhamento, reciprocidade, amizade, enfim, experienciadas por uma série de sentimentos e vividas de tal modo que, no caso do participante deste estudo, bastaram cinco anos de relacionamento, de convivência (dos 3 aos 8 anos) com o “velhote”, para esta pessoa ser “a mais importante da sua vida”. No capítulo dois, denominado *Testamento*, do seu livro de registo autobiográfico, o participante conta esta mesma passagem e, na parte final do pequeno capítulo, deixa registado:

“O velho não me deixou apenas a casa que já referi, ele deixou-me uma grande experiência de vida que jamais esquecerei. Muitas foram as vezes que me disse que o principal da vida de uma pessoa é apanhar asas, aprender a dar os primeiros passos com segurança para depois poder voar livre e seguro. Para mim o velho Carolino foi tudo na vida: pai, avô, o psicólogo que me ensinou a enfrentar a vida de cabeça erguida, e ainda, o meu melhor amigo” (Garcia, 2005, p. 12).

No que respeita ao citado, é interessante observar que, pelo registo escrito, se denota mais cuidado com a construção do que está a ser transmitido, contrariamente à espontaneidade do registo oral da narrativa de vida, como se pode verificar:

“Para mim, foi a pessoa mais importante na minha vida, foi o homem que me acarinhou. Ele foi um pai, um psicólogo, um conselheiro “tu, faz assim, tu, faz assado”, era assim. “Tu tens de apanhar asas para voar. Faz-te fino!” Ele repetiu milhares de vezes “Faz-te fino!”

O mesmo se verifica com algumas descrições, por exemplo, ao narrar o modo como o “velhote” se dirigiu à mãe, para transmitir o teor do testamento:

“Este papel representa que depois da minha morte vocês serão os meus únicos herdeiros. (...) Para o teu filho fica a casa das duas frentes que dão para a Rua Marquês de Pombal e para o Largo da Corredora” (Garcia, 2005, p. 11).

“Olha, um dia quando eu morrer, tu serás a minha herdeira de tudo. Em contrapartida, o teu filho é herdeiro de uma casa...” (Entrevista, 2.ª sessão).

Relativamente a este aspeto, julga-se estar perante a “experiência filtrada”, existente nas narrativas de vida, que assumem forma oral, mais espontânea e dialógica, contrariamente às autobiografias, escritas e autorreflexivas, que permitem ao sujeito observar a sua vida passada “na totalidade e como uma totalidade” (Bertaux, 2010, p.49).

Centre-se, de novo, a atenção no tipo de relações que se vão estabelecendo ao longo da vida do participante e que deixam a sua indelével marca. Pelo registo deixado pelo participante, na entrevista e no livro, a relação entre ele e o padrasto foi de hostilidade e, talvez, de rejeição, marcada por sentimentos de injustiça, dir-se-ia mesmo, por abuso de autoridade e de trabalhos forçados; o participante refere “escravatura”: “fez de mim um escravo, mas tentou tudo por tudo para me tirar as coisas, ainda a casita”. O participante pouco revela da figura do padrasto, no entanto, através da sua observação participante, a mestranda verificou que se trata de uma *persona non grata*, antípoda da do “velho Carolino”.

Depois de ver esclarecidas as questões, deu-se início à segunda entrevista que, seguindo o Guião, corresponde às fases da Adolescência e da Adulter Emergente. A

mestranda pretende esclarecer que na *Tábua Biográfica* (Figura 2) surge um acontecimento muito marcante, na vida do participante, aos 15 anos de idade, o qual foi, apenas, revelado, na terceira Sessão da entrevista, atendendo ao procedimento utilizado para estruturar o Guião (por Blocos e por fases da sua vida, a diferentes níveis). Esta experiência, verdadeiramente marcante, repercute-se ainda hoje e está ligada às experiências a nível religioso e às relações espirituais.

Abrindo, aqui, um pequeno parêntesis, a mestranda atreve-se a referir que, na década de 40 do século XX, no nosso país, as crianças, depois de saírem da escola e de ingressarem no mundo do trabalho, com onze ou doze anos, praticamente, não viviam a fase da Adolescência, assumindo, precocemente, responsabilidades inerentes à fase da agora designada Adulter Emergente (*e.g.* trabalhar para ajudar, economicamente, a família). O participante em estudo representa esta realidade. Assim, abordou-se a questão do trabalho, após o término da escolaridade obrigatória. Ele refere, de novo, a pessoa principal na escolha da sua profissão, a mãe, dizendo algo que não deixa de ser curioso e, até, intrigante:

“Decidi ser carpinteiro por uma coisa, completamente, simples, a minha mãe queria que eu fosse carpinteiro.”

O “querer da mãe”; anteriormente, já se tinha refletido sobre a forma sábia, e de certo modo astuciosa, de a mãe conseguir o seu intento. O participante apresenta esta explicação e, no dia da entrevista, a mestranda pôde verificar que o disse, muito assertiva e tranquilamente, como se esse facto tivesse sido inquestionável.

Nesse momento da entrevista, o participante iniciou a sua história, referindo os locais onde aprendeu e desenvolveu a sua profissão de carpinteiro, dos doze anos em diante. Os acontecimentos foram apresentados diacronicamente, atendendo à ordem em que se desenvolveram:

E, então, a minha mãe queria que eu fosse carpinteiro e eu fui, atão, até aqui para a fábrica aqui do Duarte Pinto, (...) fui para lá trabalhar de carpinteiro (...). Depois dali, fui trabalhar para a fábrica do Arribança, também como carpinteiro. Depois de carpinteiro, fui trabalhar para o João Henriques, mas o meu sonho também era tornar-me independente, claro.

Um dia fui trabalhar para Aveiro mais um colega meu e opois falámos: “é pá, vamos montar uma oficina”, “vamos montar”, assim tipo brincadeira e tal. E depois eu disse ao patrão, João Henriques: “ó senhor fulano de tal, não me leve a mal, mas eu tenho um sonho...” e eu conversei com ele, e o homem não foi contra isso: “Pronto, faz bem.”. E então eu fui para uma sociedade com o outro.”

Conforme se pode verificar, em poucas palavras, o participante avançou doze anos, pois começou a trabalhar com 12 anos e montou a oficina com 24 anos (sociedade com um colega).

Neste momento da narração, surge uma nova figura, o colega de trabalho/ sócio. A relação profissional, de sociedade, não correu bem:

“E então eu fui para uma sociedade com o outro. Só que, passado quinze dias, eu estava com ela por aqui assim com ele [*fazendo o gesto de saturaçã*]. O gajo era mesmo travesso.... E então eu: “ai, como é que me vou ver livre dele!” [*a coçar a cabeça, a exemplificar a preocupação que sentia*] Até que ele chega passado não chega a dois meses, ou coisa assim parecida, que se queria ir embora. Naquela altura, ainda recebeu quinhentos escudos [*500\$00; o equivalente a 2,50€*] de coisa, naquela altura, era muito.”

Terminada a sociedade, o participante narra como continuou o seu trabalho por conta própria:

“Depois comecei a trabalhar, manualmente, cheguei a ter uma dúzia [12] de homens a trabalhar, no rapa-rapa à mão. Depois ia à máquina dos Pintos para fazermos o trabalho que era para moldar os caixilhos e as portas. Depois comprei uma maquetazita e foi continuando, até que já tínhamos meia dúzia de homens, e já tinha algumas poucas máquinas, até que veio o 25 de abril, e começa aquela história da “exploração do homem pelo homem, porque assim, porque assado e tal...” e eu pensava assim: “então, ó Senhor, eu vivi com milhentas dificuldades, tenho que andar ao sábado à procura dos clientes para pagarem e eu pagar os salários e coisa assim parecida. Eles fazem as mobílias deles e levam daqui a madeira, fazem daqui o trabalho e coisa assim parecida, sou mais do que pai deles e ainda sou explorador?” E depois, nesse caso então, pensei “eu não quero explorar”. E, nesse caso então, comecei a mecanizar e pronto, altamente sofisticado, no sentido figurado. Uma máquina produz por dez [10] homens, e hoje, felizmente, trabalhamos com três homens e não temos problemas nenhuns e fazemos muito trabalho. Há dias, o meu filho disse: “demoro mais tempo a ir ver o trabalho, dar o orçamento do que um homem a fazer uma cozinha” e era, filha, está tudo computadorizado. Foi a paixão pela arte. Só depois da, como é que eu hei de dizer, depois da reforma é que eu comecei a fazer as maquetes, que era para não ficar parado, pronto, fazer aquelas imagens todas que a menina conhece.”

Através da leitura do excerto, verificamos que o participante está a narrar os acontecimentos, mas não de forma linear, tal como afirma Bertaux (2010), “a narrativa de vida passeia, salta adiante, depois retrocede, toma caminhos diversos, como toda narrativa espontânea” (p. 95). Aqui, pode constatar-se “um desvio da narrativa em relação à descrição linear da história reconstituída” (Bertaux, 2010, p. 97), observam-se os saltos temporais por vários períodos da sua vida (*e.g.* começou a trabalhar por conta própria, em 1956, passa para os anos do pós-revolução 25 de abril de 1974, entretanto, avança para a

atualidade “há dias, o meu filho disse” e, quase no mesmo instante, retrocede ao tempo, depois da reforma, em que começou a fazer as maquetes (e que a mestranda sabe que foi em 2010). Perante este facto, houve necessidade de se recentrarem as questões, auxiliando-se do Guião:

“[Voltando um pouco atrás, quando começou a aprender, teve algum mestre?] As fábricas tinham um mestre, quer dizer, encarregado, que dirigia o pessoal todo. [Não teve ninguém especial?] Não, em qualquer arte a gente vai aprendendo e subindo devagarinho. Mais tarde, passei para outra oficina, (...) que era aí a fábrica do João Henriques. Então, eu com 20 anos ou coisa assim parecida, já dirigia aquela secção, porque sabia ler as plantas. Mas trabalhava só na questão dos móveis.”

A nível profissional, enquanto aprendiz da sua profissão, constata-se que não estabeleceu nenhuma relação com alguém que imprimisse em si a sua marca. Percebe-se que, através da aprendizagem e da boa aplicação dos conhecimentos, se ascendia a nível profissional. O participante aos 20 anos já era encarregado de uma secção, por deter algumas aptidões que o distinguiam.

1.3. Emancipação, cedo arraigada no seu ser, para facetar o seu futuro

Quando foi questionado sobre o cumprimento do Serviço Militar Obrigatório⁵⁵, na fase da Adulterez Emergente, ele respondeu e apresentou mais uma pessoa, com a qual detém, em certa medida, uma relação espiritual, envolta em algum mistério e perante a qual apresenta uma grande veneração:

“Eu não fui à tropa. Olhe e isso é uma história um tanto ou quanto curiosa do seguinte. Era uma das coisas que eu mais gostava era de ir à tropa (...). Portanto, antes uns dias da inspeção, disse a uma pessoa amiga “olha vou, agora à inspeção, à tropa”. Depois, a pessoa vai assim:” tu não vais à tropa”. A pessoa que o disse, disse que foi a minha irmã que lho tinha dito. Diz o povo da terra e confirma que ela intercede diante de Deus e que faz muitas graças.

[A sua irmã Ema?] Não, a irmã Carlotinha, a da Pocariça, meia-irmã, era meia-irmã [da parte do pai biológico]. É a Carlotinha que dizem que faz muitos milagres, são coisas sérias, não se sabe, só Deus é que sabe, claro. E a pessoa repetiu, dizendo:” tu não vais à tropa” e eu não quis acreditar, nessa coisa. O que eu sei dizer é que, quando cheguei à inspeção, (...) Resultado: “Aprovado para todos os efeitos militares”, era o que eu queria, não é. Bom, o que é certo é que, meses depois, fui ver a listagem para onde ia e veio a tal resposta “Dispensado de todos os serviços militares”. [Não questionou, depois, o porquê?] Eu, apenas, liguei à conversa do meu amigo.”

⁵⁵ “Após o fim do período transitório, em setembro de 2004, assiste-se à voluntarização plena do serviço militar com a extinção do Serviço Efetivo Normal” (Governo da República Portuguesa, 2017).

O participante sendo meio-irmão, e bastante crente e devoto, vê nela, Carlotinha, uma grande referência, pela qual nutre um grande respeito.

Agora, ir-se-á passar à fase pré-casamento, onde será apresentada a sua futura esposa, pessoa muito importante na sua vida e que, conforme explica o participante:

“Ora bem, a minha futura esposa chamava-se Maria Luísa da Silva Gonçalves, mas antes de eu namorar com ela, namorei com uma outra rapariga. Ela era do meio rural, tinha terras e tal. Como o meu padrasto era assim um bocadinho leviano [*pausa para pensar*] e o pai, o pai não, uma pessoa, não sei se era padrinho dessa rapariga, que aconselhou para o pai para não querer para eu casar com ela. Ainda namorámos uma temporada, namorávamos, quer dizer, ela estava lá em cima na janela e eu passava a assobiar, ela já estava atenta ao assobio, vinha para a janela e só dávamos duas ou três palavras. Naquele tempo, já era uma consolação, só o de a ver, já era muito... O que sei dizer, é que só muito mais tarde é que eu soube que, de facto, foi o senhor que tinha retirado. Ela então casou com outro. A minha esposa, a que foi de facto minha esposa, é que era a intermediária de uns recados e tal e nesse caso, então, no fim de ela me ter, teoricamente, largado. Eu também não fiz grandes ondas, apesar de gostar dela, fiquei triste, mas tinha que aceitar, o pai não queria, não podia fazer nada, e na altura claro... Nesse caso, então, fui namorar a minha esposa, mas primeiro tive de escrever uma carta a pedir autorização ao pai. Naquela altura era assim. E o pai autorizou, depois fomos namorar à janela, à porta e coisa assim parecida, até que passado dois anos, a gente casou. [*Tem ideia do ano em que casou?*] Foi em novembro de 1954, tinha 22 anos.

A mestranda considera interessante este tipo de relação, inicialmente, era de amizade, pois era a “intermediária de uns recados” entre ele e a namorada, transformando-se, após o não consentimento do namoro com a primeira namorada, em relação de amor, que os uniu para a vida. No Bloco 4, falar-se-á um pouco mais da esposa, companheira de uma vida.

Após ter ouvido a narração anterior, que considerou fascinante e reflexo de alguém com nobreza de carácter, interagiu e afirmou:

“[*Quando era jovem tinha valores.*] Quer dizer, tinha valores morais. Eu fui criado num ambiente... atenção, pela parte da minha mãe, o meu padrasto não, quer dizer, não era contra, mas não ligava. E eu fui criado, automaticamente, dentro das ideias católicas. Até porque, mais tarde, fui catequista, 25 anos; fiz a celebração da palavra, também, meia dúzia de anos; andei a dar a comunhão aos doentes, também, quase meia dúzia de anos, claro, e, portanto, eu, automaticamente, segui sempre a linha da religião católica. [*Que valores defendia?*] A moral e o Cristianismo, ainda hoje quando falo, não tenho problema nenhum, ainda há um bocado, a dona Teresa telefonou e eu estava a “cumprimentar o amigo” na igreja e eu agarrei no telefone e desliguei o telefone, passados 5 minutos já tinha feito as minhas orações. Desliguei que era para não interromper, estava a falar com um não estava a falar com outro, pronto. Gosto, como disse, além de tudo o que eu fiz,

as pessoas consideravam-me um conselheiro e, como já tínhamos falado, eu enxuguei muitas lágrimas. As pessoas vinham ter comigo, pronto, sabiam que eu era uma pessoa católica, de confiança.”

Após o que foi narrado, o participante revelou o “Amigo” que, todos os dias, sensivelmente, das 14h às 14h15, vai visitar à Igreja. Considera-se importante referir que esta ligação espiritual é intrínseca ao participante. Durante muito tempo, a propósito de atividades, a nível profissional, que a mestranda realizava, e realiza, com o senhor Carlos Garcia, os agendamentos, no período da tarde, eram/são sempre marcados das 14h30 em diante, pois, no período acima referido, ia/vai visitar um amigo. A mestranda julgou, sempre, tratar-se de um ser humano, amigo, que estaria doente e que o participante iria visitar, religiosamente, àquela hora. Com bastante admiração, no momento da entrevista, percebeu tratar-se de um ser divino.

Entretanto a narrativa sofreu um novo desvio, pois o participante enunciou uma situação, pois “as pessoas consideravam-[no] um conselheiro”. Referindo, de seguida, a importância de ter feito “Cursos de Cristandade. A mestranda não interrompeu a sua narração, mas, quando julgou oportuno, voltou ao momento em que se encontravam, antes do desvio narrativo - o casamento:

“A cerimónia foi uma cerimónia católica, claro. (...) *[Foram viver para onde? Com os pais, com os sogros?]* Não. Fui viver para a casa que o tal velho me tinha deixado. Dois anos depois, é que formei aí a carpintaria ou marcenaria, e foi nessa casa. *[Como é que descreve o seu casamento? Como foram os primeiros anos como casal? Foi difícil?]* Olhe, não foi. *[Dito pausadamente, com convicção]* Não foi difícil, eu fui feliz com a minha esposa. E digo, ó Maria João, há coisas que a gente sente, fui tão feliz que, no dia do meu casamento, chorei, chorei, quer dizer, vieram-me as lágrimas aos olhos, quer dizer, de felicidade. (...). Estou-me a confessar, porque o Senhor está aqui no meio de a gente os dois. Tive um casamento feliz, feliz, feliz, feliz. Ela era uma esposa compreensiva, meiga. (...) Houve sempre o máximo de respeito.”

Através deste excerto, o participante revela a sua relação matrimonial, de felicidade, pautada pelo respeito, com uma esposa compreensiva e meiga.

Quando a mestranda perguntou quantos filhos tiveram, o participante respondeu que foram três, revelando a sua identidade:

“Duas meninas e um menino. Durante ano e meio, não nasceu ninguém. Depois, nasceu a minha Sãozita, é sempre a minha Sãozita, que casou com o Costa e Silva (...) Depois, tive cinco anos sem ter filhos. E era uma das coisas que eu gostava, gostava muito de ter um filho para ser o continuador disto *[da sua empresa]*. E um dia sonhei que tinha um casal de gémeos, mas sonhei no dia da primeira comunhão, em que ele ia com uns calçõesinhos de cor azul e uma camisa branca e ela ia com uma saia plissada azul e uma camisinha

branca. (...) acordei e disse à minha mulher: “vê lá tu, sonhei que tínhamos um casal de gémeos, que assim que assado”; “oh, tu és doido!” [Contado com muita satisfação]. Nem havia ainda nada. O tempo passou e a minha mulher achou-se, prontos, grávida. Fomos ainda aqui ao Dr. Reguixa, estava tudo muito bem (...) Naquela altura, as crianças nasciam em casa, chama-se a parteira e nasce a Fatinha, a menina: “olha, tens aqui uma menina”. E eu, então, venho à entrada da porta, entre a cozinha e a fabriqueta, e começo a questionar: “ó Senhor, então como é isso, eu gostava tanto de ter um menino, para dar continuidade a isto” (...). Passado um bocado, grita-me a coisa [referia--se à parteira], aflita, “ó, tenha paciência, tens aqui mais um, é um menino”; e eu disse: “é um menino?! Não há problema nenhum” [Contado com muita satisfação e de modo efusivo]. E foi, o sonho realizou-se em que de facto a criança, um dia, foi o continuador. E tenho pena dos netos não continuarem, mas pronto. [Então, diga-me uma coisa. Depois cumpriu a “profecia”?] Sim, tal e qual como no sonho.

O participante teve três filhos, a Conceição, a Fátima e o João. Como se percebe, pelos diminutivos que utiliza e, através da forma de tratamento: “é sempre a minha Sãozita” nutriu uma relação de grande carinho com as filhas e com o filho, a sua grande esperança para dar continuidade à sua empresa; usando as suas palavras: o sonho realizou-se em que de facto a criança, um dia, foi o continuador. O participante refere, ainda, o genro, [José Alberto] Costa e Silva e, também, o Dr. Reguixa, médico bastante conceituado, na altura, em Cantanhede.

No capítulo VII, *Sonho e promessa*, do seu primeiro livro, está descrita, também, esta passagem. No que respeita ao título, o *sonho* já foi revelado (os gémeos, rapariga e rapaz) e a *promessa*:

“Naquele momento agradei a Deus a graça que me deu, ter um filho varão, e foi nesse momento em que fiz a promessa que, quando eles fizessem a Primeira Comunhão iriam vestidos conforme eu tinha sonhado antes” (Garcia, 2005, pp. 22 e 23).

Numa das últimas questões do Bloco 4, constante no item, *Momentos/ aspetos marcantes, a nível pessoal*, a mestrandia perguntou:

“[Relativamente aos filhos, que desafios enfrentou depois de eles nascerem?] Não tive, quer dizer, eu problemas graças a Deus, com doenças nunca tive, foram sempre saudáveis. Haa... o único problema que eu tinha, era como eu era um pequeno marceneiro, tinha dificuldades em alimentá-los, pela dimensão da família, dos bebés, de lhe dar leite, porque a mãe não tinha leite para lhe dar. E então, acontece que um dia aconselharam-me para ir ao lactário, que havia em Ançã (...) Só que o leite não chegava e, um dia, aconselharam-me (...) a torrar farinha de trigo, colocar um bocadinho de açúcar e dava e aquilo alimentava e assim foi que eles foram criados. Graças a Deus, eles foram crescendo, pronto, sempre saudáveis, pronto, só tive o azar, o azar, só Deus é que sabe, de a esposa ter falecido e, passado três meses, morre a filha. Porque a esposa eu já estava à espera, já estava há dez anos doente com Alzheimer, não sabia que estava no mundo. E essa filha

tomou conta dela como se fosse uma criança. Às vezes, impressionava-me como é que ela a tratava... e depois eu pensava que ficava com a minha filha, só que aconteceu o inesperado... (...) Após o falecimento da minha esposa e da minha filha, reuni-me com os outros filhos, para saber para onde ir. Todos queriam que fosse para casa deles, mas conscientemente pensei que ainda era cedo. Mesmo com 89 anos, faço uma vida normal e eu sentia-me, talvez, um empecilho, mas também não queria ir para um lar; queria estar no meu cantinho, sem estar desenraizado da família. Optei por ficar com o companheiro da minha filha, se ele concordasse. Quando eu cheguei ao pé dele, contei: «ó João, olha pá, isto assim, assim, assim» e então, nem cheguei a contar, ele disse: “ó sr. Carlos, a única coisa que a sua filha mais me pediu foi “nunca abandones o meu pai”», eu cumpro a promessa. (...) Ele trata-me como se fosse um Irmão, eu brinco com ele como se fosse um irmão. Da miúda [a Maria, neta do sr. João], então, é o espalha-brasas da casa, é o entretém da casa.

Apesar da passagem ser longa, e de se verificarem desvios na narrativa, desde o período em que nasceram os gémeos, em 1963, com avanços até finais do ano de 2020, a mestranda considera-a muito importante por ser reveladora de mais duas pessoas importantes na vida do participante, João Morais, o companheiro da filha Fátima (que faleceu), com quem estabeleceu uma relação de parentesco, recíproca, afável e amiga, “trata-me como se fosse um Irmão, eu brinco com ele como se fosse um irmão” e a pequena Maria, neta do senhor João Morais, atualmente com 6 anos de idade, pela qual o participante nutre muito carinho, “é o espalha-brasas da casa, é o entretém da casa.”

Na última questão, respeitante ao casamento, onde se perguntou:

“[Que mensagem transmite aos jovens e hoje sobre o casamento?] O participante respondeu: (...) A mensagem é a seguinte: é que eu casei por amor à minha mulher. E o vosso casamento deve ser feito por amor, não por interesses materiais, ou bens (...). No casal, o que interessa, de facto, é que amem e, acima de tudo, era capaz de dar um conselho: ponham o Senhor no meio de vocês (...) A vida, costuma-se dizer, não é só viver, é saber viver. Foi dos grandes conselhos que recebi do tal velhote que eu vivi.

(...) Eu, por exemplo, sinto-me feliz, toda a gente me respeita, vou a um lado qualquer, respeito toda a gente (...). Não tenho problema nenhum, de facto, tenho conhecimentos com toda a gente, dou-me com toda a gente. Nós, os velhos, precisamos, apenas, de carinho e compreensão. (...) [O sr. Carlos é prestável para as pessoas e as pessoas retribuem]. “Formam-se doutores e engenheiros, mas faltam-nos formar Homens [seres humanos]!”

Após a sua resposta, cumpre acrescentar-se ao que já foi dito, sobre a sua relação com a esposa, o facto de ter casado por amor. Mais uma vez, se constata a presença da figura do “velhote”, como referência pelos bons conselhos que lhe deu. Por fim, deixa, também, transparecer a relação amistosa que tem com “toda a gente”, mas a mestranda sentiu e observou, na altura da entrevista, alguma tristeza nas palavras, quando se referiu a

“nós, os velhos, precisamos apenas de carinho e compreensão”, terminando a segunda sessão com uma frase bastante crítica e acutilante, no que respeita à formação e à relação dos seres humanos, atualmente.

A terceira sessão da entrevista de vida deu continuidade às questões do Bloco 4, iniciando-se com a alínea B, os aspetos marcantes, *a nível profissional*. Como já foi referido, anteriormente, para o presente estudo, interessa, particularmente, perceber quais foram as pessoas que impactaram o participante, deixando a sua marca, percebendo, também, o contexto que facilitou esses encontros e os tipos de relações estabelecidas.

O participante fala da fundação da empresa “Cozinha Garcia”, em 1959, após ter desfeito a sociedade com o colega, relação já abordada anteriormente. Depois, ocorre uma alteração na ordem sequencial dos acontecimentos, em que o participante avança para o período pós-revolução de abril, altura em que começa a mecanizar a empresa:

“Depois, dá-se o 25 de abril [*de 1974*], alguém dizia que a gente [*os patrões*] andava a explorar os operários e que assim e que assado e eu disse “é pá, é capaz destes gajos terem razão ou eu é que sou o explorado?!” A única solução que eu tenho a fazer é o seguinte: vou comprando algumas máquinas e, conforme eles forem saindo, por vontade deles, à vontade deles, e assim me desenvencilhei. Depois, fui mecanizando, dentro de uma coisa modesta, claro. Mas depois adquirindo as máquinas, cheguei a ir a Itália, comprei uma em Itália. Fui a várias vezes a exposições, com o João [*o filho*] a França, para ver a evolução das coisas, que não tinha, portanto, a gente já estava a par daquilo tudo, claro. Não era para ver, era para comprar. Era o ter uma certa maquinaria para o serviço, enfim...”.

Neste excerto, o participante dá nota de que o filho o acompanhava, quando se deslocava a França para verem exposições. Imediatamente a seguir, a narrativa avança, de novo, mais uns anos:

“Portanto, depois mais tarde, veio o filho [o seu filho] que gosta daquilo e é quem está agora à frente da fábrica. (...) O João agora vê nas internetes e companhia limitada alguma novidade, já vem com uma ideia: “ouça lá, pai, podia fazer isto assim e assado”; “eu já sei o que é que tu queres”. A minha vida foi isto: “olhe, é assim e assado”; “não é preciso mais nada” e lá desenvolvo a coisa, eu faço de serralheiro, faço ou improviso a maquineta, faço tudo, aqui assim em casa [*refere-se à oficina da empresa*], desde máquinas de lixar, máquinas de colar.”

O filho, que acompanhou o pai e deu continuidade à empresa, sendo o seu atual gestor, não prescinde dos sábios conselhos e da ajuda do pai (nosso participante). Entre eles, pode-se falar de uma relação que vai muito além da de parentesco, uma vez que se

está a falar de uma dupla de profissionais que se entreadjudam, completando-se, na experiência e troca de saberes, coadjuvados pelas novas tecnologias e pela polivalência.

Atentemos no excerto seguinte, quando a mestranda lhe perguntou:

“[Quais eram as suas funções na empresa?] Era o faz tudo! [Risos] Ó filha, eu tinha que ir a casa do cliente [reformulou a resposta] tinha que atender aqui o cliente em casa, depois ia a casa do cliente ver o trabalho. (...) Vinha para casa e, depois, dava o orçamento. Se o cliente quisesse (...) Depois, ia montar os móveis a casa do cliente. Eu tinha uma grande vantagem, em que, como se diz, “quem quer, vai e quem não quer, manda”. E qual era vantagem que eu tinha? É que eu chegava, punha os móveis no local, e o cliente, automaticamente, pagava sempre. Pelo menos, noventa e cinco por cento (95%) do que a gente produzia, recebia logo. E isso foi muito importante.”

Através das suas palavras, evidencia-se o seu carácter polivalente. O participante era gerente e, ao mesmo tempo, funcionário da empresa, ou seja, a relação estabelecida com os funcionários era, também, de colega de trabalho.

No seguimento da sua narração, quando abordado sobre o facto de ser gerente da empresa, trabalhador por conta própria, e questionado se lhe trouxe benefícios ou prejuízos, responde, enunciando alguns ensinamentos:

“Benefícios. Eu fui tentado várias vezes para emigrar e eu não quis emigrar, quis ficar na minha terra, portanto, com a minha coisa que criei. Não quer dizer que não foi a muito poupar e muita coisa e consegui, ã,ã,ã... dinheiro, não consegui, mas consegui bens materiais, umas casitas que mandei fazer e comprei e coisa assim parecida, para dar aos filhos, para dar a certa independência deles, um dia. A minha mãe ensinou-me e o velho ensinou-me que a gente havia de apanhar asas para voar e qual era o melhor sistema? O dinheiro no banco não rendia, rende, mas não é nada. Assim, uma casa, que se mandava fazer, mesmo uma casinha modesta, mas são cento e cinquenta ou duzentos (150 ou 200) Euros e todos os meses vem aquele x, portanto, o dinheiro está sempre a render. “

A referência às figuras da mãe e do “velhote” e dos seus marcantes ensinamentos surgem mais uma vez.

No que respeita aos benefícios, foram muito curiosas as ligações que o participante, de seguida, fez no seu discurso:

“[A nível pessoal, familiar e profissional teve benefícios] Nunca tive problemas. O filho, como disse, eu pedi ao Senhor para me dar um filho [riso de satisfação] e nota curiosa, ele foi criado dentro de uma poceira, ao pé da fábrica, claro dentro da fábrica, e eu punha-lhe um bocado de madeira, em cima atravessado na poceira, ele era pequenito, estava lá sentado dentro da poceira (cesto), e ele com um martelito de alumínio pequenino, tric, tric, tric [fez o som e riu-se, como que a recordar algo que lhe deu satisfação].

[Ele foi para a fábrica consigo, porquê?] A gente vivia na fábrica; a casa de habitação era a mesma. A minha mulher ia para a Riviera [refere-se a um estabelecimento com restaurante e

residencial que existia em Cantanhede] e eu ficava com o menino assente dentro de um cesto. Mas pequeno, como disse, assentava-o com umas colchas assim de volta. (...) [Nessa altura tinha quantos funcionários? Havia alguém que tomava conta do João?] Tinha, talvez, meia dúzia deles. Recordo-me que a primeira vez que eu fui, até com a minha mulher, a França, fomos ver uma exposição de mobiliário. O João [e a Fátima] eram pequenos e esse moço que eu disse que era muito dedicado à casa, um rapaz com dezassete, dezoito (17, 18) anos, na altura (...) é que ficou a tomar conta dos miúdos, a tomar conta, quer dizer, a orientar, a tomar conta dos miúdos. A minha mãe, também, tomava conta deles à noite, mas, durante o dia levava-os a ele. (...) É o Jorge, é um bom menino, uma joia de menino. [Só podia ser para lhe confiar os seus bens mais preciosos, os filhos e a empresa] Ora pois [riso de orgulho e satisfação]”.

Pode verificar-se que, perante as palavras “benefícios”, o participante responde “nunca tive problemas” e começa, imediatamente, a falar sobre o nascimento “miraculoso” do filho e a contar como é que a criança cresceu, no mundo fabril.

Neste excerto surge uma nova pessoa, um funcionário, o Jorge [Luzeiro], que, como foi referido no excerto, foi importante na vida do participante (e na vida da família). Esta relação é quase de parentesco, pela confiança nele depositada. A mestranda considera oportuno apresentar um excerto de Jorge Luzeiro, uma das pessoas a quem foi pedido testemunho, na medida em que é ilustrativa da reciprocidade e da afinidade estabelecidas nesta relação:

“Conheci o senhor Carlos Garcia em criança, tinha 7 ou 8 anos, porque pedi aos meus pais. Eles queriam que eu fosse trabalhar para as obras, quando saí da escola com 10 anos e meio. (...) E eu pedi-lhe se podia ser carpinteiro, carpinteiro/ marceneiro. O meu pai falou com ele e mandou-me ir (saí em julho da escola e comecei a trabalhar lá em outubro desse ano). O senhor Carlos foi um segundo pai para mim, foi o meu mestre, foi e é uma *pessoa que eu admiro bastante*, porque todo o percurso dele foi sempre a ajudar outras pessoas e foi sempre uma pessoa que nunca soube dizer não. Tenho um carinho especial pelo João, pois, quando fui aprender o ofício, ele tinha meses e eu é que tomava conta dele (outro rapaz tomava conta da irmã gémea, a Fátima). A esposa do senhor Carlos trabalhava na cozinha de um restaurante. Os gémeos ficavam com o pai e nós estávamos sempre de “vigia” (eu entretinha o João, no meu banco de carpinteiro, com um martelo e um prego). A irmã mais velha, a Conceição, já andava na escola.”

(Jorge Luzeiro, Reformado – Carpinteiro/ Marceneiro, 69 anos)

Depois da realização do seu sonho, “independência e autonomia”, através da fundação da empresa, e conseguida a estabilidade familiar, demarcou-se um quarto momento na vida do participante, ilustrado no seu *Círculo duma Vida*, em segundo lugar, Igreja, e esclarecido nesta sessão da entrevista (alínea C do Guião, referente aos aspetos marcantes, *a nível religioso*).

1.4. Afirmação cinzelada pela fé, pelo ímpeto de entrega ao outro e pela motivação em empreender, a nível pessoal, profissional e social

Considera-se pertinente citar as palavras utilizadas pelo participante, pois, na primeira pessoa, revela aspetos bastantes interessantes:

“Ora bem, a minha missão de cristandade. Portanto, apesar do meu padrasto não ser contra a igreja, não ligava; a minha mãe era religiosa, mas também não praticante, só de ano a ano é que ia à missa, e eu, automaticamente, era uma pessoa dedicada à igreja. Eu tinha oito (8) anos, já ia daqui, donde está as maquetes, para a igreja da misericórdia à missa e, ao mesmo tempo, aproveitava a ver a minha irmã, que estava no asilo. Ela cantava no coral e tinha uma voz, uma voz celestial. Era impecável. Lá, falava com ela, mas só falava naquele bocadinho, e depois, mais tarde, quando fui trabalhar para a fábrica do Arribança, pela parte de trás dos muros, a gente via-a muitas vezes. Até me compravam uns livros, eu ainda tenho esses livros guardados como relíquia. (...) fiz a primeira comunhão, fiz a profissão de fé, só mais tarde é que eu fiz o crisma, isso é que foi mais tarde. Casei-me pela igreja, e pronto, eu ia à missa, era um ‘beato’ como outro qualquer e continuo a ser. Mais tarde, fôramos atão, assim, a um curso de cristandade, tinha, então trinta e três (33) anos, já lá vai, eu tenho oitenta e nove (89) anos, já lá vai sessenta e seis (66) ou não sei quantos anos. Eu acho que eu fui na idade em que Jesus Cristo morreu, tinha eu trinta e três (33). Dali, então, a gente vai e mais aprende. Ali, automaticamente, mentalizam as pessoas a serem mais responsáveis na sua fé, (...) todas as semanas nos reunimos, conversamos, trazemos os nossos problemas, enfim, só naquele grupo, aqueles quatro ou cinco (4 ou 5) no grupo que foi com a gente. [*Foi com a sua esposa?*] Eu fui e só depois, passado um mês, ela foi. [*Reformulou a resposta*] Automaticamente, quando ia, ou quando vamos, ainda hoje, por exemplo, se houver dificuldades em problemas, de pessoas que a gente saiba, estranhas ou não, arranjamos sempre a maneira de resolver a situação do problema. Eu tive muitos casos, muitos casos.

A mestranda julga interessante a forma como o participante assume a sua “missão de Cristandade”. Interessa, verificar que, numa primeira fase, poderia haver um certo incentivo em ir à missa, apesar da igreja ser bastante longe para uma criança de oito anos se deslocar, pois o participante sabia que ia ver a irmã Ema (que se encontrava no Asilo da Santa Casa da Misericórdia) e que poderia falar um pouquinho com ela. A igreja era o local que possibilitava o encontro entre eles. É importante, também, atentar no aproveitamento de todo o tipo de circunstâncias para estabelecer esse contacto com a irmã, muitas vezes, apenas visual (*e.g.* a fábrica onde trabalhou, “pela parte de trás dos muros, a gente via-a muitas vezes”) e noutras com contacto, entre muros, com ela e com as outras meninas asiladas (*e.g.* “até me compravam uns livros, eu ainda tenho esses livros guardados como relíquia). Estas passagens chegam a ser emocionantes e assumem tanto significado ao verificar-se a importância atribuída aos livros e ao seu valor simbólico.

Verifica-se, também, pela enumeração feita, a importância atribuída ao facto de ter todos os *Sacramentos da Santa Igreja*, possíveis ao comum ser humano (o batismo já tinha sido referido). No entanto, a realização do “cursilho de cristandade, tinha, então, trinta e três (33) anos”, aparece como preponderante, pois, parafraseando o participante, “a gente vai e mais aprende. Ali, automaticamente, mentalizam as pessoas a serem mais responsáveis na sua fé”. Denota-se a importância da aprendizagem e a responsabilidade que isso implica. Neste excerto, o participante apresenta uma nova figura, coletiva, o grupo. Pelas suas palavras podemos perceber as implicações deste tipo de relação “constitutiva de uma forma de pensar e de agir, e o acompanhamento pode ser feito por mediação de uma pessoa de referência” (Josso & Pozzer, 2012, p. 119).

“Também frequentei um Curso de Cristandade e, assim, como ele e a Luísa, tínhamos reuniões uma vez por semana. Aí nós estudávamos, rezávamos e ajudávamos outros que de nós precisavam.”

(Maria Isabel Ferreira da Silva, Reformada – Doméstica, 86 anos)

“Ele fez Cursos de Cristandade e levou-me a um Curso de Cristandade, que foi uma experiência diferente, maravilhosa, onde se aprenderam coisas boas e bonitas.”

(Rui Alberto da Silva Branco, Reformado – Industrial/ oficina, 74 anos)

“Disse-me que era um carpinteiro, sem qualquer cultura literária, mas a quem os Cursos de Cristandade tinham despertado para uma vivência de fé mais comprometida em Igreja e no serviço fraterno.”

(Carlos José Neves Delgado, Pároco e Professor de Teologia - Pároco, em Cantanhede, de 1999 a 2008, 74 anos)

A mestranda julga interessante referir, também, o modo como o participante apresenta a sua idade, quando entrou para o Curso de Cristandade: “Eu acho que eu fui na idade em que Jesus Cristo morreu, tinha eu trinta e três (33)”. É muito curioso verificar esta associação de realidades, este marco cronológico poderá denunciar a existência desta relação espiritual. No seguimento da sua narrativa, respeitante à sua “missão de Cristandade” e à sua responsabilidade na “sua fé”, o participante, afirma:

“(…) a minha religião não é só rezar Padres Nossos, nem Avé Marias, nem coisa assim parecida, é, também, ver a necessidade que as pessoas têm, pronto, e ajudar. Atenção, não era eu, era o grupo que fazia, era três ou quatro (3 ou 4) ou coisa assim parecida. (...) Hoje, fala-se muito na guerra da Ucrânia. Um dia, já lá vai mais de vinte (20) anos, apareceu-me aqui um rapaz, aliás, dois ucranianos, e pediram-me se eu os aceitava: “eu aceito um, o mais que eu posso fazer é ir ao tal Jorge, para dar o trabalho ao outro, não é”. Mas eles tinham que entrar no outro dia e eu arranjei uma casa (...) Apenas, trouxeram um saco só de roupa. E eu disse para a minha mulher “ó filha, arranja aí uns cobertores, um lençol e tal, duas colheres, dois garfos, panelas” e fui ali à loja e disse: “você, passa-se isto assim, assim, vocês aviam o que for preciso; eu responsabilizo-me por isso, menos vinho e tabaco”. Fui ao padeiro, foi o mesmo... (...) Eu cheguei a pontos de o levar a trazer a mulher; eu disse-lhe: “pago-te a metade do bilhete de avião”. Hoje, ela está muito bem

empregue cá, no *Intermarché*, e assim foi, ela veio. (...) Portanto, o meu Cristianismo é esse.”

“Dei-me conta como acolheu vários emigrantes, maioria eram ucranianos nessa época, mesmo com certa relutância de outros (...). Ele procurava ajudar não apenas dando trabalho e salário justo, mas cuidando de os integrar socialmente, por vezes com alojamento, com adiantamentos de salário e até com facilidade de procurar outro emprego mais ajustado ou compatível com os interesses desses emigrantes. Confidenciava-me também muitas ajudas escondidas que dava a pessoas e famílias necessitadas e por isso interessava-se pelas Conferências Vicentinas e empurrava outras pessoas a colaborar assim. Tudo o que era socialmente positivo lhe interessava, não tanto como proveito pessoal, mas como gosto, desejo e satisfação de fazer o bem e de o defender, como colaboração num mundo que pode ser melhor.”

(Carlos José Neves Delgado, Pároco e Professor de Teologia - Pároco, em Cantanhede, de 1999 a 2008, 74 anos)

A sua narração e o testemunho citado falam por si, porém, a mestranda, apenas, quer relevar a importância que a estrutura familiar assume para o participante. Através do registo das suas notas de campo, poderá acrescentar ao referido, “cheguei a pontos de o levar a trazer a mulher”, que, para o participante, uma pessoa casada, que se vê forçada a emigrar, não deve estar muito tempo sem o seu cônjuge.

Entretanto, o participante, ao falar em ajudar aqueles que o abordam, ou aqueles que estão na mira da ação do grupo de cristandade, desvia a narrativa da sua ordem sequencial, começando a falar na pequena Maria, e acaba por confirmar a sua crença, a sua fé, o apego a um ser divino:

“Eu considero uma menina, a Maria que vive lá em casa, como minha neta, como minha filha, é um feitio muito especial. Pronto, eu dedico-me e preocupo-me com as pessoas, eu também tenho aquela tendência de ser brincalhão, de ver as pessoas felizes, no meu raio de ação. Só de facto tive, tive o problema da morte da minha mulher e dois meses depois a minha filha. Mas eu já estava mentalizado, no caso da minha mulher, mas a minha filha foi um choque, não é, mas a Sagrada Escritura diz “se quiseres seguir, tens de agarrar a tua cruz e segue-me” se não... (...). [*Sente que tem uma ligação com Deus?*] Uma ligação, eu tenho fé que há um Ser Universal que está acima disto tudo, o que podemos chamar Deus, claro. (...). [*Noutras conversas, o sr. Carlos diz: “ligo lá acima”. Sente que há aí qualquer coisa?*] Atenção, foi o que me ensinaram. Por exemplo, eu das duas [14h] à volta das duas e um quarto [14h15], agarro no carrinho, vou até à igreja, estou lá um quarto de hora [15 minutos] vou à minha vida, portanto, fazer uma visita, apenas uma visita. [*Todos os dias?*] É uma visita, pronto, umas vezes estou sozinho na igreja. Às vezes é até aquela coisa de estar sozinho: “Ó senhor, estás tão sozinho, hoje”. É, eu às vezes falo com ele, ó Maria João, eu estou a falar como quem está-se a confessar. (...) Vou ao altar do Santíssimo, faço as minhas orações, peço por aqueles que me pedem, pela minha saúde, pela paz, pronto, falo com Ele. Falo com Ele, como se estivesse a falar com a Maria João “ó pá, é isto, sou assim...”. Olha, seja bem seja mal, mal também não faz, minha querida, pronto!”

Pelas suas palavras vislumbra-se a sua relação religiosa, espiritual, que o ajuda a restabelecer-se do choque causado pelas perdas de dois dos seus entes mais queridos. Através dos textos da *Sagrada Escritura*, o participante faz o seu autoacompanhamento, modela a sua forma de pensar e de agir (Josso & Pozzer, 2012, p. 119). A figura do *Santíssimo* surge como o amigo, o conselheiro dos momentos difíceis, e, através da *Palavra*, exemplo da resiliência. Curiosamente, atributos que, também, foram atribuídos ao participante:

“A dedicação e o carinho, que coloca em tudo o que o rodeia, com que sempre nos trata, e que fazem parte da sua pessoa desde sempre, é um fator que faz com que seja, por nós, também muito acarinhado.”
(Maria Alexandrina Sousa, Contabilista, 56 anos)

“Temos, desde que nos conhecemos, uma relação de amizade. Uma amizade forte e sincera. Sei que posso contar incondicionalmente com ele e vice-versa.”
(Mário Marques da Conceição, Reformado – Torneiro Mecânico, 83 anos)

“Tem um coração gigante, uma bondade que não termina, uma resiliência que encanta qualquer um.”
(Joana Inês Seabra Malta, Médica de Medicina Geral e Familiar, 38 anos)

«Mais tarde, o senhor Garcia, que não era uma pessoa do meu relacionamento, surge como referência do “conselheiro”. (...) portanto, ele aparecia como alguém que “dava conselhos de amigo”.»
(Emanuel Casas de Melo, Encarregado Operacional, 67 anos)

Julga-se pertinente referir que o participante integrou a equipa de dois programas de rádio, um de cariz religioso e outro de cariz etnográfico. Neste momento, far-se-á alusão ao de natureza religiosa, denominado *Conhecer para Viver*, pela importância da informação que dessa narrativa advém:

«Eu já era catequista, portanto, automaticamente, desenvolvia o Evangelho de cada domingo, era à uma hora [13h]. (...) [Sozinho?] Não, era com a Dr.^a Dulce Sancho (...) havia uma certa amizade entre os dois. O Evangelho era lido e desenvolvido como eu sabia. (...) Havia, por exemplo, o padre Manuel da Pocariça e outros ouvintes que gostavam. (...) O padre Manuel, quando fez o livro dele da Pocariça, na dedicatória que me fez, escreveu: “ofereço ao meu amigo Carlos Garcia, militante cristão, a exemplo da sua irmã Carlotinha”. O Padre Manuel, ainda, conviveu cinco (5) anos com ela.»

A mestranda crê que este pequeno trecho inclui informação de grande valor para o participante, pois não só é reconhecido como um cristão militante como também vê reconhecida a “paternidade”, que não foi assumida pelo pai biológico, mas que se vê autenticada pelo padre Manuel, que privou com a sua meia-irmã Carlotinha. A mestranda socorre-se das suas notas de campo para acrescentar que, sempre que o participante se refere à sua irmã Carlotinha, o faz com um grande respeito, veneração e, até, um grande orgulho, que se denotam na voz e no rosto. De seguida, apresenta-se um pequeno excerto de um testemunho que corrobora as informações do participante, acima citadas.

“Na altura, com os meus trinta anos, iniciou-se em Cantanhede uma estação de Rádio “pirata” Rádio Clube de Cantanhede [...] a rádio, tendo no ar três programas semanais: um, ao domingo, ligado à Igreja “Conhecer para Viver” (...) uma rubrica destinada ao Comentário da Palavra de Deus desse Domingo e para este trabalho convidei o Sr. Carlos Garcia que durante os muitos anos que estivemos no ar fazia o seu comentário e reflexão à Palavra de Deus. Fê-lo sempre com muito carinho, com a generosidade que lhe é característica e em plena comunhão com o auditório que gostava muito de o ouvir.”

(Maria Dulce Sancho Salgueiro da Costa, Professora do Ensino Secundário Aposentada, 74 anos)

Ainda, neste capítulo, a mestranda indagou sobre o modo como o participante pertenceu a estas equipas ligadas à Igreja:

“Na catequese fui convidado para ir (...) agora na Celebração da Palavra, que é uma espécie de missa, aí sim, é que já houve uma espécie de inquérito nas pessoas e, então, foram escolhidas essas pessoas. Em primeiro lugar, fui eu (...) e, depois, vieram outros mais tarde. [Para fazer essa preparação, houve algum curso?] (...) Na da missa foi, houve dois cursos, ou assim. Eu tinha uma autorização, foram doze (12) anos (...) o da Igreja, da missa, da Celebração da Palavra.”

Na documentação facultada pelo participante, consta a primeira autorização, passada pela Diocese de Coimbra e assinada pelo Bispo de Coimbra, no dia 14 de junho de 1987, para o exercício do “serviço pastoral de Animador das Assembleias Dominicais sem Celebração da Eucaristia”, atualmente, também, designado por Ministro Laical, que consta do Anexo 01.

Para encerrar esta secção de natureza religiosa, foi-lhe perguntado o motivo pelo qual realizou um filme de cariz religioso. Antes de começar a contar o porquê, dá nota de uma coincidência interessante:

“Sim, curioso, foi apresentado ontem [dia 05 de abril de 2022] (...) no Salão Paroquial [São Pedro] àquela secção “tempos Livres” dos velhotes [dinamizado pela equipa do projeto CLDS - Contratos Locais de Desenvolvimento Social - Cantanhede 4G "Intervir, Integrar e Incluir"]

“O Sr. Carlos participa no grupo dinamizado na Freguesia de Cantanhede, que decorre quinzenalmente às terças-feiras no Centro Paroquial de S. Pedro. O Grupo é constituído por 13 beneficiários/as (...) com idades compreendidas entre 64 anos e 89 anos (o Sr. Carlos é o beneficiário com mais idade do grupo).

O Sr. Carlos integrou o grupo de Cantanhede a 3 de Agosto de 2021, tendo sido uma pessoa ativa, dinâmica e colaborante no grupo. O senhor participa com regularidade nas sessões desenvolvidas, dando os seus contributos, nomeadamente através da apresentação de um filme “Santa Maria de Vagos” da sua autoria.”

(A equipa do CLDS Cantanhede 4G)

A mestranda considera de particular interesse, e muito engraçada, a observação feita pelo participante, à “secção dos velhotes”, da qual ele faz parte enquanto “beneficiário com mais idade” (a sua longevidade não se encontra em sintonia com a sua idade subjetiva).

Voltando à narrativa do participante:

“Tinha eu uns quinze (15) anos e íamos, na altura, de bicicleta para a Praia de Mira. (...) Depois, íamos por trás do restaurante e entrávamos na barrinha a nadar até ao Mirassol (...). Mas eu não sabia nadar, nem nunca aprendi a nadar. Depois fui para lá, a água era só até ao pescoço e tal. Quando cheguei perto, pus-me em pé e senti-me afundar. E eu só vou assim: “Ai, Nossa Senhora que morro tão novo!” Foi isso, nesse momento, sinto uma mão a pegar, não foi a Nossa Senhora que foi lá, com toda a certeza. Deus faz os milagres através dos homens, não é. Atenção que, depois, eu fiquei com aquela coisa de... de prestar homenagem, portanto, a Nossa Senhora, em fazer um filme. A primeira coisa que eu fiz, tinha à volta de dezasseis (16) anos, fiz uma imagem deste tamanho [mostra as dimensões com a mão] (...) uma imagem tosca, pintadinha, mas muito bonita. (...) Depois, eu queria ir mais longe, fazer um filme. Fui sempre um apaixonado pelo cinema.

Mais tarde, já estava casado, já tinha a oficina e coisa assim parecida, eu queria continuar a louvar Nossa Senhora e fazer o filme, só que eu não tinha dinheiro para comprar uma máquina para filmar, projetar e coisa assim parecida. Um dia vou assim “espera aí, fulano está no Canadá e lá, às vezes, têm aquelas coisas em segunda mão e ele é capaz de me arranjar alguma coisa (...) o António Grilo (...) Quando passado mais um ano ou dois, apareceu, então, ele com a máquina de filmar e apareceu com a máquina de projetar. Eu já estava assim um bocadinho mais folgado [*economicamente*] “Ó António, quanto é que eu te tenho a dar?”; resposta: “Isso, dou-to que é para tu realizares o teu sonho”. Repare, hã! Para tu realizares o teu sonho. E assim foi! Eu fiz o Guião, desenhei e fiz as maquetes da torre antiga e da casa antiga, desenhei os vestidos do capitão e essas coisas todas, essa engrenagem toda. Filmei, fiz a montagem do filme, misturei o som, que ainda hoje estou para saber como consegui [*fala efusivamente, como se estivesse surpreendido*]. Que eu hoje já não, pronto, já não, posso saber como.

[*Então, as imagens que aparecem são maquetes?*] O castelo é, a torre do castelo de Montemor (O-Velho) onde foi filmado, onde o rei estava. Ora bem, andei dois (2) anos a fazer o filme, foram dois anos de muito trabalho. Tem hora e meia (1h30), é, filme de longa-metragem, colorido e sonoro, tem música sempre. Depois dali, fez-se o filme, quando o filme estava pronto há um senhor, que é o Manuel Nunes, que também pertence ao meu grupo de igreja, ele ia sempre comigo, acompanhava-me sempre com o carro dele. (...) E depois eu perguntei-lhe: “ó Manel, ouve lá, quanto é que eu te devo pela gasolina?”; “ó pá, tu és maluco!”; “olha, já que eu não te posso pagar, Nossa Senhora que te pague”. Oito (8) dias depois, saiu-lhe, na lotaria, na altura, há quarenta (40) anos, umas centenas de contos.

[*Para fazer este filme, tirou algum curso?*] Fiz uma espécie de minicurso. [*Onde?*] Por correspondência. Depois, mandaram-me um livro. Portanto, dá-se a hipótese que eu quero ver este móvel aqui [*levanta-se e exemplifica*] (...) Se eu quiser que o móvel seja grande, eu filmo de baixo para cima. A torre não tem mais do que isto assim e assim de largura [*mostra as dimensões com a mão*] eu filmei deitado, pu-la assim em cima de um morro, filmei de baixo para cima e aquilo, aparecia a imponência da torre!” [*Tudo isso aprendeu nesse livro que lhe mandaram?*] Exato. Depois, os segundos que deve estar a filmar, como deve ser e deve estar, e tal. (...) Depois, eu via o revisor, via as imagens, chegava ali, tau [*faz um som*], cortava e emendava a fita. Depois, no fim, tinha de pôr o som e, depois, por exemplo, de princípio, [*pergunta-me se nunca vi o filme*] começa o barulho do mar [*faz o*

som] e, depois, eu começo a falar “há muitos, muitos anos, ainda estava a nacionalidade portuguesa em embrião, um barco de origem francesa, veio dar à costa da coisa” e depois toda a história até ao final.”

Este excerto narrativo é longo, mas considera-se de grande interesse, na medida em que deixa perceber de que modo algumas das experiências da pessoa humana, positivas ou negativas, habitam o seu ser e firmam o modo como age e pensa. O participante, salvo de afogamento, ficou, para sempre, grato a uma entidade superior, à qual prestou e presta, das mais variadas formas, homenagem. A primeira, esculpindo uma imagem de uma *Nossa Senhora* com uma criança ao colo (*vide* Apêndice 08).

No que respeita à citação em apreço, encontram-se mais duas figuras, que com ele se relacionaram e o ajudaram a concretizar o seu sonho, a realização do filme. Ambos lhe ofertaram a ajuda, gratuitamente; António Grilo, com a máquina de filmar e de projetar, e Manuel Nunes ao acompanhá-lo e a assessorá-lo na realização do filme (tendo a recompensa de ganhar a lotaria).

Por fim, o participante faz referência ao minicurso de cinema, por correspondência, revelando o seu gosto e o seu interesse por aprender e saber mais, assim como a importância da autoaprendizagem em idade adulta, a aprendizagem que fez, através de um livro sobre cinema. (A mestranda salienta o facto do participante lhe ter solicitado ajuda para passar o filme para um DVD; ajuda que lhe foi prestada. Por esse motivo, o participante ofertou-lhe uma cópia e a mestranda já o pôde visualizar).

“(…) o senhor Garcia fez uma sinopse do filme da Nossa Senhora de Vagos (...). À época isso correspondia a uma verdadeira produção; quem conheceu a peregrinação à Senhora de Vagos, revê-se naquilo tudo.”
(Emanuel Casas de Melo, Encarregado Operacional, 67 anos)

“Conheço o homem de fé, manifestando sempre o seu testemunho pessoal, quer na sua vida familiar quer em sociedade mais alargada. Sempre se entregou generosamente e, assim, estava presente nas celebrações, nas procissões, comissões da Sra. de Vagos e outras. Era ele que montava o som no seu carro, fazendo com que a Via Sacra tivesse mais vida.”
(Maria Dulce Sancho Salgueiro da Costa, Professora do Ensino Secundário Aposentada, 74 anos)

«(...) a sua “paixão/devoção” por Nossa Senhora de Vagos (...) também se interessou por descobrir as raízes e dimensões desta devoção, tão entranhada nos católicos da paróquia (...) em que descrevia a história e as práticas desta devoção regional. E esse mesmo conteúdo passou-o para um texto teatral, que foi várias vezes levado ao palco por artistas locais e sempre com muito bom acolhimento do público.»
(Carlos José Neves Delgado, Pároco e Professor de Teologia - Pároco, em Cantanhede, de 1999 a 2008, 74 anos)

Este último testemunho dá a deixa para a passagem para o terceiro capítulo do seu *Círculo duma Vida*, o Teatro, integrado na alínea D do Guião - *Momentos marcantes a nível sociocultural*.

É pertinente reforçar que, através das relações que os seres humanos vão estabelecendo, em determinados momentos da sua vida, se vão construindo, catapultando para outros contextos socioculturais e experienciando novos papéis, sem as quais (relações) isso não teria sido possível e transformá-los-ia em seres completamente diferentes. O participante deste estudo tem vindo a apresentar os seres, humanos e espirituais, com os quais foi estabelecendo relações, tornando-o na pessoa que é hoje.

No que respeita ao teatro:

“Ora bem, eu entrei no teatro, através de uma pessoa amiga, que já lá está na *Terra da Verdade*, que era o Chico Carteiro, que era um grande artista desde pequenino, e um dia convidou-me para a Sociedade Columbófila de Cantanhede⁵⁶ (...) e, então, aí fizemos teatro e várias coisas. Fizemos, também, um minicurso, isso foi mesmo um minicurso, (...) através da INATEL⁵⁷, (...) no Luso (...) foi, também, uns dias de muito rigor. Mas eu de teatro, apenas, só fiz a encenação. Eu só fazia a montagem do espetáculo, mas onde eu punha as minhas mãos era sagrado, porque sabia e tinha que ser tudo o mais natural possível. (...) Depois dali, fui para, foi então em oitenta e cinco [1985] para Os Esticadinhos⁵⁸; deixei de fazer teatro na Columbófila, e eu mais ele fomos fazer teatro, então, para Os Esticadinhos e até hoje. Onde, agora, ando a ensaiar uma peça. [*Então, na Columbófila, participou, no Luso, num minicurso, nas pousadas da INATEL?*] Sim, na pousada da INATEL. [*Durante quanto tempo?*] Acho que foram três fins de semana. [*O que aprendiam lá?*] Como é que se deve, como é que hei de dizer, como se faz a encenação, a iluminação, o falar, portanto, a mímica, quer dizer, todos esses pequenos pormenores de coisa, não é. [*A si, interessou-lhe a parte da encenação.*] Eu fui sempre para a coisa (...)”.

“Na década de 80, encontrava-me numa reunião da direção da Coumbófila, quando o senhor António Francisco, o senhor Carlos Garcia e o senhor Manuel Cantarinho apareceram, para dizerem que estavam com a ideia de fazer um teatro, que a Associação tinha uma Sede grande, apresentando disponibilidade para colaborarem.”
(Emanuel Casas de Melo, Encarregado Operacional, 67 anos)

⁵⁶ Associação de Solidariedade Social Sociedade Columbófila Cantanhedense.

⁵⁷ A Fundação INATEL, pela sua história e natureza institucional, é uma organização singular na sociedade portuguesa que se afirma por uma missão, visão e valores organizacionais distintivos, que pretendem contribuir para o bem-estar integral e o desenvolvimento pessoal de cada um, bem como para a inclusão social de todos cidadãos. Hoje tutelada pelo Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social, desenvolve atividades de valorização dos tempos livres nas áreas do turismo social, da cultura popular e do desporto amador, com profundas preocupações de humanismo e elevados padrões de qualidade (INATEL, 2017).

⁵⁸ Coletividade: Rancho Regional “Os Esticadinhos” de Cantanhede.

“Pessoalmente, acompanhei-o na Columbófila, na secção de teatro, e nos Esticadinhos. (...) Quanto à Columbófila, ele era o organizador do grupo de teatro, era o *Filipe La Féria*, era o cérebro. Ele estava envolvido em todos os aspetos do teatro, como ir buscar pessoal a casa, se necessário, bem como arranjar roupa ou adereços para as representações. Estava sempre preparado e disponível. Todos os cenários, para diversas peças, foram feitos por ele, para cada ato de cada peça levada a cena.

Recordo-me de, logo no início do teatro, ele me pedir ajuda para o desenvolvimento de um mecanismo, à semelhança do já existente noutras salas (poucas!), para a abertura e fecho da cortina dos dois lados em simultâneo, puxando só um cordel. Depois de várias tentativas e visitas a outros espaços, conseguimos perceber como fazer e desenvolvemos o nosso próprio “carreto”, um pouco arcaico numa primeira fase, mas que foi aperfeiçoado.”

(Mário Marques da Conceição, Reformado – Torneiro Mecânico, 83 anos)

Na sua narração, o participante destaca a pessoa amiga que foi responsável pela sua entrada no mundo do teatro amador, o “Chico Carteiro”, (António Francisco, conforme atesta o primeiro testemunho). Observa-se, também, o seu interesse em adquirir conhecimentos, na área teatral, ao participar num *Curso de Iniciação Teatral*, promovido pela INATEL, realizado durante dois fins de semana, quando já se encontrava na coletividade Rancho Regional “Os Esticadinhos” de Cantanhede, em 1986, conforme Declaração (vide Anexo 02).

Decorridos trinta e seis anos da data do evento, apesar de haver alguma imprecisão na duração do curso (“Acho que foram três fins de semana”, quando, na verdade, foram dois), é interessante verificar que a experiência foi significativa e marcante, uma vez que o participante referiu que “foi, também, uns dias de muito rigor”. Importa ressaltar a importância de entidades como a Fundação INATEL, na promoção de aprendizagens de carácter não formal.

A evocação da Fundação INATEL provocou “uma digressão que o fez antecipar a continuação” (Bertaux, 2010, p. 97) linear da sua narrativa, avançando para o quinto Capítulo, Museu:

“a INATEL também fez, numa ocasião, um convite ao Rancho Regional Os Esticadinhos, em que fui eu (...) e a Dr.^a Dulce e fomos também, onde eles disseram lá que o folclore não era só dançar, também, era a recolha das peças, da escolha da etnografia, portanto, a recolha das peças da lavoura e outras coisas antigas e, se possível, guardar isso. Ora, eu era um apaixonado por isso, foi o princípio. Pronto, não estive com meias medidas [riu-se] Oito (8) meses depois, tinha o Museu feito aqui [falou com satisfação e sorriu].

A mestranda reconduziu a entrevista para o ponto em que se encontrava a narrativa, antes do desvio no discurso, o terceiro Capítulo, perguntando:

“[Então começou na Columbófila] No teatro. [E depois foi com o senhor Francisco para Os Esticadinhos, em 1985] Exato. [Para o Teatro ou para o Folclore?] Uma coisa e outra. Eu cantava muito bem, tinha uma voz linda. [Mas, Os Esticadinhos já tinham teatro?] Não, não tinham,

nem existia. Porque foi em 85, creio eu e isso do teatro na Columbófila foi em 80, 81, 82. *[E a Columbófila já tinha Teatro?]* Tinha uma secção de teatro que a gente fez lá. Eles pediram-nos e nós ainda fizemos três ou quatro (3 ou 4) anos. *[Mas quando o senhor chegou lá, eles tinham Teatro?]* Não, não, não. Eu é que fiz os painéis, o palco, tudo para fazer o teatro. *[E n'Os Esticadinhos, também, não tinham nada.]* Nada. O Folclore tinha renascido há uns meses. Há meses, não! Eu... Assim que Os Esticadinhos apareceram, eu fui logo convidado. Eu fui, teoricamente, um dos primeiros diretores, no ressurgimento dos 50 anos. Tanto que os ensaios eram ali ao princípio da rua, hoje, Rua Carlos Garcia, naquele armazém que ali está.

Através do excerto, percebe-se a importância que o participante começa a assumir, nas coletividades e a sua afirmação a nível sociocultural. De forma subtil, perceptível pela mestrandia por deter notas de campo, o participante desviou, ligeiramente, a narrativa para 2019, ano da inauguração da rua com o seu nome.

“Considero o trabalho desenvolvido pelo Sr. Garcia notório. A dinamização do teatro foi de extrema importância, não era frequente haver grupos de teatro e o esforço que ele fez no sentido de dinamizar e manter o grupo de teatro. Ele era a cabeça do teatro, ele é que via o que era preciso fazer e fazia.”

(Mário Marques da Conceição, Reformado – Torneiro Mecânico, 83 anos)

“Com apenas 5 anos de idade, integrei o Rancho Regional “Os Esticadinhos”. O local do ensaio era um pavilhão que me parecia gigante, com espaço livre ao meio e, nas laterais, algum mobiliário arrumado. Eu gostava muito de ir aos ensaios. Gostava daquele lugar que cheirava a madeira e onde todos nos reuníamos. (...) E porque há pormenores que não interessam às crianças, mais tarde ainda, veio ao meu conhecimento que o espaço de ensaios dos Esticadinhos era cedido pelo Ti Garcia. (...) Tantas coisas bonitas aconteceram naquele espaço! Tudo, porque um homem bom, emprestava o seu local de trabalho para uma coletividade que não era sua: era de todos!”

(Carolina Pessoa, Técnica Superior do Município de Cantanhede, 42 anos)

Como foi referido, pelo participante, ele foi “um dos primeiros diretores, no ressurgimento dos 50 anos”, após um interregno. Deste modo, entramos no quarto capítulo do *Círculo duma Vida*, Folclore:

[Depois, mais tarde, estive na Columbófila. Quando é que voltou a Os Esticadinhos?] Em 85. *[Nunca mais foi para outra coletividade?]* Nunca mais. *[E o folclore para si o que significa?]* Aquilo, no fim de contas, é uma coisa cultural, em que nós aprendemos muita coisa e, lá está, a conviver com os jovens. (...) E eu é que fazia de pai daquela cabrada toda *[risos]* em ter de resolver, em parte, as situações dos jovens e não só. (...) A minha mulher também foi, também cantava. (...) E ela acompanhou-me e eu acompanhava a ela, enfim, era uma distração, a gente ia lá aos sábados ao ensaio. E hoje é uma paixão que eu tenho por aquilo, claro. E digo-lhe uma coisa, eu sou ali o fiel daquilo, porque se não estivesse lá, aquilo já tinha acabado há que tempos *[dito com muita certeza e sentimento]* porque às vezes surge ali problemas, como em todo o lado, os presidentes não se entendem e entram em órbita, mas eu, cá com as minhas calmas e a minha sabedoria do passado *[sublinhou a palavra]* e dos casos que se passaram (...) eu nunca desanimei. Eu vou assim “não saio d’Os Esticadinhos, se saio d’Os Esticadinhos, acabam”.

Neste capítulo, surge a referência a figuras marcantes na sua vida, os jovens. O participante estabelece com eles relações de acompanhamento, similares às de parentesco “eu é que fazia de pai daquela cabrada toda”. Através de alguns testemunhos, abaixo citados, pode observar-se a reciprocidade dessas relações (Josso & Pozzer, 2012, p. 116).

“Desde tenra idade que conheço o “Ti Carlos”. Entrei para o Rancho Regional “Os Esticadinhos” com 5 anos e, desde então, aprendi a respeitar aquela figura de cabelos brancos, o nosso “avozinho”, que desde cedo sempre chamámos de Ti Carlos. Com ele, e ao longo dos 15 anos que fiz parte daquele rancho, sempre tive oportunidade de aprender, e muito, sobre o gosto pela cultura, pelos costumes e tradições, não só pelos testemunhos que fui ouvindo da sua boca, mas principalmente por aquilo que presenciei e vivenciei nas inúmeras saídas que tivemos, e que tiveram sempre como resultado um imenso orgulho e uma imensa entrega que o Ti Carlos demonstrava em tudo o que fazia e se propunha fazer.”

(Patrícia Alexandra Pereira Ferreira, Técnica Superior (Ex-elemento do grupo folclórico Os Esticadinhos), 43 anos)

“Desde cedo, pertenci ao Rancho Regional Os Esticadinhos de Cantanhede, a minha infância guarda muitas recordações dessa época. A rotina semanal terminava sempre com um ensaio ou mesmo uma atuação, e lá estava eu com ele partilhando a sua paixão. E como o meu avô era o diretor e responsável da instituição. eu lá participava e assistia a todas as formas de manifestações culturais. Dança, música, teatro e levantamento histórico das tradições e hábitos. Muitas horas a ensaiar, montar palcos, pintar cenários etc.”

(Paulo José Garcia Costa e Silva, Médico Dentista, 44 anos)

As últimas questões orientadoras da terceira sessão versaram sobre o quinto capítulo do *Círculo duma Vida*, Museu, que, segundo a mestrandia, iniciará, também, um quinto momento na sua vida, transversal às Idades Adulta e Adulta Avançada.

1.5. Concretização aparada pelo encontro com o Eu, com os Outros e no Bem-fazer em prol da Comunidade

Neste momento da sua vida, o participante alia a sua paixão pelo folclore e pela etnografia, para concretizar mais um dos seus grandes empreendimentos, o Museu.

“[Como surgiu a ideia de fazer o museu?] No INATEL fizeram uma palestra sobre o folclore, em que foram convidados três (3) pessoas de cada grupo. Diziam eles que o folclore, não é só a dança do povo “é assim, é assado, é mais para aqui e tal”, quer dizer, milhentas coisas, mas o folclore também não é só o dançar e o cantar, também, é a recolha, as mezinhas, os comeres, aquelas coisas todas. O meu primeiro livro [Manta de Retalhos] que tem coisas escritas sobre isso.”

No livro referido, no décimo oitavo capítulo, intitulado *O Museu*, o participante deixa registado:

“O Rancho Regional Os Esticadinhos, a pedido do Inatel e nas suas instalações no Luso, frequentou um curso de Folclore e Recolhas Etnográficas. (...) Das milhentas coisas de que se falaram durante o curso, destaco as recolhas etnográficas e culinárias, as rezas, as mezinhas, orações, objectos, alfaias agrícolas, entre muitos outros assuntos. Eu, que sempre fui um

apaixonado por estas coisas, estive presente e atento ao tema, e assim que pude pus mãos à obra” (Garcia, 2005, p. 43).

Quando se indagou se esteve sozinho nesse projeto, o Museu, e se foi tudo fruto das suas ideias, respondeu, revelando:

“Isso foi sempre. Eu, na coletividade, eu não precisava nem dava tão pouco satisfações ao presidente. Se eu visse que tinha alguma coisa que era preciso fazer, para engrandecimento da coletividade, eu ia fazê-lo e, depois, ele ia ver e eu dava-lhe conhecimento. (...) Portanto, eu era a máquina [dito pausadamente e com ênfase] e ainda sou em parte, a máquina d’Os Esticadinhos, não sou puxado, puxo pelos outros. Fiz-me entender, não? É um bocadinho, pronto, mas é uma paixão que a gente tem e diz-se que “cada burro tem a sua mania”... [Então, pode dizer que o que o impulsiona é a paixão] É a paixão pela coisa. Eu quando pego numa coisa, tenho que a levar ao fim. Às vezes, ainda esta noite acordei, porque eu deito-me muito cedo, vejo um bocado de televisão e tal, “é pá, eu tenho de fazer isso, então, mas como é que vou fazer? Espera aí”, pego no lápis, tatata, tatata [simula que está a desenhar] faço o desenho e, no outro dia, já está tudo mastigado e é fazer.

Mesmo quando era do Carnaval e dos festejos do São Tiago, eu era o impulsionador daquilo. A malta já estava à minha espera. Eu gosto, gosto de me divertir, de me rir. Eu andava sempre a assobiar e a malta dizia “é pá, não há mal que lhe chegue!” [brinca com a situação de agora não conseguir assobiar por não ter dentes, mas não se adaptou às duas placas feitas pelo neto, que é dentista.]”

A mestranda crê que, neste excerto, o participante começa a assumir e a revelar algumas das suas características (descobrimo-se, através das relações estabelecidas com os outros e com o meio envolvente): a sua autonomia, ao referir que encetou o projeto embrionário do Museu sozinho; o seu carácter impulsionador, assumindo-se como “a máquina”, que puxa pelos outros (e desbrava caminhos); e as suas persistência e perseverança, nunca deixando algo por terminar.

A estes atributos, a mestranda considera interessante acrescentar um outro, “bombeiro”, que ele revela no testemunho dado, no seu terceiro livro, publicado em 2010, sobre a coletividade Os Esticadinhos de Cantanhede, intitulado *75 Anos ao serviço da Cultura: Rancho Regional Os Esticadinhos de Cantanhede – 1935 – 2010*:

“De bombeiro, porque estava sempre pronto a apagar pequenos focos de maledicência, de intrigas, ciúmes, interesses pessoais, males que corroem qualquer associação” (Garcia, 2010, p. 15).

O participante aparece como mediador, a pessoa de referência, que sanava os conflitos que poderiam “corroer” a coletividade.

Com base nos testemunhos recebidos e verificados, a mestranda constatou que o participante é reconhecido por essas características (entre muitas outras). Os excertos seguintes assumem caráter ilustrativo do que se acabou de referir:

“O senhor Garcia é uma pessoa autónoma, do ponto de vista comunitário, na comunidade em si. Essa característica, a autonomia (...) tem-lhe trazido perseverança (ele não desiste). (...) ele não pede, nem vê que pode fazer, ele faz e termina. Qualquer coisa que se lhe meta na mão, sai perfeito. Ele tem uma característica: “começa e acaba”; dificilmente, alguma coisa fica a meio.”

(Emanuel Casas de Melo, Encarregado Operacional, 67 anos)

“(...) permito-me destacar a perseverança, (...) no seu sentido mais pragmático, com que sempre se dispõe a concretizar uma vontade que define e que considera tangível, alcançável. Se acredita que pode ser, então tudo faz para acontecer.”

(Nuno Miguel Pessoa Caldeira, Técnico Superior do Município de Cantanhede, 48 anos)

“Falando com o Ti Carlos, ele incute-nos o amor em relação ao folclore e aos Esticadinhos em si. (...) Em alturas de crise, provavelmente foi ele que arranjou maneira para Os Esticadinhos não caírem (...). Eu disse e digo sempre: “Ainda bem que o ti Carlos ainda é vivo”, porque se o ti Carlos não durasse este tempo, o espólio dos Esticadinhos não existia, não se sabia o que é que havia, portanto, a vontade, o gosto, o amor que ele tem às coisas, permitiram fazer trabalhos que, para mim, eram impensáveis.”

(Idália da Silva Espinhal, Empresário e atual Presidente Rancho Regional “Os Esticadinhos de Cantanhede”, 70 anos)

“Ao senhor Carlos Garcia aplica-se o título de grande impulsionador do Museu Etnográfico do Rancho Regional “Os Esticadinhos” que se situa na sede do mesmo na zona industrial de Cantanhede. Sempre teve gosto em procurar por peças antigas, de modo a construir o espólio desta instituição.”

(Maria Alexandrina Sousa, Contabilista, 56 anos)

“O Museu Rural e Etnográfico d’ “Os Esticadinhos” de Cantanhede resulta da perseverança com que ao longo de muitos anos procedeu à recolha de um valioso acervo de objetos e artigos de uso doméstico artefactos, alfaias e ferramentas que marcaram o quotidiano de antigas gerações.”

(Maria Helena Teodósio e Cruz Gomes de Oliveira, Presidente da Câmara Municipal de Cantanhede (2017 -), 64 anos)

“O senhor Carlos põe as mãos nas coisas e faz. Isso é muito interessante e, nos dias de hoje, é fundamental.”

(Jorge Luzeiro, Reformado – Carpinteiro/ Marceneiro, 69 anos)

“O Carlos sempre foi uma pessoa excecional. Lembro-me que, por altura do Carnaval, era sempre ele que fazia os programas, as histórias, para os cortejos.”

(Rui Alberto da Silva Branco, Reformado – Industrial/ oficina, 74 anos)

O quinto momento, *Concretização*, imiscui-se com o que se irá apresentar no seguinte. Ciente da posição assumida, profissionalmente e socialmente, bem como do trabalho realizado, em prol da Igreja e do Associativismo (nas secções de teatro e de folclore), apresentado no quarto marco, *Afirmção*, o participante continuou, e continua, a sua “missão” com uma vertente de valorização etnográfica e cultural, como ilustra a construção do Museu. Nesta fase da sua vida, dá a conhecer, mais uma vez, alguém que, movido pela sua curiosidade e pelo gosto de aprender, procura realizar os seus “sonhos”. Ao realizar, está a concretizar, ao concretizar, faz e apresenta obra, perante a qual ninguém

fica indiferente pela importância que assume em termos socioculturais e como memória para a posteridade, como testemunho.

1.6. Testemunho firmado pelo exemplo e pela sua obra, laboriosamente lavrados, ao longo da vida para memória futura

Os quinto e sexto momentos são concomitantes, pelo explicado anteriormente, e como se poderá verificar numa situação ocorrida, aquando da realização da quarta sessão de entrevista. No dia marcado para a quarta sessão, quando chegada ao local, o senhor Carlos encontrava-se sentado a trabalhar sobre uns documentos, facto que lhe despertou curiosidade (*vide* Apêndice 09). O senhor Carlos explicou que se tratava do Guião da peça de teatro que escreveu e que estava a encenar. Naquele momento, estava a preparar a peça, para entregar aos respetivos atores, colocando um separador amarelo, para facilitar a cada um a sua intervenção, e também preparando alguns aspetos inerentes à encenação. Quando lhe perguntou se tinha sido ele a passar/ escrever o texto, respondeu: “fui eu que fiz, eu escrevi o texto, ouça, isto é um capítulo do livro que eu tenho escrito “Os Empecilhos”, mas foi adaptado ao teatro”. Esta resposta ilustra a atitude ativa do participante, atualmente.

Após esta passagem, deu-se início à entrevista. A mestranda retomou dois aspetos que considerou pertinentes para completar as alíneas A e B do Bloco 4 do Guião e que se prendiam com a autonomia a nível pessoal e profissional, no que respeita aos meios de transporte, e autonomia financeira referente aos investimentos de ordem pessoal e profissional. O participante enumerou os investimentos que foi fazendo e em determinado momento referiu:

«Quer dizer, eu não arranjei dinheiro, mas arranjei património. Para quê? Porque o velho dizia o que eu havia de fazer, era lema da casa, e a minha mãe também tinha esse lema, que era “fazer casas” (...) casas pequenas, pequeninas, não é aquele palácio, só casas pequeninas, casas que eram geralmente alugadas aos guardas republicanos que pagavam muito bem na altura. E, portanto, para quê? Para me tornar independente e, hoje, as casas, eu já entreguei tudo aos filhos, claro, também, deixei uma espécie de pequena independência para cada um.»

Mais uma vez, a referência aos ensinamentos do “velho” e da “mãe”; investir para se tornar independente a nível económico e financeiro. No seguimento da narração sobre os seus investimentos, revela algo que a mestranda considera de extrema importância:

“ (...) Dinheiro, nunca juntei, nunca fui assim... Sou agarrado, sou forreta, isso sou [*risos*] mas, na questão de poupar... eu sou capaz de não beber uma cerveja para não gastar

dinheiro, isto é uma hipótese, mas sou capaz de ir comprar, depois, tinta para pintar um quadro a acrílico. Pronto, sou assim.”

Crê-se que o participante tem as suas prioridades muito bem definidas, não esbanja em coisas que, para ele, são supérfluas para investir em algo que considera como relevante.

Após ter realizado o esclarecimento complementar ao bloco 4, iniciou-se o bloco 5 do Guião que respeita à fase da Idade Adulta Avançada, demarcado, assim, pela mestranda, por corresponder à entrada do participante na reforma. (No que respeita ao participante em estudo, depois de conhecer o seu percurso de vida e toda a sua obra com mais precisão, a mestranda julga que terá antecipado essa fase...).

Depois de triangular os diferentes tipos de informação, bem como das várias fontes que dispôs, a mestranda considera que, deste momento da entrevista em diante, a informação obtida irá dar resposta a algumas questões objetivadas para este estudo. Assim, com base na narração do participante, continuará a identificar as figuras que, em termos relacionais, foram/são preponderantes para a construção da sua identidade e, em simultâneo, apresentará os elementos que considera esclarecedores, e que poderão dar resposta às questões que, através desta investigação, se pretendiam clarificar.

Pelo conhecimento que obteve e detém sobre o participante, quer a nível profissional, quer através da recolha de elementos para esta dissertação, no que respeita ao seu trabalho/obra feita, a mestranda poderia, claramente, ter adivinhado a resposta dada quando o questionou:

“[O que é que sente, ou melhor, sente-se um reformado?] Não! [resposta rápida e assertiva] Isso é uma pergunta que nem devia fazer, minha querida, porquê? Porque eu não paro, eu não posso estar parado. Eu só paro, quando vou hora e meia (1h30) mais cedo para a missa e estou sentado no parque. Nem de noite paro, ou hei de ler ou idealizar, escrevo coisas, desenho e tal. Portanto, eu não posso parar. Em milhentas atividades, desde folclore ou museu e essas coisas todas, que eu fiz, sei lá, centenas. Agora, estou a tratar de outra, que é um sacrário para a Igreja, que eu tenho ali, e por causa dos dourados tem-me dado água pela barba, que eu em dourados não percebo nada. Há de ser o que Deus quiser.”

Como já foi sendo mencionado, o participante sempre teve uma atuação muito ativa a nível comunitário e social. Porém, se se atentar na sua *Tábua biográfica* (Figura 2), poder-se-á verificar que, do ano 2000 em diante, período da reforma, a sua grandiosa obra não para de aumentar. Se se prestar atenção às palavras proferidas na anterior citação, a resposta está dada. (Aquando desta entrevista, o participante estava a fazer um sacrário. O material utilizado nada tem a ver com a matéria-prima da sua “arte”. Relembra-se que o participante tem 89 anos!).

Considerou-se, também, pertinente apresentar a passagem seguinte:

“[Custou-lhe deixar a gestão da sua empresa?] Não. Até porque, eu já tinha dito aqui, que eu pedi ao Senhor que um dia me desse um filho para dar a continuidade. E ele começou de pequenino, bebé, na arte [riso orgulhoso] e, então, senti-me feliz pelo facto de ser quem continuou... e continuei a vir, mas na fábrica não produzo nada.[O seu filho seguiu a arte por vontade própria ou o sr. Carlos impôs?] Eu não impus, ele foi criado naquilo e ele continuou, de gosto. Ele gosta daquilo.

A passagem é reveladora, mais uma vez, da felicidade e do orgulho sentidos por verificar que o seu filho assumiu a gestão da empresa, dando continuidade àquilo que ele, outrora, contruiu.

Considera-se de bastante interesse apresentar um excerto do testemunho de João Garcia, filho do participante. Cumpre à mestrandia informar que João Garcia não teve qualquer envolvimento no decurso das sessões de entrevista realizadas com o seu pai.

Mesmo ao lado da nossa casa, ficavam as instalações onde o meu pai desenvolvia a atividade de marcenaria, a fábrica. Nasci em casa, como era prática habitual naquela altura, e fui criado entre a casa e a fábrica. Por entre reparos e chamadas de atenção para os perigos, tanto por parte do meu pai como pelos próprios funcionários, as brincadeiras decorriam por ali.

Com o tempo, fui aprendendo a conhecer os materiais e as ferramentas. Para mim, a fábrica tornou-se um refúgio que usava para fazer as minhas próprias brincadeiras, muitas vezes às escondidas, pois não tinha autorização para mexer nas máquinas.

Sei, hoje, o quanto o meu pai desejava que eu o seguisse na profissão, mas nunca me senti pressionado. Foi-me dada a possibilidade de estudar, no entanto, segui-lo na profissão foi uma decisão natural.

(João Carlos Gonçalves Garcia, Marceneiro, 59 anos)

Através das palavras desta citação, poder-se-á referir que as experiências vividas foram assimiladas e essenciais para a aprendizagem do indivíduo, aprendizagem revestida por um carácter informal. A interação entre o indivíduo e o seu meio ambiente, desde tenra idade, permitiu o seu desenvolvimento e transformação naquilo que hoje é, em termos pessoais e, essencialmente, profissionais, seguindo a profissão e a função desempenhada pelo seu progenitor.

Centrando, de novo, a atenção nos elementos recolhidos nesta sessão da entrevista, o participante deu a conhecer, neste período da sua vida, obras que realizou e que denominou por painéis *em Mosaico de tipo românico*.

[Explique-me como surgiu a ideia de criar painéis em mosaico de tipo românico.] Ora bem, os painéis de tipo românico. Eu sempre gostei de antiguidades, de museus e de coisa assim parecida. E um dia, teria eu dezoito, vinte (18, 20) anos, fui ver o museu de Conimbriga. Depois, vi aqueles mosaicos e ficou-me aquilo no sentido, mas não liguei. Muito mais

tarde, já depois de casado e bem casado, fui novamente lá e fui admirar, novamente, os quadros. Olhei para aquilo e eu vou assim: “oh, eu também sou capaz de fazer isto!” e, onde eu ponho as mãos, é sagrado.

Para explicar a sua construção, a sua memória transportou-o para a sua juventude, retrocedendo o curso narrativo. Poder-se-á referir, através das suas palavras que o seu gosto, a sua curiosidade e a aquisição de conhecimentos, autónoma e individual, sempre o conduziram a construir, a desenvolver projetos.

Nesta citação, o participante utilizou uma expressão/ afirmação que a mestranda tinha registado, no seu caderno de bordo, como uma das expressões que o caracterizam, pois utiliza-a várias vezes, quando faz alguma coisa que se afasta do âmbito da atividade profissional que desenvolveu desde a infância: “oh, eu também sou capaz de fazer isto!”

“Lembro-me de me ter mostrado as ruínas de Conímbriga, ainda estas não eram quase exploradas, ou pouco eram como são agora. Lembro-me de ter visto os pavimentos romanos, alguns hoje recuperados, mas na altura um pouco degradados. Aquelas pedrinhas de pedra encaixadas, como se fossem um puzzle, mostrando uma fotografia.

Há uns 6 anos, o meu avô mostrou-me como se fazia um quadro de azulejos a imitar tais tapetes romanos (...) Uma obra de arte igual aos painéis romanos que vi, com ele, a primeira vez em Conímbriga. Feito exclusivamente por ele; explicando-me, passo a passo, a forma de o fazer.”

(Paulo José Garcia Costa e Silva, Médico Dentista, 44 anos)

Considera-se que esta citação ilustra a importância do saber e da sua transmissão entre gerações, neste caso, entre avô e neto.

No seguimento da entrevista, o participante teve o cuidado de descrever cada passo do processo de construção de cada painel. É importante relevar que foi um processo que ele desenvolveu autonomamente. Para além da autonomia, vislumbra-se, através das suas palavras: “muito mais tarde, (...) fui novamente lá e fui admirar, novamente, os quadros. Olhei para aquilo e eu vou assim: “oh, eu também sou capaz de fazer isto!” e, onde eu ponho as mãos, é sagrado”, que o participante possui um autoconceito elevado, curiosidade e engenho, ou seja, características de personalidade atribuídas a pessoas com maior predisposição para a autodireção na aprendizagem (Oliveira, citada por Oliveira, 1997).

A mestranda, perante esta imponente obra, e depois do participante revelar que uma delas foi feita para o seu neto Paulo, a seu pedido, sentiu curiosidade em perceber qual o destino que o participante tinha intenção de dar às outras:

“(...) achei lindo e dali em diante comecei a fazer, mas atenção, o mosaico é tudo à base de coisas religiosas. Portanto, foi o nascimento, a morte e a ressurreição de Cristo; foi a Senhora de Vagos; foi o São Pedro, para o meu neto, e outras coisas do género.

[As outras peças foram para quem? Tem-nas consigo ou deu-as a alguém?] Uma foi feita mesmo a propósito, já mais tarde, para o meu neto Paulo, que é o São Pedro, que tem à frente da casa dele. [Foi ele que lhe pediu?] Foi ele que pediu. E depois fiz uma outra, que é a Senhora de Vagos, que ofereci à Câmara para pôr lá em baixo, quando vem a malta de Vagos, onde fazem as merendas e coisa assim parecida. (...) Os outros três painéis, que são os últimos, é para pôr no jardim do meu João. (...) Aquilo, teoricamente, não vale nada, mas vai durar umas centenas de anos e, daqui a cem, cento e cinquenta, duzentos (100, 150, 200) anos, os mosaicos são capazes de valer mais do que a casa.

[Acha que não valem nada?] Não vale nada no sentido figurado. [Estão ali muitas horas de trabalho.] Ó filha, tem horas, talvez cinco meses, meses no sentido figurado, feito aos bocados. Eu tinha de ir à serração de mármore, mandava serrar os tampos que têm três (3) centímetros de espessura, tampos de mármore ou de granito ou outras coisas do género, às cores, mandava cortar tiras de oito (8) milímetros de espessura (...). Depois, em casa, era partido com uma turquês em três partes. Nota curiosa, que hoje está muito em voga os ucranianos por causa da guerra [2022] e, na altura, tinha vindo um rapaz [ucraniano] trabalhar cá para casa e eu pedi e ele teve de perder, também, muitas horas a partir as pedrinhas. O resto fui eu que fiz tudo. (...)

[Frequentou algum curso para aprender essa arte, essa técnica?] Não, não. Todo o trabalho que eu fiz foi da minha cabeça, não tirei curso.

[Como é que o fazia, o soube fazer?] Ora bem, o que eu agradeço a Deus é a capacidade de eu resolver todos os problemas que me surgem.

Neste trecho narrativo, o participante indica a quem já destinou os seus painéis: para o meu neto Paulo, que é o São Pedro, (vide Apêndice 10), que tem à frente da casa dele. [Foi ele que lhe pediu?] Foi ele que pediu. E depois fiz uma outra, que é a Senhora de Vagos, que ofereci à Câmara [Municipal]; (...) Os outros três painéis, que são os últimos, é para pôr no jardim do meu João. A mestranda já pôde observar estas obras de arte no seu novo *habitat*, conforme se pode verificar na fotografia constante do Apêndice 11.

Pelas suas palavras, poderá afirmar-se que indica, igualmente, que todo o trabalho é fruto da sua criatividade, “foi da minha cabeça, não tirei curso”. A mestranda crê que poderá subentender-se, também, como resultado das suas capacidades cognitiva e intelectual, produto do seu desejo de conhecer, de saber e de se atualizar graças à sua “capacidade”, que agradece a Deus, entidade suprema, omnipresente na sua vida. Não se deve descurar o seu engenho e as suas aptidões. Enfim, poderá dizer-se que a “bagagem”, que acompanha o participante, guarda o que obteve do seu desejo de aprender (*libido sciendi*), da sua aprendizagem autónoma, da sua autodidaxia.

“O meu pai foi um profissional muito inovador para a época. Era muito criativo e autodidata. Para conseguir maior eficiência no processo de fabrico e evitar desperdícios, ele idealizava máquinas que, muitas vezes, construía ele mesmo.”

(João Carlos Gonçalves Garcia, Marceneiro, 59 anos)

“O Carlos Garcia inventou um sistema (umas bancas com um tapete rolante) que permitiu fazer o mesmo trabalho, apenas com um homem a auxiliar a peça no circuito de colagem. É incrível, imaginar e fazer aquilo. Ele fez isso há pouco tempo, porque aquela máquina é nova. Ele é um indivíduo com muitas ideias. Ele tem muitas ideias e sempre teve ideias avançadas para qualquer coisa. Ele inventava sempre para resolver tudo e ainda hoje ele faz isso, apesar da idade já avançada (ele tem 89 anos).”

(Rui Alberto da Silva Branco, Reformado – Industrial/ oficina, 74 anos)

“(…) manifestamente o querer aprender, e, sobretudo, o saber de experiência feito, advogando também essa outra máxima de que a “experiência é a madre de todas as coisas”, tem sido uma faceta que sempre lhe reconheço. A sua avidez por conhecer, por saber, por descobrir, para depois, logo em seguida, fazer. O mesmo será dizer, partilhar.”

(Nuno Miguel Pessoa Caldeira, Técnico Superior do Município de Cantanhede, 48 anos)

“Em casa dos meus avós abundavam imensos livros. Muitos deles enciclopédias. (...) Anos mais tarde, questionava-me do porquê de um simples carpinteiro, com a quarta classe, ter tanto conhecimento académico em casa? Talvez pelo gosto ou simplesmente por ter. Hoje sei que não. Era para aprender e conhecer. Também nele, há uma vontade, quase de sede de conhecimento. Claro que um conhecimento mais artístico, mais histórico, mais artesanal.”

(Paulo José Garcia Costa e Silva, Médico Dentista, 44 anos)

“Como é possível que um homem, apenas com a quarta classe, tenha tanta sabedoria, vontade e entusiasmo em (sempre) aprender!? Aventura-se na descoberta de mais técnicas de representação da sua arte com que engrandece a terra que tanto ama.

É um artista. Coloca a sua sabedoria em todas as áreas, sejam elas a pintura, o teatro ou a escrita (tendo em conta que já publicou vários livros).”

(Maria Alexandrina Sousa, Contabilista, 56 anos)

Com base na citação deste último testemunho, entra-se no sexto capítulo do *Círculo duma Vida*, onde o participante apresenta os livros que já publicou e um que transcreveu (*vide* Apêndice 12) e se faz menção a outros que tem escritos, ainda não publicados, bem como a um que anda, atualmente, a escrever.

“[Senhor Carlos, tendo apenas a quarta classe, como lhe surgiu a vontade de escrever livros?] Ora bem, não foi difícil; (...) alguém disse que “o sonho comanda a vida”. Eu, por qualquer motivo, comecei a escrever; e assim foi: “de facto, porque é que eu não hei de escrever a minha vida”, que foi a Manta de Retalhos [seu primeiro livro publicado]. Foi a minha vida, que eu vivi com o velhote e, então, é onde estava toda aquela engrenagem toda do que eu aprendi. Eu escrevi tudo o que ele me ensinou. A minha vida, portanto, uma espécie de autobiografia (...). [Escreveu à mão?] O primeiro foi escrito à mão; ainda tenho aí; depois, um dia, cheguei a uma pessoa amiga se na Câmara me podiam passar aquilo para limpo à máquina ou computador (...). A pessoa, que era o Casas [Emanuel Casas de Melo] disse-me que havia uma pessoa que ia falar (...) E, então, a Câmara editou o primeiro livro. No segundo livro, eu já me achei assim com mais... [capacidade?] capacidade; já escrevi as memórias Cantanhede: memórias para o futuro [segundo livro publicado]. Isto para não se perder a maior parte das coisas, com o tempo, eu escrevi tudo, e a Câmara subsidiou o livro.

[Porque julgou importante escrever?] Para deixar escrito, para não se perder, porque, por exemplo, se os Gregos, ou se os Apóstolos ou os Profetas não tivessem escrito, tudo se perdia. (...) Para, amanhã, se saber como é, se saber como se fez. Ainda não descansado, escrevi tudo sobre o Rancho Regional d’Os Esticadinhos [terceiro livro publicado]. (...) Depois, escrevi um outro, em parte não é escrito, foi uma reprodução de um Diário de Guerra [manuscrito e que o senhor Carlos transcreveu para não se perder a informação. Não publicado, apenas, impresso. O senhor Carlos doou um à Biblioteca. Segundo ele, imprimiu uma dúzia de documentos]. (...) Também, o livro sobre os Jogos Tradicionais [não está publicado], que são à volta de cem jogos, no concelho de Cantanhede (...).

[Tem intenção de publicar?] Repare, tudo isso custa dinheiro, não é? [claro] e depois vem esta coisa do vírus e companhia limitada [o Covid veio dificultar tudo]. (...) Depois, após esse, escrevi um outro que é Caminhos da vida [quarto livro publicado] portanto aí já são testemunhos de pessoas, transcritos com nome fictício, claro. Livro que já está publicado. O que não está é Os Jogos Tradicionais, e um outro que é Os Empecilhos sobre problemas da terceira idade, também na base de testemunhos, e o último é Remexendo as Cinzas, que é idêntico ao *Cantanhede: memórias para o futuro*, que fala sobre (...) a feira de Cantanhede, onde ela era(...) que diz onde era que se vendia os tamancos, a louça, a roupa, a sardinha, as latas, vendia-se tudo. Os largos, o nome na altura e o nome atual (...) as tabernas que existiram em Cantanhede, as pequenas lojas que existiram, portanto tudo isso está lá discriminado sobre a coisa, para de facto não se perder, isso também é um documento que não está publicado, é um documento de interesse.”

A citação é longa, mas a mestrandia considerou-a de bastante interesse, não só pelo participante elencar o que escreveu e falar sobre a temática de cada um, mas pela mensagem que transmite sobre o porquê de escrever (inicialmente à mão e, depois, a computador).

A mestrandia pretende esclarecer que, na *Tábua Biográfica* (Figura 2) utilizou o cognome “uma profecia”, pois foi assim que o participante o referiu, na primeira sessão da entrevista, quando relembrou a conversa tida entre a Dona Efigénia e a sua mãe: “um dia será um grande homem e há de escrever muito”.

No que respeita às relações estabelecidas ao longo da sua vida e da importância que assumem na nossa identidade, verifica-se que o participante refere uma pessoa importante para ele “cheguei a uma pessoa amiga se na Câmara me podiam passar aquilo para limpo à máquina ou computador”. A pessoa referida é Emanuel Casas de Melo que, ao ser contactado pela mestrandia, apresentou um testemunho muito valioso, uma vez que, conforme a mestrandia pôde observar no que registou, conhece o participante há longa data, pois esteve e está muito ligado ao associativismo e acompanhou a sua obra.

Quanto à escrita dos livros e à sua publicação, a mestranda julga que merecem toda a atenção as palavras que o participante escreve, pela humildade, pela sinceridade que encerram e pela extrema relevância que assumem enquanto testemunho de uma pessoa nobre de caráter e com verdadeiro amor às suas raízes. Atente-se no que escreve na *Nota de abertura* do primeiro livro publicado:

“Ao escrever este pequeno livro, não fiz mais do que juntar os pequenos retalhos da minha vida. Todos os factos aqui narrados foram reais. Gostava ainda de mencionar que os meus escritos e vocabulário podem não ser os mais corretos, mas convenhamos que, apenas com a quarta classe, pouco mais podia fazer” (Garcia, 2005, p. 1).

No Prefácio do seu segundo livro publicado, pode ler-se:

“Estive na dúvida da publicação desta obra por ela não conter o vocabulário acima da média, mas meditei... publico ou não publico? Se publico, sujeito-me a críticas dos “intelectuais” sobre o modelo dos escritos; se não publico, oculto um pouco o passado da história de Cantanhede para lembrar no futuro” (Garcia, 2006, p. 1).

No terceiro livro publicado, o participante apresenta um testemunho, começando do seguinte modo:

“Antes de aceitar escrever este livro pensei se o deveria fazer. Julguei que talvez não fosse a pessoa mais indicada para cumprir esta missão; outros estariam mais capacitados para o fazer. Mas pensei: não terei a cultura suficiente, mas tenho conhecimento e vivência pessoal dos últimos 25 anos que estive na direção ao serviço de Os Esticadinhos. Isto deu-me coragem para escrever este livro” (Garcia, 2010, p. 14).

A mestranda considerou notável a simplicidade como o participante assume a sua básica escolaridade sem, no entanto, deixar de seguir os seus intentos quando em causa está o transmitir dos seus conhecimentos, fruto das vivências pessoais e da experiência. Através das suas palavras, escritas de forma simples e perceptível, a mestranda denota que o participante tem a noção plena de que a aprendizagem informal é preponderante na formação do indivíduo, pois a maioria das aprendizagens ocorrem fora dos contextos educativos formais.

“Depois alguém lhe sugeriu a publicação de muitas memórias e histórias pessoais, mas foi resistindo até que pôde, mas acabou por aceitar, depois de passar por filtros de várias pessoas que foram sugerindo alguns ajustes de conteúdo, modo de escrever e até redação. E, com simplicidade, aceitava e assumia as sugestões.”

(Carlos José Neves Delgado, Pároco e Professor de Teologia - Pároco, em Cantanhede, de 1999 a 2008, 74 anos)

“Sim, ele sempre mereceu o carinho deste povo, pois o seu interesse pela cultura popular, que veio a manifestar em alguns livros que escreveu.

Mas não fica por aqui a obra deste Homem. Ele é dono de uma bonita inquietação que o fez procurar outros meios de deixar viva a vida deste povo tendo encontrado, na escrita, uma maneira de o fazer. Pediu-me algumas vezes que revisse os seus livros, o que fiz com muito gosto, sempre com a preocupação de não descaracterizar o seu modo de escrever, próprio de um homem simples, mas aberto e verdadeiro.”

(Maria Dulce Sancho Salgueiro da Costa, Professora do Ensino Secundário Aposentada, 74 anos)

“Os livros que, entretanto, publicou são documentos incontornáveis para a reconstituição da memória e da identidade do concelho de Cantanhede, pois possuem um manancial de informação preciosa para a caracterização das dinâmicas socioculturais em diferentes épocas e que facilitam a compreensão de práticas, costumes, usos e tradições do passado.”

(Maria Helena Teodósio e Cruz Gomes de Oliveira, Presidente da Câmara Municipal de Cantanhede (2017 -), 64 anos)

A mestrandia entendeu citar alguns excertos de testemunhos, por considerar que são ilustrativos do modo simples como o participante apresenta o seu saber. Ele escreve aquilo que pretende transmitir e, depois, ciente das suas limitações, solicita ajuda de profissionais para a revisão, formatação e para todas as questões técnicas. O participante entregou à mestrandia uns documentos, escritos por si a computador, com os elementos que considerou mais importantes em cada capítulo do seu *Círculo duma Vida*. Um desses documentos está junto a este trabalho (*vide* Anexo 3), de modo a ilustrar melhor as considerações da mestrandia, bem como para se perceber os “receios” que, por vezes, assaltam o participante em escrever e/ ou publicar os seus escritos. No entanto, com a sua perseverança e o seu pensamento crítico, não fica parado, prefere “ser alvo de críticas” do que não testemunhar para memória futura.

Avançando na sua narração de vida, o participante revela o seu estilo de leitura preferido:

“Eu, na Biblioteca da Praia, leio à volta de trinta livros. Eu leio *lá* [*na Biblioteca de Praia, Praia da Tocha, na época balnear*], a menina sabe, porque está lá.

[*sim, sim, é verdade. E qual é o seu estilo preferido?*] Nota curiosa que o que eu mais prefiro é sobre as coisas da cultura [culturais] das terras, Ourentã, Cordinhã, Pocariça e outras tantas, isso assim. (...) História de Portugal, eu lia muito a História de Portugal, e, em pequeno, eu lia já muito. Não comprava, porque eu não tinha dinheiro, os meus pais não tinham condições para isso, mas eu tinha pessoas amigas que tinham possibilidades disso, que compravam aquelas revistas do “Mandrake”, do “Tarzan” e aquelas revistaszinhas todas e eu lia, ó pá dias e dias, à noite, à luz do candeeiro, claro.”

Revela, ainda, algo admirável:

[*Sr. Carlos, quando escreve, tem dificuldades?*] Não, escrevo, escrevo, escrevo; agora, escrevo no computador. Cheguei a ponto de escrever ainda alguma coisa à máquina e, depois, os meus netos já sabiam trabalhar com o computador e eu dizia assim para mim: “quer dizer,

o avô com setenta (70) anos, não sabe trabalhar com um coiso e os netos com sete (7) anos já estão a trabalhar com um computador, com sete anos já sabem". Comprei um computadorzito [*com que idade?*] Já foi muito mais tarde, agora não posso precisar [*mas comprou para a empresa ou para si?*] Tinha comprado para a empresa. Agora tenho computador [*pessoal*] escrevo, escrevo...[*faz o som das teclas*] não paro, estou sempre a escrever, mas, depois, revisiono aquilo que eu fiz e corrijo, não os erros, mas corrijo; "ora bem, pensava, isto ficaria bom, eu vi a pessoa ou alguém passou..." [*Imprime, para corrigir?*] Não, não, não, leio no próprio computador; corrijo no computador, quer dizer, aumento, daquilo faço assim, mas já com palavras, não caras, mas com palavras mais cuidadas. Sou capaz de reVISIONAR o texto de um livro vinte ou trinta vezes."

O participante é uma pessoa que se atualiza; da escrita à mão, passou pela máquina de escrever, aos setenta anos comprou um computador portátil, pois se as crianças, os netos, com sete anos sabiam trabalhar com um computador... Mais uma vez, se observa a importância das relações entre gerações. Neste caso, o avô (o participante) que se sente instigado a comprar um computador, aceitando assim um novo desafio, atualizar-se, aprendendo a trabalhar com ele, numa fase de idade avançada. A mestranda julga que o participante, por um lado, sente curiosidade e procura saber e saber-fazer (aprendizagem deliberativa) e, por outro, está atento e reage a estímulos externos (aprendizagem reativa); no seu caso, muitas vezes, a aprendizagem reativa condu-lo à aprendizagem deliberativa (Eraut e Livinstone, citados por Rogers, 2014a).

"[Quem é que o ensinou a trabalhar com o portátil?] Eles ensinaram-me, que eu não sei trabalhar nele [adverte] e quando eu tenho dúvidas, chamo o meu João (...) e ele vai lá e ajuda. [Foi o João que lhe ensinou?] Ele não me ensinou a escrever. Ah! Tirei um minicurso. [Ah! Então conte lá isso.] Pois, como eu já tinha o computador, já escrevia [começou a demonstrar, com muita graça, como teclava, letra a letra] e é, ainda continuo. Depois, a Câmara [Municipal de Cantanhede] fez um minicurso de computadores e eu fui lá, tive lá meia dúzia, uma dúzia (6–12) dias e, pronto, aprendi muita coisa e, no fim, já escrevi um textozinho. Os sinais é que era assim um bocado complicado, eu tenho alguma dificuldade, é que até se fosse preciso era capaz de escrever tudo em letra maiúscula ou letra pequena. Depois, fui indo devagarinho, mas, mesmo assim, de vez em quando engasgo: "ó João, como é que é isto assim" e ele vai lá, explica, e eu pronto. O que tenho é um problema, é que, por vezes, quando eu estou quinze (15) dias ou um mês sem lhe mexer, já com oitenta e nove (89) anos, já começa depois a falhar, tenho de perguntar novamente. [Sim, mas isso até a nós nos acontece]."

Com base na sua narração, pode verificar-se a importância da proximidade com o filho, no entanto o participante inscreveu-se num minicurso de informática: "aprendi muita coisa e, no fim, já escrevi um textozinho". É notável o seu interesse em querer saber sempre mais, para ser autónomo.

De seguida, passar-se-á ao sétimo capítulo do *Círculo duma Vida* do participante, dedicado às Maquetas:

“[E executar as maquetas, como surgiu a ideia?] As maquetes foi do seguinte modo. A Junta de Freguesia de Cantanhede, (...) pôs uma espécie de edital, ou como isso se chama, para fazerem qualquer coisa com o título “Da rua que eu piso”. Resultado, podia ser, portanto, em pintura, podia ser escrito, em escultura, podia ser outras coisas. E eu vou assim: “ó pá, eu vou fazer; se eu passei tanta vez na Rua do Arco, para namorar a minha mulher, vou fazer a Rua do Arco, e fiz, então, a Rua do Arco. Lá está o tal caso, no fim de estar feito, admirei-me “não haja dúvidas nenhuma, está aqui uma coisa engraçada” e então comecei, e foram vinte e três casas, ou coisa assim parecida, que eu fiz.”

Tal como explicado pelo participante, a execução das maquetas surge de uma iniciativa da Junta de Freguesia de Cantanhede:

A Junta de Freguesia de Cantanhede realiza anualmente alguns eventos festivos de teor Religioso, Cultural, Desportivo e Gastronómico. Em 2010, realizou a XII Feira de Gastronomia e Artesanato de Cantanhede, mais conhecida por TAPAS e PAPAS.

Neste contexto, a Junta de Freguesia de Cantanhede promoveu, para além de outras atividades, uma mostra de Arte com o tema: “As ruas que piso” - Prémio Pedro Teixeira, a fim de divulgar e promover alguns artistas locais. Para esse efeito, convidou artistas da terra e o senhor Carlos Garcia foi um dos munícipes participantes com duas obras originais, em madeira, que são uma réplica fiel e proporcional da “Rua dos Arcos” e da “Junta de Freguesia de Cantanhede”.

Estas obras receberam uma Menção Honrosa e estiveram expostas na Casa dos Bugalhos e na Biblioteca Municipal de Cantanhede.

(Maria de Fátima Oliveira Negrão, Aposentada (Ex-Presidente da Junta de Freguesia de Cantanhede - 2009-2013), 68 anos)

O mote foi dado pela Junta de Freguesia, na pessoa da sua presidente, e o participante, ao fazer as suas primeiras maquetas para colaborar na Mostra de Arte (*vide* Apêndice13), encetou um projeto de construção de maquetas de bens imóveis (casas e edifícios da cidade de Cantanhede que foram demolidos, fontes de Cantanhede, cruzeiros e alminhas do concelho) recuperando-os, assim, do esquecimento e do anonimato, aliando a arte da marcenaria à perpetuação da cultura local.

«Um dia cheguei ao pé da Dr.^a Teresa Paixão [*coordenadora da Biblioteca Municipal*] e disse “ouça, dona Teresa, já estou liberto, já não tenho mais nada que moer a cabeça, e que assim e que assado. Resultado, ela sai-se com esta: “ó senhor Garcia, porque é que o senhor não faz os cruzeiros. Eu até já tinha visto num livro grande, que lá há [*na Biblioteca Municipal*]. E eu pensei assim: “é pá, é capaz de ser um furo; nem é tarde nem é cedo”. Filha, foi rápido! Uma semanada cada coisa, comecei [*risos*]. »

O participante apresenta, deste modo, mais uma pessoa com a qual detém uma relação de proximidade, que assume bastante importância nos trabalhos que apresenta. A

relação é de reciprocidade entre o participante e a Biblioteca Municipal, na pessoa da sua coordenadora.

“A sua natureza afável e prestativa, é enriquecida com duas outras qualidades preciosas: ser audacioso e empreendedor. Para ele nada representa entrave ou dificuldade e atira-se a qualquer desafio com uma garra que não tenho visto a muita gente.

Ao longo de uma vintena de anos de convívio e de sermos honrados com a sua presença e amizade, várias foram as vezes que o senhor Carlos Garcia aceitou os desafios da Biblioteca Municipal para participar em atividades desenvolvidas por esta Instituição. Os trabalhos que lhe saíram das mãos pautaram-se sempre pelo preciosismo e pela veracidade.

(**Maria Teresa Manuel Lopes Paixão, Técnica Superior de Biblioteca e de Documentação do Município de Cantanhede, 58 anos**)

“(…) ele “deu vida” a alguns edifícios, que foram demolidos, e que, na minha opinião, não o deveriam ter sido. Desta forma, através das maquetes, ele deixa uma marca, não os deixando esquecer, vão sendo lembrados.

(**Jorge Luzeiro, Reformado – Carpinteiro/ Marceneiro, 69 anos**)

“Mais recentemente, com base em fotografias de outros tempos, representou em maquetas vários monumentos e pontos de interesse cultural em Cantanhede, todos milimetricamente pormenorizados. Este ano, regressou com um projeto do mesmo género, dedicado aos “Cruzeiros e Alminhas do concelho de Cantanhede”.

(**Maria Alexandrina Sousa, Contabilista, 56 anos**)

“Escultor, dono de várias miniaturas de edifícios e casas particulares, entretanto demolidas, que ficam como memória de Cantanhede.”

(**Maria Isabel Ferreira da Silva, Reformada – Doméstica, 86 anos**)

“Também a já referida construção de miniaturas de edifícios emblemáticos da cidade de Cantanhede, muitos dos quais infelizmente já desaparecidos, é um trabalho notório e de um valor incalculável.”

(**Mário Marques da Conceição, Reformado – Torneiro Mecânico, 83 anos**)

“Mesmo depois da reforma, ele ainda continua a fazer muitas coisas. A maioria já esteve em exposições. Ele fez maquetes de casas e monumentos antigos de Cantanhede; tudo pela mão dele, à escala, ao pormenor, tudo rigoroso. Houve pessoas que vieram ver as peças expostas e choraram. Ele é bestial!”

(**Rui Alberto da Silva Branco, Reformado (Industrial – oficina), 74 anos**)

“(…) sem esquecer (…) o seu talento como artesão de miniaturas de imóveis com valor patrimonial e artefactos tradicionais”.

(**Pedro António Vaz Cardoso, Vice-presidente da Câmara Municipal de Cantanhede - Pelouro da Cultura e da Educação, 51 anos**)

“Do Sr. Carlos lembro ainda a sua habilidade manual que não encontra quem se lhe compare na nossa terra. Ele fez miniaturas maravilhosas que já expôs várias vezes e são dignas de também elas constituir um Museu, desta vez, sugiro o Museu da Cantanhede urbana do passado.”

(**Maria Dulce Sancho Salgueiro da Costa, Professora do Ensino Secundário Aposentada, 74 anos**)

“Recentemente, há sensivelmente dois anos, quando falou em oferecer a coleção de maquetas à Câmara, e se foi ver o que constava, era impensável perder-se um espólio daqueles.”

(**Emanuel Casas de Melo, Encarregado Operacional, 67 anos**)

Ao elencar várias citações, a mestranda teve o propósito de mostrar que a opinião sobre o valor deste “projeto” do participante é unânime. Na última, faz-se referência a um

facto muito importante, a doação da sua coleção de maquetas ao Município de Cantanhede. Deste modo, este espólio e o valor que representa poderão estar patentes ao público. O participante sempre trabalhou e trabalha para o engrandecimento da sua terra; a sua grande preocupação consiste em deixar um legado às gerações futuras.

A sua última “empresa” deu nome ao último capítulo do *Círculo duma Vida*, Pintura.

“[E as telas? Pintar telas.] Eu tenho à volta de cento e oitenta quadros. Isto foi em quatro ou cinco (4 ou 5) anos. Compreende que sou um curioso [= *amador*]. Há lá obras lindíssimas e há outras, pronto... Foi fácil, quando eu fiz a primeira exposição das casas, na *Casa dos Bugalhos*, estava lá um rapaz amigo, que pertence lá aquilo da fotografia [*Associação Fotograf’ARTE*], e ele estava a pintar qualquer coisa, não me recordo o que era. Eu vejo o tipo a pintar e vou assim: “ai, então, eu sou capaz de fazer isto!” [*risos*] E eu maluco, claro, vim para casa, comecei claro, não a óleo é a acrílico, só pintei uma vez a óleo. Resultado, vim para casa, comecei a pintar e pronto, dei-me bem. (...) Tenho lá algumas pinturas em Arte Sacra e em Maquetes, das casas, e da Louça [*obras também pintadas*]. Fiz, também, telas com personagem em tamanho natural, em arte sacra. A fotografia [*pintura do busto*] já não é assim, já está bem para mim, as pessoas reconhecem-me e, então, eu sou tão lindo, tão lindo que até já pinte um autorretrato!”

A mestranda juntou a este trabalho fotografias das telas da louça Teles (*vide* Apêndice 14) e do seu autorretrato (*vide* Apêndice 15).

A sua curiosidade faz com que empreenda e a obra nasce. O participante detém uma série de aptidões e de habilidades que foi desenvolvendo e abraça qualquer projeto.

“Para Carlos Garcia tarefas difíceis são as mais cativantes, as que realiza com maior prazer, às quais se entrega de corpo e alma, sempre com uma alegria jovial desarmante. Ávido de saber e um dos mais curiosos e interessados utilizadores da Biblioteca, Municipal e de Praia, Carlos Garcia está sempre pronto a acrescentar mais algum conhecimento à já pesada bagagem que acumulou no decurso dos seus anos de vida.”

(Maria Teresa Manuel Lopes Paixão, Técnica Superior de Biblioteca e de Documentação do Município de Cantanhede, 58 anos)

“[De todos os trabalhos que já fez, qual é o seu preferido?] Essa pergunta já me foi feita [*risos*] Sim, na faculdade.] Sim, há dias, fui à Faculdade de Psicologia a Coimbra fazer uma palestra e lá fizeram-me essa pergunta e eu disse que tenho vários filhos e tenho amor por eles todos iguais. (...) [*Qual foi o mais difícil de executar, o que lhe deu mais trabalho?*] Mais trabalho o mosaico. Pois, porque as casas e outras coisas estavam dentro, propriamente, da minha arte. [*Percebo.*] Os mosaicos não. [*Pode indicar o que faz para estimular a sua memória?*] Olhe, leio muito. Agora, o meu rapaz comprou-me uma tablet [*um tablet*] e, agora, eu reparo na Maria [*menina de 4 anos, que considera bisneta, neta do sr. João Morais, com quem o sr. Garcia vive*] Ela está a ver sempre o... aquele boneco preto e branco, como é que se chama? [*O Panda?*] O Panda, e eu [*riu-se, enquanto contava*] tenho a impressão que estou como ela, sempre a olhar para o Panda no meu tablet, porque aquilo tem milhentas coisas, em que se aprende e há coisas que eles ensinam que estão erradas. (...) Às vezes, perco a hora, às voltas com aquilo. [*refere este facto com espanto. O sr. Carlos é muito metódico e rigoroso com os horários*]. (...) Se eu vir alguma coisa que me interesse, tenho uma espécie de um

caderno, com umas folhas, eu agarro naquilo, tal, tal tal, aponto [exemplifica] ou, então, tenho a máquina fotográfica e [faz o som e o gesto de tirar uma fotografia e ri-se, num misto de marotice e de satisfação] tiro a fotografia, é uma ideia que não é perfeita, fica com luminosidade, não é perfeito, mas, essa coisas [bases que tem feito] para, depois, tentar fazer. Mas isso é só os tabuleiros e as bases. Não as maquetes e os outros. Só agora, no Natal, é que o João me ofereceu aquilo.”

A mestranda selecionou, de novo, passagens desta entrevista, cuja narrativa de vida aparece repleta de informação; recorda-se que foi bastante animada e pretende destacar o facto de o participante estar muito satisfeito com o presente de Natal do seu filho, um tablet. É bastante interessante a comparação que ele estabelece entre a pequena Maria, que está sempre a ver o “Panda” no tablet, e ele que não larga o seu tablet para ver as “milhentas coisas que tem”. É extremamente curioso verificar a sua descrição sobre o modo de recolha de informação dos tutoriais que visita, mas, como faz questão de sublinhar: “(...) isso é só os tabuleiros e as bases. Não as maquetes e os outros”.

Desde o Natal de 2021 ao momento da entrevista, o participante executou imensas bases em madeira, de muitas formas e de variado design, tal como a que se pode observar na fotografia e que o participante fez a gentileza de ofertar à mestranda (*vide* Apêndice 16).

Outro motivo pelo qual esta sessão decorreu de forma entusiasmada prendeu-se com a questão colocada, no início desta citação, sobre a preferência por algum dos seus trabalhos. De imediato, a memória o transportou para a Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, desviando a narrativa para o dia 23 de novembro de 2021, dia em que esteve presente, com a mestranda, numa aula com alunos do 2.º ano da Licenciatura em Ciências da Educação, que selecionaram algumas questões como contributo para o Guião de Entrevista; essa foi uma das questões.

Para a mestranda, foi muito gratificante ver o interesse genuíno por parte daqueles jovens. Igualmente gratificante, foi e é saber que o participante ficou maravilhado com a experiência, referindo-a, muitas vezes, não só à mestranda como a pessoas que com ele privam. Este momento ficou guardado para a posteridade, através de várias fotos, como a constante deste trabalho (*vide* Apêndice 17).

A quinta sessão da entrevista corresponde ao bloco 6, que está direcionado para a autorreflexão, os momentos de encontro com o “Eu” e com “Os outros”.

Ao traçar a sua História de Vida, o participante surge como fruto dessa história e, ao refletir sobre ela, assume a sua identidade. Os seus escritos, particularmente a elaboração do seu primeiro livro autobiográfico, já o tinham obrigado a um exercício de reflexão e de sintetização de informação. Na História de Vida, surge a espontaneidade, no

entanto, o participante ao ser estudado e confrontado, enquanto personagem/ator da sua própria História de Vida, obrigou-se a assumir o seu papel, apresentando-se tal como ele é na sua essência, como se viu, fruto de todas as experiências vividas e dos relacionamentos estabelecidos com os outros, em determinados contextos.

“[Sr. Carlos, refira quais são as suas principais características. Como se descreve como pessoa?] (...) ando sempre bem disposto, sempre a cantar, sempre a assobiar, sempre a fazer rir, quer dizer, sai, não é por mal, sai, as bocas que eu largo e as pessoas estão sempre a rir; eu acho, também, graça, ao mesmo tempo, pelas minhas palermices, pronto.

[Imagine que não era o senhor. Como e que ele é?] Ó pá, é assim um gajo porreiro, é um tipo porreiro.

*[E como artista?] Artista, profissionalmente, não tenho vergonha nenhuma de dizer que, dentro da minha profissão fui sempre um bom profissional. Dali, nas maquetes (...) é dentro da minha profissão (...). Considero-me um ... como é que se chama? Um artesão. Há artista profissional e há o artesão que creio que é aquele que faz aquelas coisas. No caso das pinturas, dos mosaicos românicos (...), é mais uma curiosidade em que, pronto, faço, sai lindo, sai feio, (...) *[Faz, porque lhe dá prazer]* Sim. E, aliás, eu quando faço as coisas, gosto de fazer e a minha mente está sempre a funcionar, eu estou sempre a girar. (...) É pá, gosto! *[Dito com satisfação]* Gosto da arte, gosto, enfim, de tudo! Eu disse sempre, “eu sou como os americanos: o que é difícil, faz-se já; o que é impossível, demora mais um bocadito, mas também se faz!” *[Pensamento idêntico ao de Einstein] [Risos]”**

O participante autocarateriza-se como uma pessoa bem disposta que gosta de ver os outros divertidos. Assume-se como um bom profissional, mas, enquanto artista, define-se, apenas, como um artesão (naquilo que diz respeito à sua arte, como as maquetas), pois nas outras expressões de arte, segundo palavras suas, o que o move é a curiosidade e o gosto de fazer, pois a sua mente está ocupada e sempre a funcionar. A mestranda salienta as palavras “curiosidade” e o “gosto de fazer” e ainda a última frase da citação, que foi algo que já tinha anotado no seu caderno de bordo, pois o participante repete-as com alguma frequência e que são atributos que correspondem a pessoas predispostas para a autodireção na aprendizagem.

A entrevista decorreu e a mestranda indagou:

“[Se tivesse de repartir a sua vida, em capítulos, em quantos seria e quais eram os mais importantes?] A minha vida tem muitos capítulos, os mosaicos, como disse, a pintura, as maquetes, o Museu, tudo isso, para mim, tem... é como um filho, uma filha, são todos iguais.

[Exatamente, E a sua vida toda? Se fizesse um quadro como retratava a sua vida?] Eu já tenho um quadro com a minha vida retratada. (...) eu pinte, na arte, eu a trabalhar na arte (...) Igreja, em que eu fiz a Celebração da Palavra e dei catequese, (...) tenho um outro a montar os cenários do teatro. Eu nunca fiz teatro a representar(...) Depois, tem o folclore, eu vestido a tocar reco-reco. Depois, tem o Museu. Depois, tem as pinturas, as maquetes

e outras coisas. Ali está tudo naquele círculo, na questão dos aspetos mais importantes, não quer dizer que não fiz outras milhentas.

[Porque decidiu fazer esse quadro?] Foi fácil, no fim de ter feito tanta coisa, um dia o meu neto Paulo disse: “ó avô, você pinta tanta coisa, porque é que você não pinta um quadro com a sua vida?” e eu, numa fração de segundos fui assim “até tens razão!” (...)

Através deste excerto da citação, o participante apresenta a tela que pintou, e que denominou por *Círculo duma Vida* (*vide* Apêndice 07) onde explica quem o motivou a realizá-la e o que está representado em cada capítulo.

O participante já colaborou em inúmeros eventos, de carácter coletivo ou particular, vendo expostos os seus trabalhos:

“[Normalmente, para fazer exposições, é convidado por alguém ou apresenta-se?] Convidam-me. [E diz logo que sim?] Claro, com toda a certeza. Eu também tenho de dizer, honestamente, que sou caprichoso; não sou orgulhoso, isso nunca fui; (...) naquela coisa de querer muito, querer ser grande, nunca fui. (...) Sou caprichoso, como disse, gosto de ter as coisas, gosto que as pessoas as admirem, não haja dúvida nenhuma, gosto que digam: “é pá, até está lindo!” Agora, quando estive nesta exposição, há dias, na Biblioteca, a Anabela veio ter comigo para me dizer que havia lá um pilar de um Cruzeiro que estava ao contrário. As pessoas também têm olhos na cara; agora quando vier para baixo, eu corto, viro ao contrário e colo e resolvo a situação. No entanto, aparece também, (...) pessoas que não é por mal, até dizem na brincadeira, que falta qualquer coisa, mas reparam e isso é importante “faltam aqueles coisitos, que são uns buracos que tem nas pedras para subirem” *[riu-se]* (...) *[Mas isso é bom.]* É bom! É bom, porque os outros é que veem os nossos defeitos. Eu costumo dizer “eu vejo com as mãos” (...) eu não vejo o serviço com os olhos, (...) eu, apesar de ter uma pele dura, de sapo, eu passo aqui *[peça de madeira]* e vejo que há pequenas imperfeições com as mãos e os outros veem com os olhos. (...) Na questão das pinturas, aí sim, aquilo chama-se a pintura naif *[naïve]*, ou o que é, isso eu já sei que não tenho a perfeição dos outros; não tive qualquer curso para fazer aquilo. Faço o que sei, fico feliz por aquilo que eu fiz e faço *[muito bem]*.

[Alguma vez sentiu que os seus trabalhos foram desvalorizados, por ter baixa escolaridade?] Não! Não! Nem por baixa nem por alta escolaridade. Nunca. As pessoas admiram, ou gostam ou não gostam, ou dão apoio, o que é importante, claro, ou não dão apoio. [Certo]

A mestranda considera importante referir que, no que respeita a eventos de foro coletivo, o participante tem sido convidado e apresentado trabalhos nas diversas edições da iniciativa cantARTE, promovida pela Casa Municipal da Cultura de Cantanhede; há registo da sua participação, plasmado nos certificados de participação que detém, desde o ano de 2013 (*vide* Anexo 04 e Anexo 05).

No que respeita a iniciativas de foro individual, verificam-se as dinamizadas pela Biblioteca Municipal de Cantanhede e pela Associação fotograf ARTE. Alguns exemplos dessas exposições encontram-se juntas a este trabalho (*vide* Anexo 06).

A fim de se conhecer a percepção do entrevistado sobre a sua relação com os diferentes espaços culturais do Município da sua cidade, a mestranda avançou:

“[Como caracteriza a sua relação com a Biblioteca Municipal; é um leitor assíduo?] Dantes ia muita vez. Agora, vou lá menos vezes, não quer dizer que não vá de vez em quando, porque, quando eu preciso saber qualquer coisa sobre as terras, as aldeias [fundo local], eu gosto de saber e de aprender, e também para poder discutir. Por exemplo, eu gostei muito da História de Portugal, decorava com facilidade e tudo isso tenho na cabeça. Sempre gostei de ler. Na Praia da Tocha [Biblioteca de Praia – é leitor diário], leio, às vezes, aos trinta (30) livros quando eu lá estou naquele mês e meio. Porquê? Para estar com a mente a funcionar. De noite, deito-me cedo, quando é necessário, acordo, e, automaticamente, vou ler. Eu recorro à biblioteca para buscar livros ou, então, para ler os jornais. Outra coisa que é muito importante a “Gazeta”, “Boa Nova”, “O Independente” e outros jornais locais, porque muitas das coisas que eu também escrevi algumas, fui buscar, através dos jornais antigos. É por isso mesmo que nós devemos escrever, para deixar para o futuro. A Biblioteca é muito importante para esse caso [documentação de determinada informação]. (...) Por isso, uma biblioteca é muito importante numa terra.”

A mestranda pretende realçar a riqueza informacional obtida através das palavras do participante, pois este refere que procura a Biblioteca Municipal para: saber qualquer coisa sobre determinado assunto, porque gosta de saber e de aprender e, também, “para poder discutir”, ou seja, obter informação para estar documentado; ler, livros ou jornais, pois gosta de ler para “estar com a mente a funcionar”; pesquisar, sobretudo em jornais antigos e monografia local ou sobre o seu concelho. A este respeito refere que: “muitas das coisas que eu também escrevi algumas, fui buscar, através dos jornais antigos”, este facto aparece registado no Prefácio do seu terceiro livro:

“Agradeço a feitura deste livro à Câmara Municipal de Cantanhede, através do Pelouro da Cultura (...) a facilidade concedida pela Biblioteca Municipal de Cantanhede nas pesquisas dos Jornais (...) à Biblioteca da Liga dos Combatentes da Grande Guerra (...)” (Garcia, 2006, p. 1).

O participante apresenta ainda duas considerações, que a mestranda reconhece como bastante pertinentes: a importância de se escrever, para se deixar registo para memória no futuro, e a relevância de uma Biblioteca “numa terra”.

As Bibliotecas Municipais e Locais, Escolares e/ ou Comunitárias, bem como os museus, têm influência na vida dos indivíduos, bem como na divulgação e na promoção da cultura e do património da região onde se inserem. A Biblioteca Municipal de Cantanhede, graças à dinâmica da sua coordenadora, da equipa e da política local em prol da educação e da cultura, é representativa dessa realidade marcando presença na vida quotidiana dos indivíduos do concelho, sobretudo na dos seus utilizadores, influenciando as suas vidas. É,

também, o lugar que promove o encontro e o contacto de um público heterogéneo (*e.g.* diferentes idades, culturas, habilitações, ...).

No que respeita à importância atribuída a estes recursos culturais com potencial educativo (sem ser o perpetrado pelo ensino formal) a mestranda crê que, atualmente, estes deveriam ser melhor valorizados, a fim de se promoverem a relevância da “componente heurística e de descoberta da aquisição de conhecimentos, a autoeducação, realizada de forma autónoma e individual” (Parkyn, 1976), e que é um fator determinante na educação e formação da pessoa adulta, como foi acima referido pelo participante.

Por se enquadrar no que se acaba de referir, a mestranda julga importante descrever uma situação que decorreu, durante o mês de abril de 2022, na Biblioteca Municipal de Cantanhede e que envolveu o participante neste estudo, que é o exemplo de alguém que, autonomamente, recorre à Biblioteca Municipal em busca de informação, bem como, nas suas férias de verão, recorre à Biblioteca de Praia, na Praia da Tocha (polo sazonal da Biblioteca Municipal Cantanhede), onde diariamente se desloca, para ler os periódicos e diários e requisitar livros, como já foi referido anteriormente.

O senhor Carlos, com 88 anos de idade, após a fatídica perda da esposa e da filha, foi desafiado pela coordenadora da Biblioteca Municipal para executar maquetas de cruzeiros e alminhas do concelho de Cantanhede. Graças à sua resiliência e vontade de ser útil, o participante abraça os projetos, sempre sob o lema “o difícil faz-se já; o impossível demora um pouco mais, mas também se faz, como dizem os americanos”.

Como ele personifica o ditado popular “Parar é morrer!”, pois, na verdade ele é imparável (ele próprio repete inúmeras vezes: “O que é que a menina quer? Eu não posso estar parado!”), levou avante e concluiu o projeto em poucos meses, sendo as obras expostas na Biblioteca Municipal, no mês de abril de 2022, conforme consta do cartaz (*vide* Anexo 07) e das fotos (*vide* Apêndice 18 e Apêndice 19).

A mestranda pretende esclarecer que, atendendo à realização do *I Encontro – Cantanhede História, Arte e Património*⁵⁹, que decorreu nos dias 8 e 9 de abril de 2022, no auditório da Biblioteca Municipal de Cantanhede (a seguir designada por BMC), e uma vez que a temática deste *I Encontro* incidia sobre arte e o património do concelho, a coordenadora da BMC decidiu proceder a uma pequena alteração na calendarização das exposições, patentes no átrio, antecipando para o mês de abril (de 5 a 30) a exposição

⁵⁹ Organizado, conjuntamente, pelo Município de Cantanhede, pelo Círculo Português de Estudos Humanísticos e pela Universidade Aberta, com o apoio do Centro de Formação Associação de Escolas Beira-Mar.

“Cruzeiros e Alminhas do concelho de Cantanhede” (inicialmente prevista para agosto de 2022). Tal como o nome indica, esta exposição é composta por maquetas dessas construções de cariz religioso, existentes nas diferentes localidades das freguesias, inserindo-se, assim, na tipologia de Património Religioso do concelho de Cantanhede.

Curiosamente, dois dos oradores do segundo Fórum deste encontro, nos dias que o antecederam, encontraram-se, em trabalho, na BMC (pois, com alguma regularidade, recorrem ao espólio da BMC para desenvolver determinadas pesquisas para trabalhos, consultando, particularmente, livros constantes do *Catálogo da Sala Amorim Pessoa*, que contém os 3.000 volumes doados à Câmara Municipal, em testamento, pelo Arcebispo D. João Crisóstomo de Amorim Pessoa).

Num desses dias, a investigadora mostrou-se maravilhada com a exposição patente no átrio e com uma vontade enorme de conhecer o “artista” (modo como designava o autor da exposição). Sendo o “artista” residente em Cantanhede, e um dos leitores da BMC, facilmente se estabeleceu o contacto para, no dia seguinte, se encontrarem e se conhecerem (na BMC). A oradora, no dia 9 de abril de 2022, iria falar sobre “D. João Crisóstomo de Amorim Pessoa, através da sua biblioteca” e foi informada que o senhor Carlos Garcia tinha construído a maqueta da casa onde nasceu essa personalidade, maqueta que tinha integrado a exposição “Viagem a Cantanhede do passado”, e que tinha estado patente, nesse mesmo átrio, durante o mês de outubro de 2020 (*vide* Apêndice 20), facto que a deixou, ainda, com mais curiosidade e interesse. O senhor Carlos, no dia e hora marcados, compareceu na BMC, fazendo-se acompanhar pela referida maqueta. Da conversa, do conhecimento do autor e da obra, surgiu, de imediato, o convite para a peça constar do expositor preparado para o evento (*I Encontro – Cantanhede História, Arte e Património*), e para o senhor Carlos participar no 2.º Fórum, enquanto autor dessa peça, convite a que acedeu, prontamente.

Graças à realização do evento acima citado, no auditório da Biblioteca Municipal, conciliado com a dinâmica natural deste equipamento educativo e cultural (exposições mensais, de preferência, de autores locais), foi possível o encontro entre pessoas que não se conheciam, com diferente formação académica e categoria profissional, tendo, apenas, em comum o facto de serem utilizadores de um mesmo espaço educativo e cultural.

Ainda, no que se refere à importância da Biblioteca na vida do participante, a mestrandia pretende notar que, a nível profissional, se recorda que, quando o participante iniciou o seu projeto de pintura, procurou inúmeras leituras sobre esse tipo de arte, levando,

com caráter de empréstimo, obras sobre pintura e de pintores reconhecidos. Julga-se que esta busca pelo saber, o saber documentado, para saber fazer, ilustra bem a sua autodidaxia.

Quando questionado se sentia interesse e apoio por parte do Executivo Camarário e dos responsáveis da Divisão da Cultura, ele respondeu:

“Não posso dizer melhor em todos os setores da Câmara, e não só, com médicos, advogados. Não posso dizer o mínimo, porque eu, às vezes, até digo, mereço menos do que aquilo que me têm dado. Eu recebo mais do que aquilo que eu mereço, não sei me estou a fazer entender, porque as pessoas acarinham-me, e eu já disse, porque, nesta idade, com os 89 anos, todos os “Carlos Garcias” e as “Marias Joões e companhia limitada” um dia, Deus queira que sim, o que a gente precisa, de facto, é carinho e compreensão das pessoas, porque se a gente receber um sorriso, uma palavra amiga, e coisa assim parecida, a gente sente que ainda está a valer. Agora, se alguém chegar à pessoa, e não nos ligarem, os idosos ficam tristes. Mas, felizmente, não tenho essa situação. Eu não tenho isso em qualquer setor, desde o mais humilde ao mais alto nível da sociedade, as pessoas respeitam-me e é o que eu quero; quero no sentido figurado, sinto-me bem.”

Segundo este excerto, a mestranda julga que pode afirmar que a sua humildade e a sua modéstia levam-no a considerar que recebe mais do que aquilo que merece. No entanto, afirma com convicção que é acarinhado por todos e de todos obtém compreensão, fator muito importante para a sua felicidade e bem-estar, porque, nas palavras do participante: “se a gente receber um sorriso, uma palavra amiga, e coisa assim parecida, a gente sente que ainda está a valer”.

Chegados quase ao final desta sessão, a mestranda inquiriu o participante sobre as razões que o levaram a doar parte do seu espólio ao Município de Cantanhede, ele contou:

“Ora bem, quando de princípio fiz as obras, estava longe de saber que as iria dar, mas como as pessoas vêm e admiram e isso é uma coisa da terra, é um património cultural da terra, eu acho que deve ficar na Câmara para que outros, amanhã, daqui a dez, vinte, cinquenta anos, vão ver o que existiu, o património que existiu em Cantanhede, que foi deixado abaixo, em nome do progresso, claro! “

Através do citado, verifica-se a importância atribuída ao deixar obra feita para as gerações seguintes terem conhecimento das suas raízes, do que existiu e desapareceu, em consequência das transformações ocorridas nas sociedades, e como refere o participante “em nome do progresso”.

Uma das questões sugeridas pelos alunos da Licenciatura de Ciências da Educação, e que a mestranda incluiu no Guião de Entrevista, foi:

«[Acha que daqui a vinte, trinta, quarenta anos haverá mais “senhores Garcias?]

Eu tenho impressão que sim. Sempre, em todos os séculos, aparece sempre um “Garcia”. Atenção, eu não me considero especial, mas aparece sempre alguém que se destaca com essas coisas. [Certo.] (...) No Museu [de Os Esticadinhos] existe um espaço destinado ao fabrico dos sinos de Cantanhede e eu, ontem à noite, por acaso estive a ver no tablet como é que se faz os sinos. Fui ver e é precisamente aquilo; talvez um bocadinho diferente, para mim é mais simples e mais prático, (...) porque eu até sei onde era a fábrica e tenho escrito onde é que a fábrica foi, (...) Mas, o que eu lá tenho, e aprendi, e até fiz um sino; o que tenho à disposição é precisamente aquilo. (...) Portanto, se amanhã forem ver o museu e vão perguntar como é que isto era feito e aonde existem os sinos, eu digo: “em Cantanhede? Em Cadima houve, na Pocariça há, em Febres, ainda há sinos destes feitos em Cantanhede”. Quer dizer, isso é importante. E se não houver um “maluco” como eu [perde-se] para isso é preciso sempre um maluco [risos; maluco no bom sentido] no bom sentido. A maior parte das invenções foram surgidas por acidentes e há aqueles “malucos” que martelam a cabeça, ali para inventar qualquer coisa. Eu, automaticamente, dou mais valor ao inventor do que ao construtor. Eu dou mais valor a quem tem a ideia do que à pessoa que depois faz. O que eu estou a fazer é, só, para um dia mostrar aos vindouros como era ou como deixou de ser e que foi o tal do “maluco do Garcia” que pôs isso cá fora [e que deixou].

Apresenta-se mais um momento repleto de informação preciosa para este estudo, tal como o facto de o participante dar mais valor ao “inventor” do que ao “construtor”, pois quem “tem a ideia” (criativa) tem mais valor. Apresenta-se, também, “o saber de experiência feito”, perpetrado pelas aprendizagens informais, constantes da base de *O Iceberg de Aprendizagem* (Rogers, 2014a), quando o participante refere que sabe como se fazem os sinos, e na verdade fez um, como ilustra a fotografia (*vide* Apêndice 21).

Para terminar, a mestranda refere, ainda, dois factos: um tem a ver com a sua nova ferramenta tecnológica, o tablet, que lhe aguça ainda mais a sua curiosidade, permitindo que busque e confronte os conhecimentos adquiridos, ao longo dos anos, com novas formas de aprendizagem ou o modo realização de uma mesma tarefa de diferentes formas por exemplo; o outro prende-se, mais uma vez, com a sua preocupação em deixar registo «para um dia mostrar aos vindouros como era (...) e que foi o tal do “maluco do Garcia” que pôs isso cá fora».

A última sessão da entrevista, encerra a questão final do bloco 6 e os blocos sétimo e oitavo. No início da sessão, a mestranda teve necessidade de esclarecer duas questões que, para o trabalho em curso, não são relevantes (não obstante, são pertinentes para a redação do livro, daí terem sido feitas).

Neste momento do trabalho, ir-se-á apresentar informação sobre o reconhecimento público, levado a cabo pelo Município de Cantanhede, pela Junta de Freguesia de Cantanhede e a coletividade Rancho Regional Os Esticadinhos de Cantanhede e conhecer de que modo o participante sentiu esse reconhecimento.

*“[Conte-me como recebeu a notícia de que iria ser homenageado. Teve várias homenagens ou só uma, explique-me] Eu tive várias. Na coletividade foram prestadas várias homenagens, a última foi no dia, aqui da inauguração desta pequena rua com o nome Carlos Garcia [*Lembra-se da data?*] Foi em janeiro de 2019; eu tenho isso tudo escrito, tenho os discursos e tudo. Sabe que eu não deixo para amanhã o que pode ficar hoje(...) Nesse dia, (...) A Câmara fez aqui a inauguração da “Rua Carlos Garcia” e a coletividade Os Esticadinhos fez a mesma coisa [*na Sede*]. No dia 25 de abril do ano passado [2021], fizeram outra medalha e deram-me uma placa, mais não sei o quê [*placa com menção de Voto de Louvor e de Reconhecimento*], (...) eu tenho várias medalhas, pelos 10 anos, 15 anos, 20 e 25 anos e tenho várias placas da coletividade, ou bandejas ou coisas assim como oferta.”*

O participante indica as homenagens que lhe foram sendo feitas, ao longo da sua vida: galardões; várias medalhas da coletividade, no entanto ressaltam-se as que foram feitas de há três anos a esta parte e que têm um impacto bastante considerável a nível do reconhecimento público da pessoa Carlos de Jesus Garcia.

Assim, no dia 13 de janeiro de 2019, o Município de Cantanhede e a Junta de Freguesia de Cantanhede homenagearam o participante, atribuindo o seu nome a uma rua da cidade de Cantanhede (*vide* Apêndice 22). A mestranda questionou-o se a localização fazia sentido para ele, ao que exclamou e explicou: “Claro! É a rua onde, teoricamente, eu vivo, onde eu tenho o armazém à entrada, tenho aqui a exposição, tenho a fábrica, eu cedi um pouco de terreno, para alinhamento, foi por minha causa que eles alcatroaram isto, porque isto era tudo terra batida. Portanto, ó filha, faz sentido.”

Nesse mesmo dia, a coletividade Rancho Regional Os Esticadinhos de Cantanhede, homenageou-o, na sua sede, e inaugurou a placa identificativa: “Carlos Garcia – Fundador do Museu Rural e Etnográfico – Rancho Regional Os Esticadinhos de Cantanhede” (*vide* Apêndice 23).

“(…) Reconheço que se tem uma certa consideração pelo Sr. Carlos e é merecedor. No Museu, teríamos de criar qualquer coisa, uma homenagem que tenha a ver com ele e que tenha a ver com ele em vida! Acho que é muito interessante a gente fazer as coisas de cara a cara, elogiar, homenagear as pessoas em vida. Felizmente, foi feito, colocámos uma placa com o nome dele, e ele pôde usufruir disso. No mesmo dia, a câmara inaugurou a rua dele, tudo integrado nessa homenagem.”
(Idálio da Silva Espinhal, Empresário e atual Presidente Rancho Regional “Os Esticadinhos de Cantanhede”, 70 anos)

No ano de 2021, no âmbito das comemorações do 25 de abril, foi homenageado, de novo, pelo Município de Cantanhede, atribuindo-lhe o “Voto de Louvor e de Reconhecimento” (*vide* Apêndice 24).

“Em abril de 2021, o Município de Cantanhede distinguiu o Senhor Carlos de Jesus Garcia com um Voto de Louvor e Reconhecimento, tendo invocado para o efeito o assinalável mérito da sua ação cívica e intervenção pública, em particular o contributo que tem dado ao desenvolvimento de projetos de índole social, cultural e etnográfico, entre outros aspetos.”

(Maria Helena Teodósio e Cruz Gomes de Oliveira, Presidente da Câmara Municipal de Cantanhede (2017 -), 64 anos)

“É indiscutível, aliás como amplamente e institucionalmente tem merecido o reconhecimento, “o mérito da sua ação cívica e intervenção pública, designadamente o contributo que tem dado no desenvolvimento de projectos de índole social, cultural e etnográfico.”

(Pedro António Vaz Cardoso, Vice-presidente da Câmara Municipal de Cantanhede - Pelouro da Cultura e da Educação, 51 anos)

O participante, perante as homenagens, contou como se sentiu: “fiquei contente e sinto-me honrado com isso, mas não me sinto empolgado, não quer dizer que não sinta um pouquinho de orgulho. (...)”, relevando um aspeto importante: a Câmara soube elogiar, porque pôs uma pequena rua com o meu nome, em vida, porque se costuma fazer no fim de morto, a minha foi ainda em vida. No fim de contas é uma gratidão. Não me sinto importante, (...) mas reconhecido”.

No sétimo bloco, pretende-se indagar sobre as suas expectativas, no que respeita ao papel das gerações atuais e futuras e sobre o testemunho que importa transmitir, ao não parar de criar e executar obras e de deixar registo escrito de toda a sua obra.

“[Indique aos jovens, que vão conhecer o sr. Carlos, o que o move dia após dia a recolher artefactos para o Museu, a registar, a escrever, a publicar...] Eu vou dar uma resposta e a resposta, em parte, foi-me dada ontem à noite, ao ler no Tablet como é que as pessoas por causa da sua capacidade de ação, chega a uma certa capacidade de realização. Hoje, a doença do Alzheimer está a atacar muita gente [a esposa padeceu dessa doença]. Derivado a quê? As pessoas têm que ter qualquer coisa em que se possa distrair e pôr a sua mente a funcionar (...) eu ao ler estou a caminho de uma estrada do conhecimento e eu achei aquilo importante. Portanto, e eu hoje devo talvez à minha ação, como é que hei de dizer, a minha capacidade intelectual de resolver os pequenos problemas. (...) Portanto, a pessoa está a fazer qualquer coisa, está a raciocinar e tem o cérebro a funcionar [ativo] porque se o tiver a dormir, se for para o parque ou para o café, quer dizer é uma estrada que já foi percorrida, não faz puxar a mente, e essas coisas todas faz-me puxar a mente, pôr a funcionar, a acionar a coisa [certo]. Tanto que, nota curiosa, que eu considero as minhas coisas, que foram feitas, e considero o espaço aonde eu as fiz o “meu Centro de Saúde” [fez uma pausa]. (...)E eu achei muito engraçado, porque a conversa já tinha sido, em que o ler, a pessoa que está a ler vai à procura de conhecimento, vai à procura de uma “nova

estrada"; se ele não ler, ele segue a estrada que seguiu sempre e se for ler vai à procura de uma "nova estrada", para caminhar.

Neste trecho narrativo, o participante refere-se a uma doença da qual sucumbiu a sua esposa, em finais de 2020, a doença de Alzheimer. É muito pertinente verificar o seu interesse em pesquisar, através do tablet, e as conclusões que daí tira e apresenta.

Através da sua narração, percebe-se que detém uma enorme vontade de saber mais. Com os pés bem assentes no tempo presente, a sua memória reporta-o para o tempo passado, para as suas vivências e experiências ocorridas nesse tempo, mas o seu pensamento criativo e crítico direciona-o sempre para o futuro.

A mestranda pretende, também, apresentar um excerto da sua narração em que revele, talvez, o seu grande "segredo", para além dos anteriormente referidos:

"na escola dos velhotes, é para nos divertir [Projeto CLDS], portanto, eu vou já com 89 anos, mas vou, porque gosto de estar com as pessoas, gosto de cantar, divertir, conhecer coisas novas. Ontem, porque é à terça-feira [os encontros da Projeto CLDS] de quinze em quinze (15 em 15) dias é o tal programa para os velhotes. Oh, eu ponho tudo em "estado de sítio"! [física e intelectual] Eu ponho tudo em "estado de sítio"! [repete, enfaticamente] Eles estão sempre à espera, tanto as meninas que dão o tipo de aulas, como os velhotes, estão à espera de que eu vá para lá, para poder, enfim, desanuviar... Para quê? A pessoa precisa de se distrair, (...)".

A mestranda realça este trecho por apresentar informação relevante, pois o participante refere a importância que a ocupação dos tempos livres detém na sua vida, e na vida da pessoa humana, para desanuviar e divertir-se.

Por fim, no oitavo bloco, a mestranda indagou sobre os sentimentos nele despertados ao ser convidado para apresentar a sua História de Vida:

"Sinto que estou a prestar e a ser útil à sociedade. Sou um ser útil à sociedade. Estou a pôr o meu conhecimento, através da menina, para, de facto, por ali, até no fim de contas, dar conhecimento a outros. É a tal estrada que os outros hão de conhecer, porque isto, no fim de contas, da menina escrever isto é uma estrada para muito boa gente ler e começar a meditar. (...) Porque eu gosto de ser ainda útil. [dito com convicção] (...) O que eu quero é que, de facto, tenha utilidade para a menina. [Ah, isso, sem dúvida, sr. Carlos.] Eu quero duas coisas, uma delas é ser útil à menina, para, de facto, apresentar o seu trabalho. O ter um maluco, que é o Carlos Garcia, que, pronto, abriu-se na sua vida, mas, mesmo assim, com o que vai escrever, será o tal caminho para que os outros possam, ao ler, conhecer. Quem não me conhecer, pode-me acusar, quem me conhece não, mas, ó querida, eu não estou preocupado... [Não, francamente, eu não estou a imaginar que isso vá acontecer, até porque a obra está feita. Apenas, estou a querer saber como é que a fez.] [Risos]

Neste último excerto, selecionado pela mestranda, verifica-se a capacidade cognitiva e intelectual desta pessoa ímpar do concelho de Cantanhede. A preocupação que o participante apresenta é mesmo genuína e intrínseca à sua personalidade, pois desde que teve conhecimento do interesse da mestranda em realizar este trabalho, acedendo a que se estudasse a sua História de Vida, mostrou sempre grande interesse, envolvendo-se e colaborando em todo o processo; aliás, como é seu apanágio em tudo o que faz na vida, como se verificou ao longo deste estudo e que ele não deixa de deixar registado:

“A minha vida profissional foi a de um industrial de marcenaria. Nas minhas horas de lazer, se é que as tive, sempre quis trabalhar para engrandecimento da minha terra, Cantanhede. Fui pau para toda a colher, e o que fiz, foi com entusiasmo e dedicação” (Garcia, 2005, p. 3).

“Nunca quis fazer parte de uma massa anónima ou sem valores humanos, nem tão pouco sou de abandonar o barco à mais leve tempestade” (Garcia, 2010, p. 15).

A revisitação à História de Vida do senhor Carlos Garcia, pelo próprio em diálogo com a mestranda, termina aqui, porém a mestranda considera de extrema relevância apresentar algumas citações, retiradas de alguns testemunhos, que mostram o quão impactante é esta pessoa para estes cantanedenses e para os que por lá passaram:

“Daí também a sua fácil presença pessoal, com partilha de experiência de vida que sempre lhe ensinara muito, tendo a seu lado pessoas com quem colaborava, ajudava e acompanhava. Tudo isto vivenciado como quem vai a caminho lado a lado na esperança de uma sociedade melhor.”

(Carlos José Neves Delgado, Pároco e Professor de Teologia - Pároco, em Cantanhede, de 1999 a 2008, 74 anos)

“Os dons que tem são mais que muitos e duas mãos não chegam para os contar”. Com um espírito e jovialidade invejáveis, o Ti Garcia, é um homem doce, de talento gigante e humildade irrepreensível.”

(Carolina Pessoa, Técnica Superior do Município de Cantanhede, 42 anos)

“Não devemos endeusá-lo, mas dar-lhe o devido valor! Eu espero que, no futuro, o senhor Garcia tenha um lugar de destaque na monografia de Cantanhede, porque ele merece-o, por ter estado em “várias frentes”, umas mais relevantes do que outras, mas esteve presente.

Uma das coisas que me obriga, enquanto cidadão desta terra, é não fazer esquecer, é manter a lembrança do senhor Garcia e dos “outros Garcias” de Cantanhede.”

(Emanuel Casas de Melo, Encarregado Operacional, 67 anos)

“(…) e eu acho que este homem precisa de ficar na história de Cantanhede, mas ficar na história, mesmo à vista, que as pessoas saibam! (...) em relação a Os Esticadinhos, em relação ao Museu e também porque não, em relação a Cantanhede, muita coisa que ele fez. Não pode ser esquecido. Não pode. “Carlos Garcia foi uma pessoa que muito fez por este concelho, por esta terra”. Da maneira como ele faz as coisas e o amor que ele tem a Cantanhede. Nós temos que nos lembrar que, em Cantanhede, há pessoas deste género. (...). Este pessoal do povo! O Sr. Carlos Garcia é do povo!”

(Idálio da Silva Espinhal, Empresário e atual Presidente Rancho Regional “Os Esticadinhos de Cantanhede”, 70 anos)

“O Sr. Carlos Garcia é alguém muito especial na nossa cidade, no nosso concelho, mas sobretudo muito especial para a minha família, gosto muito dele como um avô e sei que posso contar com ele, como família.”

(Joana Inês de Jesus Seabra Malta, Médica de Medicina Geral e Familiar, 38 anos)

“Com ele aprendi que, também nos negócios, o rigor e a honestidade devem ter um lugar de destaque.”

(João Carlos Gonçalves Garcia, Marceneiro, 58 anos)

“Considero magnífico aquilo que o senhor Carlos faz (o seu espólio, as maquetes, os painéis de mosaico, etc...), apoio-o a cem por cento, mas, neste momento, penso que a juventude está um bocadinho fora, pois os computadores e os telemóveis vieram colocar em segundo plano este tipo de trabalhos, no entanto, nunca se sabe se, daqui a alguns anos, isso não dará uma história.”

(Jorge Luzeiro, Reformado – Carpinteiro/ Marceneiro, 69 anos)

“Confesso que tenho uma grande admiração e carinho pelo “Ti Carlos”. Aos 89 anos, continua com uma devoção enorme a tudo o que à sua terra diga respeito. É um amigo de sempre e para sempre.”

(Maria Alexandrina Monteiro Gomes Sousa, Contabilista, 56 anos)

“A Junta de Freguesia de Cantanhede tem um imenso orgulho neste seu município, pessoa ativa, simpática e prestável, um dos artesãos que mais contribui para manter e divulgar as tradições, usos e costumes da nossa terra.”

(Maria de Fátima Oliveira Negrão, Aposentada (Ex-Presidente da Junta de Freguesia de Cantanhede - 2009-2013, 68 anos)

“Para o Sr. Carlos Garcia a minha homenagem e o meu agradecimento como Cantanhedense. Obrigada por ter partilhado comigo anos bons anos de vida.”

(Maria Dulce Sancho Salgueiro da Costa, Professora do Ensino Secundário Aposentada, 74 anos)

“Conheço o Senhor Carlos Garcia há muitos anos e a primeira ideia que me ocorre referir num testemunho sobre aquilo que representa é que se trata de uma pessoa consensual em relação ao que melhor o caracteriza: o humanismo, a cortesia, o respeito pelos outros, carácter de homem bom, a distinta estatura moral e cívica, o imenso saber, a fina sensibilidade e o engenho de minúcia, a ampla mundividência, a extraordinária dedicação à comunidade, a postura serena mas determinada com que defende as causas em que acredita e, claro, o absolutamente incontestável estatuto de grande baluarte da cultura popular do concelho de Cantanhede.

A vida do Senhor Carlos Garcia é quanto a isso emblemática e eloquente de uma dedicação extrema à defesa do que de mais genuíno existe na cultura tradicional.

Em certo sentido, o Senhor Carlos Garcia é um manual vivo da história local, um manual de consulta obrigatória para quem pretende confirmar factos antigos, histórias de antepassados ou outros aspetos da vida de outros tempos.”

(Maria Helena Teodósio e Cruz Gomes de Oliveira, Presidente da Câmara Municipal de Cantanhede (2017 -), 64 anos)

“Deus o abençoe. Como cidadã, agradeço tudo o que faz. Exemplo de vida.

Que o Senhor nos dê homens e mulheres que, com o seu exemplo, engrandecem a cidade de Cantanhede. Obrigada, Carlos Garcia.”

(Maria Isabel Ferreira da Silva, Reformada (Doméstica), 86 anos)

“Carlos Garcia é um exemplo para qualquer geração, por todas estas razões, mas sobretudo, pela capacidade que demonstrou sempre, de aplainar as “falhas da madeira da vida”, adoçando-as e transformando-as em bonitas peças de arte. Exatamente como fez com os móveis que construiu com verdadeira mestria ao longo da sua vida.”

(Maria Teresa Manuel Lopes Paixão, Técnica Superior de Biblioteca e de Documentação do Município de Cantanhede, 58 anos)

“Não tenho dúvida nenhuma que graças ao trabalho e dedicação deste homem, simplesmente por gosto e sem qualquer intenção de usufruir de qualquer benefício, é possível às gerações vindouras conhecerem tão bem a alguns aspetos de Cantanhede e das suas tradições. É de louvar que ele tenha a boa vontade de juntar estes pedacinhos de conhecimento, de saber e, ao seu jeito, arranjar forma de o transmitir, com o seu trabalho, com as suas mãos. É um privilégio tê-lo como amigo, bem-haja, Sr. Garcia!”

(Mário Marques da Conceição, Reformado (Torneiro Mecânico), 83 anos)

“Homem de uma memória histórica de muitas estórias que vai contando e que seguramente muitas mais terá guardadas nesse baú imenso da memória, pois que os seus quase noventa anos de idade lhe permitem contar como as coisas eram diferentes do que hoje se veem, de como hoje se encontram. Sou um menino ao pé deste senhor. Um menino que vai aprendendo e assimilando os seus ensinamentos e que olha para o Sr. Carlos Garcia, esse “velho, de aspeto venerando”, com a maior consideração, respeito, carinho e admiração.”

(Nuno Miguel Pessoa Caldeira, Técnico Superior do Município de Cantanhede, 48 anos)

“Pensar no Carlos Garcia é pensar sempre em jovialidade, independentemente dos seus quase 90 anos! E esta jovialidade só se deve a uma coisa: uma grande vontade e uma grande alegria em viver. E é assim que o vejo. Alguém que, independentemente de uma História de Vida sofrida e de trabalho, gosta de viver, gosta de “cá andar” e tenta sempre sentir-se útil, manter-se ocupado, até porque como diz o velho ditado: Parar é morrer!”

(Patrícia Alexandra Pereira Ferreira, Técnica Superior (Ex-elemento do grupo folclórico Os Esticadinhos), 43 anos)

“Poderia ter muitas histórias para contar, mas guardo muitas mais em mim.

Certamente, haverá muitos mais que poderão dar testemunhos por terem aprendido muito com o Garcia. Concluo, evocando Freire (1987) “podemos pontuar o fato de que a Educação vai além dos muros das escolas e universidades”; eu tive o privilégio de ter tido essa educação por um Mestre da Arte, não de um só ofício, mas sim de sete ofícios.”

Paulo José Garcia Costa e Silva, Profissão: Médico Dentista, Idade: 44 anos)

“Quase que poderíamos dizer que não é um nome próprio, mas um nome colectivo na medida em que é uma parte significativa e impressionante da nossa memória colectiva, um património vivencial notável. Falar em “traçar a memória do concelho”, remete-nos de imediato para este testemunho vivo, incansável, que é o Sr. Carlos Garcia. A sua assinalável actividade neste domínio permitiu resgatar do passado e do esquecimento um vasto legado que corria o risco de se perder. Mais do que os documentos, o espólio museológico, o Sr. Carlos Garcia é uma enciclopédia viva, um testemunho dos momentos mais marcantes da história, da vida e das gentes desta comunidade.”

(Pedro António Vaz Cardoso, Vice-presidente da Câmara Municipal de Cantanhede - Pelouro da Cultura e da Educação, 51 anos)

“O Carlos Garcia é excepcional. Nos dias de hoje, estou convencido de que já não se encontram pessoas assim. Ele tem uma capacidade incrível. Sempre voluntarioso e sempre pronto para ajudar toda a gente. Ele é bestial.”

(Rui Alberto da Silva Branco, Reformado (Industrial – oficina), 74 anos)

Através deste trabalho, por tudo o que foi recolhido e aqui registado, a mestrandante sente que, moralmente, deve dar a conhecer a História de Vida do participante como um exemplo daquilo que deve ser feito com outras pessoas que, pela sua simplicidade, modéstia, habilitações literárias básicas, se encontram no anonimato, mesmo que delas, da sua arte e saberes dependam as comunidades onde estão inseridas.

Conclusão do estudo empírico

As investigações na área da Educação de Adultos e Intervenção Comunitária são extremamente relevantes, na medida em que dão importância à pessoa no seu contexto, no seu habitat, em inter-relação com os outros, incidindo os estudos sobre as suas experiências e o valor que elas assumem na aprendizagem e na educação do ser humano ao longo de toda a sua vida.

Após a apresentação das diferentes informações e evidências que traduzem a riqueza da vida do Sr. Carlos Garcia, crê-se que se conseguiu obter a credibilidade descritiva, na medida em que se foi fiel à transcrição dos elementos, obtidos através da gravação, assim como à descrição do que se viu e ouviu, ao longo do trabalho realizado no terreno, onde foi possível registar notas, no caderno de campo, do que se observou e ouviu (observação participativa) na interação com o nosso entrevistado e protagonista. O contributo desses apontamentos, tais como a reação a algumas questões, as pausas, as emoções transmitidas, as expressões intrínsecas ao seu discurso, verificadas ao longo da entrevista e que constam das transcrições (entre parêntesis), bem como as que foram obtidas, através da observação da mestrandante, foram muito importantes na apresentação e na discussão dos resultados do trabalho, por traduzirem a dimensão humanada recolha de dados para os fins da investigação em estudo, (auto)biográfica com base numa História de Vida.

No presente trabalho, verificou-se que o participante, graças à sua curiosidade, vontade de saber e gosto por aprender, adquiriu conhecimentos que o engrandeceram, a nível cognitivo e intelectual. Após a sua entrada na reforma, encetou o “projeto” de partilhar os seus saberes, registando nas mais variadas formas e tipos de arte, a sua terra, a sua cultura, as suas gentes, as de ontem e as de hoje, para as de amanhã delas terem conhecimento. Ele é o testemunho vivo de que a aprendizagem, a aquisição de novos conhecimentos e o experienciar novas realidades, abraçando os desafios do dia a dia, são aspetos que não têm idade.

Como se referiu na introdução do estudo empírico, a presente investigação assumiu um carácter exploratório e pretendeu ter um valor heurístico, uma vez que, em Portugal, as pesquisas que versam sobre os estudos (auto)biográficos, em particular sobre as Histórias de Vida, são escassos na área da educação. Desse modo, todo o processo resultou de uma construção conjunta entre a mestranda e a sua orientadora, num diálogo profícuo com os dados e respeitando sempre a vontade do Senhor Carlos Garcia, sobre aquilo que poderia ser tornado público.

O trabalho foi estruturado e posto em prática, no sentido de se alcançarem os objetivos estabelecidos inicialmente e de se apresentarem conclusões robustas, baseadas nas evidências recolhidas e na tessitura credível das mesmas. Apesar de se considerar que os objetivos foram cumpridos, é imprescindível ressaltar algumas das limitações do estudo realizado. Primeiramente, o volume de informação relevante e a quantidade de dados recolhidos, elementos de toda uma vida, de 89 anos; o Guião de Entrevista encerrou muitas questões (sabe-se que assim foi estruturado, para se obter o máximo de elementos para se escrever um livro sobre a História de Vida do participante). Julga-se relevante ressaltar que, em estudos futuros, seria importante centrar o estudo sobre momentos marcantes na vida do(s) participante(s), em determinada fase de uma vida e não ao longo de todo o percurso vital, pois esta foi uma das dificuldades sentidas.

Outra limitação diz respeito às sessões de entrevista. Nas entrevistas biográficas, o propósito seria deixar que o sujeito biográfico fizesse o seu percurso de rememoração, sem ser interpelado, caso fizesse pausas para refletir. A este respeito, a mestranda terá de assumir, com humildade, que, nas primeiras sessões, a sua inexperiência a impediu de cumprir com esse requisito fundamental das entrevistas de natureza biográfica, pois, por vezes, intervinha logo sem dar tempo ao participante de efetuar as suas reflexões. Um outro aspeto teve a ver com o fazer mais do que uma pergunta de cada vez. A mestranda foi melhorando estes dois aspetos ao longo das sessões, mas este exercício de escuta é difícil e permeado por muitas emoções. Importa referir, também, a importância que assume a preparação do entrevistador, neste caso da entrevistadora, de modo a conseguir gerir alguns processos emocionais, ocorridos quer por parte do participante, quer da sua parte, pois, devido ao seu entusiasmo e interação com o participante, alterou a ordem de duas questões, desviando-se do percurso de vida definido pelo participante, no *Círculo duma Vida*. Todas estas questões são pertinentes para reflexão, atendendo à natureza desta investigação, mas não retiram, em nosso entender, credibilidade ao que se apresenta.

Com a realização deste trabalho, a mestranda em interação com a pessoa em estudo, enquanto observadora participativa e ouvinte atenta, pôde perceber especificidades que estão na base da educação e da formação pessoa adulta. Através da História de Vida do participante, percebeu a importância assumida pelas experiências que cada um vive, em relação com os outros e com o meio, verificou que existem motivações que conduzem a pessoa para a aprendizagem e que a vontade de aprender é um dos elementos essenciais para a pessoa se autonomizar e transformar.

No que concerne às sugestões para possíveis estudos futuros, tendo em conta o que foi referido, anteriormente, quanto à pertinência das investigações na área da Educação de Adultos e de Intervenção Comunitária, considera-se importante realizar trabalhos, baseados em estudos (auto)biográficos, pois incidem sobre aprendizagens e saberes que não são valorizados, (*e.g.* aprendizagem autodirigida, aprendizagem incidental) por se revestirem pelo caráter da informalidade. Encetar estudos desta natureza é premente para dar voz aos indivíduos que vivem no anonimato e aos quais as comunidades devem toda uma dinâmica, em prol da perpetuação da sua cultura e da sua identidade.

Considerações finais: fim da jornada com bilhete para a de amanhã

O estudo da História de Vida do participante, pessoa-ator da sua própria narrativa, na relação consigo mesmo, com os outros e com o meio, natural e social, que o circunda, munido por uma bagagem pessoal enorme, foi uma tarefa hercúlea, mas possível através da sistematização do material empírico, recolhido de fontes diversas, e da triangulação dos elementos obtidos.

Ao longo de todo o estudo, houve sempre extrema preocupação em validar todas as informações e conclusões registadas, por parte da mestranda, pelo que se fez valer das informações constantes na narração do participante (entrevista transcrita), nos seus livros e nos testemunhos escritos (diferentes participantes), que convergiam no sentido de transmitir as mesmas mensagens/ ideias, a fim de se obter a validação e credibilidade dos elementos apresentados. No decurso de todo o trabalho, houve sempre cuidado na interação com o participante, no tratamento de toda a informação, recolhida e por ele cedida, bem como na registada nos testemunhos, no estrito cumprimento dos princípios éticos que norteiam uma investigação. Uma vez que o estudo se baseou numa História de Vida, e foi possível estabelecer-se e manter-se uma saudável relação dialógica entre a mestranda e o participante, este acompanhou o desenvolvimento deste estudo, manifestando bastante interesse e cooperando sempre que solicitado por ela, validando, assim, os dados e algumas das conclusões.

O participante, o senhor Carlos Garcia, é o exemplo vivo de uma pessoa que autodirigiu a sua aprendizagem consciente da sua importância, que viveu e vive, ativamente, o presente, revisitando o passado, procurando construir e pensar o tempo futuro. Dotado de uma curiosidade nata e de pensamento crítico, é uma pessoa que deseja aprender, atualizando-se, recusando viver na instantaneidade.

O seu frenesim constante caracteriza-o como um ser imparável na construção de legado para memória futura. Através da sua obra, não só dá a conhecer como também ilustra e deixa registado todo um conjunto de bens (móveis, imóveis, materiais, históricos, culturais e patrimoniais), assim como de elementos constituintes da identidade cultural e tradicional (gastronomia, jogos, mezinhas e superstições) do concelho de Cantanhede, legado que faz questão de deixar para memória das gerações vindouras.

Para o participante nada é impossível, aceitando os desafios que lhe são lançados,

superando-os na perfeição, como verificado no memorável encontro com os alunos do segundo ano da Licenciatura de Ciências de Educação da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra (*vide* Apêndice 25). Ninguém ficou indiferente a esse momento, único e intimista, onde, por um lado, o participante, de modo simples e prático, respondeu com muita profundidade às questões que lhe foram colocadas. Crente nos jovens para a construção de um mundo melhor, mas ciente dos perigos e vícios da sociedade atual, de modo descontraído, sem perder a convicção nas palavras, apelou à aprendizagem, ao querer saber, ao fazer, ao dedicar tempo a atividades de lazer (desligando-se um pouco das novas tecnologias e das redes sociais), ao cuidar do intelecto, e não apenas da aparência exterior e, fundamentalmente, à procura da essência de cada um, do “Ser” em oposição ao “Ter”, elemento essencial para se alcançar a felicidade. Além disso, os alunos da turma, a professora/ orientadora e a mestranda beberam das suas palavras, com atenção, admiração e carinho, usufruindo desse momento inesquecível.

Nas Licenciaturas em Ciências Sociais e Humanas e nos Mestrados em Educação e em Formação de Adultos, encontros como este, com pessoas que se destacam pela sua História de Vida, deveriam constar das atividades pedagógicas previstas nos planos de estudo, de modo a acontecerem com regularidade e de forma sistematizada.

Pelo exposto anteriormente, com base na sua História de Vida, verificou-se que o participante, através das relações estabelecidas, ao longo de toda a sua vida, das experiências e da reflexão crítica sobre si e as suas vivências, ocorridas no seu meio natural e envolvente, se tornou na pessoa que cuidadosamente foi sendo apresentada ao longo do segundo capítulo do estudo empírico. A sua identidade, os traços de personalidade e os processos de aquisição das suas aprendizagens, identificadas ao longo do estudo, permitiram caracterizá-lo como uma pessoa autodidata, sempre predisposta a dirigir a sua própria aprendizagem.

Através da narração do seu percurso biográfico, e sabendo que o participante apenas detém o primeiro ciclo de escolaridade, constatou-se o preconizado por Rogers (2014) como O Iceberg da aprendizagem, no qual a aprendizagem informal se encontra na base de formação de cada indivíduo, ocupando grande parte da sua vida e detendo uma infinidade de aprendizagens, no entanto, por ocorrerem fora dos contextos formais, são desvalorizadas ou mesmo não reconhecidas pelas vias formais.

Através do presente trabalho, pretende-se mostrar que os saberes e as aprendizagens, obtidos fora do contexto formal e que acompanham a pessoa ao longo de

toda a sua vida, assumem extrema importância, pois é através delas que os indivíduos se vão atualizando e assumindo novos papéis a nível pessoal e social; com isto, não se pretende afirmar que se deve descurar a importância das aprendizagens formais, obviamente. O conceito de Educação Permanente ganha, assim, expressão, na medida em que se defende a coexistência dos diferentes tipos de aprendizagem no desenvolvimento de cada indivíduo, ao longo de toda a sua vida.

Deste modo, com este trabalho pretende-se apresentar, também, a relevância da Educação e da Formação de Adultos na valorização e na transformação da pessoa humana, na promoção de igualdade de oportunidades, de uma cidadania ativa e de bem-estar social.

Pretende-se, de igual modo, instigar a que outros trabalhos se sucedam na área da investigação biográfica, para se valorizarem e reconhecerem pessoas, como o participante neste estudo, junto dos decisores políticos locais e nacionais, no sentido de se fazerem cumprir as disposições legais, a fim de que estas deixem de constar, apenas, no papel e na verborreia dos pomposos discursos políticos. Estudos como este são necessários para dar voz a pessoas, como o senhor Carlos Garcia, uma vez que são estas pessoas que deixam a marca, o legado cultural com valor histórico, preservando a memória das suas raízes, da sua identidade.

Neste momento final, a mestrandia pretende deixar registado que, atravessando momentos de incerteza, de medo, sobretudo em tempo longo de pandemia, de alterações climáticas e de guerra (e suas consequências), ter tido o privilégio de escutar a História de Vida de alguém que atravessou tempos verdadeiramente, difíceis (*e.g.* segunda guerra mundial, pós-guerra, regime ditatorial, passagem para o regime democrático, pandemia, fatalidades na família) e que encara o presente e o futuro com esperança, felicidade, querendo, apenas, ser útil à sociedade onde está integrado e deixar o seu legado para as gerações vindouras, é um verdadeiro exemplo de sabedoria, de resiliência e de amor à vida.

É preciso dar voz a estas pessoas, retirando-as do anonimato, de modo que ninguém, seja, verdadeiramente, deixado para trás!

Bibliografia

- Aires, L. (2015). *Paradigma Qualitativo e práticas de investigação educacional*. Universidade Aberta. [https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/2028/4/Paradigma_Qualitativo%281ª edição_atualizada%29.pdf](https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/2028/4/Paradigma_Qualitativo%281ª%20edição_atualizada%29.pdf)
- Alcoforado, J. L. M. (2018). Abordagens Autobiográficas e Educação e Formação de Adultos em Portugal: emergência e formação de novas profissões. In *A Nova Aventura (Auto)Biográfica - Tomo III* (pp. 118–138). ediPUCRS.
- Amado, J. (2020). A investigação em educação e seus paradigmas. In J. Amado (Ed.), *Manual de investigação qualitativa em educação* (3ª ed. Reimp., pp. 21–73). Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Amado, J., & Ferreira, S. (2020a). A entrevista na investigação em educação. In J. Amado (Ed.), *Manual de Investigação Qualitativa em Educação* (3ª ed. Reimp., pp. 209–234). Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Amado, J., & Ferreira, S. (2020b). Estudos (auto)biográficos - Histórias de Vida. In J. Amado (Ed.), *Manual de Investigação Qualitativa em Educação* (3ª ed. Reimp., pp. 171–187). Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Arouca, L. S. (1996). O Discurso sobre a Educação Permanente (1960-1983). *Proposições*, 7(2), 65–78. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/issue/view/1061>
- Bertaux, D. (2010). *Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos*. (2.ª Ed.). PAULUS; EDUFERN.
- Berton, J. (2014). Histoires de vie et formation. *VST - Vie Sociale et Traitements, Revue Des CEMEA*, 123(3), 99–105. <https://www.cairn.info/revue-vie-sociale-et-traitements-2014-3-page-99.htm>
- Bourdieu, P. (1986). L'illusion biographique. *Actes de La Recherche En Sciences Sociales*, 62–63, 69–72. <https://doi.org/https://doi.org/10.3406/arss.1986.2317>
- Bueno, B. O. (2002). O método autobiográfico e os estudos com Histórias de Vida de professores: a questão da subjetividade. *Educação e Pesquisa*, 28(n.º 1), 11–30. <https://www.scielo.br/j/ep/a/fZLqW3P4fcfZNKzjNHnF3mJ/?format=pdf&lang=pt>
- Canário, R. (2021). Educação Permanente e emancipação social: Aprender a ser “mestre de si próprio.” In A. Melo, L. C. Lima, & P. Guimarães (Eds.), *Actualidade da Educação Permanente* (pp. 61–83). Associação Portuguesa para a Cultura e Educação

Permanente / Espaço Ulmeiro.

- CEAD - Centro de Investigação em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária. (2021). *Carta Ética*. CEAD - Universidade do Algarve. <https://cead.ualg.pt>
- Cordero, M. C. (2012). Historias de vida: Una metodología de investigación cualitativa. *Revista Griot*, 5(I, Diciembre), 50–67. <https://revistas.upr.edu/index.php/griot/article/view/1775>
- Dave, R. H. (1979). Fundamentos de la educación permanente: aspectos metodológicos. In R. H. Dave (Ed.), *Fundamentos de la educación permanente* (pp. 21–55). Santillana/Instituto de la UNESCO para la educación.
- Faure, E. (1981). Aprender a Ser. In F. Herrera, A.-R. Kaddoura, H. Lopes, A. V. Pétrovski, M. Rahnema, & F. C. Ward (Eds.), *Aprender a Ser* (3.^a ed, pp. 17–40). Livraria Bertrand.
- Ferrarotti, F. (1991). Sobre a autonomia do método biográfico. *Sociologia - Problemas e Práticas*, 9, 171–177. <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/1239/1/13.pdf>
- Freire, P. (2013). *Pedagogia do Oprimido* (1.^a ed.). Paz e Terra. <https://faculdadeplus.edu.br/wp-content/uploads/2020/04/Paulo-Freire-Pedagogia-do-Oprimido.pdf>
- Garcia, C. (2005). *Manta de Retalhos*. Edição de Autor.
- Garcia, C. (2006). *Cantanhede: Memórias para o futuro*. Município de Cantanhede.
- Garcia, C. (2010). *75 Anos ao serviço da cultura: Rancho Regional “Os Esticadinhos” de Cantanhede*. Rancho Regional “Os Esticadinhos” de Cantanhede.
- Gato, R. P. M. (2011). *N. F. S. Grundtvig e as escolas populares Dinamarquesas: Contributos para a educação de adultos* [Dissertação de Mestrado, Repositório da Universidade de Lisboa]. https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/6310/1/ulfpie040084_tm.pdf
- Gomes, J. F. (1971). *A «Pampaedia» de Coménio* (2.^a ed). FLUC - Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Governo da República Portuguesa. (2017). *Dia da Defesa Nacional: Em Portugal o Serviço Militar já foi obrigatório*. <https://www.portugal.gov.pt/pt/gc21/area-de-governo/defesa-nacional/informacao-adicional/dia-da-defesa-nacional.aspx>
- GUGLIELMINO & ASSOCIATES, L. (2022, June 13). *Quick Facts about the Self-Directed Learning Readiness Scale (SDLRS)*. <https://www.lpasdlrs.com/>
- Hake, B. J. (2021). Desvios na estrada para a “Educação Permanente”: Uma história crítica dos repertórios de política europeia, 1955-1982. In A. Melo, L. C. Lima, & P.

- Guimarães (Eds.), *A(c)tualidade da Educação Permanente* (pp. 23–60). Associação Portuguesa para a Cultura e Educação Permanente / Espaço Ulmeiro.
- INATEL. (2017). *A Fundação*. [https://www.inatel.pt/Fundacao/INATEL-\(2\)/Fundacao.aspx](https://www.inatel.pt/Fundacao/INATEL-(2)/Fundacao.aspx)
- Ireland, T. D., & Spezia, C. H. (2014). *A Educação de adultos em retrospectiva: 60 anos de CONFINTEA*. UNESCO - Representação no Brasil. <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000230540>
- Josso, M.-C., & Pozzer, A. (2012). Fecundação mútua de metodologias e de saberes em pesquisa-formação experiencial. Observações fenomenológicas de figuras do acompanhamento e novas conceituações. In M. da C. Passeggi & M. H. M. B. Abrahão (Eds.), *Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto)biográfica - Tomo II* (pp. 113–146). EDUFRN; EDIPUCRS; EDUNEB.
- Leitão, A. (2006). *Os Lusíadas de Luís de Camões*. Verbo.
- Lengrand, P. (1981). *Introdução à Educação Permanente* (2.^a ed). Livros Horizonte.
- Lourenço, F. (2019). *Ilíada de Homero*. Quetzal Editores.
- Marques, P. (2012). *15 Ilustres Portugueses*. Porto Editora.
- Melo, A., Lima, L. C., & Guimarães, P. (2021). Introdução: Revisitações críticas em torno da Educação Permanente. In A. Melo, L. C. Lima, & P. Guimarães (Eds.), *A(c)tualidade da Educação Permanente* (pp. 13–21). Associação Portuguesa para a Cultura e Educação Permanente / Espaço Ulmeiro.
- Oliveira, A. L. (1996). *Aprendizagem auto-dirigida na adultez: Teoria, investigação e facilitação* [Trabalho de Síntese das Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica]. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Oliveira, A. L. (1997). Autodirecção na aprendizagem: A actualidade de um constructo. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XXXI(n.º 1, 2 e 3), 35–57.
- Oliveira, S. (2021). *Albert Einstein - Mentres brilhantes*. Alêtheia.
- Parkyn, G. W. (1976). *Educação Permanente - Modelo Conceptual*. Livros Horizonte.
- Passeggi, M. da C. (2018). A pesquisa (auto)biográfica em educação: princípios teóricos e apostas metodológicas. *VIII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica (CIPA), UNICID, São Paulo, Brasil*. <https://plataforma9.com/congressos/viii-cipa-congresso-internacional-de-pesquisa-auto-biografica.htm>
- Passeggi, M. da C., Abrahão, M. H. M. B., & Delory-Momberger, C. (2012). Reabrir o passado, inventar o devir: a inenarrável condição biográfica do ser. In M. da C.

- Passeggi & M. H. M. B. Abrahão (Eds.), *Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto)biográfica - Tomo II* (pp. 30–57). EDUFRN; EDIPUCRS; EDUNEB.
- Passeggi, M. da C., Nascimento, G., & Oliveira, R. de. (2016). As narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa qualitativa em Educação. *Revista Lusófona de Educação*, 33, 111–125. <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/5682>
- Paulilo, M. Â. S. (1999). A pesquisa qualitativa e a História de Vida. *Serviço Social Em Revista*, 2(1), 135–148. <http://www.uel.br/revistas/ssrevista/n1v2.pdf>
- Pineau, G. (2006). As Histórias de Vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. *Educação e Pesquisa*, 32(2), 329–343. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022006000200009>
- Reis, C., & Albuquerque, R. (2019). Todos os dias são registados em Portugal 4 bebés sem nome do pai. *Expresso*, 2424, 22. https://www.mlgs.pt/xms/files/site_2018/Imprensa/2019/Expresso_Nascem_4_criancas_por_dia_sem_pai_15ABR.pdf
- Rogers, A. (2014a). *The Base of the Iceberg: Informal Learning and Its Impact on Formal and Non-formal Learning*. Verlag Barbara Budrich. <https://doi.org/10.3224/84740632>
- Rogers, A. (2014b). The Classroom and the Everyday: The Importance of Informal Learning for Formal Learning. *Investigar Em Educação*, 1(2). <http://pages.ie.uminho.pt/inved/index.php/ie/article/view/3>
- Scocuglia, A. C. (2019). *A história das ideias de Paulo Freire e a atual crise de paradigmas* (7.^a ed.). Editora da UFPB.
- Simões, A. (1979). *Educação Permanente e formação de professores* (1.^a ed.). Livraria Almedina.
- Tinoco, R. (2004). Histórias de Vida - um método qualitativo de investigação. *Conference: X Anos Do Curso de Psicologia Da Universidade Fernando Pessoa*. https://www.researchgate.net/publication/326655330_Historias_de_Vida_-_um_metodo_qualitativo_de_investigacao
- UNESCO Institute for Lifelong Learning. (2020). *4^o relatório global sobre aprendizagem e educação de adultos: não deixar ninguém para trás; participação, equidade e inclusão*. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - França - e a Representação da UNESCO no Brasil. <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000374407>

- UNESCO Institute for Lifelong Learning. (2022). *Global report on adult learning and education (GRALE)*. UNESCO. <https://www.uil.unesco.org/en/adult-education/global-report-grale>
- UNESCO Institute for Lifelong Learning. (2017). *Recomendação sobre Aprendizagem e Educação de Adultos, 2015*. 17. https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000245179_por
- Varela, R., & Alcântara, J. (2016). Conflitos sociais na revolução portuguesa (1974-1975). In M. Marín Corbera, X. Domènech Sampere, & R. Martínez i Muntada (Eds.), *III International Conference Strikes and Social Conflicts: Combined historical approaches to conflict* (pp. 1109–1127). CEFID-UAB. <https://novaresearch.unl.pt/en/publications/conflitos-sociais-na-revolução-portuguesa-1974-1975>

Anexos e Apêndices

Mestrado em Educação, Formação de Adultos e Intervenção Comunitária
Ano Letivo 2021/2022

Anexo 02

Declaração de participação - Curso de Iniciação ao Teatro

INATEL

DECLARAÇÃO

Para os devidos efeitos se declara que CARLOS JESUS

GARCIA

esteve presente

no " CURSO DE INICIAÇÃO TEATRAL " que a Delegação de INATEL em Coimbra
levou a efeito no nesse Centro de Férias no Luso nos dias 31 de Outu-
bro, 1, 2, 7, 8 e 9 de Novembro de 1986.

Coimbra, 10 de Novembro de 1986.



Mestrado em Educação, Formação de Adultos e Intervenção Comunitária
Ano Letivo 2021/2022

Anexo 03

Documento escrito pelo participante em computador

6

OS LIVROS

NA VIDA DE UMA PESSOA. POR VEZES ACONTESESSEM MISTÉROS INSONDAVEIES, FOI ESTE O MEU CASO. O MEU PRIMEIRO LIVRO NASCE DE UM SONHO, APÓS PASSAREM 80 ANOS, TIVE UM SONHO COM O UM VELHOTE COM QUEM VIVI ATÉ AOS OITO ANOS. O SONHO LUCALISA-SE NOS SEUS ULTIMOS DIAS DA SUA VIDA, EU NO SONHO TINHA OITO ANOS E EU HOUVIA COM ATENÇÃO OS SEUS ENCINAMENTOS COMO SEMPRE ACONTECIA, DIZIA-ME ELE, QUE EU DEVERIA ESCREVER UM LIVRO DA MINHA VIDA COM ELE, E DA MINHA VIDA APÓS A SUA MORTE. ACORDEI DESSE PESADELO, E FIZ O QUE SOPOSTAMENTE ELE ME PEDIU, ESCREVI O MEU PRIMEIRO LIVRO, O QUE ESPECEFICEI TODOS OS ACONTECIMENTOS ENQUANTO VIVI COM ELE, E OUTRAS COISAS QUE EU PASSEI DEPOIS DO FALECIMENTO, FOI O PRIMEIRO LIVRO QUE ESCREVI, CUJO TITULO, (MANTA DE RETALHOS). MANTA DE RETALHOS ONDE DESCREMINO FACTOS E ACONTECIMENTOS, E CONCELHOS QUE O VELHO CAROLINO ME DEU EM VIDA .O LIVRO FOI ESCRITO A MÃO PORQUE EU NÃO SABIA ESCREVER A MAQUINA, NEM TAMPOUCO A COMPUTADOR. PEDI A UM AMIGO CASAS DE MELO, SE HAVIA A POSSIBILIDADE DE ALGUEM DA CAMARA PASSA-SE O LIVRO EM CALIGRAFIA PARA COMPOTADOR, PARA EU DEPOIS MANDAR IDITAR O LIVRO. COM TODA A CERTEZA DISSE O MEU AMIGO, QUE TEM QUEM FAÇA ESTE TRABALHO, E MAIS, FALAREI COM ALGUEM DA CAMARA QUE TE PAGARÁ A EDIÇÃO DO LIVRO. E ASSIM FOI, CONSIDEREI UM PEQUENO MILAGRE, E O LIVRO FOI PUBLICADO PELO MUNICIPIO, PARTE DO DINHEIRO DA VENDA FOI OFERECIDO AOS BOMBEIROS, E OUTRA PARTE Á IGREJA. QUANTO A ESCRITA, O BIXINHO PEGOU ,ESCREVI OUTRO LIVRO. (CANTANHEDE MEMÓRIAS PARA FUTURO, ONDE FALO DE FACTOS E ACONTECIMENTOS PASSADOS NA NOSSA TERRA, FOI TAMBEM A CAMARA QUE FINANCIOU A EDIÇÃO DESSSE LIVRO. DEPOIS DISSO NÃO PAREI, ESCREVI OUTRO LIVRO SOBRE O(HISTORIAL DOS ESTICADINHOS), A CAMARA CONTRIBUIU COM 50/00 DA IDIÇÃO, MAS NÃO FIQUEI POR AQUI, ESCREVO NOVO LIVRO .(CAMINHOS DA VIDA), COM FACTOS E ACONTECIMENTOS DA VIDA COTIDIANA DA NOSSA TERRA, MAS ESTE FOI EDITADO POR MINHA CONTA, MAS NÃO PAREI DE ESCREVER. FORAM MAIS TEZ LIVROS(OS JOGOS TRADICIONAIS) DO NOSSO CONCELHO, MAIS OUTRO LIVRO(REMECHENDO NAS CINSAS), É SOBRE FEIRAS PREGÕES E OUTRAS CURIUSIDADES DO NOSSO DIA A DIA, OUTRO LIVRO COM O TITULO(OS IMPECILHOS) FALANOS NOS PROBLEMAS DA TERCEIRA IDADE, UM LIVRIO PARA MEDITAR,QUE DEVERIA HAVER UM EM TODOS LARES. ESTES TREZ ULTIMOS AINDA NÃO ESTÃO EDITADOS. UMA HISTÓRIA A PARTE MAS RELACIONADAS COM OS LIVROS, UM DIA ESTAVA EU NA PRAIDA TOXA BRICOLANDO NO JARDIM QUANDO ME APARECE UM SENHOR MUITO BEM POSTO E BEM FALANTE CONVERSSANDO COMIGO, ELE ESTAVA TÃO VONTADE A FALR QUE EU DISE CÁ PARA MIM, QUEM SERÁ O TIPO, O HOMEN TALVES ME LENDO O PENCAMENTO, PREGUNTA, SABE QUEM EU SOU? EU DISSE QUE NÃO, AO QUAL ME RESPONDEU, QUE ELE ERA MEU AFILHADO DO BATISMO, EU RESPONDILHE NA BRINCADEIRA, A LADRÃO, QUANDO TE VI PELA ULTIMA VEZ NAS MÃOS PARECIAS UMA BROA DE VINTEM(muito

Mestrado em Educação, Formação de Adultos e Intervenção Comunitária
Ano Letivo 2021/2022

Anexo 04

Diploma de participação



DIPLOMA
cantarte CICLO DE ARTISTAS LOCAIS

O Município de Cantanhede tem a honra de atribuir a
Carlos Garcia
o Diploma de Participação no *XIX Cantarte / Ciclo de Artistas Locais*, patente na Casa Municipal da Cultura de Cantanhede até 14 de fevereiro de 2014.

Cantanhede, 14 de dezembro de 2013

O Vereador do Pelouro da Cultura

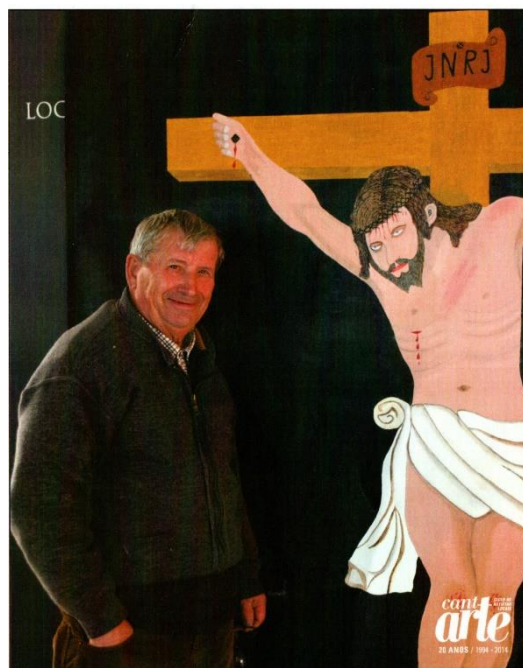
(Pedro António Vaz Cardoso)



Mestrado em Educação, Formação de Adultos e Intervenção Comunitária
Ano Letivo 2021/2022

Anexo 05

Participação na 20ª Edição de CantARTE



Carlos Garcia

XX CANTARTE - CICLO DE ARTISTAS LOCAIS
CASA MUNICIPAL DA CULTURA DE CANTANHEDE


Cartaz de Exposição


**JOGOS
TRADICIONAIS**

Carlos Garcia

15 Fev. 16h até 28 Mar.

**Galeria fotografARTE
R. Marquês de Pombal 46
CANTANHEDE**

**CANTANHEDE
MUNICÍPIO**

**fotografARTE
ASSOCIAÇÃO**

Mestrado em Educação, Formação de Adultos e Intervenção Comunitária
Ano Letivo 2021/2022

Anexo 07

Cartaz de Exposição



EXPOSIÇÃO

**CRUZEIROS E
ALMINHAS**
DO CONCELHO
DE CANTANHEDE

Maquetas de Carlos Garcia

5 - 30 ABRIL 2022

**BIBLIOTECA MUNICIPAL
DE CANTANHEDE**

hmc
BIBLIOTECA MUNICIPAL
DE CANTANHEDE

Cantanhede
Município

Mestrado em Educação, Formação de Adultos e Intervenção Comunitária
Ano Letivo 2021/2022

Apêndice 01

Experiente (vida)	2	X														X				
Filantropo / Altruísta / Fraterno / Generoso	7	X	X							X		X	X		X			X		
Honesto / Íntegro / Rigoroso	6	X		X	X		X	X					X							
Humanismo/ Humanidade	5				X						X				X	X			X	
Humilde / Simples / Modesto Poupado	11	X	X	X	X	X		X			X		X	X		X		X		
Perseverante / Persistente	5			X			X	X				X			X					
Perspícaz	2												X							X
Polivalente	3		X	X				X												
Prestável / Solícito / Solidário	10	X	X	X	X	X				X	X		X	X	X					
Resiliente	3			X		X										X				
Respeitável	5	X	X	X					X				X							
Responsável	2											X		X						
Sábio / Mestre / Notável	7			X				X	X			X				X	X		X	
Talento / Dotado	8		X	X	X						X		X	X		X			X	

Mestrado em Educação, Formação de Adultos e Intervenção Comunitária
Ano Letivo 2021/2022

Apêndice 02

Declaração de Consentimento Informado (participante)

A presente entrevista, proposta por Maria João Leite Amaro do Espírito Santo, aluna do 2.º ano do Mestrado em Educação e Formação de Adultos e Intervenção Comunitária, na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, enquadra-se numa **investigação**, no âmbito de uma **Dissertação de Mestrado**, que tem como objetivo geral compreender a importância da aprendizagem informal (autodirigida), com base no estudo da história de vida do entrevistado, Carlos de Jesus Garcia, demonstrando o valor do autodidatismo em idade adulta, sob orientação da Professora Doutora Cristina Maria Coimbra Vieira.

A aluna compromete-se a: (1) conduzir a entrevista, que será gravada em áudio, em conformidade com os princípios éticos, pelos quais se deve pautar a investigação a que se propõe, informando o entrevistado sobre o âmbito, o objetivo e a forma de recolha da informação; (2) esclarecer que, atendendo aos objetivos do presente estudo, será essencial o registo fotográfico de elementos (obras) por ele realizados e disponibilizados (registos escritos, livros, maquetes, quadros, mosaicos, entre outros considerados pertinentes); (3) prestar todos os esclarecimentos adicionais que o participante considere necessários, no que respeita ao estudo, e que ocorram no decurso do mesmo. Adicionalmente, assume a responsabilidade de tratar e de utilizar a informação recolhida, via áudio e/ou imagem, e fornecida pelo próprio, para os fins a que se destinam a investigação, a construção de conhecimento científico e o reconhecimento do valor do seu legado para as gerações futuras, bem como para constarem de um Livro sobre a história de vida do entrevistado, projeto que irá desenvolver na sequência do estudo que está a realizar.

Muito obrigada pela sua disponibilidade e colaboração!

Eu, _____, aceito participar, de livre vontade, na entrevista proposta pela aluna, Maria João Leite Amaro do Espírito, da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, da Universidade de Coimbra, no âmbito da sua **Dissertação de Mestrado**, sob orientação da Professora Doutora Cristina Maria Coimbra Vieira.

Reconheço que me foram explicitados os objetivos da entrevista e compreendo que os dados e as informações, que provenham da mesma, via áudio e/ ou imagem, serão utilizados de forma correta e, apenas, para a prossecução dos fins a que se destinam.

Com o presente consentimento, autorizo a utilização da informação providenciada para fins pedagógicos.

Cantanhede, ___ de _____ de _____

Assinatura do Entrevistado

Assinatura da aluna do MEFAIC

Muito grata, pela sua colaboração!

Mestrado em Educação, Formação de Adultos e Intervenção Comunitária
Ano Letivo 2021/2022

Apêndice 03

Texto (enviado, via email)⁶⁰

Maria João Leite Amaro do Espírito Santo, aluna do 2.º ano do Mestrado em Educação e Formação de Adultos e Intervenção Comunitária, na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, encontra-se a realizar uma investigação, no âmbito de uma Dissertação de Mestrado, que tem como objetivo geral compreender a importância da aprendizagem informal (autodirigida), com base no estudo da História de Vida de Carlos de Jesus Garcia, demonstrando o valor do autodidatismo em idade adulta, sob orientação da Professora Doutora Cristina Maria Coimbra Vieira.

A aluna informa que pretende obter testemunhos escritos de pessoas, amigas e/ou que privaram com Carlos de Jesus Garcia, no sentido de, através das suas declarações, ficar a conhecer as suas diferentes facetas, vertentes, a nível pessoal, cívico, social, cultural e religioso, notar o seu contributo e mostrar a importância do seu legado para memória futura.

Informa, ainda, que estes testemunhos escritos se destinam a fazer parte integrante da sua Dissertação de Mestrado e de um Livro sobre a História de Vida de Carlos de Jesus Garcia, projeto que irá desenvolver na sequência do estudo que está a realizar.

Muito obrigada pela sua disponibilidade e colaboração

⁶⁰ Após contacto telefónico com as pessoas visadas, no sentido de solicitar a sua colaboração para este trabalho, a mestranda enviou email, com o texto acima apresentado, anexando o Consentimento Informado (Apêndice 04), a fim de ser devolvido, devidamente assinado, aquando da entrega do testemunho escrito.

Mestrado em Educação, Formação de Adultos e Intervenção Comunitária
Ano Letivo 2021/2022

Apêndice 04

Declaração de Consentimento Informado (testemunhos)

Maria João Leite Amaro do Espírito Santo, aluna do 2.º ano do Mestrado em Educação e Formação de Adultos e Intervenção Comunitária, na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, encontra-se a realizar uma **investigação**, no âmbito de uma **Dissertação de Mestrado**, que tem como objetivo geral compreender a importância da aprendizagem informal (autodirigida), com base no estudo da História de Vida de Carlos de Jesus Garcia, demonstrando o valor do autodidatismo em idade adulta, sob orientação da Professora Doutora Cristina Maria Coimbra Vieira. A aluna informa que pretende obter testemunhos escritos de pessoas, amigos/as e/ou que privaram com Carlos de Jesus Garcia, no sentido de, através das suas declarações, clarificar o seu contributo a nível social, cultural e religioso, bem como mostrar a importância do seu legado para memória futura. Informa, ainda, que estes testemunhos escritos se destinam a fazer parte integrante da sua Dissertação de Mestrado e de um Livro sobre a História de Vida de Carlos de Jesus Garcia, projeto que irá desenvolver na sequência do estudo que está a realizar. Assim, informa que se compromete a utilizar as fotografias, apenas, para os fins a que se destinam a investigação.

Muito obrigada pela sua disponibilidade e colaboração!

Eu, _____, declaro autorizar, por minha livre, específica e informada vontade, a utilização e a respetiva difusão do meu testemunho escrito, pela aluna, Maria João Leite Amaro do Espírito, da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, da Universidade de Coimbra, no âmbito da sua Dissertação de Mestrado, sob orientação da Professora Doutora Cristina Maria Coimbra Vieira, bem como da posterior publicação de um Livro da sua autoria.

Com o presente consentimento, autorizo a utilização do meu testemunho escrito para os fins anteriormente indicados.

Coimbra, ___ de _____ de _____

Assinatura do/a Participante

Assinatura da aluna do MEFAIC

Muito grata, pela sua colaboração!

Mestrado em Educação, Formação de Adultos e Intervenção Comunitária
Ano Letivo 2021/2022

Apêndice 05

Lista de Testemunhos

- T1 – Carlos José Neves Delgado – *Pároco* e professor de teologia – 74 anos
- T2 – Carolina Pessoa -Técnica superior Município – *ex-Esticadinha* – 42 anos
- T3 – Emanuel Casas de Melo – Encarregado operacional – *associativismo* - 67 anos
- T4 – Idílio da Silva Espinhal - Empresário e *atual presidente R.R. Os Esticadinhos* – 70 anos
- T5 – Joana Inês de Jesus Seabra Malta – *Médica* de medicina geral e familiar – 38 anos
- T6 – João Carlos Gonçalves Garcia - *Marceneiro* – 58 anos
- T7 – Jorge Manuel de Azevedo Luzeiro - Reformado (*carpinteiro/ marceneiro*) – 69 anos
- T8 – Maria Alexandrina Monteiro Gomes Sousa - Contabilista - *ex-Esticadinha* – 56 anos
- T9 – Maria de Fátima Oliveira Negrão - Aposentada (*ex-presidente J.F. CNT*) – 68 anos
- T10 – Maria Dulce J. G. S. Salgueiro da Costa - Aposentada (*ex-Esticadinha*) – 74 anos -
- T11 – Maria Helena Teodósio e C. G. Oliveira - *atual presidente do Município CNT* – 64 anos
- T12 – Maria Isabel Ferreira da Silva - Reformada (*cursilhos de cristandade*) - 86 anos
- T13 – Maria Teresa Paixão - Técnica superior Bib. e Doc. (*coordenadora Biblioteca M.*) – 58 anos
- T14 – Mário M. Conceição - Reformado (torneiro mecânico) – *teatro, folclore* – 83 anos
- T15 – Nuno Miguel Pessoa Caldeira - Técnico superior Município – *Casa Cultura* – 48 anos
- T16 – Patrícia Ferreira - Técnica superior Município – *ex-Esticadinha* – 43 anos
- T17 – Paulo José Garcia Costa e Silva - Médico dentista - *ex-Esticadinho* – 44 anos
- T18 - Pedro Cardoso - *atual VP do Município CNT* – *Pelouro Cultura e Educação* – 51 anos
- T19 – Rui Branco - Reformado (industrial oficina) – *teatro, folclore* – 74 anos
- T20 – Equipa do CLDS Cantanhede 4G - *Contratos Locais Desenvolvimento Social*

Mestrado em Educação e Formação de Adultos e Intervenção Comunitária
Ano Letivo de 2021/2022

Apêndice 06

Guião de Entrevista⁶¹

Entrevistado: Carlos de Jesus Garcia

Entrevista realizada em **seis sessões** (6 dias diferentes):

1.ª Sessão – Blocos 1 e 2; **2.ª Sessão** – Blocos 3 e 4 (4.1 a 4.3); **3.ª Sessão** – Bloco 4 (4.4 a 4.12); **4.ª Sessão** – Bloco 5 e Bloco 6 (6.1);

5.ª Sessão – Bloco 6 (6.2 a 6.7); **6.ª Sessão** – Blocos 6 (6.8), 7 e 8

BLOCOS	OBJETIVOS DO BLOCO	QUESTÕES ORIENTADORAS	PERGUNTAS DE RECURSO E DE AFERIÇÃO
Bloco 1 Legitimação da entrevista		1.1 - Agradecimentos (disponibilidade, colaboração); 1.2 - Obter o Consentimento Informado (após a leitura e a explicação de todos os seus elementos constituintes); 1.3 – Explicar o porquê da divisão da entrevista em sessões.	1.2.1 - Antes de assinar, há alguma questão que queira colocar, tem algumas dúvidas quanto ao teor deste documento?

⁶¹ Guião elaborado com base no modelo sugerido por Amado e Ferreira (2020a).

BLOCOS	OBJETIVOS DO BLOCO	QUESTÕES ORIENTADORAS	PERGUNTAS DE RECURSO E DE AFERIÇÃO
<p>Bloco 2 INFÂNCIA;</p> <p>- O entrevistado;</p> <p>- A família (ascendentes);</p> <p>- O percurso educativo</p>	<p>Fazer a caracterização sociodemográfica do entrevistado;</p> <p>Recolher informação sobre os aspetos que marcaram a infância do entrevistado;</p> <p>Compreender o contexto familiar, educativo, socioeconómico, cultural e religioso onde cresceu como criança.</p>	<p>2.1 - Sua identificação (nome, idade, data e local de nascimento, profissão);</p> <p>2.2 - Identificação dos pais e irmãos (nome, idade, data e local de nascimento, escolaridade, profissão);</p> <p>2.3 Ocupação profissional e económica da família.</p> <p>2.4 – Recorda-se de quem cuidou de si, enquanto bebé e criança;</p> <p>2.5 - Conte algumas situações/ episódios marcantes da sua infância (1.ª fase da sua infância);</p> <p>2.6 - Fale sobre a sua ida para a escola, das pessoas e das situações que marcaram a sua vida escolar;</p> <p>2.7 – Se frequentou a catequese, refira a importância deste percurso/ensino na sua vida;</p> <p>2.8 - Conte como foi a sua saída da escola, as razões que levaram à sua saída, com que idade e o que foi fazer de seguida.</p>	<p>2.1.1 - Na sua família, era tratado por algum nome carinhoso?</p> <p>2.2.1- Com quem vivia (agregado familiar)? Tinham casa própria?</p> <p>2.2.2- Como era a sua relação com a mãe/ pai/ avós/ outro familiar?</p> <p>2.2.3 - Tinha/ tem alguma alcunha?</p> <p>2.4.1- Frequentou o infantário? Teve ama?</p> <p>2.4.2 - Que pessoas marcaram a sua infância, positiva e/ou negativamente?</p> <p>2.5.1 – Refira as brincadeiras marcantes da sua infância?</p> <p>2.5.2 - Dia do batismo (idade, madrinha e o padrinho).</p> <p>2.6.1 - Que idade tinha quando entrou na escola?</p> <p>2.6.2 – Onde era e como se chamava a sua escola?</p> <p>2.8.1 – Que idade tinha quando saiu da escola?</p> <p>2.8.2 - Quando saiu da escola, foi aprender alguma profissão?</p> <p>2.8.3 - Gostaria de ter continuado a estudar? Essa possibilidade foi-lhe oferecida?</p>

<p>Bloco 3 ADOLESCÊNCIA/ADULTEZ EMERGENTE: - Relacionamentos interpessoais e percurso profissional, antes do casamento</p>	<p>Recolher elementos sobre a escolha da sua profissão. BLOCOS OBJETIVOS DO BLOCO Compreender a importância que o exercício da atividade profissional teve na sua vida e na sua emancipação futura. Obter informação sobre o seu tempo de juventude (serviço militar, atividades de lazer e desporto, namoro, ...). Conhecer as perceções do entrevistado sobre os valores que a juventude da sua época prosseguia.</p>	<p>QUESTÕES ORIENTADORAS 3.1 - Quanto à sua profissão, conte a sua experiência em trabalhar pela carpintaria; 3.2 - Indique o que o motivou e quando tomou a decisão de se tornar, mais tarde, trabalhador por conta própria. 3.3 - Conte como, na juventude, cumpriu as suas obrigações (deveres enquanto pessoa e cidadão) e organizou o seu tempo (entre o trabalho e o tempo livre) 3.4 - Diga como conheceu a sua futura esposa e como decorreu o namoro (nome dela, quando e como namoravam, tempo de namoro, ...); 3.5 - Refira os valores que defendia na sua juventude;</p>	<p>PERGUNTAS DE RECURSO E DE AFERIÇÃO 3.1.1 - Quando e porque decidiu ser carpinteiro? 3.1.2 - Locais de aprendizagem [onde foi aprendiz, quem foi (foram) o(s) seu(s) mestre(s)]? 3.1.3 - Que idade tinha quando recebeu o primeiro ordenado? Lembra-se do valor? O que fez com esse valor? 3.2.1 – O que o levou a tornar-se trabalhador por conta própria? 3.3.1 - Cumpriu o serviço militar? (Se sim, onde? Se não, porquê?) 3.3.2 - Pertenceu a algum grupo recreativo ou desportivo? Qual? E porquê? 3.4.1 - Com que idade começou a namorar? 3.4.2 - A sua esposa foi a sua primeira namorada? 3.5.1 – Quando era jovem, quais eram as suas aspirações como jovem? 3.5.2 – Considera que os valores que defendia eram semelhantes/comuns aos dos jovens da sua época?</p>
<p>Bloco 4 IDADE ADULTA - após o casamento – momentos/ aspetos marcantes na sua</p>	<p>Conhecer informação pertinente sobre a sua vida pessoal e familiar: - o casamento e a vida a dois; - o casamento e a vida com os filhos;</p>	<p>4.1 - Refira o que recorda do dia do seu casamento e onde foram viver (casa própria, alugada, coabitaram com pais ou sogros); 4.2 - Indique como foram os seus primeiros anos de vida a dois;</p>	<p>4.1 – Lembra-se da data? Como foi a cerimónia? Para onde foram viver? 4.2.1 – Como descreve o seu casamento? 4.3.1 - Quantos filhos tiveram?</p>

<p>vida (positivos e/ ou negativos):</p> <p>A - A <u>nível pessoal</u>;</p> <p>B - A <u>nível profissional</u>;</p> <p>C - A <u>nível religioso</u></p> <p>D - A <u>nível sociocultural</u></p>	<p>BLOCOS</p> <p>OBJETIVOS DO BLOCO</p> <p>Obter elementos sobre a atividade profissional, enquanto trabalhador por conta própria, uma nova experiência (a nível económico-familiar)</p> <p>Recolher dados sobre a sua ação a nível social, religioso e cultural (a nível local):</p> <p>- Igreja (programa de rádio; vídeo/filme, cursos de cristandade);</p> <p>- Teatro – cenografia;</p> <p>- Folclore;</p>	<p>QUESTÕES ORIENTADORAS</p> <p>4.3 - Refira os desafios que enfrentou desde nasceu os seus filhos;</p> <p>4.4 - Conte como fundou a sua empresa, o negócio por conta própria, o que o motivou, quem o impulsionou, o apoio prestado pela sua esposa;</p> <p>4.5- Refira como foi a sua experiência, enquanto gerente da empresa;</p> <p>4.6 - Diga de que modo, quando e porquê, iniciou a sua “missão de Cristandade”.</p> <p>4.7 - Fale sobre a experiência na Rádio;</p> <p>4.8 - Refira o que o motivou a realizar um filme de cariz religioso.</p> <p>4.9 - Participou em teatro. Conte de que forma o teatro entrou na sua vida e a importância deste na sua vida;</p>	<p>PERGUNTAS DE RECURSO E DE AFERIÇÃO</p> <p>4.3.2 - Qual era a profissão da sua esposa?</p> <p>4.3.3 - Que mensagem transmitiria aos jovens sobre o casamento?</p> <p>4.4.1 - Em que ano fundou a sua empresa e com que nome foi registada?</p> <p>4.4.2 - Quando começou a sua empresa, trabalhava sozinho ou tinha funcionários?</p> <p>4.4.3 - Qual era a sua área de negócios (que tipo de produtos fabricava)? Quais eram as suas funções?</p> <p>4.5.1 - Na sua opinião, o facto de ser trabalhador por conta própria trouxe-lhe benefícios ou prejuízos? A que níveis (pessoal, familiar, profissional)?</p> <p>4.6.1 - Sente que tem uma ligação com Deus? Considera essa ligação importante para a sua vida? Porquê?</p> <p>4.6.2 - Recebeu convite(s) para integrar o(s) grupo(s) (cristandade, rádio) ou foi por iniciativa própria? Quem o convidou e de que modo surgiu o convite?</p> <p>4.8.1 - Quando comprou a sua máquina de filmar? Com que finalidade?</p> <p>4.9.1 - Integrou o grupo de teatro, por iniciativa própria, ou foi convidado?</p> <p>4.9.2 - A que grupo(s) pertenceu?</p>
---	---	--	--

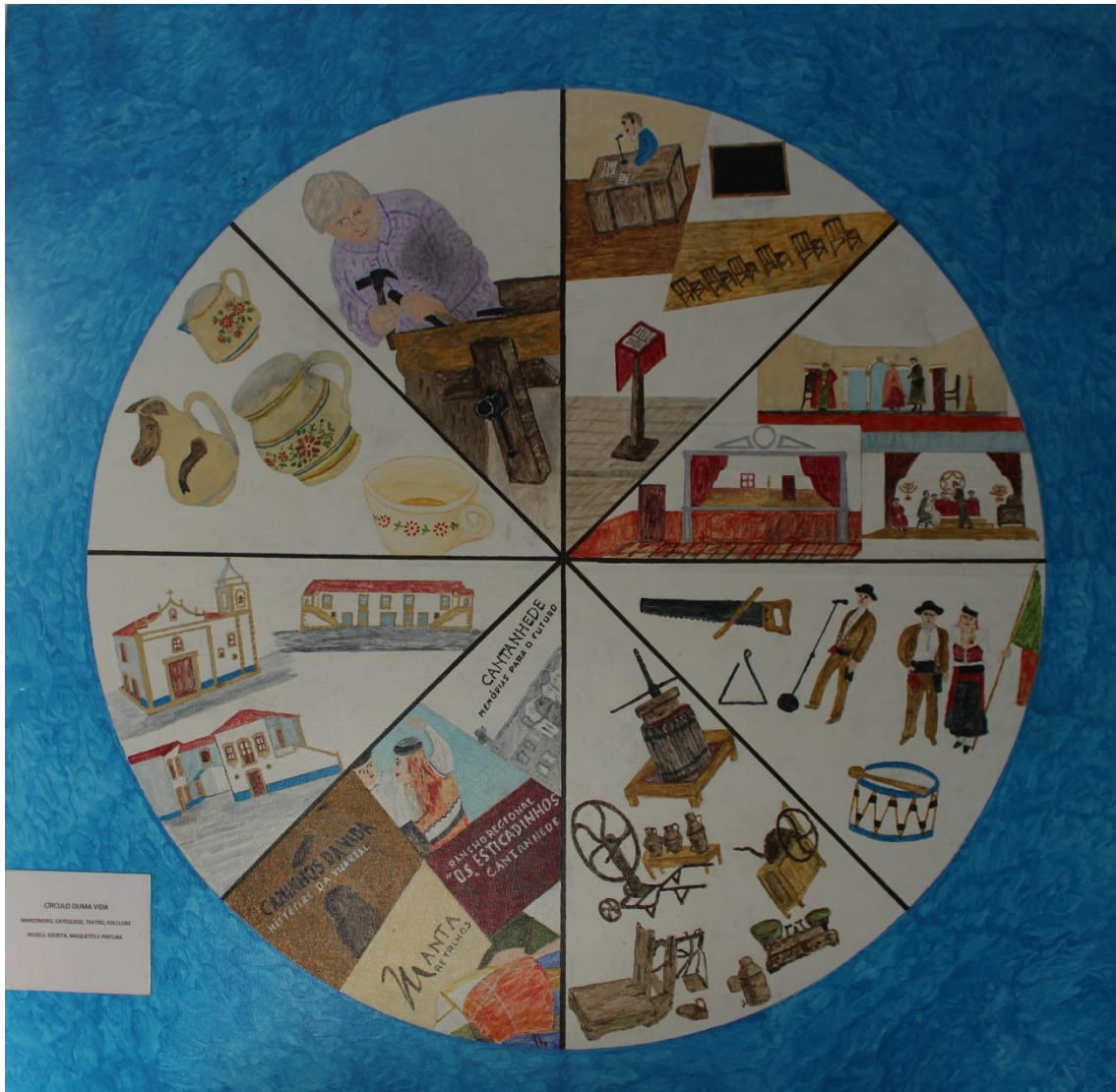
<p>BLOCOS - Museu Rural</p>	<p>OBJETIVOS DO BLOCO Etnográfico</p>	<p>QUESTÕES ORIENTADORAS 4.10 - Conte como integrou o folclore e a importância que este teve e tem na sua vida; 4.11 - Descreva como surgiu a ideia de criar um espaço, que mais tarde se transformou no museu; 4.12- Indique as verdadeiras motivações que o impulsionaram a fazê-lo.</p>	<p>PERGUNTAS DE RECURSO E DE AFERIÇÃO 4.10.1 - Pode dizer-se que o folclore é uma paixão? Qual o nome do grupo de folclore? E qual era ou é a sua função nesse grupo? 4.11.1 - Esteve sozinho neste “empreendimento” ou teve alguém a ajudá--lo? Pode indicar o nome de algumas dessas pessoas?</p>
<p>Bloco 5 IDADE ADULTA AVANÇADA: a reforma - experiências que marcaram/ marcam esta fase da sua vida, resultantes de uma aprendizagem autodidata (aspectos positivos e/ ou negativos)</p>	<p>Recolher informação sobre aspetos da vivência do entrevistado, após a sua reforma, quase há duas décadas. Compreender o seu autodidatismo, no que se refere a: - Mosaico “tipo românico”; - Escrita de livros (uso de computador);</p> <p>- Maquetas; - Pintura.</p>	<p>5.1 - Diga com que idade se reformou, o que sente por se encontrar na reforma (se se sente um reformado);</p> <p>5.2 - Explique como surgiu a ideia de: a) criar painéis com mosaico; b) executar maquetas; c) pintar telas</p> <p>5.3 - Tendo, apenas, a 4.^a classe, conte como surgiu a vontade de escrever livros e porque julgou importante fazê-lo;</p> <p>5.4 - Indique a forma como conseguiu publicar todos os seus livros;</p>	<p>5.1.1 - Custou-lhe deixar a gestão da sua empresa? Quem é o atual gestor?</p> <p>5.2.1 - Frequentou algum curso (mosaico, pintura, ...)? Se não, como aperfeiçoou a(s) sua(s) técnica(s)?</p> <p>5.3.1 - Como escreve os seus textos (à mão, à máquina, no computador)? Que dificuldades sentiu/ sente?</p> <p>5.3.2 - Quando comprou o seu primeiro computador? E o portátil? Teve ajuda de alguém para adquirir esses equipamentos e manuseá-los?</p> <p>5.3.3 - Recebeu ajuda na escrita dos livros e na publicação? Por parte de quem?</p> <p>5.4.1 - Quantos livros já publicou? Pode enumerá-los, por ordem de publicação?</p> <p>5.5.1 - Quanto tempo demorou a realizar a maquete da igreja?</p>

	<p>BLOCOS Outer dados sobre a criação e o bloco o motiva a criar cada vez mais obras (sobretudo maquetas e livros).</p>	<p>OBJETIVOS DO BLOCO 5.5 - Fale sobre a experiência de orientadoras como tudo começou;</p>	<p>PERGUNTAS DE RECURSO E DE AFERIÇÃO 5.6.1 De todos os seus trabalhos, qual o seu preferido? Porquê? 5.6.2 - Acerca dos seus "filhos" (as suas artes) qual foi o mais rebelde (mais difícil de começar)? Porquê?</p>
<p>Bloco 6 IDADE ADULTA AVANÇADA Autorreflexão - Encontro com o “Eu”, com os “outros” e com contexto sociocultural na comunidade onde esteve/ está inserido</p>	<p>Perceber de que modo o entrevistado estimula a memória e como se vê/ caracteriza enquanto pessoa e personagem (artista).</p> <p>Compreender a motivação que impele o entrevistado para a busca incessante de formas que perpetuem a tradição, o <i>modus vivendi</i> e o <i>modus operandi</i> de um povo (gândara-bairradino), com o intuito de transmitir conhecimento, para que a memória não se perca.</p> <p>Saber a importância <i>de</i> e a motivação <i>para</i> preparar e/ou participar em exposições (caráter particular ou coletiva).</p>	<p>5.6 - Indique a(s) razão(ões) que o leva(m) a criar todas estas obras (painéis tipo românico, maquetas, telas), aquilo que o motiva e com que objetivo(s);</p> <p>6.1 - Pode indicar o que faz para estimular a sua memória;</p> <p>6.2 - Refira quais são as suas principais características (positivas e negativas), enquanto pessoa e enquanto artista</p> <p>6.3 - Conte como começou a participar e/ ou apresentar peças em exposições (mosaico, maquetas e pintura). Indique as suas motivações para apresentar e expor as suas obras; a sua finalidade; e os espaços culturais escolhidos para apresentá-las.</p> <p>6.4 - Como caracteriza a sua relação com a Biblioteca Municipal enquanto leitor</p>	<p>6.2.1 – Como se descreve como pessoa?</p> <p>6.2.2 – Descreva como se vê enquanto “artista” (pessoa criativa)?</p> <p>6.2.3 - Qual a sua opinião sobre a sua obra e o seu legado? A quem pode interessar?</p> <p>6.2.4 - Se tivesse que repartir a sua vida em capítulos, quantos seriam? Quais os mais importantes? Porquê?</p> <p>6.2.5 - Quais as suas dificuldades e como as ultrapassa?</p> <p>6.3.1 – Qual foi a primeira peça que fez para apresentar numa exposição? De quem partiu o convite?</p> <p>6.3.2 – De que modo prepara as suas exposições? Normalmente, é convidado por alguém ou apresenta o(s) seu(s) projeto(s)?</p> <p>6.3.3 - Alguma vez sentiu os seus trabalhos desvalorizados, sobretudo pela sua escolaridade?</p>

BLOCOS	OBJETIVOS DO BLOCO	QUESTÕES ORIENTADORAS	PERGUNTAS DE RECURSO E DE AFERIÇÃO
	<p>Conhecer a percepção do entrevistado sobre a sua relação com os diferentes espaços culturais do Município do seu concelho.</p> <p>Conhecer a importância que teve o reconhecimento público, feito pelo Município, ao entrevistado, pelo trabalho que desenvolveu e pelo espólio que deixa para memória futura.</p>	<p>6.5 - E como caracteriza a sua relação com o Município e Casa Municipal da Cultura?</p> <p>6.6 – As doações</p> <p>6.7 – Percepção sobre a importância da sua intervenção na comunidade e na cidade</p> <p>6.8 - Conte como recebeu a notícia de que iria ser homenageado e como se sentiu no dia da(s) Homenagem(ns) em vida:</p> <p>a) Rua com o seu nome, na cidade onde nasceu;</p> <p>b) Homenagem no dia 25/07/2021.</p>	<p>6.4.1 - Qual a importância da Biblioteca na sua vida? Que género de livros lê?</p> <p>6.5.1 - Sente interesse e apoio, por parte do Executivo Camarário e dos responsáveis da Divisão da Cultura, para implementar os seus projetos?</p> <p>6.6.1 - Que razões o levaram a doar algum do seu espólio ao Município?</p> <p>6.7.1 - Acha que daqui a 20, 30, 40 anos... haverá mais “senhores Garcias”? E acha importante que haja?</p> <p>6.8.1 - O que sentiu ao ser homenageado em vida? Considera-se um justo merecedor dessas homenagens?</p>
<p>Bloco 7 Conselhos/ Indicações para os jovens (as gerações vindouras)</p>	<p>Indagar o entrevistado sobre as suas expectativas, relativamente ao papel das gerações atuais e futuras, no sentido de darem continuidade ao trabalho desenvolvido.</p>	<p>7.1 - Indique/ revele aos jovens do seu concelho o que o move, dia após dia, a recolher mais artefactos (para o Museu), a registar e publicar mais informação (histórias reais, de hoje e de antigamente, ...), a executar mais peças (maquetes,</p>	<p>7.1.1 - O que acha que se pode fazer para as gerações futuras adquirirem o seu conhecimento?</p> <p>7.1.2 - Que conselhos gostaria de deixar aos jovens?</p>

	BLOCOS	OBJETIVOS DO BLOCO	QUESTÕES ORIENTADORAS	PERGUNTAS DE RECURSO E DE AFERIÇÃO
			telas) e a finalidade com que o faz.	
<p>Bloco 8 Término da entrevista</p>	<p>Perceber os sentimentos do entrevistado face à entrevista.</p> <p>Possibilitar ao entrevistado um comentário final.</p> <p>Reiterar os agradecimentos pela colaboração.</p>	<p>8.1 – Fale sobre o que sentiu e sente perante a entrevista que lhe foi feita e a finalidade a que se destina.</p> <p>8.2 – Comente ou acrescente informação útil para o estudo que está a ser realizado.</p>	<p>8.1.1 – Dado que a entrevista integra um estudo académico e, consequentemente, a publicação de um livro, qual o papel / importância desta entrevista para a sua vida?</p> <p>8.1.2 - Tendo em conta a finalidade desta entrevista, refira o que sentiu ao ser entrevistado.</p> <p>8.2.1 – Gostaria de acrescentar alguma informação que considere importante para este estudo?</p>	
<p>Muito grata pela sua preciosa colaboração!</p>				

Círculo duma Vida⁶²



⁶² Título da tela, pintada pelo senhor Carlos Garcia, em julho de 2013, após ter sido incentivado pelo seu neto Paulo.

Imagem de nossa Senhora com criança ao colo



Guião - peça teatro



Painel tipo românico



Painéis tipo românico



Livros escritos pelo participante



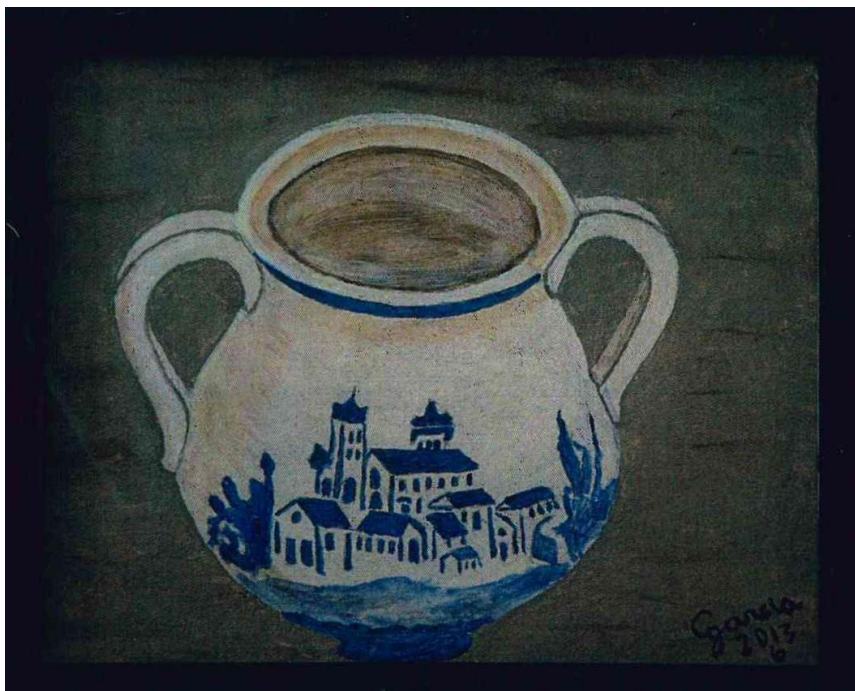
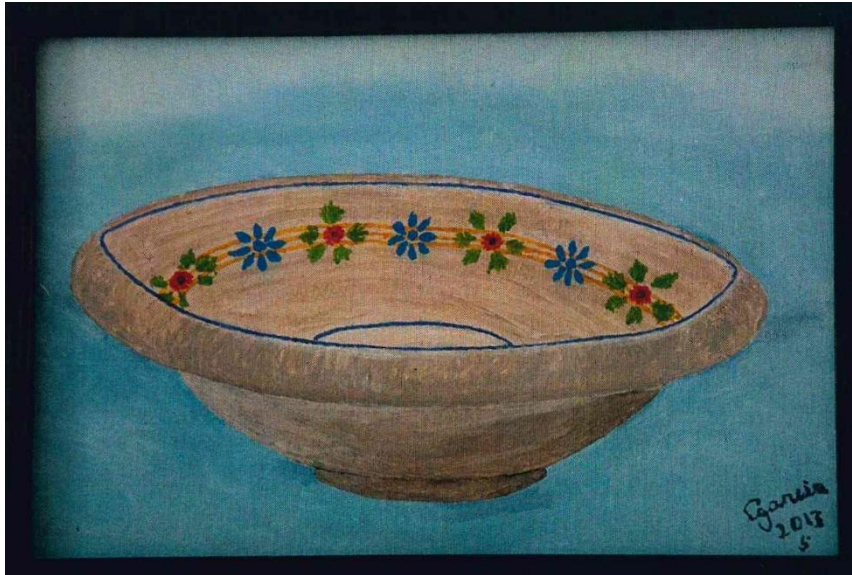
Maqueta “Casa do Arco”



Mestrado em Educação, Formação de Adultos e Intervenção Comunitária
Ano Letivo 2021/2022

Apêndice 14

Telas “Louça Teles”



Mestrado em Educação, Formação de Adultos e Intervenção Comunitária
Ano Letivo 2021/2022

Apêndice 15

Autorretrato



Base em madeira



Mestrado em Educação, Formação de Adultos e Intervenção Comunitária
Ano Letivo 2021/2022

Apêndice 17

Aula com alunos do 2.º Ano Licenciatura de Ciências da Educação



Mestrado em Educação, Formação de Adultos e Intervenção Comunitária
Ano Letivo 2021/2022

Apêndice 18

Exposição abril de 2022



Mestrado em Educação, Formação de Adultos e Intervenção Comunitária
Ano Letivo 2021/2022

Apêndice 19

Exposição abril de 2022



Mestrado em Educação, Formação de Adultos e Intervenção Comunitária
Ano Letivo 2021/2022

Apêndice 20

Maqueta - casa do Arcebispo João Crisóstomo de Amorim Pessoa



Fabrico de sino



Mestrado em Educação, Formação de Adultos e Intervenção Comunitária
Ano Letivo 2021/2022

Apêndice 22

Rua Carlos Garcia



Mestrado em Educação, Formação de Adultos e Intervenção Comunitária
Ano Letivo 2021/2022

Apêndice 23

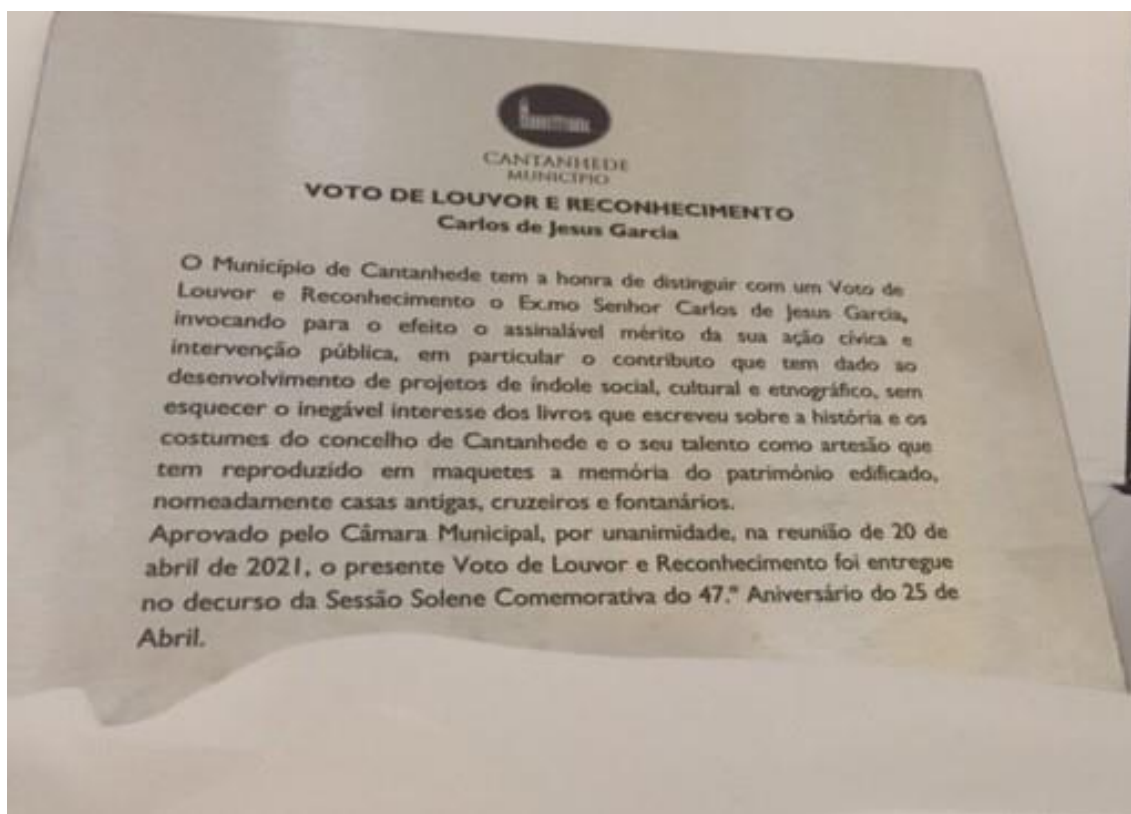
Placa de homenagem (museu do Rancho Regional “Os Esticadinhos”)



Mestrado em Educação, Formação de Adultos e Intervenção Comunitária
Ano Letivo 2021/2022

Apêndice 24

Voto de Louvor e Reconhecimento (2021)



Mestrado em Educação, Formação de Adultos e Intervenção Comunitária
Ano Letivo 2021/2022

Apêndice 25

Oferta da mestranda ao participante (Natal de 2021)

